



**II Seminário de Psicologia do Esporte e
Motricidade Humana do IB
UNESP- RC**



**UNESP- Campus Rio Claro
Instituto De Biociências (IB)**

Diretor do IB: Professor Doutor Luiz Carlos Santana

Vice Diretor: Professor Doutor Jonas Contiero

Chefe do Departamento de Educação Física: Professor
Doutor Mauro Gonçalves

Vice-chefe: Prof. Dr. Benedito Sergio Denadai





O **II Seminário de Psicologia do Esporte e Motricidade Humana** é uma realização do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte, sediado no Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências, na UNESP, campus da Bela Vista, em Rio Claro. Trata-se de um encontro que visa reunir estudiosos, pesquisadores e curiosos que se iniciam na área, a título de divulgar, ampliar e excitar ao estudo da Psicologia do Esporte, no Brasil, área nova e em expansão, junto às demais Ciências do Esporte.

Na UNESP- IB- DEF existe há vinte e cinco anos, com grupo de estudos credenciado pela instituição e pelo CNPq, gerando uma produção de massa crítica que perpassa da graduação ao pós-doutorado, com membros pertencentes às categorias de alunos de graduação, graduados, alunos de pós-graduação, pós-doutores, profissionais, cada um desenvolvendo seu projeto individual e envolvido em um ou dois projetos coletivos. Isso fortalece o grupo e garante continuidade de trabalho.

O grupo, que se reúne as terças-feiras, a partir das 17h30, no campus da Bela Vista, é composto por profissionais de diferentes áreas, seguindo uma tendência encontrada na Europa, onde os profissionais que atuam na Psicologia do Esporte são oriundos de áreas distintas do saber: temos educadores físicos, arquitetos, psicólogos, psiquiatras, oftalmologistas, engenheiros, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, pedagogos, e profissionais de demais ramos do saber, que transitam por temporadas ou se engajam em projetos longos, sempre retomando a caminhada.

Desta forma, o LEPESPE tem um dinamismo que imprime uma linguagem polifônica e direta, desenvolvendo e produzindo estudos e indagações das mais variadas espécies, na Psicologia do Esporte. Vamos ao grupo:

Infra-estrutura do LEPESPE (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte)

1 - Laboratório para pesquisa – recursos disponíveis

- histórico de constituição do mesmo

A existência do LEPESPE se deve à necessidade de aplicar os conhecimentos acadêmicos adquiridos em cursos e outros laboratórios às aulas de Psicologia do Esporte, Aspectos Psicopedagógicos da Educação Física Escolar, Mídia corpo e esporte



e Fundamentos da Psicologia da Motricidade Humana, e avançar em direção aos novos conhecimentos que a interface existente entre esporte-psicologia possibilita.

Busca fortalecer as discussões e trabalhos desenvolvidos pelos docentes da linha de pesquisa "Estados emocionais e movimento", do Departamento de Educação Física./ Instituto de Biociências/UNESP e fundamenta teórica e praticamente a análise e discussão de elementos comuns ao meio esportivo e à psicologia.

Com a dinâmica mantida por seus membros, o LEPESPE possibilita sugerir e encaminhar questionamentos relativos à psicologia e sua aplicação no esporte; são funções deste grupo de pesquisadores: gerar conhecimentos e desenvolver projetos, aplicando o mais inovador dos referenciais teóricos e tecnológicos, fortalecer e incrementar o LEPESPE, levando-o a apresentar à comunidade científica novas e emergentes propostas de atuação de seus membros, por meio de comunicação de seus trabalhos e estudos.

O laboratório mantém uma relação de parceria com outros grupos de pesquisas (Instituto Superior de Psicologia Aplicada/Lisboa-Portugal; Grupo de Pesquisa em Psicologia do Exercício e do Esporte/Universidade São Judas Tadeu e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no campo da Educação Física/Dep. Educação/IB/UNESP), Núcleo de Estudos da Psicologia do Desporto(Universidade do Minho) e Núcleo de Estudos da Ciência Cognitiva (UNISAL) com quem vem fazendo o intercambio necessário para o perfeito entrosamento.

Teve uma pesquisa interinstitucional aprovada pela FAPESP, numa ligação junto à Universidade São Francisco/ Faculdade de Psicologia e inicia um processo de pesquisa multidisciplinar junto à UniMinho- Portugal. O LEPESPE é coordenado pelo Prof Afonso Antonio Machado e tem como membros pesquisadores: Daniel Presoto, Daniel Bartholomeu, José Maria Montiel, Fernando César Gouvêa, Flávio Rebustini, Gisele Maria Schwartz e Maria Regina Ferreira Brandão, todos professores universitários brasileiros atuantes na área e orientadores de programas de mestrado e doutorado.

Este laboratório ainda tem como membros participantes os demais profissionais: Altair Moioli, Bruno Stramandinoli Moreno, Cristina Akiko Iizuka, Gustavo Lima Isler, Henrique Moura Leite Bottura, Marcelo Callegari Zanetti, Marta Aurélia Campos Silveira, Rafael Castro Kocian, Ricardo Macedo Moreno, Flávio Dezzan, Mauro Klebis Schiavon e Tiago Nicola Lavoura, além de alunos da graduação da UNESP.

- área disponível: são duas salas de dezesseis metros quadrados, onde realizamos nossas pesquisas, entrevistas e pequenas reuniões de supervisão ou orientação de projetos.

- equipamentos: atualmente dispomos de três computadores, ligados na rede, por meio do provedor da UNESP, e um conjunto de livros que possibilitam o avanço e desenvolvimento dos membros que desenvolvem seus trabalhos no próprio LEPESPE.



O acervo tem perto de 300 dissertações e teses, além de livros atuais e clássicos, disponíveis para os participantes do LEPESPE.

- **cooperações** com outros centros: O laboratório mantém uma relação de parceria com outros grupos de pesquisas (Instituto Superior de Psicologia Aplicada/Lisboa-Portugal; Grupo de Pesquisa em Psicologia do Exercício e do Esporte/Universidade São Judas Tadeu e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no campo da Educação Física/Dep. Educação/IB/UNESP), Núcleo de Estudos da Psicologia do Desporto (Universidade do Minho) e Núcleo de Estudos da Ciência Cognitiva (UNISAL) com quem vem fazendo o intercambio necessário para o perfeito entrosamento.
- **perspectiva futura** com a implantação do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias- IB- Rio Claro: estamos iniciando uma nova fase de desenvolvimento de tecnologias, em que passamos a elaborar e validar instrumentos de pesquisas, em Psicologia do Esporte. No Brasil, é muito escasso o volume de pesquisas que resultem em validação de instrumentos específicos da Psicologia do Esporte. Já temos material coletado e os primeiros ensaios estatísticos já avançam para a validação de testes que avaliam a agressão e a ansiedade no esporte; testes para analisar o estado de humor e sua alteração, durante o decorrer de uma partida esportiva; teste para avaliar personalidade de atletas e sua predisposição diante de modalidades coletivas e individuais. Tais instrumentos estão em fase de validação e posteriormente serão publicados numa coletânea específica de testagens psicológicas no esporte.
- **convênios**: inicia-se uma aproximação entre o grupo português (ISPA, citado acima e os profissionais da Psicologia do Esporte da Universidade do Oporto/Lisboa), além de contatos básicos com a Universidade de Quebec-Canadá, cuja finalidade é desenvolver programas inter-institucionais e o intercambio de membros dos laboratórios, que tende a se implementar com a implantação do curso.



II Seminário de Psicologia do Esporte e Motricidade Humana do IB

27 a 28 de Novembro de 2010

OBJETIVO

Proporcionar aos professores e alunos de Educação Física a possibilidade de atualização / capacitação profissional, por meio de participação em palestras e apresentação de relatos de experiência e / ou temas livres.

PÚBLICO-ALVO

Estudantes de Educação Física, Pediatria, Psicologia, Fisioterapia e Professores de Educação Física da Rede Pública e Particular de Ensino do Estado de São Paulo.

Total de Vagas: 300

INSCRIÇÕES

Data Limite de Inscrição no Evento: até o limite de vagas (300)

Data Limite para Postagem do Cheque para Pagamento da Inscrição: 10/11/2010

Data Limite de Submissão de Trabalhos: 15/10/2010

O valor da inscrição é R\$ 35,00 (trinta e cinco reais) a ser recolhido junto à Seção de Finanças do Instituto de Biociências - UNESP - Campus de Rio Claro, ou encaminhado cheque nominal (**com o nome do participante no verso**) ao Instituto de Biociências UNESP, via correio, para o seguinte endereço:

II SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA DO IB SEÇÃO DE FINANÇAS

Av. 24-A, nº. 1515 - Bela Vista -CEP 13506-900 - Rio Claro - SP.

Data Limite de Inscrição no Evento: até o limite de vagas (300)

Data Limite para Postagem do Pagamento da Inscrição: 10/11/2010

Data Limite de Submissão de Trabalhos: 30/10/2010

INSTRUÇÕES PARA RESUMOS

Texto redigido, com, no máximo, 2350 caracteres, seguido pelo nome do autor, instituição e e-mail. Serão apresentados relatos de experiência ou pesquisas, ambos a serem exibidos no formato de pôster (tamanho máximo 0,90 x 1,00 mt). Os autores deverão expor seus trabalhos no tempo limite de 05 minutos e permanecerem junto ao painel por um período de 01 hora.



II Seminário de Psicologia do Esporte e Motricidade Humana do IB

27 a 28 de Novembro de 2010

Sábado; 27/nov	Domingo; 28/nov
8h30 as 9h00: Palestra de Abertura <i>O papel da pesquisa e da tecnologia na Psicologia do Esporte</i> Prof. Dr. Afonso Antonio Machado (IB-UNESP)	8h30 as 10h00: Mini- curso D- Psicologia do Esporte e intervenções nos esportes coletivos; Prof. Dr. Hélio Cozza mini- curso E- Observação na Psicologia do Esporte; Prof. Dr. José Maria Montiel (Unianhanguera) mini- curso F- Desenvolvimento de carreira e talentos esportivos; Profes. Dres. Leonardo Pestillo de Oliveira e João Ricardo Nickenig Vissoci (UEM)
9h30: coffee-break	10h00: coffee- break e Painéis
10h00 as 11h30: Mesa Redonda- Psicologia e o treinamento esportivo: procedimentos para otimização de práticas Prof. Dr. Hermes Balbino (UNIMEP) Prof. Dr. Roberto Tadeu Iaochitte (IB-UNESP) Prof. Dr. Leonardo Pestillo de Oliveira (UEM)	10h30 as 12h00: Mesa Redonda- Efeitos perversos e efeitos confortantes da mídia esportiva Prof. Ms. Marcelo Zanetti Callegari (UNIP) Prof. Ms. Fernando Cesar Gouvea (PMJundiai) Prof. Dr. João Ricardo Nickenig Vissoci (UEM)
14h00 as 15h30: mini-curso A- Treinamento Mental no Esporte; Prof. Dr. Hermes Balbino (UEM) mini-curso B- Motivação no Esporte; Prof. Dr. Roberto Tadeu Iaochitte (IB- UNESP) mini-curso C- Imagem corporal e vigorexia; Prof. Mdo Flávio Dezzan (IB- UNESP)	14h00 as 15h30: Mesa Redonda- Processos de avaliação na Psicologia do Esporte Prof. Dr. Daniel Presoto (ESEFJundiai) Prof. Dr. Daniel Bartholomeu (UNISAL/ USF))
15h30: Painéis	15h30: encerramento
16h00 as 17h30: Mesa Redonda- Complexidade da tarefa e o desempenho ótimo no esporte Profa. Dra. Ana Maria Pellegrini (IB-UNESP)	



Presidente do Seminário: Professor Doutor Afonso Antonio Machado

Comissões

Comissão Científica:

- Professor Doutor Wilson do Carmo Júnior
- Professor Doutor Daniel Presotto
- Professor Doutor Fernando Donizete Alves
- Professor Mestre Marcelo Callegari Zanetti
- Professor Mestre Flávio Rebustini
- Professor Mestre Daniel Bartholomeu

Comissão Organizadora:

- Ana Claudia Gomes De Amorim Pinto
- Cleber Henrique Leite
- Eduardo Ruiz
- Eric Matheus Rocha Lima
- Karine Faber Gomes de Oliveira
- Kauan Galvão Mourão
- Leandro Carlos da Silva
- Luana Pillon Jürgensen
- Maycon Júnior Ferreira
- Renam Mendes Garcia



- Thalita Carvalho de Moura
- Thays C. Sousa de Figueiredo

Comissão de Divulgação e Patrocínio:

- Guilherme Bagni
- Henrique Garcia Roncoletta
- José Elzo Franco Júnior
- Lucas Ribeiro Cecarelli
- Mauro Krebs Schiavon
- Renato Henrique Verzani

Comissão de Apoio:

- José Elzo Franco Júnior
- Kauan Galvão Mourão
- Leandro Carlos da Silva
- Luana Pillon Jürgensen
- Marina Gargano
- Renato Henrique Verzani
- Thalita Carvalho de Moura
- Vanessa de Carvalho Ferreira

Comissão de Avaliação do Evento:

- Professor Mestre Rafael Castro Kocian
- Msd José Adolfo Menezes Garcia
- Msd Suenimeire Vieira



BOAS VINDAS !!!

Estamos iniciando nossa segunda feição de um Seminário que surgiu para movimentar e dar chance de divulgar nossos trabalhos internos. De tão bem desenvolvido que foi a primeira versão, ousamos nesta segunda, com ajuda de um grande número de alunos, pesquisadores, amigos e colaboradores. Cada um a seu modo, em seu tempo, ajudando, de modo assertivo, a garantir o nível do II Seminário de Psicologia do Esporte, do Instituto de Biociências, em Rio Claro.

A partir daí, vamos ao que temos e ao que queremos. Temos entusiasmo, saber, trabalho, luta, conquistas e empreendimentos outros que nos garantam a elaboração deste evento. Temos mais: um grupo de novos pesquisadores que estão sedentos para transmitir seus novos conhecimentos e suas inquietações.

A Psicologia do Esporte Brasileira, atual, não depende mais de ícones que balizem seus saberes e fazeres: novas gerações de pesquisadores adquiriram vida própria, para muito além de seus criadores e estão em franca atividade, exercendo seus saberes e suas provocações. Isto também temos.

O que queremos? Queremos por apresentar o que fazemos e poder acolher aos que se aproximam deste fantástico e fabuloso mundo de estudos e pesquisas. Nada melhor do que descobrir o novo; isto queremos e muito.

Sejam bem-vindos ao II Seminário de Psicologia do Esporte. Saciem suas curiosidades, compartilhem de nossos sonhos e tragam seus saberes. Uma civilização será tanto maior quanto maiores forem seus sonhos e seus feitos.

Excelente Seminário a todos.

Afonso Antonio Machado, Prof. Dr.

Coordenador do IISPEE-IB



Programação e ANAIS:

Dia 27 de novembro- sábado:

8h30 as 9h00: **Palestra de Abertura**

O papel da pesquisa e da tecnologia na Psicologia do Esporte
Prof. Dr. Afonso Antonio Machado (IB- UNESP)

O papel da pesquisa e da tecnologia na Psicologia do Esporte

Afonso Antonio Machado, Prof. Dr.
LEPESPE- DEF- IB- UNESP

INTRODUÇÃO

É muito oportuno considerar os papéis que o esporte exerce em nossas sociedades. Enquanto que numa Olimpíada, nossa atenção é naturalmente atraída para a "elite" do esporte, nós, como líderes nesta profissão, não podemos perder de vista o fato de que o esporte é, verdadeiramente, uma atividade para todos na sociedade; portanto, não é mais do que apropriado que o foco desta fala seja esporte para todos. Assim, considerando o avanço tecnológico, como fica a aplicação da tecnologia aos equipamentos esportivos?

É difícil uma análise superficial e rápida, mas entendo que a discussão da aplicação da tecnologia no mundo dos esportes refere-se a duas grandes áreas: (1) Aplicação de tecnologia específica para o esporte, especialmente na área de



equipamentos e (2) Como a "revolução tecnológica" atual pode ser aplicada aos esportes. Falarei de como a tecnologia pode ter impacto numa participação mais ampla e promover inclusão social, analisando do ponto de vista da Psicologia do Esporte.

Quando examinamos como a tecnologia pode aumentar a inclusão social e expandir a base de participação da sociedade no esporte, o segundo tópico torna-se mais significativo. No entanto, iniciarei por uma visão geral das aplicações de tecnologia específica ao esporte.

APLICAÇÕES ESPECÍFICAS AO ESPORTE

Primeiramente, quando falamos de tecnologia, ao que estamos nos referindo? Há muitas definições no dicionário, mas escolhi dois exemplos para ilustrar o alcance e o impacto da tecnologia na humanidade. Estes são:

1. A aplicação de uma ciência ou de um método técnico para se alcançar um propósito desejado

Uma definição ainda mais ampla:

2. A tecnologia é a totalidade dos meios empregados para se obter os objetos necessários ao sustento e ao conforto humano.

Como se vê, há muita amplitude quando se fala em como a tecnologia afeta os esportes, ou mais especificamente, os equipamentos esportivos. Houve uma época em que a tecnologia e os equipamentos praticamente não tinham impacto sobre os esportes, mesmo nas Olimpíadas. Vale lembrar que os atletas que participavam dos antigos Jogos Olímpicos faziam sem roupas, usando equipamentos, tais como discos, que não eram padronizados e eram compartilhados por todos os competidores. Neste caso, pode-se afirmar que nenhum participante levava vantagem proveniente do uso de tecnologia, pelo menos ao que se refere a equipamentos ou acessórios pessoais.

Da mesma forma, pode-se afirmar que nas Olimpíadas da era moderna, a tecnologia aplicada ao esporte tem papel crucial, tanto nos treinamentos, como na competição. Isto tem se manifestado numa variedade de formas, que vai da criação de novos esportes aos espaços usados para acomodá-los, dos equipamentos utilizados pelos



atletas em competições ao apoio a treinamentos utilizados pelas equipes no preparo de seus atletas para competição. Além disso, os processos empregados na adoção de tecnologia e métodos tecnológicos para intensificar esportes e recreação têm-se acelerada a cada nova Olimpíada.

Estes avanços tecnológicos, assim como em todas as áreas profissionais, têm impacto substancial sobre a maioria dos aspectos do esporte. Exemplos deste impacto incluem:

1. O desenvolvimento de novos esportes, tanto recreativos, quanto competitivos. Estas mudanças refletem a evolução natural nos esportes, conforme o salto entre gerações vai se pronunciando. Neste exemplo, novas competições multi-coloridas, como o "X-Games", incluem eventos como mountain bike, in-line roller skating, roller boarding, boogie boarding e snow boarding. Aliás, o "X-Games" foi batizado em homenagem à faixa etária de 15 a 30 anos, a chamada "Geração X", que forma o maior grupo a participar destes esportes. Eles hoje competem pelo patrocínio e pela mídia com eventos mais antigos e estabelecidos.

Uma boa amostra deste fato é a adoção do snow boarding nas Olimpíadas de Nagano. Houve uma época em que o snow boarding era proibido na maior parte das estações de esqui, porque os administradores percebiam um certo conflito entre os entusiastas do novo esporte e os esquiadores mais tradicionais. A antipatia surgia tanto do modo mais livre e menos convencional que o snow board é usado nas descidas na neve, como do choque cultural entre os dois tipos de freqüentadores de estações de neve. Atualmente, a maioria das estações não conseguiria sobreviver, nem manter-se economicamente viável, sem a receita gerada pelos praticantes do snow boarding.

2. O que nos leva ao projeto de instalações. A aplicação de tecnologia no projeto de instalações esportivas trouxe mudanças reais em termos de uso atlético, conforto do público e durabilidade. Exemplos destas mudanças incluem:

Equipamentos que tornam a arbitragem competitiva e a compilação de resultados mais precisas. Além disto, aplicações tecnológicas como aparelhos de cronometragem com photo-finish, conectados através da tecnologia de comunicação aos



painéis nos estádios, facilitam a marcação de resultados e a transmissão, tornando o evento mais divertidos para os espectadores.

As mudanças tecnológicas resultaram em instalações com maior custo-benefício operacional, o que provocou a liberação de escassos recursos econômicos para programas que, de outro modo, teriam sido descartados por custos operacionais. Dentre estes avanços, podemos citar as opções de iluminação que estendem a carga horária útil do espaço ou controles de temperatura computadorizados que aumentam a eficiência operacional, proporcionando conforto ao atleta e ao espectador.

E finalmente, as mudanças tecnológicas freqüentemente provocam melhorias no acabamento dos edifícios, aumentando a vida útil da instalação, além de proporcionar maior segurança e menor custo de manutenção. O maior destaque nesta área vai para pisos esportivos e superfícies para jogos.

Há, porém, uma verdadeira ironia por trás da aplicação de tecnologia nos projetos de instalações esportivas, pelo menos nos Estados Unidos. Se, por um lado, os avanços tecnológicos permitem uma vida útil mais longa ao espaço, através do desenvolvimento de componentes, como acabamentos e superfícies, por outro lado, as mudanças tecnológicas levam este mesmo espaço a rapidamente tornar-se obsoleto, sendo substituído por motivos econômicos muito antes de seu desgaste natural. Portanto, estádios e auditórios, que poderiam durar mais 50 anos, estão sendo demolidos, com custos enormes, após 30 anos de uso em várias cidades.

3. A tecnologia tem influenciado o projeto de equipamentos em todos os níveis; desde o nível mais baixo de atividades recreativas ao nível mais elevado esportes competitivos. Já vimos que a aplicação de tecnologia aos esportes tem o seu papel na criação de novos eventos esportivos. O uso de ferramentas tecnológicas como o CAD (Computer Assisted Design – Projeto Assistido por Computador) também tem o seu lugar no aperfeiçoamento dos equipamentos esportivos. Um exemplo famoso no meio da vela é a história de como o America3 ganhou a Americas Cup em 1992. A Americas Cup, que é provavelmente a competição mais venerável dentre os esportes mais antigos. Através da aplicação de tecnologia (e de uma enorme quantidade de dinheiro), um capitão iniciante surpreendeu os veteranos e levou o prêmio.



Um exemplo ainda melhor de tecnologia aplicada aos esportes é a utilização de equipamentos "inteligentes", que incorporam sensores e computadores como parte de suas funções. A maior parte dos atletas de calibre internacional tem que se submeter a algum tipo de avaliação de performance como parte de seu regime de treinamento. Isto vai de testes de stress em exercício e avaliação cardiovascular ao uso de análises biomecânicas extremamente sofisticadas, que se utilizam de equipamentos do sistema APAS. A tecnologia computadorizada é encontrada até mesmo em equipamentos utilizados na medição de força e condicionamento.

4. A construção dos equipamentos também se beneficia da aplicação de materiais complexos, que reduzem o peso enquanto transmitem maior potência com durabilidade estendida. Estes materiais podem ser encontrados em equipamentos de competição de alto nível, como bicicletas, esquis, raquetes e caiaques que, quase por definição, são direcionados ao competidor de elite.

É importante mencionar que os avanços nos materiais tornaram a participação nos esportes mais segura e abriram novas possibilidades para o usuário amador adquirir itens como o capacete de bicicleta, por exemplo.

5. E, por último, a tecnologia é também aplicada a itens de uso pessoal, tais como roupas e sapatos. Um exemplo recente, apesar de controverso, são as roupas inteiriças para natação, que reduzem os tempos do nadador, num esporte onde ganhar ou perder é uma questão de centésimos de segundos.

Infelizmente, o uso da tecnologia no aperfeiçoamento de instalações e equipamentos esportivos é, em geral, uma resolução cara. E, por causa das despesas envolvidas nestas aplicações, os benefícios alcançados tendem a ser, pelo menos a princípio, limitados ao topo da hierarquia esportiva. Por exemplo, por motivo de custos, as mudanças ocorridas nos esportes pela aplicação de tecnologia tendem a ser disponibilizadas para atletas e equipes de elite. Por definição, atletas e equipes de elite são exclusivos e portanto omitem a ampla base de participantes mais abaixo na hierarquia esportiva.

No entanto, a riqueza de poucos pode vir a beneficiar a muitos. Conforme mais pessoas buscam o "melhor" e a "última novidade", a economia de mercado entra no jogo



e o custo do equipamento criado ou aperfeiçoado através da inovação tecnológica declina à medida que a distribuição se expande. Infelizmente, em geral este efeito é um processo que ocorre ao longo dos anos. Enquanto isto, o desenvolvimento tecnológico aplicado aos esportes vai em frente com o desenvolvimento da próxima geração de "melhores" e de "últimas novidades". E, assim como antes, a nova geração de equipamentos estará fora do alcance de muitos dos praticantes de esportes. E assim continua o ciclo.

O fato é que a aplicação da tecnologia ao esporte não é, de forma alguma, universal. Ela é, na melhor das hipóteses, aplicada de forma inconsistente. E a solução do problema não é fácil, por causa do conflitos de interesses inerente entre as várias entidades que constituem o esporte. Dentre as partes interessadas estão os fãs, que são consumidores de produtos esportivos. Aqueles que pagam para assistir a competições esportivas, quer sejam fãs individuais ou empresas da mídia, querem o entusiasmo de resultados altamente concorridos, ou desempenhos com quebras de recordes.

Os atletas e os participantes querem o reconhecimento que acompanha a vitória e a quebra de recordes. As entidades reguladoras do esporte, tanto nacional quanto internacionalmente, querem, da mesma maneira, as melhores vantagens competitivas para as suas equipes e os seus atletas. Os fabricantes de equipamentos querem reaver seus investimentos em pesquisa e desenvolvimento de produto.

Portanto, pelo menos no topo da hierarquia esportiva, há uma pressão natural de todas as partes em direção a instalações e equipamentos cada vez mais eficientes e caros. Este processo só faz aumentar a lacuna entre aqueles que podem pagar e adquirir o "último" e o "melhor", e aqueles que não podem. Entretanto, é do interesse das profissões ligadas ao esporte que se tenha controle desta tendência à divisão entre o "ter" e o "não ter".

E isto ocorre simplesmente porque a filosofia principal do esporte está no conceito de que, a qualquer momento, qualquer atleta participando de uma competição tem a chance de sair vitorioso. É este conceito de competitividade que faz com que os fãs continuem voltando aos estádios e comprando ingressos, o que gera a receita que sustenta atletas e equipes. Caso os fãs acreditem que um dado competidor acumulou



vantagens em excesso, seu interesse diminuirá, em detrimento de todos. É por isso que o abuso de drogas por parte dos atletas resulta em penalidades tão severas vindas das entidades reguladoras e é por isso que os fãs tendem a perder o interesse por um dado esporte quando "o melhor time que o dinheiro pode comprar" ganha sempre o campeonato.

O desafio, então, para os administradores do esporte, é o de fazer com que vantagem excessiva não recaia sobre uma ou outra equipe, pela aplicação de tecnologia para melhores equipamentos ou instalações. Aqueles que estão em posição de desenvolver regras a respeito do uso de equipamentos esportivos ou de patrocinar a aquisição dos mesmos para equipes em posição econômica de desvantagem, devem ter em mente o princípio fundamental da paridade competitiva.

Portanto, a pergunta que surge é: qual tecnologia acessível pode ser aplicada em prol da socialização do campo para todos? Qual o equipamento capaz de promover a inclusão social no esporte? E o mais interessante é que a resposta a esta pergunta está no que a maior parte das pessoas considera como a própria "tecnologia".

A REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

Estas últimas gerações estão vivendo em meio a uma das épocas mais extraordinárias. O que tem ocorrido nas últimas décadas é a quebra de um paradigma fundamental, que está levando a sociedade como um todo da era da indústria à era da informação. A moeda desta nova sociedade que está se formando é chamada TI – tecnologia da informação. É constituída simplesmente pelas ferramentas e métodos usados para identificação, organização e manipulação de fatos, a que chamamos de dados.

Tornou-se o propulsor que está movendo todos os setores da economia de hoje, sejam eles indústria, governo, educação ou, sem dúvida, os esportes.

O computador é o cerne de todo o processo de TI. O computador e o software que roda nele constituem o elemento essencial do novo paradigma social e a chave para o sucesso na moderna administração do esporte. Este é o equipamento que permite ao administrador de esportes maximizar o retorno de recursos escassos, quer sejam eles



pessoas, instalações e equipamentos ou finanças. Por sua vez, é talvez a ferramenta que, sozinha, tenha a maior importância ao estender o alcance de uma programação esportiva e recreativa, e com isto, tornar realidade o ideal de incluir nestas atividades o maior número de participantes possível.

Assim como o dinheiro funcionou como moeda e fonte de poder no antigo paradigma, a informação é a moeda e a fonte de poder no novo paradigma. Em nenhum outro lugar o velho ditado "saber é poder" é mais verdadeiro, do que numa sociedade onde a informação e os dados propulsionam a economia. O segredo do gerenciamento do conhecimento e da informação está no desenvolvimento e na manutenção de bancos de dados.

Um banco de dados não passa de uma compilação organizada de um arquivo comum, que pode ser pesquisado, acessado e modificado. O software de banco de dados é muito difundido, já que a maior parte dos programas de automação de escritório já vem com soluções simplificadas de bancos de dados, assim como processadores de texto, planilhas e aplicações para apresentações.

Mas há um tipo de banco de dados muito mais poderoso e útil do que aquele que vem nas suites de software padrão. Esta poderosa ferramenta de gerenciamento é chamada banco de dados relacional. Simplesmente, o banco de dados relacional é um sistema que gerencia dados e armazena informações numa série de tabelas, formadas por linhas e colunas de dados. Quando o operador realiza uma busca, o banco de dados relacional permite que ele relate dados de uma tabela com dados de outra para formar uma terceira tabela ou um relatório. Exemplificando, se você estiver gerenciando uma competição esportiva complexa, cujos detalhes tenham sido registrados num banco de dados relacional, você pode encontrar o horário de um evento numa tabela, uma lista de juizes qualificados a atuar em uma outra tabela, sua disponibilidade numa terceira, e assim produzir um relatório que liste todos os profissionais que podem atuar na marcação daquele evento. Este mesmo tipo de software de gerenciamento de eventos pode auxiliar o administrador de esportes numa miríade de outras tarefas, que vão de programação de espaços e montagem e desmontagem de equipamentos a planejar pedidos de refrigerantes para os vendedores



licenciados. Isto é confirmado pelo tipo de informação de programas de esportes que pode ser armazenada nestes bancos de dados, além do gerenciamento de eventos que acabo de citar:

1. Listas de atletas ou equipes contendo informações demográficas, como nome, sexo, idade, informações para contato como endereço e telefone e assim por diante. Outras partes do banco de dados podem conter detalhes sobre condições médicas, histórico de desempenho e outras características da participação dos atletas.
2. Existem bancos de dados preparados para auxiliar os treinadores a organizar relatórios de observação de equipes rivais, assim como atividades de condicionamento e preparação para seus próprios atletas.
3. Listas de voluntários para as posições de assistentes, motoristas, cronometristas ou equipe médica. Além das informações demográficas já citadas, um banco de dados deste tipo também pode conter dados sobre a disponibilidade e a confiabilidade, do tipo "eles realmente aparecem, quando se oferecem?"
4. Doadores ou doadores em potencial, quer isto se refira a dinheiro ou serviços relacionados à área. Aqui também encontraremos informações demográficas, e também detalhes como fonte de motivação ou filiação, freqüência de participação e assim por diante.
5. Enquanto que tudo o que foi mencionado são dados úteis no que diz respeito à programação, bancos de dados também são essenciais para informações administrativas. Aqui os exemplos incluem listas de equipamentos e estoques, suites de softwares para manutenção das instalações, informações sobre comercialização como vendas de ingressos, registros contábeis e de negociações, listagem de funcionários e uma lista interminável de fatores.

Uma vez registrados, os dados podem ser facilmente manipulados. Mais importante, os bancos de dados podem e devem ser atualizados para refletir as mudanças. Tenha em mente que a passagem do tempo representa uma visão mais abrangente da maior parte das atividades e a capacidade de registrar a mudança e fazê-la ganhar sentido é essencial à sobrevivência a longo prazo. Além disso, não há nada tão



constante quanto a mudança, e um banco de dados bem planejado e conservado é uma excelente maneira de registrar estas mudanças e suas implicações para a organização.

Há alguns fatores a serem considerados na aquisição deste tipo de software:

1. Capacidade do sistema ao que se refere a questões de hardware. Tenha em mente que um banco de dados relacional pode consumir enormes quantidades de memória.

2. O grau de precisão requerida da aplicação pode ser um problema. Os pacotes padronizados à venda geralmente operam com base em um denominador comum mínimo, o que quer dizer que apenas 80% das necessidades da maior parte das organizações será atendida com os produtos encontrados no varejo. Portanto, ao administrador esportivo restam as opções de adaptar os procedimentos de operação organizacional ao software, até certo ponto, ou escrever seus próprios programas. Esta última opção pode consumir enorme quantidade de tempo e dinheiro. Geralmente, quanto mais específica for a modificação a ser feita no software, mais caro torna-se o produto, e mais difícil torna-se negociar as atualizações com o vendedor.

3. E, por fim, é preciso considerar as habilidades do usuário. A adoção de tecnologia e procedimentos de informação em geral significa treinamento intensivo da equipe.

Mesmo levando em conta os avanços que os bancos de dados podem trazer para o gerenciamento de programas de esportes, o verdadeiro potencial da tecnologia torna-se realidade apenas quando amarramos todas as máquinas individuais por meio de uma rede. Aqui é onde as sinergias são criadas, onde a soma é maior do que as partes individuais, por exemplo, $2 + 2 = 6$. Uma rede de computadores é simplesmente o hardware necessário para conectar duas ou mais máquinas, de modo a permitir que se compartilhe dados e outros recursos.

As maneira em que a sociedade está se modificando em função da Web são por demais numerosas para se mencionar. É suficiente dizer que se tornou um meio de comunicação extremamente importante, e que sua importância no futuro só fará crescer. Por exemplo, o USA Today, que é o mais próximo que temos de um jornal nacional nos Estados Unidos, recebe mais de 3 milhões de visitas por dia. Algo como 60% destas



visitas são às suas páginas de esportes. Além disso, não há praticamente nenhum time americano que não tenha seu Website, e a maior parte deles estão conectados em redes de Websites, coordenadas pelas várias divisões. A proximidade desta conexão é determinada em parte por acordos entre os times da divisão, acordos estes que tratam, entre outras coisas, de distribuição da renda de transmissão para a mídia ou venda de merchandise.

A Web é atualmente usada pelos times profissionais de formas que os criadores desta tecnologia nunca julgaram possível. Por exemplo, em Montreal não há nenhuma rádio de língua inglesa que transmita os jogos do time de baseball profissional Montreal Expos. Os fãs que querem ouvir o jogo só conseguem fazê-lo em inglês se conectarem o Website do time, através de uma fonte de áudio. Outro exemplo da profundidade da influência da Internet nos esportes profissionais é o fato de que alguns times de hóquei profissional agora exigem que seus jogadores tenham endereços de e-mail, tanto para interagir com o administrador do time, como com os fãs.

Estes exemplos estão no cerne da mudança que a Internet promoverá nos esportes do futuro: a transformação do modo com que o fã dos esportes consumirá produtos. Se o marketing esportivo já se limitou a pendurar um cartaz dizendo "Jogo Hoje", a partir de agora as equipes terão que contar com Websites com bom desenvolvimento e abrangência, de forma a comercializar eficientemente para seus consumidores. Esta tendência é muito clara. Redes de equipes e usuários unidos por interesses comuns e reunidos, em parte, pelos avanços da tecnologia da comunicação.

Estes avanços não se limitam ao topo da hierarquia esportiva. Comparados ao custo exorbitante da transmissão televisiva tradicional, o custo relativamente baixo desta tecnologia trará aos fãs do esporte eventos que jamais poderiam ser vistos na mídia tradicional. Um exemplo simples disto é a regata anual de barcos a vela que cruza o Golfo do México, de Mobile a Tampico. Na última temporada, o capitão de um dos barcos locais, que participava do evento, tirou fotos digitais das atividades da regata e dos participantes e a cada quatro horas as publicava, através de um telefone conectado a um satélite, em seu próprio Website.



Assim, amigos na comunidade, ou qualquer outra pessoa no mundo que entrasse no seu endereço eletrônico, poderia participar do evento de forma inédita. Eventos esportivos muito apreciados localmente, mas sem o apelo coletivo que os tornaria viáveis para transmissão televisiva podem, desta forma, ser distribuídos a quem se interessar. A Web não é restringida pela disponibilidade limitada dos canais de TV ou pelos altos custos de produção. E se, por enquanto, a largura da banda ainda é um problema para a Web, isto se solucionará num futuro próximo com a introdução da tecnologia de banda larga.

Eu gostaria de fechar a discussão trazendo de volta o tópico com que começamos: tecnologia e desenvolvimento humano. Considero apropriado falarmos sobre o modo como a Web modificará a venda e a distribuição de artigos esportivos. Já dissemos que os custos relativos de equipamentos esportivos podem se tornar uma questão para a profissão, especialmente ao que se refere à inclusão de um número maior de participantes. O comércio eletrônico através da Internet pode ter papel crucial na contenção de custos de equipamentos esportivos, conforme ilustra o exemplo a seguir.

No entanto, sou levado a pensar: e as relações humanas? Como estão se desenvolvendo as relações humanas? Como os atletas interagem? Como os fãs acessam seus atletas-símbolos? Quanto de real existe numa manifestação de carinho expandida para o éter (internet) representa o calor de um abraço? Como a Psicologia tem lidado com estes progressos, inevitáveis e necessários e quanto a Psicologia do Esporte tem agido sobre eles?

Caso já tivesse resposta para tantos questionamentos, estaria tranqüilo e sossegado, em meu gabinete de trabalho, elocubrando outras indagações e devaneios, no entanto, pensar no desenvolvimento humano, esporte e tecnologia, no Século XXI, tem me tirado o sono e divido com vocês minha inquietude.

Base de referências

BOURDIEU, P. **La domination masculine**. Paris: Seuil, 1998.



GOLDENBERG, M. **Os novos desejos:** das academias de musculação às agencias de encontros. Rio de Janeiro: RECORD, 2009.

GOFFMAN, E. **A apresentação do eu na vida de todos os dias**, Lisboa: Relógio d'água, 2010.

_____ **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: VOZES, 1983.

MAZZARELLA, S.R. **Os jovens e a mídia.** São Paulo: ARTMED, 2009.

10h00 as 11h30: **Mesa Redonda- Psicologia e o treinamento esportivo: procedimentos para otimização de práticas**

Prof. Dr. Hermes Balbino (UNIMEP)

Prof. Dr. Roberto Tadeu Iaochitte (IB- UNESP)

Prof. Dr. Leonardo Pestillo de Oliveira (UEM)

Psicologia e o treinamento esportivo nos jogos esportivos coletivos: apontamentos

Prof Dr Hermes Ferreira Balbino
Universidade Metodista de Piracicaba

As teorias psicológicas fundamentam procedimentos pedagógicos. Balbino (2005), em estudo realizado com técnicos de modalidades coletivas esportivas, traz apontamentos para a elaboração de práticas de treinamento esportivo em referência a procedimentos pedagógicos em treinamento esportivo. Elencamos neste texto alguns elementos para a constituição e otimização de práticas com o suporte de teorias da Psicologia, tendo a Pedagogia do Esporte como a interface para sua aplicação.

Jogos Esportivos Coletivos. O jogo esportivo coletivo, uma categoria do Esporte, é definido por Teodorescu (2003) como microssistema social, que acontece dentro de um plano físico de ações conjuntas, na condução do objeto de jogo em direção



a um alvo determinado, onde a qualidade de relacionamentos entre os companheiros de uma mesma equipe se opõe a um outro sistema de relacionamentos de adversários, em ação conjunta para formar a idéia de jogo, em relação não hostil. Os jogos esportivos coletivos, como modalidades integrantes do fenômeno Esporte, têm se manifestado com destaque no cenário esportivo nacional, desde o final do século XIX com o Futebol, e no decorrer do século XX, com outras modalidades como o Basquetebol, o Voleibol, o Futsal e o Handebol. No âmbito nacional, sua expressividade tem se confirmado com a participação significativa das seleções nacionais em eventos internacionais, com destaque para diversas conquistas de posições expressivas em eventos oficiais das federações internacionais responsáveis pelas modalidades. O sucesso e a significância do processo de treinamento desenvolvido são comprovados pela constância de resultados bem sucedidos das equipes nacionais de modalidades coletivas.

Behaviorismo e Gestalt. Exemplificando introdutoriamente, o Behaviorismo através do método analítico sintético e a Gestalt com o método global funcional tem contribuído com a Pedagogia do Esporte na constituição dos princípios organizacionais do treinamento de modalidades esportivas. A análise-síntese produziu recortes de gestos esportivos ou de situações de tática e ofereceu exercícios, tarefas baseados em contingências e repetições, buscando relação causa-efeito que pudesse produzir respostas reforçadas positivamente que manifestariam a tendência de se repetir mediante os feed backs dos treinadores. As situações que representam formas do jogo formal, desenhadas pelo global-funcional mostra que as tarefas que exigem do indivíduo a resolução de problemas para jogar pode contribuir com a compreensão de elementos da tática pela apreensão das habilidades e competências desenvolvidas ao longo do exercício da capacidade de jogar, resolver os problemas de jogo e construir novas situações que geram novos problemas para serem resolvidos pelo adversário. Este contexto de treinamento esportivo pede auxílio às ciências psicológicas, para elaboração de tarefas motivadoras, desafiadoras, que elevem o nível de desempenho dos praticantes, sejam atletas ou alunos (Greco, 1998).



As competências do técnico das modalidades esportivas coletivas e o processo de preparação. O processo de preparação, ou treinamento esportivo, é fundamental na obtenção de resultados de êxito no Esporte. Matveev (1997) define o treinamento esportivo como um processo complexo, em que o desempenho final do atleta ou da equipe é resultado da síntese de diversos fatores. Bompa (2002) ressalta que o sucesso do treinamento se refere inicialmente ao domínio das informações das Ciências do Esporte, e também à competência e habilidade que o técnico esportivo demonstra ao tratar o conjunto de diversas variáveis presentes no ambiente de treinamento, nas suas dimensões físicas, psicológicas e sociais.

Gardner et al (2004) estudaram competências humanas e o âmbito de suas manifestações através da inteligência e demonstram acreditar que cada um de nós abriga dentro de si capacidades de manifestar esse tipo diferenciado de estratégias da mente.

A questão da imprevisibilidade. Garganta (2001) destaca a imprevisibilidade e a aleatoriedade das ações de jogo entre os elementos construtores do contexto dos JECs, e que são significativos para sua caracterização e entendimento, e a necessidade de múltiplas competências do treinador e do atleta para interagir com situações assim caracterizadas neste ambiente específico. A partir daí, o técnico esportivo pode trabalhar com os pressupostos que sustentam seus procedimentos e considerar a flexibilidade dos mesmos para integrar as diversas competências do indivíduo que constantemente interagem com o complexo sistema de práticas de preparação, o jogo formal e suas exigências. Em estudo de Balbino (2005), com treinadores de seleções brasileiras de modalidades esportivas coletivas, mostrou-se que a ação pedagógica produz intervenções que o planejamento metodológico do treinamento não prediz, ou seja, apresenta respostas e soluções para situações em práticas de treinamento que são imprevisíveis e aleatórias.

Criando um campo relacional: a pessoa e o significado das experiências. A pessoa é portadora de todos os recursos de que precisa para desenvolver e manifestar



seu potencial. Cabe ao técnico ou treinador elaborar procedimentos para que ela manifeste seu potencial, ao interagir com as tarefas propostas, quando toma decisões, resolve situações problema e elabora as soluções, em conjunto delas ou mesmo em uma única situação. Para isso, ela necessita de um ambiente nutridor de suas competências, organizado pelo técnico ou professor. Em um ambiente favorável, a pessoa pode passar por experiências favoráveis ao que Gardner (1994) chama de ‘cristalizadoras’, que organizam uma competência rumo a um desenvolvimento muito favorável. Da mesma maneira, constituir um ambiente ameaçador - caracterizado por experiências de medo, vergonha, raiva, medo - pode levar à inibição dos recursos internos, impedindo o indivíduo de desenvolver e manifestar seu potencial de múltiplas competências.

A questão das múltiplas competências. Balbino (2005) considera que o treinador deve manifestar competências e habilidades para tratar constantemente com as situações-problema de características referentes aos diversos domínios de inteligência (Gardner, 2004), presentes em jogos e treinamentos. Gardner (2000) menciona em sua Teoria das Inteligências Múltiplas as competências relativas a processamento de informações em determinado ambiente. Em sua definição de inteligência, Gardner (1998, 2000) coloca que inteligência, como sistema complexo, significa um potencial biopsicológico, que processa informações a fim de resolver problemas ou criar novos contextos de problemas ou produtos que sirvam para uma comunidade. Podemos entender essas aptidões que o técnico esportivo deve ter e sua capacidade de atuar com apoio de seu conjunto de conhecimentos, como referentes aos domínios das inteligências ou competências determinadas por Gardner (2000) e estudadas por Balbino (2001).

Tratamento diante de pressupostos da imprevisibilidade, instabilidade, intersubjetividade. Para compor o entendimento de um ambiente de treinamento e desempenho esportivo, a lógica das ações passa pela consideração de que os ambientes deixam de ser previsíveis, estáveis e de realidade independente de quem o observa.



Tomam-se como caracterizados pela imprevisibilidade, instabilidade e impactados pela participação ativa ou passiva de seu observador.

Do pressuposto da simplicidade para o pressuposto da **complexidade**: o reconhecimento de que a simplificação obscurece as inter-relações de fato existentes entre todos os fenômenos do universo e de seu entendimento. Assim, é imprescindível ver e lidar com a complexidade do mundo em todos os seus níveis, entendida como a inseparável integração e associação dos constituintes heterogêneos de um conjunto, sendo ao mesmo tempo uno e múltiplo. Daí decorrem, entre outras, uma atitude de contextualização dos fenômenos e o reconhecimento da causalidade recursiva, que é o processo de retroalimentação do sistema. Integrando essa dimensão ao ambiente do Esporte, todos os elementos que se manifestam em um sistema são considerados, impedindo sua exclusão. Temos que os erros cometidos em um gesto técnico, em uma finalização, na execução de uma formação tática, são considerados pela essência de sua própria condição de validação como manifestação da possibilidade do sujeito, naquele momento. Em outra perspectiva, é de se considerar o número de variáveis que inferem nos sistemas Jogo, Jogo Desportivo Coletivo, Esporte, revelando características de sistema complexo e a inadequação em se ter um foco fragmentado para análise. Um método que dê conta dessa amplitude complexa se faz necessário. Sistema complexo é aquele constituído de um grande número de unidades, com uma enorme quantidade de interações, com comportamentos de difícil previsão.

Do pressuposto da estabilidade para o pressuposto da **instabilidade** do mundo: o reconhecimento de que “o mundo está em processo de tornar-se”. Daí decorre necessariamente a consideração da indeterminação, com a consequente imprevisibilidade de alguns fenômenos, e da sua irreversibilidade, com a consequente incontrolabilidade dos mesmos. A visão do instável ambiente da prática do Esporte é reconhecida em sua aleatoriedade e imprevisibilidade, como aponta Garganta (2000), para os jogos desportivos coletivos. Em um jogo ou em uma sucessão deles, situações iguais não ocorrem e existem inúmeras possibilidades de combinações das ações dos sujeitos, integrados à dimensão da complexidade, na ação das muitas variáveis que inferem no sistema.



Do pressuposto da objetividade para o pressuposto da **intersubjetividade** na constituição do conhecimento do mundo: o reconhecimento de que “não existe uma realidade independente de um observador” e de que o conhecimento científico do mundo é construção social, em espaços consensuais, por diferentes sujeitos observadores. Como consequência, o cientista valoriza a subjetividade e trabalha admitindo múltiplas versões de realidade, em diferentes domínios lingüísticos de explicações. No contexto esportivo, revela-se a manifestação da intersubjetividade na tática do jogo, pois a interpretação dos jogadores das situações referentes ao modelo estratégico da equipe diante da oposição do adversário se orienta pela perspectiva global, setorial e individual. Cada indivíduo possui um modelo particular de tratamento das informações, e esses modelos se combinam em uma dinâmica final, determinada pela interação entre os sujeitos que jogam, o técnico e as informações de agentes externos do jogo (Vasconcelos, 2002).

Para conseguir-se evolução da performance nas várias dimensões, é necessário quebrar constantemente o fenômeno da adaptação. O fenômeno da adaptação significa reorganização dinâmica e funcional do organismo, diante de exigências que desorganizam a estabilidade da estrutura. Podemos tomar os sistemas considerados como microssistemas, que envolvem estruturas como órgãos, sistemas orgânicos, tecidos, células, ou seus elementos constituintes, por exemplo, e também os macrossistemas, que vão desde o próprio organismo, significando aqui o indivíduo, até conjunto deles, formando a idéia de equipe e pequenas comunidades. Nesta ideia de sistema, consideramos as dimensões do Físico, Mental, Emocional, Social e Espiritual (Gallahue, 2001) do sujeito, que para nossa consideração se coloca como uma divisão meramente didática, pois tomamos aqui o sujeito como Uno, constituído como Ser Integral. Buscar a evolução da performance, representa-se pela seqüência de eventos, a partir da organização do sistema em questão, e da quebra da adaptação, significada por um estímulo em qualquer significação ou domínio das múltiplas dimensões, que provoca desorganização do sistema, que pelo poder de realização, na representação rogeriana (Rogers, 1997), busca a partir deste fato, a constante auto organização



Situação problema. Caracterizam-se por recortes de um domínio complexo, cuja realização implica mobilizar recursos, tomar decisões, ativar esquemas (Perrenoud, 2000). São fragmentos relacionados com realização de tarefas ou enfrentamento de conflitos. Satisfazem a condição de exigir a manifestação de inteligência do sujeito, ao pedir para que resolva problemas em um ambiente de treinamento esportivo.

Uma situação problema cria um desafio. Pode ser proposta pela colocação de um problema, de um raciocínio, tomada de posição, enfrentamento de uma situação, que esige mobilização de recursos intrapessoais em limites de espaço, tempo e objetos disponíveis para a realização de uma tarefa organizada intencionalmente ou não. Pede uma tomada de posição e decisão, ao tratar com fatores em um certo domínio de competências e habilidades cognitivas, em um contexto delimitado. Rompe com uma determinada organização cognitiva estabelecida previamente e problematiza, desequilibra. Pede pela resolução de um obstáculo e permite ao sujeito formular hipóteses ou conjecturas. A solução é percebida pelo sujeito dentro de uma zona próxima das competências de quem aprende. Uma situação problema deve ser identificada, o obstáculo deve ser reconhecido e ter sentido de aprendizagem (Meirieu, 1998; Perrenoud, 2000; Macedo, 2002).

Exemplificando, podemos oferecer obstáculos para:

- a movimentação do corpo
- o ritmo de execução dos movimentos
- a lógica de ofensiva e defensiva
- os recursos internos (provocados por emoções, sentimentos)
- atuação coletiva da equipe
- o corpo organísmico e sua adaptação aos exercícios
- a ocupação funcional e ótima dos espaços de jogo
- a manifestação da compreensão das situações de jogo através da linguagem verbal



Considerações Finais. O tratamento do contexto esportivo com o viés de ciência pode oportunizar um ambiente inteligente para o desenvolvimento multidimensional do esportista. O sujeito, no ambiente esportivo, busca constantemente a superação nos seus mais diversos aspectos, em suas várias competências. A prática dos JEC, em um ambiente organizado pela Pedagogia do Esporte e estruturado por teorias da Psicologia, pode significar um meio de se atingir a perfeição pessoal e existencial, através dos esforços que realiza, por tarefas ou situações problema, mediante o domínio disciplinado de seu corpo, da constante possibilidade de ultrapassar o rendimento anterior. Na visão de Lenk (1974), essa prova de superação também se dá pela existência da competição na presença de adversários, pois, na medida em que se nota determinado desempenho em relação a outros, mede-se também com relação a si mesmo, e a partir desta unidade subjetiva de comparações, se oferece um elemento de superação. Os êxitos alcançados em ambientes esportivos compõem a natureza poderosa e implacável do atleta. A composição de tensão e estímulo têm como sustentação a felicidade, o inesperado, o momentâneo, o transitório. O contexto realístico da competição remete ao detalhe, à disciplina, às normas gerais do jogo esportivo, que exigem constante intencionalidade e tensão, provocando um intenso exercício intrapessoal de autodescoberta, ao vivenciar as possibilidades de resultados incertos de vitória ou derrota, em diferentes magnitudes, desde o esporte profissional ao esporte educacional e ao participativo, revelando a existência humana fundamental, não se permitindo abandonar ou enganar-se. Olhamos atentamente para as proposições da Psicologia Humanista e seus conceitos de auto-realização, significado em células constituintes de experiências auto-atualizantes. Como diz Rogers (1977): *"Todo o organismo é movido por uma tendência inerente a desenvolver todas as suas potencialidades e a desenvolvê-las de maneira a favorecer sua conservação e enriquecimento.* A tendência atualizante preside atividades como a revalorização do ser por meio de diversos tipos de aprendizagens, em diversas ordens.

Referências Bibliográficas

BALBINO, H.F. Pedagogia do treinamento: método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos. Tese de Doutorado. FEF Unicamp. Campinas: 2005.

_____. *Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas*: uma proposta em pedagogia do esporte. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - FEF UNICAMP Campinas, 2001.

BENTO, J. O. *Desporto, saúde, vida: em defesa do desporto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1991.

GARDNER, H. *Estruturas da mente*: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

_____. *Inteligências múltiplas*: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. CSIKSZENTMIHALYI, M. ; DAMON, W. *Trabalho qualificado*: quando a excelência e a ética se encontram. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2004.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A. ; OLIVEIRA, J. (Eds.). *O ensino dos jogos desportivos coletivos*. 3. ed. Lisboa: Universidade do Porto, 1998. p. 11-25.

_____. O treino da tática e da estratégia nos jogos coletivos. In: _____. (Ed.). *Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos*. Lisboa: Universidade do Porto, 2000. 206p. p 51-61.

GRECO, P. J. *Iniciação esportiva universal*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

LENK, H. Deporte y filosofía. In: BAITSCH, H. et al. *El deporte a la luz de la ciencia*: perspectivas, aspectos, resultados. Madrid: INEF, 1974.

MACEDO, L. *Aprender com jogos e situações-problema*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

MASLOW, A. H. *Motivation and personality*. New York, Harper and Row, 1970.

MATVEEV, L. P. *Fundamentos del entrenamiento deportivo*. Madrid: Editorial Mir, 1980.

_____. *Treino desportivo*: metodologia e planejamento. Guarulhos: Phorte, 1997.

MEIRIEU, P. *Aprender... sim, mas como?* 7.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PAES, R. R. Esporte competitivo e espetáculo esportivo. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. *Fenômeno esportivo no início de um novo milênio*. Piracicaba: Editora da Unimep, 2000. p. 33-39.

_____. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE, D. et al. *Esporte e atividade física na infância e na adolescência*. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.89-98.

TEODORESCU, I. Problemas de teoria e metodologia dos jogos desportivos. Lisboa: Horizonte, 2003.

VASCONCELOS, M. J. E. *Pensamento sistêmico*: o novo paradigma da ciência. Campinas: Papirus, 2002.



PSICOLOGIA E O TREINAMENTO ESPORTIVO: PROCEDIMENTOS PARA OTIMIZAÇÃO DE PRÁTICAS

Roberto Tadeu Iaochite*
E-mail: iaochite@rc.unesp.br

Introdução

Reconhecer a Educação física como uma área de conhecimento interdisciplinar possibilita aos que dela participam – pesquisadores, professores, profissionais – compreendê-la a partir do diálogo que estabelece com as diferentes áreas do conhecimento.

A educação física abriga e compartilha questões cruciais quanto a sua efetivação quer no âmbito da saúde, quer no pedagógico ou como Betti (1998, p.16) ressalta “para além das dicotomias”, um repensar de si própria como correspondente de transformação na prática pedagógica através das múltiplas formas da cultura corporal de movimentos.

No presente texto, a prática pedagógica, sobretudo no cenário das aulas de educação física na escola, será o palco desta apresentação, tendo como protagonista, o professor como responsável por fazer a mediação entre o que, como, por que e para que deve ser ensinado nas aulas e os seus saberes, crenças e valores para que essa prática se efetive dentro das finalidades do processo educativo.

Dentre os diversos conhecimentos que compõem os saberes do professor, especial atenção será dada aos conhecimentos advindos da psicologia e da psicologia do esporte, entendendo que estes estão fortemente presentes na prática pedagógica do professor, ainda que esses possam não reconhecê-la de forma consciente. Além disso, entende-se essa prática como via possível e necessária para que os elementos constituintes da cultura corporal de movimentos se concretizem efetivamente em conteúdosⁱ a serem aprendidos pelos alunos.

* Professor Assistente Doutor do Dept. de Educação da Universidade Estadual Paulista, IB/Rio Claro.



Assim, o objetivo desse ensaio é problematizar e refletir sobre a relação entre as finalidades da educação física escolar enquanto cultura corporal de movimentosⁱⁱ, os conhecimentos que constituem os saberes do professor – em especial àqueles advindos da psicologia e da psicologia do esporte – considerando o papel mediacional que o professor realiza nos processos de ensino e aprendizagem e/ou de aperfeiçoamento e treinamento, bem como as consequências dessa relação com vistas à otimização de práticas, estas aqui entendidas como pedagógicas.

O texto está divido em três partes de forma a contemplar brevemente, considerando a limitação de espaço destinado para essa tarefa. São elas: a) as finalidades da educação física na escola e o papel do professor; b) a contribuição da psicologia para a prática pedagógica e; c) elementos para pensar a otimização de práticas pedagógicas na cultura corporal de movimento no contexto escolar.

Palavras-chave: Psicologia do esporte; prática pedagógica; educação física escolar; saberes docentes.

Finalidades da educação física na escola e o papel do professor

No âmbito das diretrizes atuais para a educação, cabe à educação física enquanto um dos componentes curriculares na educação básica, a responsabilidade de, por meio de seu ensino, possibilitar que o aluno seja um cidadão capaz de reconhecer a importância das novas formas de cultura corporal de movimentos e posicionar-se criticamente delas. Na perspectiva de Betti (1992, 1994) a educação física na escola deve introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, com a intenção de que esse aluno deixe de ser apenas um executor de movimentos sem significados para ele, para se tornar um cidadão que para além da reprodução, produz, transforma e usufrui dos elementos do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida.

Em se tratando de aprender sobre esportes, por exemplo, a educação física deve levar o aluno a compreender as regras e sua função no contexto daquela modalidade, adquira qualidades positivas para participar como respeito aos adversários, persistência,



compromisso, ética etc. Deve, ainda, possibilitar que as experiências vivenciadas nos anos escolares possam servir de base para a continuidade dessas práticas fora do âmbito escolar e com regularidade por toda a sua vida. Resumidamente, Darido, Impolcetto, Barroso e Rodrigues (2010) entendem como o principal objetivo da Educação Física no ambiente escolar seja a inserção e intervenção do aluno na esfera da cultura corporal de movimento.

Ao se considerar a inserção, o poder de persuasão e de criação de modelos sociais advindos de fontes como a televisão e, com o advento das novas tecnologias da informação e comunicação, a educação física deve, ainda, se responsabilizar pela apropriação, ressignificação e ampliação de conhecimentos da cultura corporal considerando a potencialidade dessas fontes intensa e frequentemente acessadas por crianças e jovens.

Para a concretização dessas finalidades, o professor assume um papel fundamental na mediação entre as diversas variáveis que compõem a prática pedagógica, entre elas, o conhecimento disponível na área e os objetivos a serem alcançados pela disciplina na escola.

Nas conclusões apresentadas no estudo de Tunes, Tacca e Bartholo Júnior (2005), os autores sintetizam o significado do papel do professor. Consideraram que ao assumir-se como professor, há a necessidade de se ter clareza da constituição dessa decisão e que, além de metas, saber sobre o que será ensinado, “não se pode perder de vista, um segundo sequer, para quem se está ensinando e é disso que decorre o como realizar” (p. 697). E continuam dizendo que “conjugar isso exige compromisso e responsabilidade com o aluno, o que permite avançar na exigência da compreensão da pessoa no processo de ensinar e aprender” (p. 697).

Dito de outra forma está implícito que assumir esse papel requer do professor, um posicionamento compromissado eticamente com as finalidades da educação, tanto quanto com a aquisição continuada de competências para lidar com a dinâmica, complexa exigência de ensinar educação física nos dias atuais, sobretudo se considerarmos os desafios presentes na prática pedagógica, entre eles o crescente afastamento e desinteresse dos alunos pela disciplina, jornada e condições de trabalho



etc. Requer, ainda, capacidade para selecionar as atividades, escolher, tomar decisões e agir rápida e adequadamente em suas intervenções, enfrentar tais desafios e persistir no cumprimento de seu compromisso com o ensino.

É considerando a pluralidade teórica da psicologia e a necessidade do professor estar atento às escolhas teóricas que fundamentam suas práticas, aos saberes que mobiliza para agir e o quanto ele acredita ser capaz para agir numa dada direção, considerando o contexto e os desafios, que é possível pensar em contribuições da psicologia para a otimização das práticas pedagógicas do professor de educação física para atender às exigências e finalidades da educação física no contexto escolar.

Contribuições dos conhecimentos psicológicos para a prática pedagógica em educação física

Ao se abordar a contribuição da psicologia para a área da educação física é necessário reafirmar, a existência não de uma, mas de várias psicologias dada a pluralidade de referenciais teóricos e contextos em que esses conhecimentos são produzidos e referendados pelas pesquisas de natureza erudita e empírica.

Na educação física, os conhecimentos sobre a diversidade do conhecimento psicológico estão presentes por meio da psicologia educacional, da aprendizagem e/ou aprendizagem motora, do desenvolvimento, do esporte/atividade física e, é no esporte/atividade física, que a educação física tem buscado suporte e contribuído com resultados de investigações no sentido de compreender os diversos temas presentes nesse contexto, como por exemplo, as emoções, a motivação para a prática, o desenvolvimento de habilidades cognitivas, entre outros.

Os conhecimentos psicológicos acerca desses e outros temas relacionados com os processos de ensinar e aprender chegam ao curso de educação física como fundamento teórico com vistas a subsidiar e contribuir para a atuação docente por meio dos conteúdos e abordagens por elas veiculados (GUERRA, 2000), o que não significa dizer que ela (a psicologia) tem a necessidade de responder, sozinha, a todas as questões



endereçadas à prática pedagógica em educação física. Batista e Azzi (2000, p.151) reforçam essa posição quando afirmam que

[...] a Psicologia Educacional tem importante papel na formação de professores, mas somente no encontro crítico com outros conhecimentos e áreas será possível delinear uma formação docente que entenda o fenômeno educativo em sua multiplicidade, complexidade e situação histórica.

Diante desse cenário, cabe questionar se alunos em formação para a docência e mesmo os professores já formados, reconhecem esses conhecimentos como importantes para a prática pedagógica, não no sentido de reforçarem a psicologização frequentemente criticada pela literatura, mas de virem neles (os conhecimentos), uma oportunidade de contribuição para o diálogo necessário entre o fato, o fenômeno, o contexto, que outros conhecimentos, além dos da psicologia, poderiam contribuir para a análise e a proposição de encaminhamentos, os motivos geradores e as implicações que se seguirão após uma ação etc.

Acreditamos que a psicologia, entretanto, seja fundamental, na medida em que oferece contribuições acerca do processo ensino e aprendizagem, considera as interações entre os diferentes atores deste processo, das muitas variáveis envolvidas no contexto educativo que poderão influenciar ou determiná-las, dentre outras questões.

Assim, os pontos de partida para lidar com as demandas da prática pedagógica – por exemplo, com o planejamento, execução e avaliação dos planos de ensino, com fenômenos frequentemente associados à participação nas aulas de educação física como motivação, medo, coesão grupal, entre outros – são diretamente influenciados pelos interlocutores escolhidos pelo professor, cuja tônica será diferente se forem eleitos autores e sistemas teóricos diversos (IAOCHITE, LARGURA, AZZI, SADALLA, 2004).

Elementos para pensar a otimização de práticas pedagógicas na cultura corporal de movimento no contexto escolar



Com o objetivo de suscitar alguns elementos que possam contribuir para se pensar a otimização de práticas pedagógicas na cultura corporal de movimentos, a partir dos conhecimentos psicológicos, questiona-se: o que é possível aprender sobre o que especialistas em psicologia tem dito acerca das contribuições da área para a prática docente?ⁱⁱⁱ

Apontamentos revistados na literatura ressaltam pontos como a necessidade de se considerar as relações entre teoria e prática a partir da compreensão do professor sobre o que seja essa prática e que saberes o auxiliam na tomada de decisão para agir. Isso poderia contribuir para que ele ressignificasse o valor da teoria a partir da própria experiência cotidiana (GUERRA, 2000).

A busca por articulação entre as teorias de aprendizagem e aquelas relacionadas com as práticas de ensino pensando numa seleção de conteúdos e formas (estratégias) que favoreçam à participação dos alunos respeitando seus tempos e espaços de aprendizagem com vistas à aquisição de habilidades e competências que os façam acreditar na próprias capacidades para, inclusive, enfrentar atividades mais complexas e desafiadoras que estarão por vir.

Associado a isso, está a possibilidade de visualizar a sala de aula (quadra, pátio, campo) como um espaço privilegiado para um encontro saudável entre professor e alunos para a construção de uma relação de confiança e segurança entre ambos, sobretudo com vistas à formação de atitudes e valores desejáveis para a prática da cultura corporal de movimentos. Esse processo pode começar com o respeito e consideração pelos conhecimentos trazidos pelo aluno e que poderão se modificar com o trabalho do professor ao apresentar/vivenciar juntamente com ele, os conhecimentos científicos produzidos sobre a cultura corporal de movimentos.

O exercício frequente de reflexão antes, durante e após a prática de ensino considerando as variáveis do processo educativo e o replanejamento, sempre que necessário, podem promover aprendizagens mais significativas para o aluno, colocando-o num caminho que promova sua autonomia com responsabilidade e participação ativa. Ressalta-se, ainda, a importância da participação ativa do professor em momentos de debate coletivo, dentro e fora dos muros escolares, participando de grupos de estudo e



listas de discussão sobre assuntos de interesse ligados ou não com os desafios da prática pedagógica, com vistas a confrontar concepções e mesmo como uma oportunidade para rever as próprias crenças, valores, teorias que subsidiam a sua prática de ensinar.

Para concluir, entendendo a estreita relação entre os conhecimentos psicológicos e a prática de ensinar educação física no contexto escolar, convencido da necessidade de uma conversa, de fato, dialógica entre essas áreas. Além disso e, guardadas as especificidades de cada área, referendamos a síntese proposta por Meira (2005) ao destacar os “momentos” principais da intervenção de psicólogos no campo escolar. Esses “momentos” podem e devem, no nosso entendimento, fazer parte das práticas pedagógicas de professores na escola. São eles: reflexão sobre o cotidiano da escola considerando a pluralidade de idéias, concepções, valores; análise crítica da realidade a partir de um referencial teórico que possibilite entendê-la com construção social possível de desenvolvimento de ações transformadoras; reflexão e planejamento de ações em busca das transformações desejadas e desenvolvimento de projetos com ações concretas pautadas no compromisso ético, político e profissional com a construção de processos educacionais humanizadores.

¹ Conforme apresentados e amplamente discutidos em Zabala (1998).

¹ É possível fazer esse exercício de problematizar e refletir elencando um dos elementos da cultura corporal de movimentos.

¹ Esta questão está posta num estudo em desenvolvimento sobre as contribuições das psicologias educacional e esportiva para as práticas de ensino em educação física.

Referências

BATISTA, S. H. S. S.; Azzi, R. G. Ensinando psicologia na licenciatura: Experiências, opções e aprendizagens. In: AZZI, R. G.; BATISTA, S.H.S.S.; SADALLA A. M. F. A. (Org.). **Formação de professores:** discutindo o ensino de Psicologia. Campinas: Alínea, 2000. p.149-161.

BETTI, M. Ensino de 1º. e 2º. graus: Educação Física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 13, n. 2, p. 282-7, 1992.



_____. Valores e finalidades na Educação Física escolar: uma concepção sistêmica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 16, n. 1, p. 14-21, 1994.

BETTI, M. **A janela de vidro**: esporte, televisão e Educação Física. Campinas: Papirus, 1998. (Coleção Fazer/ILazer).

DARIDO, S., IMPOLCETTO, F., BARROSO, A., RODRIGUES, H.. Livro didático na Educação Física escolar: considerações iniciais. **Motriz. Revista de Educação Física**. UNESP, Rio Claro, v.16 n.2 p.450-457, abr./jun. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/3602/3001>. Acesso em: 02 Out. 2010.

GUERRA, C.T. Conhecimento psicológico e formação de professores. In: AZZI, R.G., BATISTA, S.H.S.S., SADALLA, A.M.F.A. (Orgs.). **Formação de professores**: discutindo o ensino de Psicologia. Campinas: Alínea, 2000. 68-92.

IAOCHITE, R., LARGURA, W.N, AZZI, R.G, SADALLA, A.M.F.A. Contribuições da Psicologia para a formação em Educação Física. **Motriz. Revista de Educação Física**. UNESP, Rio Claro, v. 10, n. 3, p.153-158, set/dez. 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/383/325>. Acesso em: 05 Out. 2010.

MEIRA, M.E.M. A construção de práticas transformadoras de psicologia escolar em instituições educacionais. In: FONSECA, D.C., CANÉO, L.C., CORRER, R. (Orgs.). **Práticas psicológicas e reflexões dialogadas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 73-84.

TUNES, E., TACCA, M.C.V.R., BARTHOLO JUNIOR, R.S. O professor e o ato de ensinar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.35, n.136 São Paulo, v. 35, n. 126, p.689-698, dec. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742005000300008&lng=en&nrm=iso. Acesso em 05 Out. 2010.



PSICOLOGIA E O TREINAMENTO ESPORTIVO: PROCEDIMENTOS PARA OTIMIZAÇÃO DE PRÁTICAS

Leonardo Pestillo de Oliveira¹

1 Introdução

No Brasil a Psicologia do Esporte tem sido considerada como uma das áreas emergentes, tanto em congressos científicos da Psicologia como em seus cursos de graduação. Entretanto, ao se considerar a história do desenvolvimento da área nota-se que seu surgimento é semelhante ao desenvolvimento da Psicologia Geral. Neste sentido, para compreender sua evolução faz-se necessário entender o seu conceito, o seu percurso histórico e seu estado científico atual.

Quanto ao conceito, de acordo com Feltz (1992) esta área é identificada como uma subdisciplina da Psicologia, enquanto outros a vêem como uma subdisciplina das Ciências do Esporte (GILL, 1986). Singer (1993) concebeu a Psicologia do Esporte como integrando a investigação, a consultoria clínica, a educação e atividades práticas programadas associadas à compreensão, à explicação e à influência de comportamentos de indivíduos e de grupos que estejam envolvidos em esporte de alta competição, esporte recreativo, exercício físico e outras atividades.

Para Weinberg e Gould (2001, p. 28) “a Psicologia do Esporte e do Exercício é um estudo científico de pessoas e seus comportamentos em atividades esportivas e atividades físicas, e a aplicação deste conhecimento”. Essas definições são essenciais para entender que esta área além de ser uma disciplina acadêmico-científica é também uma área de intervenção profissional que envolve conceitos da Psicologia e das Ciências do Esporte.

Enquanto área de intervenção profissional refere-se à prática da Psicologia por profissionais que se especializaram no trabalho com atletas ou praticantes de exercício

¹ Psicólogo (CRP-08/12613). Professor do curso de Psicologia do Centro Universitário de Maringá, Paraná, Brasil. Mestre em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá: leopestillo@yahoo.com.br.

físico, em diversos contextos. Enquanto disciplina acadêmico-científica emerge principalmente dos departamentos das Universidades das Ciências do Esporte, Motricidade Humana ou Educação Física (ARAÚJO, 2002). A maior diferença entre estes dois âmbitos, é que o primeiro grupo trabalha a área aplicada ao contexto esportivo, empenhados em melhorar o desempenho dos atletas, em aconselhá-los, reabilitá-los de lesões e promover o exercício físico para melhorar a saúde física e mental dos indivíduos; enquanto o segundo grupo está academicamente fundamentado, trabalhando na investigação, desenvolvimento de teorias e modelos, buscando compreender o comportamento motor no esporte e no exercício.

Neste contexto, podemos perceber a Psicologia do Esporte e do Exercício como um ramo da Psicologia, Ciências do Esporte e do próprio esporte, sendo simultaneamente uma área profissional que olha para o esporte e para o exercício físico sobre a perspectiva psicológica (Figura 1).



Figura 1: Psicologia do Esporte e suas inter-relações profissionais.

Percebe-se que o profissional da Psicologia do Esporte, deve adquirir uma formação de conhecimentos, visando garantir uma boa formação geral em Psicologia aliada aos conhecimentos específicos do exercício e do esporte (Figura 1). É necessário para este profissional uma cultura alicerçada em elementos que contribuam para o entendimento do contexto específico de atuação. Desta forma, o psicólogo esportivo deve trabalhar



com atenção e rigor científico na prática esportiva para não convertê-la em uma Psicologia que simplifica todos os fenômenos do esporte.

2 Campos De Atuação Do Psicólogo Do Esporte

O desenvolvimento da psicologia do esporte, enquanto campo de pesquisa e intervenção tem suscitado uma série de questões. Desde a formação acadêmica/profissional mínima adequada para a atuação na área, as delimitações do papel do profissional até a formação de um corpo de conhecimento teórico e técnico que sirva como base para a intervenção junto a atletas e praticantes do exercício físico.

Assim, os psicólogos do esporte possuem três campos de atuação profissional de acordo com Weinberg e Gould (2001): ensino, pesquisa e intervenção. No campo do ensino o objetivo é transmitir conhecimentos e habilidades técnicas esportivas, para tanto, os profissionais necessitam ter conhecimentos das capacidades psicológicas necessárias para melhor compreender o comportamento humano no âmbito do esporte (papel de professor). No campo da pesquisa, são mais explorados procedimentos diagnósticos para medir características psicológicas de pessoas, avaliações esportivas e medidas de intervenção psicológica para competição e treinamento (papel de pesquisador). No campo da intervenção psicológica (papel de consultor), são realizados psicodiagnósticos, programas psicológicos de treinamento mental, juntamente com medidas de aconselhamento e acompanhamento (Figura 2).



Figura 2. Campos de atuação profissional do psicólogo do esporte.

Desta forma, é possível perceber que o campo de atuação profissional do psicólogo esportivo é amplo, no entanto, ainda que sua denominação esteja vinculada à Psicologia, existem profissionais com diferentes formações ocupando este campo profissional (RUBIO, 2000).

A partir disso considera-se que o corpo teórico da Psicologia do Esporte enquanto área científica encontra suporte em várias áreas da Psicologia. Entre elas, a Psicologia Experimental, em que se incluem a Psicologia da Aprendizagem, da Memória e da Motivação; assim como a Psicologia do Desenvolvimento sendo responsável por proporcionar as bases de entendimento do desenvolvimento esportivo de uma criança até a fase adulta. Também podemos citar a Psicologia da Personalidade, centrada nos estudos das diferenças individuais; a Psicologia Social voltada às relações interpessoais da equipe esportiva e ao desenvolvimento da coesão do grupo; e por fim a Psicologia Clínica que focaliza os problemas de desajustamento psicológico do atleta e suas modificações (BARRETO, 2003).

Além destas, a área encontra suporte em várias áreas da educação física, como aprendizagem motora, desenvolvimento motor, controle motor, biomecânica, treinamento esportivo, fisiologia do exercício, dentre outras (nutrição esportiva, medicina esportiva, sociologia do esporte). Esta extensão de conhecimentos para intervenção profissional talvez justifique a carência de profissionais qualificados para este campo de atuação.



Considerando os campos de atuação do psicólogo esportivo (ensino, pesquisa e intervenção), o papel do profissional será de ser professor, pesquisador e consultor. O psicólogo esportivo voltado para o ensino tem a função de transmitir conhecimentos de base sobre a área; o psicólogo esportivo voltado para a pesquisa tem a função de explorar os diferentes campos de atuação visando o crescimento da área e o desenvolvimento de teorias; o psicólogo esportivo voltado para a intervenção tem o papel de realizar psicodiagnósticos e intervenções psicológicas. Este papel é o mais discutido no contexto da realidade brasileira.

3 O Papel Do Psicólogo Do Esporte

O papel do psicólogo esportivo surge em função dos campos de atuação: *Ensino*, papel de professor; *Pesquisa*, papel de pesquisador; e *Intervenção*, papel de consultor. Quando um psicólogo esportivo tem o papel de consultor, este ingressa numa equipe de trabalho, o que gera uma série de mecanismos psíquicos nos seus integrantes como empatia e resistência. A percepção que cada indivíduo tem sobre o psicoterapeuta flutua, desde expectativas de grande auxílio até altos níveis de ansiedade nos sujeitos mais inseguros. Lacrampe e Chamalidis (1995) referem que a percepção do serviço da Psicologia do Esporte depende da interação de fatores como experiência passada dos atletas com o psicólogo esportivo, expectativas do grupo, confiança mútua e a especificidade da situação.

Dentro de uma equipe esportiva, Riera (1985) e Miracle (1992) compartilham da opinião, de que o psicólogo deve ter funções bem definidas, tais como assessorar, informar, ensinar e, ainda, ser agente de transformação. Assim, a este profissional cabe clarificar a treinadores, dirigentes, atletas e demais envolvidos no contexto do esporte e do exercício, os princípios que norteiam o comportamento humano.

Araújo (2002) acredita que os especialistas em Psicologia do Esporte devem estar empenhados a melhorar o desempenho dos atletas, em aconselhá-los, reabilitá-los de lesões e em promover o exercício físico para melhorar a saúde dos indivíduos. Um aspecto a destacar no papel do psicólogo esportivo é a comunicação entre os grupos



esportivos e os psicólogos, neste ponto a linguagem cotidiana dos treinadores e dos atletas, é norteada por termos técnicos específicos de cada esporte, desta forma, o psicólogo deve buscar este conhecimento para não encontrar grande resistência dos praticantes do esporte e do exercício.

4 Explorando As Relações Entre Treinador E Atleta

O conhecimento sobre a relação treinador-atleta desenvolveu-se acentuadamente durante as últimas quatro décadas. A importância central do esporte no projeto de vida dos praticantes aumentou também, o que está associado ao maior investimento na quantidade e qualidade do treino, bem como ao fato de ter aumentado significativamente a longevidade dos atletas no esporte de alto rendimento (SERPA, 2002).

Neste processo, o treinador tem sido identificado como um poderoso agente socializador no domínio físico (SMOLL e SMITH, 1995). Em todos os níveis competitivos, desde o jovem até o profissional, as formas pelas quais os treinadores estruturam a prática e as situações de jogo, os processos que utilizam para tomar decisões, a qualidade e a quantidade de *feedback* que fornecem em resposta ao desempenho dos atletas, o relacionamento que estabelecem com estes, as técnicas que utilizam para motivá-los, tudo isso pode ter um forte impacto sobre o comportamento cognitivo e afetivo dos atletas (AMOROSE, 2007). Entretanto, certos comportamentos do treinador podem conduzir a resultados psicológicos negativos quanto à realização pessoal (por exemplo, baixo desempenho, baixa autoestima, altos níveis de ansiedade competitiva, *burnout*, dentre outros).

Neste contexto, os treinadores revelam-se figuras determinantes no desenvolvimento esportivo e pessoal dos praticantes e na sua adaptação à vida, desempenhando papéis diferenciados em cada uma das diferentes fases da carreira.

Bloom (1985) destacou estas influências num estudo clássico sobre o desenvolvimento dos jovens talentos do esporte, arte e ciência. Na fase em que surgem



as primeiras experiências esportivas, o treinador é citado pelo seu papel de modelo e como pessoa significativa e de grande impacto motivacional, a quem o praticante tenta agradar. Na segunda etapa surgem alterações na relação entre os dois, que tende a ser amigável e caracterizada por uma grande empatia. A terceira fase registra por vezes conflitos significativos, que em casos mais graves podem levar à ruptura, enquanto na última etapa a relação tende a ganhar nova serenidade e equilíbrio (SERPA, 2002).

O treinador representa uma referência determinante das emoções, cognições, comportamentos e sentimentos do atleta, o qual necessita desta interconexão (OLYMPIOU, JOWETT e DUDA, 2008). O atleta parece procurar no treinador a segurança de que carece num contexto caracterizado pela instabilidade e incerteza.

A forma como os treinadores estruturam a prática e as experiências de aprendizagem, o modo como eles fornecem *feedback* e dão reconhecimento, e ainda suas estratégias de agrupamento dos atletas, podem ajudar a estabelecer o que tem sido chamado de clima motivacional (AMES, 1992). O clima é geralmente definido pela forma como o sucesso ou a falha são enfatizados no ambiente social (MCARDLE e DUDA, 2002; TREASURE, LEMYRE, KUCZKA, STANDAGE, 2007).

Neste contexto, é geralmente aceito que o comportamento adequado do treinador é específico de cada diáde que forma com o atleta, e resulta de quatro ordens de fatores: características específicas da “atividade esportiva”, características do “atleta” e características do “treinador”, num determinado “contexto sociocultural”. Nesta conformidade, o estilo e as estratégias do treinador influenciarão as dimensões cognitiva, afetiva e comportamental do praticante, o que terá consequências no nível da sua adaptação técnica e emocional, expressas na prestação esportiva.

5 Implantação Do Programa De Intervenção Psicológica

Para se estabelecer um programa de psicologia aplicada ao esporte, recomenda-se seguir algumas etapas e principalmente que sejam respeitadas as particularidades de cada esporte. O contexto é fundamental pois os objetivos a serem traçados dependem das

características vivenciadas.

Para implementar um programa de intervenção psicológica no ambiente esportivo, deve-se adequar a estrutura da intervenção à periodização do treinamento dos atletas. Em relação às fases do treinamento desportivo Bompa (1994) estabelece três fases a serem seguidas: preparação, competição e transição.

Adequando a intervenção psicológica com a periodização da equipe, Vieira, Vissoci e Oliveira (2010) propõem 4 etapas a serem seguidas durante o trabalho psicológico: 1) Contato Inicial; 2) Levantamento de Necessidades; 3) Programa de Intervenção; 4) Avaliação dos Resultados.

A primeira etapa (Contato Inicial) compreende a apresentação do psicólogo à equipe (ou atleta) com quem irá trabalhar. É o momento em que o profissional informa aos componentes do grupo esportivo no que consiste o trabalho de suporte psicológico no esporte. Essa fase é de extrema importância para a continuidade do trabalho, assim como em todo programa de intervenção psicológica, devido ao estabelecimento do *rapport* (vínculo entre psicólogo e equipe de trabalho). Esta fase é marcada por uma prática pedagógica na qual são estabelecidos os objetivos do grupo, os quais são discutidos com os atletas e posteriormente estabelecido um cronograma de trabalho (objetivos de curto, médio e longo prazo).

Geralmente o psicólogo é contratado pela comissão técnica de uma equipe esportiva, a qual percebe a necessidade do trabalho. Assim, a iniciativa para a realização do trabalho não parte dos ‘clientes’, fator que influencia na resistência, aderência e efetividade do apoio psicológico. A partir desta realidade, a primeira tarefa do psicólogo esportivo é explicar os objetivos e a função do trabalho atentando para a importância do mesmo no contexto esportivo.

A segunda etapa (Levantamento de Necessidades) é caracterizada como o momento no qual o psicólogo conhece melhor os atletas com quem vai trabalhar. Esse conhecimento se dá através da coleta do maior número de informações possíveis sobre o grupo e os membros deste grupo. Esta deverá enfocar o indivíduo e o grupo, portanto a avaliação psicológica será realizada de forma individual e grupal. Na avaliação individual utilizam-



se de testes psicológicos; entrevista e observação de conduta em treinamento e competição. Na avaliação grupal inventários adicionais, sociometria e observações da conduta do grupo.

Esta etapa é fundamental para a estruturação do programa de intervenção, os dados coletados no levantamento de necessidades servirão de base para a definição das temáticas de trabalho em grupo e também do foco de trabalho individual. Ressaltamos que o trabalho do profissional da Psicologia deve sempre estar embasado em um levantamento de necessidades (avaliação psicodiagnóstica), os atletas apresentam necessidades diferenciadas e específicas.

Na etapa em que se desenvolve o Programa de Intervenção propriamente dito, baseado no levantamento de necessidades avaliação diagnóstica estrutura-se um Cronograma de Execução para a intervenção psicológica o qual deve estar. Após a aprovação da comissão técnica e dos dirigentes esportivos, inicia-se o trabalho de acordo com o cronograma. Nesse momento haverá uma interferência na esfera emocional do atleta, de situações do âmbito esportivo (família, amigos, namorada etc.), que merecem atenção e orientação por parte do psicólogo. Também os atletas necessitam de orientação profissional devido a dificuldade de conciliar atividade profissional com a carreira esportiva.

A intervenção ocorrerá sempre a partir de duas frentes de atuação: sessões de grupo e sessões individuais. As sessões do grupo mantêm uma periodicidade semanal buscando promover discussões de temáticas específicas escolhidas no levantamento de necessidades ou por demanda momentânea como, por exemplo, relação treinador/atleta e integração de grupo. As sessões individuais são realizadas esporadicamente de acordo com a necessidade que pode ser percebida pelo treinador, pelo atleta e pelas observações comportamentais do psicólogo.

Muitas vezes o psicólogo, durante as sessões, realiza intervenções pedagógicas visando promover o acesso dos atletas a conceitos psicológicos como ativação, ansiedade, estresse, atenção, motivação dentre outros, dando suporte para que os atletas possam



entender, utilizar as técnicas e conseguir resolver seus conflitos emocionais.

A quarta e última etapa (Avaliação dos Resultados) consiste na leitura dos resultados do trabalho realizado de forma periódica e constante. Alguns atletas respondem rapidamente enquanto outros demoram mais tempo. Os dados obtidos nesta etapa funcionam como *feedback* para o Cronograma, indicando possíveis mudanças no processo, assim como fornecem dados para a reestruturação do programa para trabalhos seguintes. Essa etapa permite que o trabalho de intervenção seja dinâmico e que atenda as necessidades individuais e grupais.

Os trabalhos de psicologia aplicada ao esporte realizados até o momento mostram que as sugestões são válidas para a continuidade do trabalho no ano seguinte com a mesma equipe ou até mesmo servem para um aperfeiçoamento das atividades a serem realizadas com outros atletas. Algo que se torna interessante é a solicitação dos atletas por mais horários para atendimentos individuais para próxima temporada. Aqueles atletas que são acompanhados com atendimentos individuais durante o ano sentem-se contemplados e satisfeitos.

Os resultados de um trabalho psicológico no contexto esportivo evidenciam que o programa de intervenção psicológica, que segue estes quatro passos propostos, apresenta impacto no comportamento dos atletas quanto à coletividade (coesão de grupo), relacionamento interpessoal e confiança individual.

6 Considerações Finais

O trabalho de intervenção psicológica no esporte exige do profissional que o realiza, um conhecimento além do usual para sua profissão. Além dos conhecimentos da Psicologia, é necessário que o profissional também saiba como atuar no contexto esportivo, apresentando capacidade de entendimento a respeito do esporte em que está atuando, das etapas que compõem um treinamento desportivo para que possa adequar seu trabalho ao trabalho de outros profissionais, além de ter a sensibilidade de realizar com maestria a junção destes dois conhecimentos que para algumas pessoas são conhecimentos distintos.



A adequação do trabalho psicológico no ambiente esportivo exige que os profissionais envolvidos no trabalho com os atletas tenham condições de realizar as atividades de forma conjunta. Treinadores, equipe técnica, outros profissionais da saúde como médicos, fisioterapeutas, nutricionistas, entre outros devem manter uma relação de companheirismo em prol do melhor rendimento do atleta.

Peça fundamental no auxílio do psicólogo é o treinador, que mesmo sendo a figura de autoridade perante os atletas, é a pessoa responsável pelo estado emocional dos atletas durante as competições. Deve ficar evidente tanto para treinadores quanto para psicólogos até onde vai o trabalho de cada profissional. A preparação psicológica com os atletas deve ser realizada com o intuito de mostrar aos atletas como agir e se comportar durante as partidas e competições. No entanto, as decisões técnicas e táticas são de responsabilidade do treinador, que após o inicio das partidas e competições é o profissional responsável por garantir o estado emocional dos atletas. Esta manutenção do estado emocional pode até mesmo ser realizada através de informações passadas pelo psicólogo a respeito de alguns dos atletas.

Realizando um trabalho de intervenção psicológica com embasamento teórico consistente e com uma estrutura compatível com o ambiente esportivo, os resultados serão alcançados de forma satisfatória. Ao encerrar o trabalho, é importante se ter conhecimento por parte dos atletas de como foi a visão dos mesmos a respeito da intervenção psicológica. São os atletas que terão condições de perceber como a Psicologia colaborou durante o tempo em que o trabalho foi realizado. Mesmo que os resultados não apareçam do ponto de vista esportivo, com vitórias, glórias ou premiações, a percepção dos atletas de como o trabalho psicológico colabora também no desenvolvimento de sua vida particular (fora do esporte), faz com que a Psicologia aplicada ao esporte mostre aos envolvidos neste contexto que atletas são também seres humanos que apresentam as mesmas características que qualquer outra pessoa. A pressão exercida pelo contexto esportivo é muito grande e isso pode gerar consequências negativas também na vida particular do atleta.



Além disso, esportes coletivos e esportes com características individuais apresentam suas particularidades, e o psicólogo é responsável por entender e se adaptar a cada uma dessas realidades visando a melhor forma de auxílio aos atletas.

Referências

- AMES, C. Achievement goals, motivational climate and motivational processes. In. **ROBERTS, G. C. Motivation in sport and exercise**, p. 161-176. Champaign, Ill: Human Kinetics, 1992.
- AMOROSE, A. J. Coaching effectiveness: Exploring the relationship between coaching behavior and self-determined motivation. In HAGGER, M. S. & CHATZISARANTIS, N. L. D. **Intrinsic Motivation and Self-Determination in Exercise and Sport**, p. 209-227. Champaign Il: Human Kinetics, 2007.
- ARAÚJO, D. Definição e história da psicologia do desporto. In. SERPA, S. e ARAÚJO, D. **Psicologia do Desporto e do Exercício** (p. 9-51). Lisboa: FMH Edições, 2002.
- BARRETO, J. A. **Psicologia do Esporte para o atleta de alto rendimento**. Rio de Janeiro: Shape Ed. 2003.
- BECKER JUNIOR, B. **Manual de psicologia do esporte e exercício**. Porto Alegre: NOVAPROVA. 2000.
- BLOOM, B. S. **Developing talent in young people**. New York: Ballantine Books, 1985.
- BOMPA, T. O. **Periodization: theory and methodology of training**. Champaign, IL: Human Kinetics, 1994.
- FELTZ, D. The nature of Sport psychology. In T. HORN (Ed.) **Advances in Sport psychology**, p. 3-11. Champaign: Human Kinetics, 1992.
- GILL, D. L. **Psychological dynamics of Sport**. Champaign, IL: Human Kinetics. 1986.
- GONZÁLES, J. L. **Psicología del Deporte**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.1997.
- LACRAMPE, R. & CHAMALIDIS, P. **Social representation of the sport psychologist by team athletes**. Bruxelas: European Federation of Sport Psychology, 1995.

MACHADO, A. A. Psicologia do esporte: sua história. In A. A. MACHADO (Org.). **Psicologia do esporte: temas emergentes I**, p. 45-57. Jundiaí: Ápice, 1997.

MCARDLE, S., & DUDA, J.L. Implications of the motivational climate in youth sport. In SMITH, R. & SMOLL, F. (Eds.) **Children and youth in sport** (2nd Edition), p.409-434. Champaign, IL: Human Kinetics, 2002.

MIRACLE, L. **Las profesiones del mundo del deporte**. Barcelona: Editorial Planeta, 1992.

OLYMPIOU, A.; JOWETT, S.; DUDA, J. The psychological interface between the coach-created motivational climate and the coach-athlete relationship in team sports. **The Sport Psychologist**, Champaign, v.22. p.423-38, 2008.

RIERA, J. **Introducción a la psicología del deporte**. Barcelona: Ediciones Martínez Roca.1985

RUBIO, K. **Psicología do Esporte: Interfaces, pesquisa e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo.2000.

SAMULSKI, D. **Psicología do Esporte**. São Paulo: Manole.2000.

SERPA, S. Psicologia do treino desportivo: a lição de Greg Louganis. In. SERPA, S. e ARAÚJO, D. **Psicologia do Desporto e do Exercício**, p. 171-192. Lisboa: FMH Edições, 2002.

SIMONS, J. P. & Andersen, M. B. The Development of Consulting Practice in Applied Sport Psychology: Some Personal Perspectives. **The Sport Psychologist**, 9, p. 449-468.1995.

SINGER, R. Sport Psychology: an integrated approach. In. SERPA, S.; ALVES, J.; FERREIRA, V. e BRITO, A. **Proceedings of the 8th world congress in sport psychology**, p. 131-146. Lisboa: SPPD – FMH. 1993.

SMOLL, F. e SMITH, R. **Children and youth in sport**: A biopsychosocial perspective. Madson, WI: Brown e Benchmark, 1995.

TREASURE, D. C.; LEMYRE, P. N.; KUCZKA, K. K.; STANDAGE, M. Motivation in elite-level sport: a self-determination perspective. In: HAGGER, M. S. e CHATZISARANTIS, N. L. D. **Intrinsic motivation and self-determination in exercise and sport**, Cap 10, p. 153-165. Champaign: Human Kinetics, IL, 2007.

VANEK, M. & CRATTY, J. B. **Psychology and superior athlete**; London: The Macmillan Company/Collier – Macmillan Ltd., p. 7-32.1970.

VIEIRA, L. F.; VISSOCI, J. R. N.; OLIVEIRA, L. P. Etapas Do Processo De Intervenção Psicológica Em Equipes De Voleibol De Alto Rendimento. In: BRANDÃO, M. R. F. e MACHADO, A. A. **Coleção Psicologia Do Esporte E Do Exercício: O Voleibol E A Psicologia Do Esporte**, vol. 5, Cap. 6, p. 115-134. São Paulo: Editora Atheneu, 2010.

WEINBERG, R., & GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia aplicada ao exercício e ao esporte.** Porto Alegre: ARTMED, 2001.



15h30: Painéis

PRESENÇA DE LESÕES EM PRATICANTES DE TÊNIS DE MESA E A OCORRÊNCIA DE RETORNO SINTOMÁTICO A PRÁTICA.

A.M.G.S., J.; V., S.; R.F.N., F.

Instituição: Unesp- Marilia- Depto de Educacao Especial

Introdução: A modalidade se tornou modalidade olímpica em 1988, nos Jogos de Seul, atualmente é considerado o esporte nacional na China, amplamente difundido no Japão, em países como a Tchecoslováquia e Hungria a modalidade constitui parte da formação curricular escolar. No Brasil, através da Confederação Brasileira de Tênis de Mesa, este esporte está organizado em todos os estados do Brasil, congregando mais de 20.000 atletas. O Tênis de Mesa é caracterizado como um esporte complexo por exigir de seus atletas raciocínio rápido para tomar de decisões táticas e técnicas, movimentação corporal intensa (deslocamentos, rotações, flexões, etc) exigindo adaptações de equilíbrio das estruturas corporais devido às constantes alterações do centro de pressão durante o treinamento ou o jogo. Por apresentar necessidade de adaptações motoras finas para desempenhar de maneira adequada o gesto esportivo, a rotina de treinos específicos usualmente consome quase a totalidade do tempo de treinamento, muitas vezes sendo associadas as demais modalidades de treinos. A ocorrência de lesões com afastamento dos treinos gera transtornos de ansiedade, com aumento da preocupação relativa ao fato da contínua e progressiva perda da denominada “sensibilidade do tato com a raquete”, caracterizada como o aumento do tempo durante a tomada de decisões, dificuldades no controle motor para reproduzir o gesto esportivo de maneira adequada, mudança na percepção do peso, forma da raquete, tempo de contato da bola com a raquete e lenhificação das respostas automatizadas associadas ao jogo. **Objetivo:** O estudo foi caracterizar as lesões mais freqüentes no Tênis de Mesa e verificar se a retomada dos atletas a prática era realizada com de maneira sintomática ou assintomática. **Métodos:** Foram avaliados 31 atletas (26 do sexo masculino e cinco do sexo feminino) com média de idade $22,35 \pm 6,67$ anos. Foi realizada entrevista com o Inquérito de Morbidade Referida retroativo a temporada de 2009. Foram utilizadas técnicas de estatística descritiva para contabilizar os resultados obtidos. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Campus de Marília. **Resultados:** Dos 31 atletas avaliados 74,19% apresentaram pelo menos uma lesão, o maior número de lesões foi caracterizada como muscular (74,35%), no ombro (43,58%),



durante o movimento de top spin (33,33%), na fase de treino específico (64,1%) com retorno sintomático aos treinos (69,23%). Conclusão: A carga horária de treinamento semanal proporciona aumento no número de lesões, a maioria dos atletas retorna aos treinos mesmo com sintomas das lesões, decorrente do aumento na ansiedade e na expectativa de controlar a manutenção das habilidades esportivas e minimizar a perda da “sensibilidade do tato com a raquete”. Palavras-chave: Lesões esportivas. Tênis de Mesa. Ansiedade.

Apoio Trabalho: não possui

Email: josemegasi2@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

A PRESENÇA DA DANÇA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Alves, J.; Oliveira, C.; Cleberson, E.; Cristina, R.

Instituição: Estácio Faac- depto de Eucação Física

A Presença da dança nas aulas de educação física escolar O objetivo do presente estudo, de natureza qualitativa, foi investigar se a dança está presente nas aulas de educação física escolar, entendendo a relevância do conteúdo no desenvolvimento integral dos alunos. A pesquisa se desenvolveu em duas etapas, sendo a primeira uma revisão de literatura para entender como a dança vem se relacionando com a Educação Física e a segunda um questionário aberto aplicado a uma amostra de quinze professores atuantes em oito escolas públicas do município de Cotia, selecionadas a partir do número de alunos, mais de mil e do tempo de existência mais de vinte anos de fundação. Os resultados obtidos foram interpretados de forma descritiva, indicando que a dança é trabalhada por cerca de 65% dos professores e cerca de 80% a qualificam como uma atividade de entretenimento e lazer, desconsiderando os benefícios ao desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo dos alunos

Apoio Trabalho:

Email: joaopretinho@bol.com.br

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO



INCLUSÃO DA CRIANÇA COM NECESSIDADES ESPECIAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO FUNDAMENTAL CICLO I

Amanda, T.; Cavaco, D.; Maria, M.; Alves, M.; Bruno, N.

Instituição: Estacio Faac Europan

RESUMO Este trabalho é uma pesquisa na área de educação física e educação especial, que trata do tema inclusão nas aulas de educação física escolar nas escolas públicas de Itapevi e região da rede regular de ensino fundamental ciclo I. Esta pesquisa foi realizada em duas etapas, a saber: Pesquisa bibliográfica acerca dos temas, educação física inclusiva, pessoa portadora de necessidades especiais e comunidade escolar, pesquisa de campo com entrevista semi-aberta que visou diagnosticar como o professor trabalha o tema inclusão em suas aulas e se a comunidade escolar (diretor e coordenador) percebe as ações educativas que auxiliam a vencer o preconceito, a falta de estrutura, o material, entre outros problemas que o aluno portador de necessidades especiais enfrenta dentro da unidade escolar. Nossa trabalho se baseou em ter uma visão sobre a formação dos professores que lidam com o aluno com necessidades especiais (que estão sendo inseridos na rede regular de ensino) e conclui-se que há uma necessidade de ampliar a infra-estrutura e aprimorar a coordenação dos trabalhos voltados às pessoas com necessidades especiais. Podemos observar muitas dificuldades no que se refere a formação especializada do professor, pois este conta apenas com o seu bom profissionalismo (busca se capacitar por consciência das necessidades sofridas por seus alunos), podemos constatar que falta apoio técnico da comunidade escolar e do governo, dificultando assim a inclusão dos alunos e a independência social que deveria ser garantida. Achamos que um agravante para esse problema é a falta de um planejamento multidisciplinar, a busca do professor por uma capacitação continuada, a falta da infra-estrutura e recursos pedagógicos também é um problema que precisa ser solucionado junto a autoridades competentes, e o apoio da família e comunidade escolar que é essencial nesse processo, podemos concluir que existe um mito que a inclusão é de responsabilidade do professor, porém não condiz com a realidade e contradiz a Lei, segundo (MAZZOTA, 1999, pg. 76). Em 5 de outubro de 1988 é promulgada a nova constituição Brasileira. No capítulo III, Da Educação, da Cultura e do desporto, Artigo 205: “A Educação é direito de todos e dever do Estado e da família. Promovida e incentivada juntamente com a sociedade para o pleno desenvolvimento da pessoa, e para o preparo do exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”. Palavras chaves: educação inclusiva, comunidade escolar.

Apoio Trabalho: não tem

Email: tabataamandinha@yahoo.com.br

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO



MOTIVAÇÃO EM JOGADORES DE ESPORTES COLETIVOS

Bagni, G.; Machado, A.A.; Cecarelli, L.R.

Instituição: UNESP - LEPESPE -I.B.- D.E.F.-Rio Claro

A motivação é um dos aspectos fundamentais nos esportes, desde os individuais até os coletivos que é o caso desse estudo. Cada técnico tem a sua maneira de motivar seus atletas, alguns técnicos são mais eufóricos e outros mantêm a sua tranquilidade. A maneira que o técnico motiva sua equipe é, a grande maioria das vezes, traduzida dentro de campo ou de quadra, através da postura de sua equipe. Motivar a equipe não é somente papel do técnico, também é função dos próprios atletas. Esse estudo buscou identificar como a preleção de técnicos influencia no desempenho de atletas, principalmente no caso do futebol. Através da análise de vídeos pode-se observar que a maioria dos jogadores ficou “mais motivado” quando os técnicos foram mais enérgicos em seus discursos nas preleções. Entretanto, é importante observar que cada jogador reage diferente em relação às palavras de seus técnicos, companheiros de equipes, amigos e familiares. Consequentemente isso tudo influencia e é levado para dentro de campo, de forma positiva ou negativa.

Apoio Trabalho: UNESP - LEPESPE -I.B.- D.E.F.-Rio Claro

Email: guilhermebagni@uol.com.br

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E ACESSIBILIDADE NA UFSCAR: OS LIMITES À INCLUSÃO

Balbino da Costa, V.; Donizete Alves, F.

Instituição: Universidade Federal de São Carlos

Vanderlei Balbino da Costa¹ (doutorando), Prof. Dr. Fernando Donizete Alves²Universidade Federal de São Carlos¹, vanderleibalbino@yahoo.com.br; Universidade Federal de São Carlos², fdalves@ufscar.br Palavras-chave: acessibilidade – barreiras físicas – deficiente visual – educação física Na ótica da sociedade moderna a visão é o principal sentido que as pessoas utilizam para se locomover, pois é através desta que o ser humano pode identificar objetos, tamanhos, formas, cores distâncias no tempo e no espaço que está ao seu redor. Este artigo é resultado de uma vivência realizada em 2010 nas instalações físicas da UFSCar, que teve por objetivo identificar os limites no que se refere à inclusão do estudante deficiente visual em locais como: ginásio de esportes que tem acessibilidade muito deficiente, uma vez que é subterrâneo, piscinas que não possuem piso direcional, dificultando a locomoção, pistas de atletismo sem sinalização direcional que facilite a prática do exercício físico, restaurantes com



escadas excessivas, biblioteca sem piso tátil nas rampas e calçadas de acesso. A opção foi pela pesquisa qualitativa, que de acordo com Negrine (2004, p. 61) observa que esta “[...] se centra na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório [...]”. Ancorada na observação participante que segundo Spink (2007, pp.10-11) significa: “que a observação participante é realizada de dentro de uma dada situação. Senão como membro nato da situação observada, pelo menos como membro aceito pelos demais partícipes”. Os resultados mostraram que a acessibilidade física no espaço da universidade atua como um empecilho à inclusão do estudante deficiente visual, pois conforme observamos, há barreiras físicas, sistêmicas e atitudinais. As barreiras físicas são as que impedem as pessoas deficientes irem e virem para um determinado local, e/ou obstáculos como: escadas, portas estreitas que impossibilitam a circulação de cadeirantes, elevadores sem a descrição do braille, portas automáticas sem a sinalização visual para os deficientes auditivos. Essas ainda podem ser arquitetônicas e urbanísticas no que se refere ao transporte coletivo e à comunicação. Há também as de caráter sistêmico nas instituições educacionais que não oferecem apoio, planejamento flexíveis, recursos didáticos acessíveis, currículos adaptados às mais diferentes deficiências, garantindo não só o ingresso, mas também a permanência e o sucesso no ensino regular. Finalmente, temos barreiras atitudinais manifestadas por preconceitos, esteriótipos e estígmas acerca dos deficientes com mobilidade reduzida como a deficiência física intelectual, sensorial, motora, ou múltipla, as quais precisam ser eliminadas para que esta instituição se torne verdadeiramente inclusiva. Nossas reflexões são as de que é premente a necessidade de promover debates, seminários e congressos envolvendo os diversos seguimentos, no sentido de que através da educação física, bem como de esportes adaptados seja possível a promoção da inclusão do estudante com deficiência visual em todos os espaços desta instituição de ensino superior.

Apoio Trabalho:

Email: vanderleibalbino@yahoo.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

OBSERVAÇÕES DA PSICOLOGIA DO ESPORTE SOBRE A COMPETIÇÃO ESPORTIVA ESCOLAR

Barciela, F; Garcia, R; Silveira, M; Gouvea, F; Machado, A

Instituição: UNESP/IB/Rio Claro _ LEPESPE

A opção deste trabalho foi pesquisar as interações sociais, no decorrer dos Jogos Escolares; muito em especial, analisar o efeito da torcida nos alunos que disputavam tal



campeonato, versão 2002, Rio Claro, partindo para uma análise de discurso obtido através de entrevistas e depoimentos, em pesquisa do tipo etnográfica. Esta justificativa se deve ao fato de estarmos sempre reproduzindo os moldes sociais esportivos em todos os segmentos escolares e, em cima desta situação, ampliar um discurso humanizador e político deste momento de competição esportiva. Apoiada na literatura atual da área (Machado, 1995 e 1997; Buriti, 1997; Bandura, 1989 e 1998; Samulski, 2002) tratou-se de coletar os dados reveladores dos elementos a serem estudados. Dados reveladores de maior necessidade de atenção com a prática esportiva escolar, na feição de aula-treino ou campeonato, bem como uma melhor interação pais-professores-alunos são respostas aos questionamentos aqui iniciados. A excitação da torcida é fator de incômodo e crescente ansiedade, gerando uma agressividade, em especial quando os pais compõem o grupo de torcedores. Esta situação é constrangedora, conforme analisa a literatura, pela deformidade social imposta através de insultos e gritos de guerra, advertência ou insultos. Em relação à ansiedade, é unânime a alteração do estado, em jogos decisivos, quando a cobrança do professor é mais incisiva. Mostrou-se deformadora a relação pai-professor, uma vez que ambos lutam pelo gerenciamento da criança, dependente dos pais e dos docentes, em situações específicas, mas que ficam numa mesma condição, no momento esportivo: ambos são torcida. Conclusivamente, esta pesquisa remete a uma maior reflexão sobre a necessidade de se tratar a Psicologia do Esporte, inclusive na escola, como uma das Ciências do Esporte de primeira importância, tendo em vista o suporte e a complexidade de interações por ela possibilitados

Apoio Trabalho:

Email: franciscobarciela@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

O FOCO DE ATENÇÃO NO INÍCIO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Bonuzzi, G.M.G.; Perotti Jr., A.; Meireles, A.C.; Bordim, C.; Vanzo, M.C.

Instituição: Centro Universitário Hermínio Ometto – Uniararas; LACOM – EFE/USP

Os estudos relatam que na aquisição de habilidades motoras o foco de atenção externo (prestar atenção em fontes do ambiente) teria maiores efeitos na aprendizagem se comparado ao foco de atenção interno (prestar atenção em aspectos de controle do movimento). Porém em alguns momentos da aprendizagem o foco de atenção interno pode ser relevante. Assim o objetivo desse estudo foi investigar os efeitos do foco de atenção no início do processo ensino-aprendizagem de duas habilidades motoras fechadas. Participaram desse estudo 48 adolescentes sem experiência prévia na tarefa,



de ambos os sexos, na faixa etária de 16 e 17 anos, que foram divididos em quatro grupos, de forma aleatória, formando dois grupos de foco interno GFI1, GFI2 e dois grupos de foco externo GFE1 e GFE2. Foram realizados dois experimentos: no primeiro a tarefa consistia em chutar uma bola de futsal tendo como meta acertar um golzinho de um metro e meio, a uma distância de 8m, com bola parada. No experimento 2 a tarefa consistia em executar o lance livre do basquetebol. Os grupos GFI1 e GFE1 participaram do experimento 1 e os grupos GFI2 e GFE2 do experimento 2. O delineamento para ambos experimentos envolveu três fases: aquisição, transferência e retenção. Primeiramente realizou-se um pré-teste com dez tentativas, em seguida foi realizada a fase de aquisição com 50 tentativas de prática, organizadas em 5 blocos de 10 tentativas. Posteriormente foram avaliados em um pós-teste com condições homogêneas ao pré-teste. A fase de retenção e transferência de aprendizagem ocorreu após 24 horas do pós-teste. Na transferência executaram o chute e o lance livre com um acréscimo de 2 metros de distância do alvo. Como medidas de desempenho utilizaram-se os acertos a cada tentativa. No experimento 1 a ANOVA one way para análise intergrupo não encontrou diferença significativa na fase de aquisição, porém o ANOVA two way para análise intragrupo observou efeito de interação positivo ao GFI1 ($p=0,04$). A ANOVA two way também apontou vantagem significativa ao GFI1 na retenção e transferência ($p=0,018$). No experimento 2 a ANOVA one way para análise intergrupo e o ANOVA two way para análise intragrupo não encontraram diferença significativa para os grupos GFI2 e GFE2, porém o grupo GFI2 conseguiu manter seu desempenho ao longo de todo o processo, já o grupo GFE2 apresentou um decréscimo no desempenho durante os blocos de aquisição, retenção e transferência. Os resultados mostraram em ambos os experimentos, que os grupos de foco de atenção interno (GFI1 e GFI2) apresentaram um melhor desempenho em todas as condições (aquisição, retenção e transferência). Assim, os resultados não condizem com a literatura no qual o foco externo é apontado como o mais eficiente, tanto na aquisição, quanto no desempenho de habilidades motoras; pois o mesmo em tese sugere que o indivíduo utilize processos cognitivos “automatizados” durante a execução da habilidade motora, isto favoreceria uma menor variabilidade do movimento. No entanto indivíduos que se encontram no início do processo ensino-aprendizagem tendem a ter alta demanda cognitiva para a execução da tarefa, pois os mesmos dirigem sua atenção a reorganização espaço-temporal do movimento, só após o refinamento do plano motor, a atenção para a execução do movimento é diminuída, devido a “automatização”. Portanto sugere-se que para aprendizes sem contato prévio na tarefa, o foco interno seja o mais eficiente, pois ajudaria a organizar e compreender os parâmetros fundamentais para o sucesso do movimento, a partir da “automatização” o foco externo proporcionaria maior eficácia, pois auxiliaria o aprendiz a ter uma menor variabilidade do movimento. Assim, novos estudos relativos ao foco de atenção associados ao processo ensino-aprendizagem de habilidades motoras necessitam ser realizados, para um melhor entendimento dos mecanismos que embasam a aprendizagem.

Apoio Trabalho:



MEDO NO ESPORTE: ASPECTOS QUE INFLUENCIAM NEGATIVAMENTE COBRADORES DE PÊNALTI NO FUTEBOL DE CAMPO.

Caetano Carlos, L.; Norie Ishimura, A.

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

Medo faz parte do cenário do esporte e suas correlações no desempenho do atleta e por extensão em outras situações. Primeiramente é possível aceitar o medo como algo natural e, portanto, criar resistências perante o medo é perda de tempo, pois se não houvesse o medo para que serviria a coragem. Lutar contra o medo só serve para criar resistência, produzir ansiedade, nervosismo e insegurança, e com isso diminuir a qualidade da nossa tarefa, o medo deve ser absorvido com naturalidade e transformá-lo em algo positivo. O futebol, no Brasil, é o principal esporte do país. Foi introduzido por Charles Miller e rapidamente se tornou uma paixão para os brasileiros, que frequentemente referem-se ao país como "a pátria de chuteiras" ou o "país do futebol". Segundo pesquisa feita pela Fundação Getúlio Vargas, o futebol movimenta R\$ 16 bilhões por ano, tendo trinta milhões de praticantes (aproximadamente 16% da população total), 800 clubes profissionais, 13 mil times amadores e 11 mil atletas federados. Dentro todos os momentos de emoção que são constantes no futebol o pênalti é sem dúvida um dos mais emocionantes e que pode causar mais medo nos atletas. Pênalti, penalty ou penalidade máxima é, no futebol, a falta suprema para a equipe. Deve ser marcada toda vez que houver uma falta dentro da grande ou da pequena área que favoreça o time adversário ao do goleiro que defende a baliza de tal área. Tendo em vista a importância do penalti principalmente em ser maneira mais fácil de alcançar o objetivo do futebol que é o gol, dependendo da situação pode causar grande medo nos cobradores. O objetivo desses estudo é descobrir o que mais influência negativamente os cobradores de penalti, através de um questionário aplicado em atletas. Dentre os aspectos analisados estão, pressão da torcida, ter errado a ultima cobrança, goleiro, placar adverso e final de jogo.

Apoio Trabalho:

Email: l.caetanocarlos@gmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO



O BULLYING E A EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O FENÔMENO

Carlos, L.

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

O objetivo deste trabalho é analisar os efeitos do bullying, em aulas de Educação Física, verificar a atuação do docente em situações agressivas deste gênero, propor sugestões de manejo de situações críticas e extinção do fato agressivo, através de revisões bibliográficas e reflexões, neste ensaio analisamos o Bullying como o desejo deliberado de maltratar uma pessoa e colocá-la sob tensão (Tatum e Hebert), com (Machado 2009) analisamos os aspectos da competição escolar e a busca de uma iniciação precoce em crianças na Educação Física como agentes que favorecem e catalisam a presença do fenômeno e a difusão do bullying nas aulas, conforme (Krech e Crutchfield 1957) " desde o momento em que nasce, o homem está rodeado por outros homens, é claro, portanto, que seu ambiente social contribui para modelar seu desenvolvimento" a família, a escola, e a sociedade, fazem parte do ambiente da criança e servem de modeladores para a mesma, verificamos também o papel do professor neste cenário como vítima, espectador, e autor do fenômeno, Segundo (Fante e Pedra 2008) alguns dos sentimentos da vítima são "angústia, raiva, e desejo de vingança", e com (Lavoura 2008) analisamos alguns dos estados emocionais da crianças vítimas do bullying, e concluímos que, a Educação Física como área que busca a prevenção e a manutenção da saúde, deve abordar o indivíduo como um todo, nos aspectos culturais, fisiológicos e psicológicos, se o ambiente educacional de base tem como papel fundamental a preparação de indivíduos que serão os futuros líderes ou transformadores da sociedade, que pessoas são estas que estão sendo formadas e qual a transformação para a sociedade, em suma os educadores e as escolas não encontram-se preparados para o confronto com este problema social, na maioria das vezes eles negam presença do fenômeno, mas com este trabalho o mesmo foi identificado, abrindo novos horizontes para traçar futuras pesquisas, com o real propósito de eliminá-lo não só das aulas mas também da sociedade.

Apoio Trabalho: Afonso Antônio Machado

Email: leledeadcell@yahoo.com.br

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO



O CORPO DO “MALANDRO”: UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE CULTURA E PROCESSOS DE SUBJETIVADAÇÃO.

Carneiro, S; Dias, R

Instituição: Unesp-Rio Claro

Nesta pesquisa propomos estudar as relações entre cultura e processos de subjetivadação a partir da identificação das marcas da chamada cultura da malandragem tal como se expressa por meio da sensibilidade de uma obra de arte. Cartografamos na peça teatral “A ópera do malandro”, de Chico Buarque de Holanda, as marcas do movimento do corpo do malandro que nos permitem identificar a constituição de um princípio ético e de uma escolha estética ao transitar nas fronteiras da marginalidade e da legalidade estabelecidas no interior da cultura brasileira. Estudamos o “corpo” e o “movimento” em uma dimensão política situados na cultura. Para isso assumimos a concepção de cultura como um campo de materialidade configurada por forças em permanente tensão. Investigamos na “Ópera do Malandro” as configurações da subjetividade observando um corpo que aprende a dançar para “não dançar na vida”.

Apoio Trabalho:

Email: sergiowushu1@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA MÍDIA ESPORTIVA EM ATLETAS E TORCEDORES.

Cecarelli, LR; Cecarelli, MR; Franco Júnior, JE; Bagni, G

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física-LEPESPE

Verificar a interferência exercida pelo locutor ou comentarista sobre o espectador do espetáculo esportivo, foi objetivo desta pesquisa. Apoiado em literatura da área, soubemos que o comportamento do torcedor decorre de vários aspectos que compõem a vida deste ator, tais como os econômicos, políticos ou socioculturais.(MACHADO e cols, 1997). Outro fator decorre da mídia que trabalha com o sensacionalismo: o jogo de cena e as palavras enviezadas alteram nosso imaginário, diante de situações que não condizem com o real.. Foi utilizada como metodologia a pesquisa qualitativa, pesquisa de campo do tipo participante, com um conjunto de 15 torcedores denominados ocultos (TUTKO, 1989), que assistiram e/ou ouviram ou uma partida de futebol, sondando



através de questionário de perguntas abertas, semi-estruturadas. Para analisar a alteração de conduta, durante a partida, decidiu-se pela observação direta e auto-relato, ampliando o entendimento do fenômeno estudado e possibilitando uma maior compreensão do mesmo. A análise das respostas foi realizada através de categorização. Após coleta de dados e discussão notamos a indução por parte dos locutores/comentaristas nos estados emocionais dos torcedores-ocultos, acarretando situações de descontrole emocional e alterações fisiológicas severas, assim como uma preocupação dos atletas em não saber o que era dito sobre seus desempenhos.

Apoio Trabalho:

Email: lucas_cecarelli@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

A ANSIEDADE E SUAS INFLUÊNCIAS NO PSICOLÓGICO DE ATLETAS JUNIORES DE FUTEBOL.

Cecarelli, LR; Cecarelli, MR; Franco Júnior, JE; Verzani, RH; Morão, KG; Bagni, G; Machado, AA

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física-LEPESPE

É sabido que o futebol é o esporte mais praticado no mundo e, entre os vários fatores intra e extracampo que podem influenciar no resultado, estão os aspectos psicológicos. Muitos jovens sonham em se tornar grandes craques e conseguir sucesso, dinheiro e reconhecimento por meio deste esporte. Uma das principais competições para estes jovens é a Copa São Paulo de Futebol Júnior que é o maior, mais conhecido e disputado torneio de futebol para atletas juniores do Brasil. Sabemos que um dos fatores que mais afetam os atletas é a ansiedade e está diretamente ligado, a importância da competição, de cada jogo, distância de casa, viagem de avião, mudança de hábitos, adaptação ao clima e fuso horário, entre outros aspectos que provocam um aumento da ansiedade. O objetivo deste estudo foi analisar o nível de ansiedade pré-competitiva nos atletas de uma equipe durante a primeira fase da competição, composta de três partidas, sendo estas a 1^a contra a equipe da casa, a 2^a contra uma equipe de grande porte do estado de São Paulo e a 3^a contra uma equipe que já estava eliminada. A amostra utilizada foi de vinte atletas do sexo masculino, na faixa etária entre dezenas e dezoito anos, representantes do clube ABC Futebol Clube – RN, integrantes do grupo P (sediado na cidade de Rio Claro – SP) juntamente com os times Rio Claro Futebol Clube - SP, Santos Futebol Clube - SP e Esporte Clube Comercial – MS. Foi utilizado um questionário com questões fechadas, aplicado aos atletas em momento anterior à partida, contando com a colaboração e disponibilidade de atletas e comissão técnica.



Uma estréia contra a equipe da casa, uma partida decisiva contra uma equipe de grande porte ou um desafio contra um clube já desclassificado, mas valendo a decisão da classificação para a próxima fase; qual destes desafios desencadeou nos atletas maior nível de ansiedade? Analisando os dados obtidos nos questionários, notamos a predominância da diminuição da confiança dos atletas com o decorrer das partidas, o que deixa-nos subentendido a interferência do estado de ansiedade nos momentos antecessores as partidas culminando o seu ápice na última partida que reportava a possibilidade de classificação para fase seguinte.

Apoio Trabalho:

Email: lucas_cecarelli@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

RELAÇÕES ENTRE MOTIVAÇÃO NO ESPORTE DE ALTO NIVEL E ABANDONO PRECOCE

Cecarelli, M.; Bomfim, A.; Sbors, I.

Instituição: Fundação Hermínio Ometto UNIARARAS

No esporte, os fatores motivacionais formam um dos principais elementos que impulsionam o sujeito à prática. Assim, esta revisão bibliográfica objetiva apresentar alguns dos principais fatores responsáveis pela iniciação, permanência e intensidade do indivíduo dentro da modalidade, bem como suas relações com o constante abandono precoce advindo de inúmeros fatores. A busca pela melhora da saúde e das condições físicas, a ociosidade e o tempo disponível, o gosto por determinada modalidade e as relações de amizade são alguns dos fatores que levam muitos indivíduos a iniciarem uma prática esportiva. Contudo, independente da modalidade, a motivação é indispensável quando se trata de esporte de alto nível, pois a repetição de movimentos e exercícios se faz presente a todo o momento, na busca pela excelência, o que faz com que o treinamento se torne cíclico e muitas vezes cansativo para o atleta. Entende-se por motivação a direção e a intensidade dos nossos esforços (Sage, 1977). Direção do esforço refere-se ao indivíduo procurar aproximar-se ou ser atraído a certas situações e intensidade do esforço refere-se a quanto esforço uma pessoa coloca em determinada situação (Weinberg e Gould, 2001). Desta forma, o técnico deve encontrar maneiras de motivar seus atletas o tempo todo dentro do ambiente de treinamento, no qual a cobrança e a pressão estão sempre presentes além da rotina de trabalho que tende a ser repetitiva, evitando assim que os atletas sintam-se desmotivados, o que irá interferir no seu desempenho. Assim, tendo em vista esses conceitos, é importante ressaltar que os aspectos motivacionais devem ser levados em conta com atenção especial, pois podem



evitar que ocorra o abandono precoce do atleta na modalidade. Normalmente os atletas que compõe equipes de alto rendimento são os que iniciaram precocemente no esporte, acumulando muitos anos de treinos exaustivos, o que pode fazer com que se sinta esgotado física e psicologicamente. Por outro lado há os casos de atletas que apesar de todo o treinamento intenso, não conseguem alcançar grandes feitos, levando-os ao abandono precoce. Desta forma podemos entender que a motivação está estreitamente ligada com o esporte de alto nível, uma vez que o estado emocional do atleta é tão importante quanto o técnico e o físico quando se almeja alcançar grandes resultados.

Apoio Trabalho: LEPESPE

Email: matheus_cecarelli@yahoo.com.br

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

A MOTIVAÇÃO DE NADADORES MASTER PARA A PRÁTICA COMPETITIVA

Chaves, AD; Magrim, NP; Barbosa, PL; Massetto, ST; Nogueira, MDGR

Instituição: Universidade Federal do Triângulo Mineiro

A prática desportiva, de início, é normalmente entendida como um prazer, que à medida que evolui desperta várias emoções, tanto positivas como negativas, uma vez que o esporte permite que jovens praticantes usufruam de oportunidades de auto-expressão, de esforços em busca de objetivos, de auto-realização e prazer. Contudo, se olharmos mais atentamente, poderemos indagar acerca dos fatores que levam as pessoas a participarem sistematicamente, durante várias horas, dias, e mesmo assim manter o entusiasmo durante os treinamentos e competições inerentes a modalidade Natação. A motivação é um tema amplamente abordado na Psicologia, assim como na Psicologia do Esporte. Os aspectos motivacionais da prática esportiva, tanto em relação ao esporte de competição como do esporte de recreação e lazer, têm sido investigado de maneira pertinente em jovens e adultos. Esta refere-se a fatores que levam um indivíduo a agir em direção a um determinado objetivo. Isto é, pode referir-se a motivos pelos quais o indivíduo opta por fazer algo, executando uma tarefa com maior empenho que outra. A motivação aparece assim ligada ao comportamento dos indivíduos, sendo considerada como causa determinante e condicionante ao grau de eficácia da execução de uma tarefa. Sendo assim, este trabalho teve como objetivo investigar a motivação que leva algumas pessoas a participarem de competições de natação na categoria máster. O estudo foi realizado com uma amostra de 70 nadadores, com idade acima de 20 anos, de ambos os sexos, participantes do Circuito Mineiro de Natação Master, organizado pela Federação Aquática Mineira. O instrumento de pesquisa utilizado foi o “Questionário de



Motivação para as Actividades Desportivas" (QMAD). O QMAD foi traduzido e adaptado do Participation Motivation Questioner – PMQ. Este instrumento é formado por 30 itens, agrupados em 6 fatores, sendo o fator 1 – Realização/Estatuto; fator 2 – Objetivos Esportivos; fator 3 – Orientação para o Grupo; fator 4 – excitação; fator 5 – Divertimento; e fator 6 – Influência Social. As respostas são dispostas em uma escala tipo Likert, na qual o 1 representa nada importante, o 2 pouco importante, o 3 importante, o 4 muito importante e o 5 totalmente importante. A coleta foi realizada durante a última etapa do Circuito Mineiro de Natação Máster. Os dados coletados foram analisados por meio do pacote estatístico SPSS 17.0 (Statistical Package of Social Sciences for Windows), utilizando análise descritiva, e os resultados apresentados por porcentagem de freqüência de respostas. Os resultados demonstraram que 'fazer exercício' foi o único motivo considerado importante por 41,42% dos participantes. Os motivos considerados muito importantes foram 44,28% 'melhorar a capacidade técnica', 41,42% 'fazer novas amizades', 38,57% 'estar com os amigos' e 'ultrapassar desafios', 34,28% 'aprender novas técnicas' e 'estar em boa condição física', 32,85% 'manter a forma', 31,42% 'espírito de equipe', 30% 'divertimento' e 27,14% 'influência da família ou amigos'. Já o que foi considerado nada importante para os entrevistados foi 34,28% 'pretexto para sair de casa'. Através dos resultados podemos perceber que a motivação de nadadores máster parece estar relacionada ao aspecto social, a saúde, ao lazer e a questão de superação. Podemos perceber que este tipo de atividade competitiva pode trazer inúmeros benefícios aos praticantes incrementando também aspectos na qualidade de vida. Diante destes resultados acreditamos contribuir para uma eficaz organização e intervenção dos profissionais da área, pois conhecendo as necessidades dos praticantes podemos tentar reduzir o nível de abandono, aumentando qualitativa e quantitativamente o nível de envolvimento destes.

Apoio Trabalho:

Email: alinedessupoyo@ig.com.br

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

COMPREENDENDO A AUTO-EFICÁCIA PARA A APRENDIZAGEM E REALIZAÇÃO DE ELEMENTOS ACROBÁTICOS NA GINÁSTICA GERAL E CAPOEIRA

Chiquito, J.R.; Bandeira, T.L.; Venditti Jr., R.

Instituição: Faculdade de Ed. Física - Unicamp

A crença de auto-eficácia na Teoria Social Cognitiva (TSC) está ligada à auto-regulação do indivíduo e indiretamente relacionada ao desempenho do atleta, influenciando-o



positiva ou negativamente. Nesse sentido, buscamos uma interpretação da influência da auto-eficácia na aprendizagem e desenvolvimento de elementos acrobáticos nas modalidades de ginástica geral e capoeira, visto seu alto nível de complexidade e a transferência de habilidades existente entre estes elementos. A metodologia escolhida para a realização deste trabalho consistiu no método qualitativo de pesquisa, por meio de questionário estruturado, com questões previamente determinadas e abertas. Foram aplicados questionários a sete praticantes destas modalidades, sendo quatro praticantes de capoeira e dois praticantes de ginástica geral, praticando um deles ambas as atividades. Na discussão dos resultados, as respostas iguais ou semelhantes foram agrupadas, possibilitando a formação de categorias de análise. Constatamos que as experiências diretas, experiências vicárias, persuasão verbal ou social – fontes determinantes do conceito de auto-eficácia no indivíduo – são extremamente relevantes na realização de elementos acrobáticos e influenciam a percepção da auto-eficácia do sujeito em relação à sua capacidade de realização. Observamos também que o medo de lesões influencia sobremaneira a realização de certas atividades, constituindo-se um fator de destaque no estado fisiológico do indivíduo. Consideramos que a relação entre professor e aluno deve direcionar-se também para a orientação deste constructo estudado, para possibilitar influências positivas, além da elaboração de educativos para a melhor compreensão da tarefa, desenvolvendo a reflexão e os mecanismos cognitivos de nossos alunos, praticantes ou atletas. Palavras-chave: Auto-eficácia; Percepção; Capoeira; Ginástica Geral.

Apoio Trabalho:

Email: rubensjrv@yahoo.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

MULHER ATLETA: EXPECTATIVAS CORPORAIS NO FUTEBOL

Dezan, F.F.; Machado, A.A.; Ruiz, E.T.

Instituição: LEPESP - UNESP - Rio Claro

O presente estudo tem como objetivo apresentar uma breve análise sobre a presença feminina, representada aqui por mulheres/meninas praticantes de futebol, em um ambiente caracterizado essencialmente por qualidades inerentes ao universo masculino, tais como força, virilidade, agressividade e tantas outras que, mesmo quando apresentadas separadamente, são capazes de produzir situações conflitantes e discussões que coloquem em xeque a feminilidade de seus participantes, o que dirá quando apresentadas em conjunto e sob a ótica de um mesmo esporte. Quando há comparação ou surgem idéias sobre mulheres praticando esportes de alto rendimento, com marcas



notáveis e resultados expressivos, vêm à tona discussões sobre o que é o esporte para a mulher, algo como agressão ao corpo feminino, afirmação de sua capacidade atlética, embates sexistas com relação às qualidades inerentes ao que é ser homem ou mulher dentro do esporte, esportes para homens, esportes para mulheres, etc. O que se sabe é que ainda hoje, ao tomarmos como exemplo e base para este estudo o futebol, vê-se que o padrão do esporte é o que vem do masculino, qualquer outra coisa, passa a ser derivada do mesmo. Para a realização desta pesquisa foi utilizado um questionário com perguntas abertas com 19 atletas do sexo feminino praticantes de futebol, com idades entre 12 e 20 anos. As perguntas tinham como objetivo verificar a consciência destas participantes sobre a ocorrência de preconceito por estas serem praticantes do referido esporte e utilizarem-se deste fato para se beneficiar em uma competição, se estas atletas já haviam sofrido algum tipo de preconceito, o sentimento destas com relação a esta situação e como é o convívio com os homens praticantes de futebol. Com o desenvolvimento deste estudo pudemos detectar fatores interessantes no que tange a consciência e intencionalidade das participantes da pesquisa em utilizarem-se deste panorama preconceituoso, sexista e vinculado a imagem masculina para obterem êxito em seu esporte, uma vez que foi relatado que é sabido que existe o preconceito e este está presente no dia-a-dia das esportistas, quer seja dentro de quadra/campo ou em atividades cotidianas. Flavio Francisco Dezan; Afonso Antonio Machado; Eduardo Toni Ruiz LEPESP – UNESP - Rio Claro - SP

Apoio Trabalho:

Email: flavio_dezan@yahoo.com.br

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

PSICOLOGIA HUMANISTA E ESPORTE

Epiphanio, E. H.

Instituição: Uniararas

O objetivo deste trabalho é apresentar os principais pressupostos da Psicologia Humanista discutindo sua aplicação em intervenção psicológica com equipes esportivas. E foi baseado na experiência prática da autora em intervenções psicológicas com atletas de esporte individual e coletivo, entendendo o Humanismo como qualquer doutrina que pense o Homem tomando como critério aquilo que o diferencia de qualquer outro ser, ou ainda, que entenda o Homem na sua própria existência. Amatuzzi (2009) enfatiza que a elucidação do vivido baseada na consideração de experiências concretas e situadas, conduzindo a uma compreensão teórica possibilita lidar melhor com o fenômeno, explicando como a análise de experiências interventivas pode ser um recurso



eficiente na construção do conhecimento acerca do fenômenos psicológicos vivenciados no contexto esportivo. A Psicologia Humanista, também por ter uma visão de Homem que enfatiza os aspectos conscientes de suas vivências, tem mostrado extremamente coerente aos objetivos da preparação psicológica com atletas que visa uma maior percepção destes aspectos psicológicos que influenciam o rendimento esportivo, para que estes possam ter um maior controle das emoções negativas e potencializar as positivas. Na Psicologia Humanista destaca-se a intencionalidade como principal pressuposto. A intencionalidade refere-se ao potencial de decisões que o ser humano possui e esta, sem dúvida, caracteriza o envolvimento do atleta com sua prática ou então a identificação de aspectos que limitam sua vivência esportiva. Fromm (1974) enfatiza que na ética humanista o bem é a afirmação da vida, bem como desenvolvimento das capacidades do Homem. A virtude consiste em assumir-se a responsabilidade por sua própria existência. Nas vivências esportivas é incontestável, que quando o atleta assume a responsabilidade por seu rendimento e pelo seu envolvimento com o treinamento, as possibilidades de evolução é nitidamente superior. Trabalhar o aqui e agora é o que se mostra mais eficiente com um grupo de indivíduos que lutam por adquirir melhores resultados esportivos e, as abordagens de enfoque humanista priorizam tais vivências. E para finalizar, o trabalho psicológico humanista oferece um contexto dialógico, que promove o encontro com o poder que a pessoa possui sobre as determinações que a afetam, apostando na autonomia crescente da pessoa, sendo assim o processo de comunicação entre terapeuta e atleta também deve ser destacado. O terapeuta deve ser um facilitador para que o atleta encontre um clima favorável, confiável e aberto para que sua fala faça sentido ao seu processo de evolução enquanto atleta e ser humano. Nas experiências de intervenção vivenciadas percebeu-se que os atletas quando encontram um espaço para expressão emocional, seja negativa ou positiva, e uma escuta aberta e sem julgamentos desenvolvem uma maior percepção sobre si mesmo facilitando sua busca por melhores recursos psicológicos para suportar as intensas cargas física e mental decorrentes da prática esportiva de alto rendimento.

Apoio Trabalho:

Email: erikapsicoesporte@yahoo.com.br

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

VIGOREXIA E SEUS DESDOBRAMENTOS: OLHARES DA PSICOLOGIA DO ESPORTE

Faber Gomes de Oliveira, K.

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física



Vigorexia e seus desdobramentos: olhares da Psicologia do Esporte Karine Faber Gomes de Oliveira (LEPESPE- DEF-IB-UNESP) É um transtorno no qual as pessoas realizam práticas esportivas de forma contínua, com uma valorização religiosa, um fanatismo a ponto de exigir do seu corpo um esforço muito além do que se pode suportar, não se preocupando com eventuais consequências ou contra-indicações. É bastante curioso observar como as patologias mentais se transformam ao longo do tempo e entre as diversas culturas, estando assim sensíveis as mudanças sócio-culturais. O principal grupo atingido é do sexo masculino, em torno de 60%, a idade em que se mais evidencia esse transtorno é entre os 14 anos e 26 anos. A vigorexia vem associada a muito outros problemas psíquicos como a apatia, a depressão a irritabilidade e o abandono de atividades em conjunto, uma vez que seu treino é solitário. Para se obter o físico tão sonhado os vigorexicos podem recorrer a métodos arriscados como o uso de anabolizantes, e suplementos alimentares (cafeína, anfetaminas, cocaínas), partindo para meios mais evasivos como as cirurgias plásticas em clínicas clandestinas. Nossa pesquisa buscou, após entrevistas com 3 indivíduos que apresentavam o perfil de vigorexia, verificar características aleatórias entre eles, não seguindo um mesmo padrão, mostrando entre as mais evidentes: perfeccionismo, timidez, ansiedade e um certo medo de ser questionado sobre sua forma física. Porem o que mais chamou atenção foi o ponto em comum que todos apresentavam, a ausência de outras atividades, alegando o motivo de se sentirem prejudicados caso deixem de treinar. Os dias normalmente são tidos como rituais a serem seguido, e que tudo deve se encaixar mediante ao tempo que se dedicam nas academias, tudo mais pode ser adiado tornando-se secundário. Conclui-se, assim, que para o tratamento desta doença deve ser trabalhado em uma equipe multidisciplinar, contendo principalmente psicólogos, e reconhecer que esta doença pode prejudicar não somente quem é acometido e vivencia isso dia a dia, mas também quem esta ao lado e não sabe como lidar com o problema, que ainda esta longe de assumir uma posição de doença que pode certamente ser curado com total eficácia.

Apoio Trabalho:

Email: karine_faber@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

LESÕES NO ESPORTE E O PAPEL DA INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA

Ferreira, M.J.

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

Sabe-se que a prática regular de atividade física proporciona inúmeros benefícios. No entanto, a prática de esportes de alto nível trás junto aos benefícios, os altos riscos,



principalmente em forma de lesões, seja ela física ou psicológica. Alta carga de treinos e jogos, uso de materiais inadequados para a prática e/ ou para o momento, a busca pela máxima performance, e até o início precoce servem como fatores responsáveis pelo alto índice de lesões que têm se observado ultimamente, mesmo quando sendo praticado de forma recreativa. Para a Psicologia do Esporte, o stress e estados emocionais em situação comprometida, são também considerados relevante para o surgimento de lesões. Dependendo o grau da lesão ela pode ter sérios impactos adverso no emocional do atleta. Este, quando lesionado, passa por diversas repercussões psicológicas, o que dificulta o processo de reabilitação. A psicologia esportiva aplicada visa contribuir para uma reabilitação eficaz da lesão, melhora do bem-estar e o funcionamento geral do atleta. Bons níveis de iniciativa do atleta, auto motivação e responsabilidade ajudariam no processo. O aspecto preventivo aplicado é indispensável devido sua importância no decorrer da vida desportiva. Atualmente técnicos têm valorizado a parte psicológica em suas equipes de futebol para que jogadores possam lidar com situações adversas. NITSCH (1987,153) e SAMULSKI (1988,36) alegam que através do treinamento de auto-controle o desportista deverá aprender a se controlar, sem ajuda externa, nas situações extremas e difíceis. MENESES (1983) afirma que lesões podem ser diminuídas quando se trabalha de forma consciente e bem planejada o condicionamento em geral e não só o físico. Um planejamento de intervenção que utilize técnicas psicológicas deve ser montado de acordo com cada atleta, levando sempre em consideração o nível da lesão, histórico do atleta, seu estado emocional atual, entre outros. A boa relação atleta/ profissional da psicologia é fundamental. Pesquisas afirmam que a quantidade de dor do atleta depende não apenas da gravidade, mas também da confiança daqueles que estão cuidando. Assim, ao confortar o jogador, mostrar otimismo e confiança só proporcionará benefícios, fazendo com que ele volte mais rapidamente as atividades esportivas e recuperado de forma completa.

Apoio Trabalho:

Email: maycon_jrf@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

A INTERFERÊNCIA DA DESMOTIVAÇÃO NO DESEMPENHO DE ATLETAS

Figueirêdo, T.

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

A motivação pode ser considerada um dos mais importantes combustíveis do ser humano, e seu estudo é importante principalmente na compreensão da influência da motivação sobre o desempenho esportivo e o bem-estar dos atletas. Ela pode ser



caracterizada por fatores pessoais (motivação intrínseca) e ambientais (motivação extrínseca). Dentre os fatores motivacionais, o técnico tem grande importância pois, na maioria das vezes, partirão destes o incentivo que poderá influenciar diretamente nos atletas um comportamento motivado. No caso de estar desmotivado, um esportista não desempenhará ou desempenhará mal sua tarefa. Por isso, 22 atletas de handebol, categoria adulto, das equipes SEME Rio Claro e Handebol Itu, responderam um questionário, onde buscava-se investigar a falta de motivação e pensamentos de abandono. Foram encontrados resultados que corroboram com a literatura, nos quais as causas da desmotivação estão relacionadas, principalmente, às dificuldades de relacionamento com o técnico, monotonia dos treinamentos, decepção das expectativas, sentimento de isolamento diante da equipe técnica e carência de reforços positivos pelos resultados conseguidos. Esses mesmos motivos, além de outros, como lesões, são causas do abandono esportivo. Porém, os resultados obtidos sugerem que os atletas pesquisados, mesmo os que se mostraram desmotivados, não apresentaram, em sua maioria, propensão a parar de praticar handebol, mostrando que falta de motivação e pensamentos de abandono do esporte podem estar presentes entre atletas, em maior ou menor grau. Ainda que não se intensifiquem a ponto de resultar em abandono.

Apoio Trabalho:

Email: tha_figueiredo_@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA DO ESPORTE

Fischer, F; Machado, A

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

A Educação Física Escolar, entre outros objetivos, deve propiciar o desenvolvimento afetivo-social de seus alunos, e dentro desse domínio encontramos os estados emocionais, freqüentemente pouco explorados nessas aulas. Sabemos que a atividade física, em qualquer âmbito, atua sobre o indivíduo, modificando seus componentes físicos, motores, sociais, psicológicos e afetivos. Sendo assim, através desse estudo buscamos analisar qual importância tem sido atribuído ao desenvolvimento afetivo-emocional nas aulas de Educação Física, em que contexto se manifestam as emoções durante as aulas, e como esse trabalho tem sido desenvolvido pelos professores, sugerindo também algumas formas de atuação para os mesmos. Para isso, foram entrevistados alunos e professores de Educação Física de duas escolas públicas de Rio Claro. Após a análise e discussão dos dados, somados à revisão de literatura, ficou



evidente que o trabalho das emoções dentro do ambiente escolar tem sido pouco explorado e que há uma grande dificuldade dos professores em incluir o desenvolvimento emocional em seus conteúdos, objetivos e metodologias. Constatou-se também, que essa dificuldade por parte dos professores, se deve ao distanciamento destes da realidade dos alunos, dificultando assim um bom relacionamento entre eles e com isso uma melhor intervenção dos professores. Ficou evidente também a falta de preparo dos professores para lidar com situações problemas nas aulas de Educação Física.

Apoio Trabalho:

Email: fischeref@gmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

ANÁLISE DA RELAÇÃO ATLETA E TORCIDA À LUZ DE UMA PSICOLOGIA BIOECOLÓGICA

Fischer, F; Machado, A

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

A pressão exercida pelo torcedor provoca diversos tipos de emoções no atleta, sendo elas positivas ou negativas. A ansiedade, o medo, a agressão e a motivação serão apontados neste estudo. O objetivo deste trabalho foi, apoiado em uma pesquisa bibliográfica, entender a problemática que envolve a torcida e o rendimento dos atletas, e mostrar as vias utilizadas pela torcida para interferir nos gestos técnicos do atleta que necessita estar atuando sempre em bom nível e no limite físico, técnico e psicológico, para manter seu rendimento. Para isso foram entrevistados 32 atletas das modalidades de futsal e basquetebol, da cidade de Rio Claro, de ambos os sexos, com média de idade de 22 anos e média de 4 anos de prática em sua modalidade. A atuação do atleta não deixa de sofrer influência de alguma assistência: em toda circunstância ele terá a vigilância de colegas de equipe, técnico, amigos, família e torcedores ocultos. O torcedor tem um poder tão forte que pode alterar situações políticas de clubes, equipes e atletas, conforme vemos na mídia. Existe uma força externa mobilizadora. Diferentes situações ocorrem dentro e fora da partida, originando estímulos que serão lançados a todo o momento, no ambiente; técnicos, a mídia, os pais e amigos e o público, entendidos aqui como torcida, e reagem de forma instável aos acontecimentos do espetáculo e apresentam comportamentos variáveis devido aos aspectos pessoais e se seus contextos, gerando um “equilíbrio-desequilíbrio” conhecido pelos estudiosos das teorias bioecológicas.



Apoio Trabalho: CNPq - PIBIC

Email: fischeref@gmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

MOTIVAÇÃO NO FUTEBOL DE CAMPO: UM ESTUDO DE CASO

Fischer, F; Schiavon, M; Machado, A

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

A motivação reflete um dos mais importantes atributos relacionados à vida e ao esporte. Sem este aspecto não conseguiríamos definir, dirigir e persistir em nossas ações, o que nos tornaria seres letárgicos. No esporte, a motivação é uma das principais responsáveis pelo empreendimento de ações que podem refletir na aprendizagem e no aperfeiçoamento de habilidades, bem como, melhora na saúde, estética, entre outras. Buscando atender nossos objetivos, investigamos por meio de um questionário estruturado, composto por 19 questões fechadas, 59 atletas (28 do sexo masculino e 31 do feminino), entre os dias 30 de junho e 09 de agosto de 2009, das equipes de futebol de campo de Rio Claro, participantes dos Jogos Regionais de Atibaia. Como resultado, verificamos que os atletas eram mais motivados para: vencer, manter a saúde, por gostar, manter o corpo em forma, ter bom aspecto, divertir-se, desenvolver habilidades e fazer novos amigos. Tal constatação nos mostra o valor dado por estes indivíduos à competência esportiva, que se apóiam no sonho de fazer fama e dinheiro como atletas profissionais. É importante que reconheçamos as múltiplas potencialidades de desenvolvimento que o esporte pode proporcionar e tenhamos ferramentas de trabalho e ação que desenvolvam tais potencialidades. Sem estas ações continuaremos apenas com o discurso rasteiro de que o esporte é bom para nossas crianças.

Apoio Trabalho:

Email: fischeref@gmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

COMPARAÇÃO DO EQUILÍBRIO E DO ESTADO COGNITIVO ENTRE IDOSOS ATIVOS E NÃO-ATIVOS

Fonseca, L. C. S.; Scheicher, M. E.

Instituição: Unesp-IB-Pós Graduação Desenvolvimento Humano e Tecnologias

Introdução: A população brasileira está em acelerado processo de envelhecimento, o que vem acarretando uma sobrecarga nos serviços de saúde e aumento no número de



pesquisas. Durante o envelhecimento aumentam os problemas relacionados com saúde pública, como as quedas. Devido suas inúmeras consequências, constitui um preocupante problema de saúde pública devido à sua freqüência, morbidade associada e aos elevados custos que o tratamento pós-queda demanda. Objetivos: Avaliar o equilíbrio e estado cognitivo de idosos praticantes e não praticantes de atividade física e comparar os resultados entre os grupos. Métodos: O estudo envolveu 31 idosos de ambos os gêneros, divididos em 2 grupos: G1 ($73,1 \pm 5,0$ anos) com 18 voluntários que não praticavam nenhum tipo de atividade física e G2 ($70,4 \pm 6,9$ anos) com 13 voluntários que participavam de algum grupo de atividade pelo menos duas vezes por semana, durante 1 hora e no mínimo há 6 meses. Não houve diferença significativa da idade entre os grupos. Eles foram informados sobre os procedimentos experimentais e assinaram o Termo de Consentimento, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa local. Os idosos responderam a um questionário sobre suas características gerais; tiveram seu equilíbrio avaliado pela Escala de Equilíbrio de Berg (EEB) que é composto por 14 itens avaliando tanto a forma como é realizado cada item, assim como o tempo em que este se realiza. Os escores totais variam de 0 a 56 pontos, sendo que a máxima pontuação está relacionada a um melhor desempenho. Os elementos do teste são representativos das atividades de vida diária e juntos podem responder sobre o desempenho dos idosos nas atividades motoras, bem como o equilíbrio ao realizá-las, e também podem prever a probabilidade de ocorrência de quedas; por fim, tiveram seu estado cognitivo avaliado pelo Mini Exame do Estado Mental (MEEM), teste com alta confiabilidade além de fácil administração. Aspectos relacionados com a atenção e a memória são verificados (orientação no tempo, a atenção e o cálculo, a nomeação de objetos, a compreensão de comandos falados e escritos, além da avaliação da escrita e das habilidades vísuo-espaciais). Um escore máximo de 30 pontos indica uma ótima performance, já os prejuízos cognitivos são definidos de acordo com o ponto de corte, dependendo do grau de escolaridade do sujeito. A análise estatística entre os grupos foi realizada pelo teste T, com $p \leq 0,05$. Resultados: Os dados foram apresentados em media \pm desvio-padrão (DP): escores da EEB = $48,4 \pm 4,0$ (G1) e $52,4 \pm 3,2$ (G2); escores do MEEM = $22,9 \pm 3,1$ (G1) e $26,8 \pm 3,2$ (G2). Foi encontrada diferença significativa entre os grupos tanto no equilíbrio ($p = 0,006$), quanto em relação ao estado cognitivo do idoso ($p = 0,002$) entre os grupos estudados. Conclusão: Por meio do estudo, verificamos que o exercício influencia de forma direta e positiva no equilíbrio e estado cognitivo dos idosos. Dessa forma, sugere-se que se invista em programas de atividade física como prevenção primária de quedas em idosos com exercícios apropriados e com devido acompanhamento de um profissional pelas necessidades que esse grupo populacional demanda.

Apoio Trabalho:

Email: ligiafonseca@terra.com.br

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

CORPO MASCULINO E ESPELHO: COMPORTAMENTO EM UMA ACADEMIA DE GINÁSTICA.

FONTANARI, L.; ZANETTI, M. C.

Instituição:

(Introdução) Atualmente as academias de ginástica podem ser consideradas extensões de nossa sociedade, no qual, além do culto ao corpo, podemos encontrar novos vocabulários, rituais, costumes, formação de grupos, expressão de gêneros e raças. Tal situação coloca estas instituições como ambientes ímpares para análise das relações dos diferentes corpos, bem como, sua inserção social. Nesta linha, o culto ao corpo e a imagem corporal encontram um aliado bastante importante dentro destes ambientes, o espelho, que na maioria das vezes recobre as paredes destas academias, facilitando assim a visualização do corpo. (Objetivos) Este trabalho teve como principal objetivo analisar a frequência de visualização dos indivíduos do gênero masculino na frente do espelho de uma academia de ginástica. (Metodologia) Foi investigada, a frequência de observação, compreendendo 38 observações de comportamento em relação à visualização na frente do espelho, de 12 indivíduos do gênero masculino de uma academia de ginástica da cidade de Vargem Grande do Sul - SP, durante 6 (seis) dias consecutivos, com 2 (duas) horas diárias de observação. (Resultados) Como resultado encontramos 5 observações (13,16%) de comportamento de não procura do espelho; 12 observações (31,58%) procuravam o espelho algumas vezes; 13 observações (34,21%) procuravam o espelho apenas durante o exercício e 8 observações (21,05%) buscavam o espelho frequentemente com o intuito de verificar e demonstrar sua imagem corporal na frente do espelho. (Conclusão) Os resultados encontrados demonstram claramente a importância que estes indivíduos dão para a presença do espelho dentro destes ambientes. Vale ressaltar que a amostra estudada compreende apenas uma pequena parcela do público presente dentro das academias de ginástica, porém, entendemos que ela reflete o comportamento de uma grande parcela presente nestes centros de prática de atividade física. Centros estes que têm se tornado importante referência em relação ao culto ao corpo e a forma física. Outra preocupação que deve ser mencionada é em relação aos malefícios que este tipo de prática pode indicar como distúrbios de imagem corporal e até patologias como: anorexia, bulimia e vigorexia. Portanto, sugerimos que os profissionais que trabalham nestes ambientes estejam atentos às distorções da imagem corporal que possam acometer tais indivíduos, fazendo com que sua prática seja pautada por hábitos saudáveis, já que este deve ser sempre o principal objetivo dos exercícios físicos.

Apoio Trabalho: UNIP - São José do Rio Pardo

Email: lucasfontanari@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

NATAÇÃO DE ALTO RENDIMENTO: ASPECTOS MOTIVACIONAIS PARA ATLETAS COM E SEM DEFICIÊNCIA FÍSICA

França, G.L.S.; Barbosa, J.R.C; Bellas, A.; Romariz, S.B.

Instituição: Faculdades Integradas Maria Thereza - FAMATH - Laboratório de Educação e Cultura

No esporte de rendimento a motivação é um aspecto de grande importância para o resultado positivo do atleta (SAMULSKI, 1995). Sendo assim esse estudo tem como objetivo identificar os fatores motivacionais que contribuem para a inserção e permanência de atletas com e sem deficiência física na natação de alto rendimento. Para este estudo foram entrevistados 88 atletas de natação de alto rendimento, sendo 44 atletas Sem Deficiência e 44 Com Deficiência. O grupo Sem Deficiência contou com 23 atletas homens e 21 mulheres e o grupo Com Deficiência com 29 atletas homens e 15 mulheres. Utilizou-se para a coleta de dados um questionário denominado Escala sobre Motivos para Prática Esportiva – EMPE (BARROSO, 2007). Sete fatores motivacionais foram avaliados quanto a sua importância para os praticantes da natação de rendimento: Status, Condicionamento Físico, Energia, Contexto, Técnica, Afiliação e Saúde. O grau de importância foi classificado de 0 a 10 pontos pelos (as) atletas e qualificados da seguinte forma: Nada Importante (entre 0,0 e 0,99); Pouco Importante (entre 1,0 e 3,99); Importante (entre 4 e 6,99); Muito Importante (entre 7 e 9,99) e Totalmente Importante (10). Os resultados indicam que o grupo Com Deficiência classificou como muito importantes todos os aspectos motivacionais avaliados para sua inserção e permanência na natação de rendimento, destacando o aspecto da saúde (9,5) com a maior pontuação e o do contexto (8,0) com a menor. Já o grupo Sem Deficiência classificou como Importante os aspectos motivacionais relacionados ao status (6,8) e contexto (6,7) e muito importante os demais, destacando a técnica (8,6) com a maior pontuação. Conclui-se que os (as) atletas com e sem Deficiência física são motivados pelos mesmos aspectos motivacionais para se inserirem e permanecerem na natação de rendimento, porém identificamos que os atletas com deficiência física buscam na natação recursos que possam favorecer a sua saúde muito mais que os atletas sem deficiência, os quais se motivam pela melhoria da sua habilidade técnica. Palavras-chave: Motivação, Deficiente Físico, Natação, Alto rendimento.

Apoio Trabalho:

Email: gilbertosalvadordefranca@gmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO



RENDIMENTO PSICOLÓGICO DE JOGADORES DE VOLEIBOL

Franco Júnior, J; Ribeiro Cecarelli, L; Carvalho MOura, T; Pilon Jürgensen, L

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

Muitos atletas sofrem com as tensões próprias da competição esportiva, que tanto interferem no rendimento atlético, podem ser prevenidas com eficácia através de uma preparação psicológica adequada. Desde o surgimento do conceito de preparação psicológica, com suas técnicas especializadas, sustentadas em bases científicas inquestionáveis, observamos o rendimento atlético crescer e superar patamares desconhecidos. A partir de uma revisão de literatura que embasou a pesquisa de campo que possibilitou categorizar alguns comportamentos de 516 atletas de Voleibol masculino. A análise dos estudos de De Rose Junior (1997), Machado (1998) e Hanin (2000) favoreceram os levantamentos de dados, possibilitando a realização de comparações e correlações de dados, conforme resultados encontrados. Em nossas coletas verificou-se a situação constrangedora de não se poupar o adversário, para atingir a vitória e a luta corporal foi considerada justa para defender o time, sem respeitar os limites sociais e a possibilidade de dirigir olhares e insinuações, como forma de ataque. Entendemos que, da maneira como se tem apresentado, a atividade física competitiva apenas retrata as questões envolvidas com o desenvolvimento físico, isolando e ignorando as possibilidades de um entrosamento da saúde mental e desenvolvimento afetivo-social e saúde mental, sempre em baixa, em atletas de alto nível, não concorrendo para um desenvolvimento pleno do atleta e negligenciando aspectos importantes para sua vida em grupo.

Apoio Trabalho:

Email: juninhonatacao@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

O ZOUK NA ESCOLA: A EXPRESSÃO DOS SENTIMENTOS NA DANÇA

Freitas, F.P.R.F.; Matthiesen, S.Q.M.; Darido, S.C.D.

Instituição: DE - Limeira

O zouk, dança de origem caribenha que se dança aos pares e que possui semelhanças com a lambada e com o forró, para a surpresa de muitos professores, tornou-se conteúdo a ser ministrado nas aulas de Educação Física das Escolas da Rede Pública do Estado de São Paulo a partir da Proposta Curricular de 2008. Na época, em contato com outros colegas, percebemos que, assim como aconteceu em nossa escola, muitos sequer tinham ouvido falar de tal dança. Para conhecer melhor o zouk foi preciso que se realizasse uma pesquisa para além dos cadernos fornecidos pela Secretaria de Educação, em especial na internet, já que este tipo de material não foi encontrado em outras fontes, como lojas ou



bibliotecas. No contato com alguns vídeos de zouk, uma segunda surpresa: tratava-se de uma dança extremamente sensual, que deveria ser desenvolvida nas 7^a séries do Ensino Fundamental. Para os mais críticos, nesse momento, muitas perguntas devem ter surgido: Por que este conteúdo? Por que nesta faixa etária? Qual a aceitação e repercussão entre alunos e comunidade? Isto é possível em minha escola e com meus alunos? Esse tipo de dança não irá estimular ainda mais a sensualidade entre os alunos? Passados três anos desde o início do trabalho com esse conteúdo nas escolas EE Prof. Odilon Corrêa e EE Prof^a. Carolina Arruda Seraphim, da cidade de Rio Claro, pudemos chegar a algumas respostas. Primeiramente diríamos que sim, foi possível vencer o desafio de se desenvolver o zouk na escola, partindo-se de um aprendizado coletivo que, em termos procedimentais, evoluiu da execução dos passos básicos para um festival e, posteriormente, para a elaboração de uma coreografia e apresentação em eventos. Na parte conceitual, ao tratar do local de origem do zouk, por exemplo, foi interessante descobrir que a maioria dos alunos já havia visto o filme “Piratas do Caribe”, mas poucos conseguiam apontar esta região no mapa-múndi. As questões afetivas presentes durante as aulas com o zouk, porém, foram os aspectos de maior destaque e que geraram o maior número de discussões, considerando a cultura, corporeidade, sexualidade, religiosidade, moral, vergonha, de cada um dos envolvidos. Polêmicas foram abertas a partir de observações como: “eu dançaria, mas minha irmã e minha mãe eu não deixava”; “essa dança é vulgar, mas a do ‘Créu’ não é porque não tem contato”; “na minha igreja a gente dança forró, pagode, mas não é pecado porque fala de Deus”; “você gostou de dançar porque estava com a menina mais bonita, enquanto eu fiquei com a feia”. Nesse turbilhão de sentimentos que iam surgindo, as discussões levaram muitos dos alunos a reverem seus conceitos e atitudes. Para o professor, as habilidades e, principalmente, a sensibilidade, foram testadas a cada uma destas novas situações, agregando um importante aprendizado que influenciou positivamente as estratégias de ensino. Um exemplo disto foi o modo progressivo de se apresentar o conteúdo, especialmente em respeito aos limites e possibilidades de cada aluno. Sendo assim, o zouk foi apresentado inicialmente por meio de vídeos e slides. Na parte prática, a progressão do passo básico sem contato, para o contato somente das mãos e, em seguida, para o contato em postura de dança, respeitou os limites de cada aluno, não sendo obrigatórias as execuções a partir do momento em que se sentissem desconfortáveis. O aproveitamento e a motivação variaram também de classe para classe, mas, de maneira geral, todos os alunos participaram. Concluindo, avaliamos que as aulas de zouk ministradas nas referidas escolas, evoluíram de um conteúdo exótico e que havia criado certa apreensão, para uma atividade que motivou os alunos e que provocou importantes discussões e mudanças de atitudes. Como foi mencionado nos Cadernos do Aluno e do Professor, aspectos pessoais e interpessoais puderam ser observados e a expressão de sentimentos por meio da dança abriu possibilidades para além do que, talvez, os próprios autores da proposta pudessem esperar.

Apoio Trabalho:

Email: fer_edfis@hotmail.com



Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

A INFLUÊNCIA DA MÚSICA NOS ESTADOS EMOCIONAIS E PSICOLÓGICOS EM ESPORTES COLETIVOS

Garcia Roncoletta, H

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

O objetivo deste trabalho foi analisar a associação entre música e atividade física no que diz respeito ao bem-estar psicológico e o estado de ânimo de participantes de esportes coletivos. Confirmam os estudos, que os benefícios da prática de atividade física juntamente com a música são muitos e inegáveis. Os participantes de esporte coletivo, por estarem sempre em contato com muitas outras pessoas e sempre sofrendo muitas influências de todos os lados (meio e pessoal), foram os escolhidos para o estudo. A literatura disponível e estudada apóia a idéia de que uma pessoa que esteja na presença de uma música de seu gosto, se estruturando de forma correta, pode se sentir mais motivada e psicologicamente preparada. A diferenciação dada nesse estudo foi à idéia de colocar a música “preferida” e “não-preferida”, assim conseguimos avaliar a influência positiva e também a negativa dada pela música. Por meio de questionários passados pré e pós a atividade física, fizemos a análise, e a conclusão foi o que os estudos já diziam, de que existe uma clara influência da música tanto nos aspectos do humor, quanto nos psicológicos, positivamente e também negativamente. Considerando tudo isso, a idéia de existirem mais trabalhos para o aprimoramento de treinamentos com a presença da música ideal é o foco do estudo.

Apoio Trabalho:

Email: hronco4@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

NÍVEL DE ANSIEDADE PRÉ-COMPETITIVA EM ATLETAS DE FUTSAL

Garcia, R.; Barciela, F.; Gouvêa, F.; Machado, A.

Instituição: LEPESPE / I. B. / UNESP – Rio Claro

Assistir um jogo é pouco diante dos fenômenos que acontecem na mente humana; é difícil imaginar o que se possa estar vivendo e sentindo. Felicidade, amor e alegria em frações de segundos podem ser substituídos por tristeza, desilusão e sofrimento o que faz do esporte um momento mágico e único. Esta ansiedade que o atleta é submetido freqüentemente em treinamentos e jogos, em níveis moderados pode auxiliar o mesmo a melhorar seu desempenho, porém, quando os níveis extravasam a tolerância deste indivíduo, poderá ocorrer queda no desempenho e graves distúrbios físicos e



psicológicos. O objetivo deste estudo foi investigar o nível de ansiedade de atletas da modalidade futsal adulto masculino. Foram investigados por meio do CSAI-2 (Competitive State Anxiety Inventory – 2), 80 atletas (6 diferentes equipes) com idade entre 15 e 36 anos (22.3 ± 6.2) participantes da Copa DEC/Liga 2010 de Futsal, categoria adulto masculino, realizada em Rio Claro – SP. Os dados foram coletados em março de 2010; posteriormente, os mesmos foram tabulados com o objetivo de identificar os níveis de ansiedade pré-competitiva cognitiva e somática apresentado pelos atletas. Apesar do instrumento também avaliar o nível de autoconfiança dos atletas, este quesito foi descartado por não fazer parte do objetivo da pesquisa. Analisando os resultados pudemos concluir que os atletas apresentaram maiores níveis de ansiedade cognitiva do que somática; isso significa que os componentes relacionados ao pensamento (ansiedade cognitiva) como: preocupação, apreensão, dúvidas e pensamentos negativos parecem estar mais alto do que os relacionados à ativação física percebida (ansiedade somática), confirmado pesquisa de Zanetti (2009). Este entendimento nos leva a pensar em uma intervenção antes das competições a fim de controlar os níveis de ansiedade e contribuir efetivamente para que o atleta atinja maior desempenho atlético.

Apoio Trabalho:

Email: renanmendes2002@yahoo.com.br

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

ASPECTOS MOTIVACIONAIS QUE LEVAM OS ADOLESCENTES À PRÁTICA DO FUTSAL

Garcia, R.; Machado, A.

Instituição: LEPESPE / I. B. / UNESP – Rio Claro

Hoje em dia o futsal, seja nas aulas Educação Física escolar ou em Projetos comunitários, vem tentando fazer com que os adolescentes que atualmente se encontram numa vida sedentária devido a hipocinesia existente ligada aos avanços tecnológicos do século XXI, tais como Internet, videogame, locomoção automotora se situem num mundo onde possam entender que a prática esportiva além de ser motivante é extremamente fundamental para uma vida saudável. O conhecimento dos motivos que levam adolescentes a praticarem uma atividade motora, é um aspecto bastante relevante no desenvolvimento humano, e de fundamental importância para os Professores de Educação Física e Técnicos por proporcionar subsídios a esses profissionais envolvidos na prática de atividades físicas, para que estimule a preparação de seus programas e aulas voltadas mais para o interesse do praticante, facilitando a escolha das atividades, o ritmo da aula, o comportamento relacional e a maneira de motivar para uma prática



alegre e prazerosa, além de evitar o abandono da modalidade esportiva e o sedentarismo por parte de alguns alunos. E o objetivo deste estudo foi exatamente verificar quais os motivos que levam os adolescentes, moradores da cidade de Rio Claro, do sexo masculino e feminino, a aderir à prática do futsal em seus horários livres. E como instrumento de análise foi utilizado o questionário TEOSQ aplicado por Machado, em estudos anteriores, com resultado interessante para análise. Com os resultados obtidos no presente estudo, podemos concluir que os fatores que mais motivam os atletas desta amostra a continuarem treinando futsal dependem muito das aulas e treinos passados pelo professor/técnico que deve passar treinos diversificados e sempre com novas atividades.

Apoio Trabalho:

Email: renanmendes2002@yahoo.com.br

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

EDUCAÇÃO FÍSICA E TECNOLOGIAS: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

Ginciene, G.; Matthiesen, S. Q.

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

Será possível passar um dia inteiro de trabalho ou estudo sem utilizar um celular ou sem acessar à internet? E ficar um dia inteiro sem ler um e-mail ou usar o computador? Enfim, é possível viver, nos dias de hoje, sem estar em contato com algumas das novas tecnologias existentes? Talvez, uma ou outra pessoa consiga ou deseje esse distanciamento como, por exemplo, quando entra em férias e desconecta-se do mundo do trabalho/estudo. Mas, o fato é que estamos cada vez mais dependentes de celulares, computadores, internet, entre outras tecnologias, seja pela necessidade ou pela diversão, como é o caso dos videogames. Mas, o que isso tudo tem a ver com a Educação Física? Com o objetivo de verificar a relação entre as tecnologias e a Educação Física esse trabalho procurará registrar algumas contribuições. Por meio de uma revisão bibliográfica inicial, visando o desenvolvimento de uma dissertação de mestrado em andamento que aborda esse tema, verificamos que são poucos os estudos que relacionam ambas as áreas, ou seja, a Educação Física e as tecnologias. A maioria dos estudos analisados aborda as tecnologias relacionando-as a outras áreas do conhecimento como: as Artes, Línguas, Matemática e Biologia, as quais, por sua vez, têm utilizado as tecnologias como uma ferramenta para o ensino de conhecimentos específicos. Ou seja, os jogos eletrônicos, os computadores e a internet estão sendo utilizados como ferramentas pedagógicas para auxiliar o ensino de determinados temas. Mais do que isso, observarmos nos artigos coletados que estas mesmas áreas estão



produzindo suas próprias tecnologias, como por exemplo, os jogos eletrônicos, criados exclusivamente para o ensino de seus conteúdos. Entretanto, pudemos evidenciar na análise dos poucos trabalhos encontrados no universo da Educação Física, que as tecnologias têm sido abordadas como uma maneira de refletir e experimentar aquilo que é mostrado pela televisão e pelos games. Ou seja, o professor se utiliza de uma tecnologia que faz parte do dia a dia do aluno, como é o caso da televisão e dos jogos eletrônicos relacionando-os à Educação Física. Tal atitude é de extrema importância visto que o acesso à internet e à televisão, por exemplo – duas importantes Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) – estão crescendo cada vez mais, independente da idade ou classe social de seus usuários. Diante desse panorama, ou seja, da popularização das TICs e das poucas produções existentes capazes de relacionar essas duas áreas, consideramos ser importante que a área da Educação Física passe, também, a refletir sobre a possibilidade de criação de materiais didáticos capazes de subsidiar os professores para a utilização desses recursos como uma ferramenta pedagógica, visto que essa pode ser uma metodologia mais atraente e próxima do cotidiano dos alunos. Além isso, não é demais afirmar a importância de educar os alunos para uma “leitura” mais crítica a respeito dessas mídias, já que estes passam horas assistindo programas de televisão, acessando a internet e jogando videogame. Além do mais, são vários os aspectos que poderão ser analisados a esse respeito, indo desde o sedentarismo proveniente desse processo como a influência gerada por essas novas tecnologias.

Apoio Trabalho: CAPES

Email: guy_ginciene@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

ESPORTES DE RISCO: PERSPECTIVAS DA PSICOLOGIA DO ESPORTE NA CONCEPÇÃO DO PRAZER

Gomes de Amorim Pinto, A.C.; Machado, A.A.

Instituição: UNESP/Rio Claro

RESUMO Com o ritmo acelerado que a vida moderna exige, é cada vez mais evidente a necessidade do ser humano em buscar novas experiências para que os façam sentir emoções e sensações inéditas, não existentes no dia a dia. Com isso a busca por esportes de risco vem sendo cada vez maior, visto que muitos destes esportes satisfazem os desejos por novas experiências. Acredita-se que haja inúmeros fatores atrativos que levam os indivíduos a aderirem a essas práticas. No presente estudo foi verificado que fatores psicológicos estão fortemente presentes, o medo e a ansiedade mostram-se fatores atrativos, assim como o desejo de conhecer lugares novos, o que aponta para



uma ligação direta com o turismo. A sensação de bem estar, satisfação, alegria e orgulho foi afirmada por maioria dos sujeitos, o que acaba levando os indivíduos a procurarem diversos esportes de risco, favorecendo a aderência a essas modalidades e a permanência nas mesmas.

Apoio Trabalho:

Email: cacauacatatau@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

EFEITOS DA MÚSICA NO DESEMPENHO DE UMA ATIVIDADE FÍSICA

Javaroni Júnior, A.C.

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

A música está sendo muito utilizada nos dias de hoje. Suas funções variam de diversas formas. No meio esportivo não é diferente. Seja para pedalar, caminhar, correr, fazer ginástica, ou musculação, podemos perceber sua crescente utilização. Muitos estudos mostram os diversos efeitos que a música pode causar no organismo humano. Do mesmo modo, muitas pesquisas evidenciam as melhorias que a atividade física pode proporcionar ao ser. O presente trabalho tem como principal objetivo verificar a influência da música na atividade física através de músicas preferidas e não preferidas pelos atletas. Sua justificativa se dá pelo benefício em diversas áreas da educação física, como auxílio aos profissionais da área para o planejamento, desenvolvimento e adaptação às suas aulas, complementação de pesquisas maiores e mais amplas e o auxílio aos praticantes para uma melhor performance e um melhor resultado durante a prática de exercícios físicos. A hipótese inicial deste trabalho foi de que a audição da música preferida influenciaria positivamente a prática da atividade física. Para a realização do mesmo, três estudos foram realizados com 10 atletas, todos do sexo masculino, com idade entre 18 e 23 anos, alunos do curso de Educação Física, selecionados aleatoriamente. Antes de iniciar a parte prática, os participantes responderam a um questionário para que posteriormente fosse realizado o estudo proposto. Em cada estudo os atletas correram duas voltas ao redor do Campus da UNESP – Rio Claro, num total de quatro quilômetros. No primeiro estudo o percurso seria sem a audição de música. No segundo, com audição de música preferida pelo atleta e no terceiro com audição de música não preferida pelo mesmo. Em todos os estudos o tempo de percurso foi anotado. Os dados coletados na pesquisa foram cruzados e comparados a fim de verificar qual a influência da música, nesta corrida ao ar livre. As conclusões são de que a música influencia no desempenho de atletas durante a prática de uma atividade física, independentemente de ser preferida ou não pelo



praticante. A influência causada pela música sempre será positiva quando esta possuir ritmo e intensidade maiores ou iguais aos da música preferida pelo atleta. Caso contrário, a influência será negativa. Também foi concluído que a música exerce diversas funções, dentre elas a de fator de distração, que agindo inconscientemente em nosso organismo causa alterações em todo o corpo, capaz de mudar nosso foco da dor e do cansaço para um estímulo prazeroso e agradável.

Apoio Trabalho:

Email: juniorbort1@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

ANÁLISE DA PERCEPÇÃO SUBJETIVA DA QUALIDADE DE SONO DE ATLETAS PRATICANTES DE MODALIDADES INDIVIDUAIS E COLETIVAS

Jürgensen, L. P.; Machado, A. A.

Instituição: LEPESPE - Unesp - IB - DEF

Apesar de inúmeros estudos e pesquisas relatarem os benefícios da atividade física na qualidade do sono, pode-se observar que quando tratamos do esporte, principalmente o esporte de alto rendimento, seus praticantes nem sempre apresentam a mesma qualidade. Aspectos como estresse, medo, excesso de cargas de treinamento e, principalmente, a ansiedade podem alterar os padrões do ciclo sono-vigília e diminuir a qualidade do sono, podendo provocar grandes prejuízos na performance durante provas e competições. A presença de torcida, pais ou amigos em competições ou jogos, a participação de peneiras ou o simples fato de ser ou não convocado para o jogo, até a obrigação da vitória, a pressão exercida por técnicos e patrocinadores, entre outras características do esporte de rendimento, são contribuintes da aparição do sentimento ansioso. Alguns autores discutem a possibilidade de que esse sentimento apresenta-se com graus diferenciados entre atletas de modalidades individuais e coletivas. Nos esportes individuais, os atletas não compartilham responsabilidades, expondo-se sozinhos a uma avaliação direta dos expectadores, gerando uma pressão desproporcional à demonstração de excelência na performance. A partir disso, o objetivo deste estudo foi investigar a presença de alterações no sono de atletas, considerando a modalidade em que estão inseridos (individual ou coletiva) e suas possíveis diferenças. A pesquisa compreendeu um estudo de campo em que adotamos os procedimentos das pesquisas qualitativas. Foi utilizado um questionário avaliando a percepção subjetiva da qualidade do sono de atletas das modalidades: handebol masculino, atletismo masculino, voleibol feminino e ginástica artística feminina. Os resultados encontrados levam à especulação de que existem alterações na qualidade do



sono dos atletas principalmente nas noites que antecedem competições ou jogos. Além disso, demonstrou que essas alterações, de acordo com a percepção dos atletas, interferem negativamente no desempenho competitivo destes. Apesar de não ser possível concluir quais os fatores que provocam essas alterações, pudemos destacar que um grande número de relatos apontaram a ansiedade como um fator de interferência. Observarmos, também, que as duas modalidades individuais (atletismo e ginástica artística) aparecem com dados mais preocupantes com relação a qualidade do sono dos atletas quando comparadas com as modalidades coletivas (handebol e voleibol). Palavras chave: qualidade do sono, percepção subjetiva, modalidades individuais e coletivas, ansiedade. LEPESPE – Unesp - Rio Claro Contato: lujurgensen@gmail.com

Apoio Trabalho:

Email: lujurgensen@gmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

EMOÇÕES NO ESPORTE FEMININO: APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS DA PSICOLOGIA DO ESPORTE

Jürgensen, L. P.; Machado, A. A.; Cecarelli, L.; Schiavon, M.

Instituição: LEPESPE / D.E.F / I.B. / UNESP

Esta pesquisa é uma continuidade de estudo em que a revisão de literatura e a pesquisa de campo permitiram, por seus viéses metodológicos, categorizar comportamentos, tidos como de risco emocional, em 469 atletas de Voleibol feminino, de equipes de diferentes campeonatos (da Liga Interiorana de Voleibol, da F.P.V. e dos campeonatos oficiais da Secretaria de Esportes do Estado de SP). Utilizando-se de questionários e entrevistas, foram verificados sintomas de violência e ansiedade, alteração do apetite e do sono, dificuldade de atenção seletiva, irritabilidade, angústia e apatia, entre outros distúrbios afetivo- emocionais menos freqüentes entre atletas de esporte competitivo. Tais dados sofreram a técnica da categorização., para que pudessem ser melhor dimensionados e analisados; por meio de respostas duplas (100-100), 46% das atletas estudadas informam sentir medo do insucesso e não atingirem suas próprias expectativas; 43% informam seu medo em atrapalhar suas equipes ou colegas; 54% apontam para sensações de Angústia e apatia; 67% relatam seu estresse pelo treinamento esportivo exagerado e 61% indicam distúrbios relativos ao sono e ao apetite em situações de competição. Tais dados levam-nos a concluir que a preparação psicológica não é empregada, nas atletas pesquisadas, o que possibilita uma maior desagregação psico e social do grupo, bem como uma maior exposição do mesmo à transtornos emocionais moderados ou graves. Apontam para a emergente necessidade



da atuação do profissional da área e um melhor uso dos estudos relativos a Psicologia do Esporte, no treinamento esportivo.

Apoio Trabalho:

Email: lujurgensen@gmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

A SUPERSTIÇÃO E O ESPORTE ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO COM JOGADORAS DE HANDEBOL

Kocian, R.C.; Kocian, L.L.R.; Santos, C.; Venditti Junior, R.; Silva, D.B.

Instituição: GEPPEM/CeCAES/IF SULDEMINAS

O esporte nos dias atuais passou por muitas transformações e traz consigo uma forte luta pela vitória e consequentemente, para se chegar a esse objetivo, o aprimoramento das metodologias de treinamento, tático, técnico, físico e psicológico. Junto com esse movimento, que é baseado em pesquisas e produção de conhecimento, temos o fator superstição, que faz parte não somente da cultura brasileira, mas da cultura esportiva, fazendo com que muitas pessoas acreditem que somente a devoção e o apego a certas crenças resolvam os problemas de uma modalidade esportiva. O objetivo do presente trabalho foi verificar se as atletas escolares femininas, participantes das Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo, possuem algum tipo de superstição para a prática esportiva e se acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida. Trabalhamos com uma pesquisa do tipo qualitativa balizada pelas Ciências Humanas, como instrumento de coleta de dados utilizou-se um questionário aberto que continha um cabeçalho de identificação e três questões mistas, sendo possível assinalar as opções sim, não e às vezes. Nossos sujeitos eram atletas da categoria infantil, participantes da Final Estadual das OCESP (Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo), que ocorreu no ano de 2009 na cidade de Jaboticabal-SP. Nossos sujeitos eram 14 meninas entre 14 e 17 anos praticantes de handebol. Encontramos que 64% acreditam em alguma superstição (sim ou às vezes), e 36% não acreditam nisso. Cerca de 50% acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida (somando sim e às vezes), e que 100% dos treinadores dos sujeitos desenvolvem trabalhos com a psicologia do esporte, mas nenhum voltado diretamente para a parte de superstição. Podemos concluir que, dentro do universo pesquisado, uma parcela significativa das atletas acredita em superstição e que esta crença interfere no resultado final, sendo assim é de extrema importância o desenvolvimento de um trabalho voltado à psicologia do esporte Palavras chave: psicopedagogia do esporte, estados emocionais e movimento, superstição.

Apoio Trabalho: Pró-reitoria de Pós-graduação, Pesquisa e Inovação - IFSULDEMINAS

Email: rafaelkocian@gmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO



A SUPERSTIÇÃO E O ESPORTE ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO COM JOGADORES DE HANDEBOL

Kocian, R.C.; Kocian, L.L.R.; Santos, L.D.; Venditti Junior, R.; Silva, D.B.

Instituição: GEPPEM/CeCAES/IFSULDEMINAS

O esporte contemporâneo traz consigo uma forte luta pela vitória e consequentemente o aprimoramento das metodologias de treinamento, tático, técnico, físico e psicológico. Junto com esse movimento, que é baseado em pesquisas e produção de conhecimento, temos o fator superstição, que faz parte não somente da cultura brasileira, mas da cultura esportiva, fazendo com que muitas pessoas acreditem que somente a devoção e o apego a certas crenças resolvam os problemas de uma modalidade esportiva. O objetivo do presente trabalho foi verificar se atletas escolares masculinos de handebol, participantes das Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo, possuem algum tipo de superstição para a prática esportiva e se acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida. Trabalhamos com uma pesquisa do tipo qualitativa balizada pelas Ciências Humanas, como instrumento de coleta de dados utilizou-se um questionário aberto que continha um cabeçalho de identificação e três questões mistas, sendo possível assinalar as opções sim, não e às vezes. Nossos sujeitos eram atletas da categoria infantil, participantes da Final Estadual das OCESP (Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo), que ocorreu no ano de 2009 na cidade de Jaboticabal-SP. Nossos sujeitos eram 14 meninos entre 14 e 17 anos praticantes de handebol. Encontramos que 64% acreditam em alguma superstição, sim ou às vezes, e 36% não acreditam nisso. Cerca de 43% acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida e que 93% dos treinadores dos sujeitos desenvolvem trabalhos com a psicologia do esporte, mas nenhum voltado a parte de superstição. Podemos concluir que, dentro do universo pesquisado, uma parcela significativa dos atletas acredita em superstição e que esta crença interfere no resultado final, sendo assim é de extrema importância o desenvolvimento de um trabalho voltado à psicologia do esporte. Palavras chave: psicopedagogia do esporte, estados emocionais e movimento, superstição.

Apoio Trabalho: Pró-reitoria de Pós-graduação, Pesquisa e Inovação - IFSULDEMINAS

Email: rafaelkocian@gmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO



A SUPERSTIÇÃO E O ESPORTE ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO COM JOGADORES DE FUTSAL

Kocian, R.C.; Kocian, L.L.R.; Silva, R.J.; Venditti Junior, R.; Silva, D.B.

Instituição: GEPPEM/CeCAES/IF SULDEMINAS

O esporte nos dias atuais passou por muitas transformações e traz consigo uma forte luta pela vitória e consequentemente, para se chegar a esse objetivo, o aprimoramento das metodologias de treinamento, tático, técnico, físico e psicológico. Junto com esse movimento, que é baseado em pesquisas e produção de conhecimento, temos o fator superstição, que faz parte não somente da cultura brasileira, mas da cultura esportiva, fazendo com que muitas pessoas acreditem que somente a devoção e o apego a certas crenças resolvam os problemas de uma modalidade esportiva. O objetivo do presente trabalho foi verificar se os atletas escolares masculinos jogadores de futsal, participantes das Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo, possuem algum tipo de superstição para a prática esportiva e se acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida. Trabalhamos com uma pesquisa do tipo qualitativa balizada pelas Ciências Humanas, como instrumento de coleta de dados utilizou-se um questionário aberto que continha um cabeçalho de identificação e três questões mistas, sendo possível assinalar as opções sim, não e às vezes. Nossos sujeitos eram atletas da categoria infantil, participantes da Final Estadual das OCESP (Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo), que ocorreu no ano de 2009 na cidade de Jaboticabal-SP. Nossos sujeitos eram 14 meninos entre 15 e 17 anos praticantes de futsal. Encontramos que 64% acreditam em alguma superstição (sim ou às vezes), e 36% não acreditam nisso. Cerca de 50% acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida (somando sim e às vezes), e que 100% dos treinadores dos sujeitos desenvolvem trabalhos com a psicologia do esporte, mas nenhum voltado diretamente para a parte de superstição. Podemos concluir que, dentro do universo pesquisado, uma parcela significativa das atletas acredita em superstição e que esta crença interfere no resultado final, sendo assim é de extrema importância o desenvolvimento de um trabalho voltado à psicologia do esporte. Palavras-chave: psicopedagogia do esporte, estados emocionais e movimento, superstição.

Apoio Trabalho: Pró-reitoria de Pós-graduação, Pesquisa e Inovação - IFSULDEMINAS

Email: rafaelkocian@gmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO



A SUPERSTIÇÃO E O ESPORTE ESCOLAR: UMA VISÃO DE ATLETAS MASCULINOS

Kocian, R.C.; Kocian, L.L.R.; Venditti Junior, R.; Silva, D.B.

Instituição: GEPPEM/CeCAES/IF SULDEMINAS

O esporte contemporâneo traz consigo uma forte luta pela vitória e consequentemente o aprimoramento das metodologias de treinamento, tático, técnico, físico e psicológico. Junto com esse movimento que é baseado em pesquisas e produção de conhecimento temos o fator superstição, que faz parte não somente da cultura brasileira, mas da cultura esportiva, fazendo com que muitas pessoas acreditem que somente a devoção e o apego a certas crenças resolvam os problemas de uma modalidade esportiva. O objetivo do presente trabalho foi verificar se os atletas escolares masculinos, participantes das Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo, possuem algum tipo de superstição para a prática esportiva e se acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida. Trabalhamos com uma pesquisa do tipo qualitativa balizada pelas Ciências Humanas, como instrumento de coleta de dados utilizou-se um questionário aberto que continha um cabeçalho de identificação e três questões mistas, sendo possível assinalar as opções sim, não e às vezes. Nossos sujeitos eram atletas da categoria infantil, participantes da Final Estadual das OCESP (Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo), que ocorreu no ano de 2009 na cidade de Jaboticabal-SP. Nossos sujeitos eram 40 meninos entre 14 e 17 anos praticantes de voleibol, handebol e futsal. Encontramos que 50% acreditam em alguma superstição, sim ou às vezes, e 50% não acreditam nisso. Cerca de 45% acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida e que 92,5% dos treinadores dos sujeitos desenvolvem trabalhos com a psicologia do esporte, mas nenhum voltado a parte de superstição. Podemos concluir que, dentro do universo pesquisado, uma parcela significativa dos atletas acredita em superstição e que esta crença interfere no resultado final, sendo assim é de extrema importância o desenvolvimento de um trabalho voltado à psicologia do esporte. Palavras chave: psicopedagogia do esporte, estados emocionais e movimento, superstição.

Apoio Trabalho: Pró-reitoria de Pós-graduação, Pesquisa e Inovação - IFSULDEMINAS

Email: rafaelkocian@gmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO



A SUPERSTIÇÃO NO ESPORTE ESCOLAR: UMA VISÃO DE ATLETAS FEMININAS

Kocian, R.C.; Kocian, L.L.R.; Venditti Junior, R.; Silva, D.B.

Instituição: GEPPEM/CeCAES/IF SULDEMINAS

O esporte nos dias atuais passou por muitas transformações e traz consigo uma forte luta pela vitória e consequentemente, para se chegar a esse objetivo, o aprimoramento das metodologias de treinamento, tático, técnico, físico e psicológico. Junto com esse movimento, que é baseado em pesquisas e produção de conhecimento, temos o fator superstição, que faz parte não somente da cultura brasileira, mas da cultura esportiva, fazendo com que muitas pessoas acreditem que somente a devoção e o apego a certas crenças resolvam os problemas de uma modalidade esportiva. O objetivo do presente trabalho foi verificar se as atletas escolares femininas, participantes das Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo, possuem algum tipo de superstição para a prática esportiva e se acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida. Trabalhamos com uma pesquisa do tipo qualitativa balizada pelas Ciências Humanas, como instrumento de coleta de dados utilizou-se um questionário aberto que continha um cabeçalho de identificação e três questões mistas, sendo possível assinalar as opções sim, não e às vezes. Nossos sujeitos eram atletas da categoria infantil, participantes da Final Estadual das OCESP (Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo), que ocorreu no ano de 2009 na cidade de Jaboticabal-SP. Nossos sujeitos eram 26 meninos entre 14 e 17 anos praticantes de voleibol, handebol e basquetebol. Encontramos que 38% acreditam em alguma superstição, sim ou às vezes, e 50% não acreditam nisso. Cerca de 54% acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida e que 100% dos treinadores dos sujeitos desenvolvem trabalhos com a psicologia do esporte, mas nenhum voltado a parte de superstição. Podemos concluir que, dentro do universo pesquisado, uma parcela significativa das atletas acredita em superstição e que esta crença interfere no resultado final, sendo assim é de extrema importância o desenvolvimento de um trabalho voltado à psicologia do esporte. Palavras chave: psicopedagogia do esporte, estados emocionais e movimento, superstição.

Apoio Trabalho: Pró-reitoria de Pós-graduação, Pesquisa e Inovação - IFSULDEMINAS

Email: rafaelkocian@gmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO



A SUPERSTIÇÃO E O ESPORTE ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO COM JOGADORAS DE FUTSAL

Kocian, R.C.; Kocian, L.L.R.; Venditti Junior, R.; Silva, D.B.

Instituição: GEPPEM/CeCAES/IFSULDEMINAS

O esporte contemporâneo traz consigo uma forte luta pela vitória e consequentemente o aprimoramento das metodologias de treinamento, tático, técnico, físico e psicológico. Junto com esse movimento, que é baseado em pesquisas e produção de conhecimento, temos o fator superstição, que faz parte não somente da cultura brasileira, mas da cultura esportiva, fazendo com que muitas pessoas acreditem que somente a devoção e o apego a certas crenças resolvam os problemas de uma modalidade esportiva. O objetivo do presente trabalho foi verificar se atletas escolares femininas de futsal, participantes das Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo, possuem algum tipo de superstição para a prática esportiva e se acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida. Trabalhamos com uma pesquisa do tipo qualitativa balizada pelas Ciências Humanas, como instrumento de coleta de dados utilizou-se um questionário aberto que continha um cabeçalho de identificação e três questões mistas, sendo possível assinalar as opções sim, não e às vezes. Nossos sujeitos eram atletas da categoria infantil, participantes da Final Estadual das OCESP (Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo), que ocorreu no ano de 2009 na cidade de Jaboticabal-SP. Nossos sujeitos eram 14 meninas entre 13 e 17 anos praticantes de futsal. Encontramos que 64% acreditam em alguma superstição, sim ou às vezes, e 36% não acreditam nisso. Cerca de 43% acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida e que 90% dos treinadores dos sujeitos desenvolvem trabalhos com a psicologia do esporte, mas nenhum voltado a parte de superstição. Podemos concluir que, dentro do universo pesquisado, uma parcela significativa dos atletas acredita em superstição e que esta crença interfere no resultado final, sendo assim é de extrema importância o desenvolvimento de um trabalho voltado à psicologia do esporte. Palavras chave: psicopedagogia do esporte, estados emocionais e movimento, superstição.

Apoio Trabalho: Pró-reitoria de Pós-graduação, Pesquisa e Inovação - IFSULDEMINAS

Email: rafaelkocian@gmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO



AS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR

Leme, C.O.; Nabeiro, M.; Lopes, A.C.

Instituição: UNESP - Universidade Estadual Paulista “ Julio de Mesquita Filho”
Campus Bauru

Este trabalho é um levantamento literário sobre as contribuições da educação física no processo de inclusão escolar das crianças, já que este é um tema cada vez mais relevante nos dias de hoje. Neste contexto, é imprescindível pensar na qualidade desta inclusão, onde deve ser respeitado à diversidade humana e a individualidade, oportunizando o acesso e a interação social do indivíduo. Sabe-se que atividade física traz benefícios que ultrapassam o fisiológico, não descartando sua importância, mas além de promover uma melhora das capacidades fisiológicas de quem a pratica, influencia também os alunos em seus aspectos sociais, que dizem respeito à sua socialização, bem-estar e auto-estima. A educação física escolar não deve se restringir ao ensino de técnicas e elementos mecânicos do movimento, mas alcançar os aspectos da interação social. A importância deste aspecto social da educação física é considerar a atividade física como um meio de adaptação, de transformação e de relacionamento com o mundo. É importante ressaltar que a atividade física por si só nem sempre contempla todos estes aspectos citados, e é ai que o professor ocupa um lugar central na condução e no foco de suas aulas. Pois é ele que transmite valores importantes como a cooperação e a independência, que ultrapassem a perspectiva do ganhar ou perder, trabalhados a partir de jogos, brincadeiras e/ou esportes em suas aulas. O objetivo deste trabalho foi investigar, com base na literatura existente, as contribuições da aula educação física no processo inclusivo de crianças com deficiência. A metodologia utilizada foi uma pesquisa qualitativa, através da revisão bibliográfica, desenvolvida a partir de livros e artigos científicos. Resultados apontam que a importância da educação física na inclusão escolar. A partir de programas de aulas adequados, os benefícios encontrados englobam os alunos, com ou sem deficiência, promovendo o desenvolvimento de habilidades sociais e lúdicas, facilita as relações de amizade e prepara para a vida em sociedade. Outros estudos contribuem na constatação dos benefícios da inclusão de todos. Os alunos com deficiência aprendem a apreciar a diversidade humana, adquirem senso de responsabilidade social e desenvolvem valores e princípios coerentes, e os alunos sem deficiência também compartilham destes benefícios, além de adquirir experiência direta com diferenças de capacidades humanas, apresentam interesse e responsabilidade no trabalho cooperativo e tornam-se cidadãos conscientes dos seus direitos e dos direitos de outras minorias. Além da atuação do professor ser uma grande influência na questão da inclusão, há também um ponto facilitador desta, que é o conteúdo inerente à disciplina de Educação Física que, por si só, facilita e estimula o contato social dos alunos e uma vivência prática de seus conteúdos, diferentemente do que ocorre em outras disciplinas. De acordo com a Teoria do Contato, o aumento do nível de contato com grupos minoritários podem reduzir preconceitos, e possíveis



receios de alunos sem deficiência frente à inclusão também são amenizados e/ou resolvidos, devido à situações bem sucedidas mediadas pelo professor durante as aulas. Para concluir, não podemos deixar de destacar o importante papel que da educação física no processo de inclusão da pessoa com deficiência. As contribuições encontradas na literatura apontam resultados positivos, pois, apesar das dificuldades encontradas pelos professores, eles têm adequado os conteúdos da cultura corporal de movimento à diversidade humana. Vale ressaltar que, apesar destas contribuições serem imprescindíveis no processo inclusivo, elas não são determinantes no sucesso da inclusão, necessitando de um trabalho conjunto da escola, da família, do governo e da sociedade em geral.

Apoio Trabalho: Departamento de Educação Física e Programa de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e da Ap

Email: kah_olivera@yahoo.com.br

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA PROPAGAÇÃO ESPORTIVA

Lima, A. R.; Campos, L.; Matthiesen, S. Q.

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

Introdução: “O esporte é considerado um fenômeno social importante devido à forma como está presente na sociedade e na maneira como se inter-relaciona com ela” (DOMINGUES, 2006, p. 1). Segundo esse autor, após as modificações e transformações que ocorreram ao longo dos anos, o esporte moderno ganhou nova fisionomia e, devido às grandes influências da mídia esportiva transformou-se no que podemos denominar “esporte moderno espetacularizado” (DOMINGUES, 2006, p. 1). Objetivo: Caracterizar a importância da mídia na propagação do esporte. Revisão de literatura: Fischer (1996) explica que o termo “mídia” é, em sua maioria, utilizado como sinônimo para “meios de comunicação” (p. 131). Entretanto, menciona que existem outros veículos de informação que não os tradicionalmente conhecidos (televisão, rádio, internet, outdoors, jornal, revista etc.), ou seja, os produtos e serviços que propagam os discursos do imaginário e da cultura. Para Betti (1998), o contato com a atividade física, a divulgação da importância da prática e a valorização do esporte por intermédio da mídia, possibilitam explicar as transformações pelas quais a sociedade tem passado ao longo dos anos. Esta relação se estabelece com os meios de comunicação de massa em geral, sendo a televisão o veículo de informação que, atualmente, melhor representa a relação entre o esporte e a mídia, seguida pelos outros meios, como o jornal, o rádio etc., afinal, muitas vezes, é a televisão que influencia o trabalho de produção das outras



mídias (DOMINGUES, 2006). Marin (2008) compactua desta idéia ao afirmar que os meios de comunicação, passaram a interferir de modo significativo nas vivências de tempo e espaço das pessoas em âmbito mundial por meio da “midiatização das dimensões humanas” (p. 76). Portanto “as revistas tematizam o que passa na TV; os jornais trazem diariamente a programação da TV e temas agendados por ela” (MARIN, 2008, p. 81). Nesse sentido, Arbex Junior (2001) refere-se à proximidade existente entre as mídias e à possibilidade de que estejam se unificando em torno de uma mídia central, a televisão. Conclusão: Diante do exposto, observamos que a mídia tem grande influência sobre o esporte. Entretanto, vale ressaltar, que não se trata apenas da mídia televisa, mas dos demais tipos de mídia, cada qual com sua acessibilidade, influencia as atividades esportivas, por meio daquilo que expõe aos seus receptores. Segundo Constantino (1992), os meios de comunicação constituem-se num importante – se não o mais importante -, canal de aproximação e mediação entre esporte e sociedade. Para ele, a relação entre esporte e os meios de comunicação é recíproca, pois, da mesma forma que o esporte necessita dos meios de comunicação, estes precisam do esporte para se desenvolver. Entretanto o conhecimento que se adquire acerca do esporte é, em sua maioria, o conhecimento transmitido pela mídia, diante dos mais variados meios de comunicação. Assim, já não é possível referir-se ao esporte contemporâneo sem associá-lo às intervenções da mídia, visto que, os eventos esportivos são, atualmente, um dos movimentos sociais que mais estão em evidência na mídia, representando questões de ordem simbólica e mercadológica (BORELLI, 2001). Diante dessas observações, Melo (2006) conclui que há informações esportivas por todos os lados. “Praticamente não há meio de comunicação que deixe de dedicar tempo e espaço para divulgar alguma informação relacionada ao campo esportivo” (p. 26). Para o autor, tanto atualmente como no passado, a “construção da imagem do moderno” envolve o esporte, nas mais variadas estratégias que o cercam, sendo os meios de difusão e divulgação fundamentais nessa representatividade. “Talvez o esporte seja exatamente aquilo que a publicidade dele o fez. Ou ao menos em grande parte assim o seja” (MELO, 2006, p. 38). Palavras chave: Mídia; esporte; meios de comunicação; influência. E-mail: ando_ricardo@yahoo.com.br

Apoio Trabalho:

Email: ando_ricardo@yahoo.com.br

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO



MÍDIA ESPORTIVA: O QUE SE CONHECE DO ATLETISMO

Lima, A. R.; Campos, L.; Matthiesen, S. Q.

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

Introdução: Apesar de sua tradição no campo esportivo, devido a sua presença e universalidade nos Jogos Olímpicos desde a Antiguidade, o atletismo, registra através dos tempos, aspectos da indiferença que afeta diretamente em seu reconhecimento e difusão (MATTHIESEN, 2005a, 2007). Sua aparição na mídia, por exemplo, fica limitada aos anos em que ocorrem, efetivamente, os Jogos Olímpicos e, mesmo assim, poucas são as provas do atletismo televisionadas pelos canais de comunicação durante esse período. Além disso, Matthiesen (2007) destaca que o pouco que se relata do atletismo nas diferentes mídias, geralmente, são as provas de corrida, mais especificamente, as de velocidade que duram poucos segundos, ou mesmo, a chegada de provas como a da maratona, tão tradicional nesse meio. As demais provas da modalidade (saltos, arremesso, lançamentos, marcha atlética e outras provas de corridas) ficam condenadas ao esquecimento, ou então, são enfocadas em curtas imagens e/ou reportagens de atletas de maior destaque. **Objetivo:** Diagnosticar o que se conhece do atletismo via mídia, reiterando a importância dessa modalidade no meio esportivo. **Revisão de literatura:** Cientes de que há muito a se conhecer sobre o atletismo, destacamos que além da especificidade que lhe é inerente, entre outras características, o atletismo pode ser considerado como “esporte base” para as demais modalidades esportivas, justamente porque envolve as “atividades naturais” do ser humano. Nascimento (2000) lembra também que a contribuição do atletismo ocorre não somente no aspecto físico, mas nos aspectos psicológico e social. Para além das especificações das provas dessa modalidade esportiva e de sua definição, é preciso que nos atentemos para o que tem sido alvo de atenção da mídia. Além disso, gostaríamos de ressaltar a importância do papel da mídia na divulgação e propagação do atletismo, especialmente na intervenção do profissional de Educação Física. Por meio dela, ampliam-se as possibilidades de aproximação do esporte à população, levando-o a ser apreciado – ou não – e viabilizando seu acesso por meio da mídia impressa (jornais, revistas, outdoors, livros etc.), falada (rádio), televisiva, virtual (internet) etc. Ao receber uma informação, o profissional de Educação Física utiliza esta referência para sua atuação profissional e, consequentemente, passa a veicular essa informação para seus alunos, afinal ele atua como um mediador entre a mídia e a sociedade (HATJE, 2003). A autora ainda menciona a existência de 3 paradigmas que estreitam o relacionamento do esporte e da mídia e que devem ser trabalhados pelo profissional de Educação Física: 1 – a importância da mídia para o esporte, que busca reconhecer quanto o primeiro é capaz de interferir no segundo e de que forma se estabelecem as relações existentes entre ambos; 2 – a forma de organização da comunicação estabelecida, ou seja, a maneira como a mídia estabelece um canal de comunicação com o esporte e, posteriormente, com a sociedade sobre o mesmo, e; 3 – a forma como o público (a sociedade) percebe/recebe essa informação, onde cada indivíduo, de acordo com suas possibilidades e conhecimentos, é capaz de assimilar diferentemente a informação recebida. **Conclusão:** Com base nessas informações, acreditamos que o



atletismo só conseguirá “ganhar espaço” na mídia quando os profissionais de Educação Física assumirem a função de formar cidadãos com capacidade crítica de observarem o que está sendo midiatizado e de analisar o que lhes é apresentado, já que têm função de disseminador da prática de atividade física, o que inclui as modalidades esportivas. Podemos observar, então, que o atletismo tem sua importância registrada nesse meio, apesar de um desconhecimento inerente a todo o seu conteúdo. Ou seja, no senso comum, o que se conhece ou se fala do atletismo, limita-se ao conteúdo explorado, muitas vezes, pela mídia. Palavras chave: Atletismo; mídia esportiva; Jogos Olímpicos. E-mail: ando_ricardo@yahoo.com.br.

Apoio Trabalho:

Email: ando_ricardo@yahoo.com.br

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

14h00 as 15h30:

mini-curso A- *Treinamento Mental no Esporte*; Prof. Dr. Hermes Balbino (UEM)

mini-curso B- *Motivação no Esporte*; Prof. Dr. Roberto Tadeu Iaochitte (IB- UNESP)

mini-curso C- *Imagem corporal e vigorexia*; Prof. Mdo Flávio Dezzan (IB- UNESP)

mini-curso A: Treinamento mental no Esporte

Prof Dr Hermes Ferreira Balbino

Universidade Metodista de Piracicaba

O treinamento mental no Esporte pode ser tomado mediante diferentes conceitos, que acabam por agregar-se em torno das habilidades mentais e da sua repetição sistemática e processual, para a otimização do desempenho esportivo. Entre os autores que tratam da temática, Samulski, 2000, p.45, define como “a imaginação de

forma planejada, repetida e consciente de habilidades motoras, técnicas esportivas e estratégias utilizadas". Weinberg & Gould (2001) tratam do tema a partir do conceito de mentalização, que para os autores refere-se a "criar ou recriar uma experiência na mente", constituindo-se como uma forma de simulação que envolve recuperar da memória aspectos de informação armazenadas sobre todos os tipos de experiências e moldá-las em imagens significativas para o episódio em questão.

Gardner, Csikszentmihalyi e Damon (2004) observam sobre o potencial de competências que todos possuem. Para os autores, os indivíduos mudam comportamentos através da mudança de estratégias mentais, quando afirmam que a mudança está na representação mental do indivíduo, na maneira pela qual percebe, codifica, retém e acessa informações de experiências vividas ou elaboradas a partir delas.

A seguir, indicamos alguns elementos básicos de um programa de treinamento mental - com licença dos autores (Balbino e cols, 2010) - ou de habilidades psicológicas. Estes elementos, que se projetam em procedimentos, devem ser adaptados de acordo com as circunstâncias, necessidades e objetivos do plano de treino.

- Estabelecimento de objetivos

É possível afirmar que para muitos profissionais do esporte, metas e objetivos se integram dentro de um mesmo significado de alcançar resultados desta área de desempenho humano, o esporte. Dizemos que uma meta objetiva é o desejo de atingir um padrão específico de competência em uma tarefa, geralmente dentro de um tempo especificado (Weinberg & Gould, 2001). Estabelecer e clarificar metas objetivas tem um significado potencialmente poderoso para melhorar o desempenho na área esportiva, e os procedimentos para seu estabelecimento deve ser conduzido de maneira correta e orientada, integrado ao planejamento de treino organizado pelos técnicos e em congruência com os objetivos pessoais do esportista. As metas objetivas do treinador e do esportista devem estar alinhadas.

- Exercícios com a respiração



O controle da respiração é reconhecidamente uma técnica de relaxamento, utilizada no controle da ansiedade e tensão muscular. Existe uma relação do ritmo respiratório com o estado emocional (Weinberg & Gould, 2001). Na maioria das vezes, dá-se pouca ou nenhuma importância a esse aspecto, pois a respiração é um processo involuntário, que não exige técnica específica. No entanto, pode servir aos propósitos de atingir, através de seu uso adequado, estados desejados para otimização de desempenho. Uma inspiração profunda, lenta e completa poderá ativar uma resposta de relaxamento.

- Otimização do diálogo interior

Toda vez que o indivíduo pensa em alguma coisa, de certa forma está dialogando consigo. A partir disto, o diálogo interno pode tomar diversas formas, mas como classificam Weinberg & Gould (2001), se mostram como negativos e positivos, ou inadequados e adequados. O diálogo interno negativo se mostra crítico e autodepreciativo, representante de crenças que impedem que uma pessoa alcance seus objetivos. É contra- produtivo e gerador de ansiedade. Favorece insegurança, dúvida e o afastamento do foco para o desempenho ótimo.

O diálogo interno positivo aumenta a auto-estima, o foco, a concentração bem como se manifesta como representante de crenças de poder realizador, lançando o sujeito para o desempenho ótimo nas situações escolhidas.

Os pensamentos são responsáveis pela formação de respostas a eventos, pois a forma como o acontecimento é interpretado que indica a resposta a ele. Desta maneira, o diálogo interior representa a atribuição do significado nas reações às situações, e as reações apontam para futuras ações e sentimentos.

- Mentalização

Refere-se a um tipo específico de preparação mental, em que o indivíduo se utiliza da visualização, ensaio mental, imagens mentais ou prática mental, tida como uma forma de simulação, semelhante a uma experiência sensorial real (em referência aos sentidos, ao ouvir, sentir, ver), mas com toda a experiência na mente. Uma das formas de mentalização é o ensaio mental.



Relatado por Weinberg & Gould (2001), o modelo triplo, em que o significado que a imagem tem para o indivíduo deve também ser incorporado aos modelos de mentalização. A imagem (I) em si, a resposta (R) somática e o significado (S) da imagem são partes fundamentais neste conjunto de procedimento de mentalização. Este modelo reconhece a realidade poderosa das imagens para o indivíduo, em integração com os significados que elas oferecem.

Referências bibliográficas

- BALBINO, HF; OLIVEIRA, E.R; VENDITTI JUNIOR, R. Habilidades psicológica: procedimentos facilitadores no ambiente do treinamento esportivo. IN: IDE, B.N; LOPES, C.R ;SARRAIPA; M.F. Fisiologia do treinamento esportivo. São Paulo: Phorte Editora, 2010.
- GARDNER, H; CSIKSZENTMIHALYI, M. ; DAMON, W. Trabalho qualificado: quando a excelência e a ética se encontram. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2004
- SAMULSKI, D. Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas. São Paulo: Manole, 2009.
- WEINBERG, R; GOULD, D. Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Mini-curso B; Motivação no Esporte

MOTIVAÇÃO NO ESPORTE

Roberto Tadeu Iaochite*
E-mail: iaochite@rc.unesp.br

* Professor Assistente Doutor do Dept. de Educação da Universidade Estadual Paulista, IB/Rio Claro.

Resumo

A busca por compreender os motivos que levam um indivíduo a aderir, manter-se ou não em práticas corporais de diferentes naturezas – esportes, danças, jogos, ginásticas – e com diferentes finalidades – lazer, competição, educativa, passa necessariamente por compreender os processos motivacionais geradores desse comportamento.

Muito embora, professores, técnicos, preparadores físicos estejam fortemente interessados em conhecer tais motivos, há que se reconhecer a motivação como um processo intrínseco, multifacetado, complexo, dinâmico e que, portanto, requer clareza de seus componentes, escolha de referenciais teóricos capazes de fornecer fundamentação que subsidie a compreensão, o planejamento e avaliação adequados com as condições pessoais, ambientais e comportamentais.

O conhecimento desses aspectos pode ser importante para a elaboração de estratégias de ensino e de preparação técnica, tática e física promotoras de motivação para superar os desafios presentes no ambiente de prática, como por exemplo, tédio, cansaço, ansiedade, entre outros.

Considerando a motivação numa abordagem interacionista, o objetivo desse mini-curso é apresentar e discutir o processo motivacional para a prática esportiva/atividade física à luz dos pressupostos da teoria social cognitiva/ autoeficácia.

Mini-curso C: Imagem Corporal e Vigorexia

Prof. Mdo. Flávio Francisco Dezan
LEPESPE – UNESP – Rio Claro – SP
flavio_dezan@yahoo.com.br

Pensar o corpo é pensar em todo aspecto que o cerca e todos os fatores que influenciam sua construção ao longo do tempo, isso envolve muito mais que a simples definição de aparência física, ou seja, simplesmente seu formato.

O que podemos identificar nos dias atuais é o fato de o corpo ter obtido um grau de destaque de extrema relevância ao longo da história, como nos ilustra Mattos (2007) citando Vigarello (2005), em que este autor relata a ocorrência uma verdadeira metamorfose nos corpos ao longo do século XX. Os corpos magros, finos, musculosos e bronzeados conquistaram seu espaço. As marcas deixadas nos corpos pelas atividades



físicas, dando especial ênfase ao desenvolvimento da musculatura, e pelo banho de sol (bronzeado) tornaram-se atributos fortemente valorizados pelas pessoas. Houve, assim, uma transformação do corpo e a beleza tornou-se uma das principais receitas da juventude. A silhueta esbelta e esportiva, os membros musculosos e sem gordura localizada tornaram-se ideais de beleza. A cultura de massa (legitimada pelo discurso médico-científico) produz um conjunto de medidas, as quais todos devem se encaixar. Os números que qualificam o corpo, a saúde e a beleza invadem as revistas e a televisão.

Deparamos-nos com a construção de corpos que são valorizados cada vez mais pelos meios de comunicação em massa e o estabelecimento de estereótipos corporais faz com que estes corpos tornem-se modelos para quem quer obter sucesso, em suas mais variadas formas, quer seja profissional, afetivo, etc., pois, o corpo bem sucedido é aquele que apresenta as características valorizadas à sua época.

César Sabino, ao tratar do assunto no livro *Nu e Vestido* (2002), da autora Mirian Goldenberg, relata que:

“não se trata de tomar a *doxa* midiática como padrão de conhecimento sociológico, mas de levar em conta o surgimento de novas tendências e posturas sociais que a mídia expressa...” SABINO, 2002, pg.144.

Quando este faz alusão a matérias de jornais e revista em que o corpo masculino e feminino está cada vez mais padronizado e atendendo aos interesses comerciais de grifes de roupas famosas ou para a exposição desses corpos em eventos de grande porte, como o carnaval, e continua ainda enfatizando:

“... uma tendência ético-estética atual, a qual denominei androlatria: adoração, tanto por parte de homens quanto de mulheres, dos princípios morais e éticos constitutivos da masculinidade hegemônica, considerados como símbolos de superioridade e sucesso econômico e social.” SABINO, 2002, pg.144.

Podemos destacar também o avanço tecnológico como um dos fatores determinantes para o estabelecimento de algo que chamo de “Indústria da Insatisfação Corporal”, pois com a expansão das telecomunicações, e consequente massificação da exposição de corpos, e não são corpos quaisquer, são os corpos perfeitos, obtidos, em sua maioria, graças aos retoques de programas de computadores específicos para o “embelezamento”, demonstrando assim, clara intenção de tornar perfeito e eliminar qualquer indício de não-perfeição.

Tais procedimentos induzem a uma perseguição de ideal corporal que somente passa a existir nas capas e interiores de revistas e programas de televisão, produzindo culturas onde o investimento para a obtenção de um corpo ideal, midiático, é de cifras consideráveis. Sabino enfatiza ainda que, pessoas passam a consumir cotidianamente todos os tipos de produtos materiais e simbólicos, tais como drogas, filmes, revistas,



exercícios, dietas, suplementos alimentares, etc. e que as academias de musculação - e acrescento também ginástica – surgem como fabricas de produção da forma, fabricando corpos para serem consumidos pela lógica do mercado.

Ao depararmos com situações como as descritas acima, devemos nos atentar para algo que Peyró (2006) destaca quando relata que a imagem corporal está intimamente relacionada com questões de auto-estima e quando o espelho se torna uma obsessão, corremos o risco de nos tornarmos “Narcisos do Século XXI” podendo desenvolver doenças psico-físicas como a bulimia, a anorexia ou vigorexia.

Neste trabalho, tem especial destaque o que, inicialmente, deu-se o nome de “anorexia inversa”, para posteriormente, com os autores Harrisson Pope, Katharine Phillips e Roberto Olivardia, no ano 2000, ter a denominação de “Complexo de Adônis” ou Vigorexia, que é uma psicopatologia caracterizada pela distorção da imagem corporal, ou seja, uma desordem emocional que se caracteriza por produzir desordem em sua percepção somática, fazendo com que os afetados por esta doença se percebam fracos, pequenos, sem qualquer atrativo físico, dentre outras características.

Torna-se impossível tentar explicar a vigorexia e seu desenvolvimento através de causa única, tal transtorno tem sua explicação na relação existente entre diversos fatores patológicos, as características do sujeito e o entorno onde estabelecem essas relações.

“Atualmente, a tendência é considerar esse tipo de transtorno como fenômenos heterogêneos e multidimensionais, surgidos das interações de diferentes fatores psicológicos, familiares, socioculturais e biológicos” (PEYRÓ, 2006.) (tradução do autor)

Peyró (2006) cita ainda que no final do Século XX, acontece a consolidação do prestígio da juventude e da sua imagem, tendo como seus estandartes a beleza, o atrativo físico e o culto ao corpo.

Tais atributos encontram, segundo o mesmo autor, um meio de comunicação que os suporta de maneira bastante sólida através da propaganda e suas mídias de alcance social nas mais variadas frentes, atingindo um público cada vez mais jovem, criando assim, um ambiente propício para a divulgação de ideais corporais e estabelecimento de condutas. O que é aprendido passa a ser transferido através de modelos sociais prontamente mostrados e, depois de interiorizados, geram percepções e condutas reais que passam a reger tanto homens quanto mulheres, adotando-as como sendo lógicas e naturais.

A conceituação de corpo está estreitamente relacionada no que tange definições tanto de caráter físico quanto psicológicos, sob as mais diversas abordagens, constituindo-se de hábitos impressos em sua matéria, por códigos, símbolos e linguagens culturais que educam tais corpos ao longo da vida.

Ao voltarmos nossas atenções para o fato de que cada vez mais somos abordados de forma agressiva por modelos de beleza ideais e atributos físicos tidos como sendo desejáveis e imprescindíveis para a obtenção de sucesso, não nos causa estranheza o surgimento de distúrbios relacionados com ingestão de substâncias destinadas a este fim, e os distúrbios relacionados com a imagem corporal, visto que os padrões estéticos



estão cada vez mais rígidos e alcançáveis somente por alguns poucos escolhidos, em situações que nem sempre são esclarecidas, causando sempre a dúvida de como podemos obter um corpo desejável e perfeito sem utilizar de recursos extremos ou desenvolver algum tipo de patologia.

De acordo com Becker (1999) e Tavares (2003), as pessoas aprendem a avaliar seus corpos através da interação com o ambiente, assim sua auto-imagem é desenvolvida e reavaliada continuamente durante toda a vida, mas as necessidades de ordem sociais ofuscam as necessidades individuais, sendo pressionados em numerosas circunstâncias, a concretizar em nossos corpos, o corpo ideal de nossa cultura.

A vigorexia, segundo os autores do livro “O complexo de Adônis” vem afetando em grande escala a população do sexo masculino graças à extrema exposição do que estes chamam de “supermachos”. Exposições que não se limitam mais somente às academias de ginástica ou materiais exclusivos para a divulgação de algo que só compete ao mundo do fisiculturismo ou afins, o apelo ao corpo ideal e musculoso vem sendo divulgado de maneira ostensiva em todo segmento social e encontra na lógica de mercado um nicho bastante promissor para a divulgação de seus ideais.

Os jovens estão, ao longo de seu crescimento, expostos por milhares de imagens desses “supermachos” e estas imagens vinculam-se ao sucesso em suas mais variadas formas, que vão desde o sucesso social, passam pelo financeiro, sexual e segue em diante.

Um dos grandes problemas apontados pelos autores Pope, Phillips e Olivardia (2000) é o fato de a sociedade e a mídia prearem uma perturbadora mensagem dupla de que a auto-estima de um homem deve basear-se principalmente em sua aparência, embora pelos padrões das imagens dos supermachos modernos, praticamente nenhum homem consiga atingi-la, tornando-se compreensível que milhões de homens modernos se sintam infelizes com o que vêem no espelho.

Para Michael Kimell (1998) citado por Sabino (2002):

“não existe apenas um tipo de masculinidade, mas várias, subordinadas à representação do que é ser homem bem sucedido (e, portanto, de fato) em nossas sociedades: forte, competitivo, destacado, bem situacionado economicamente, resistente à dor física e emocional, viril e que jamais foge dos desafios. Aquele homens que não se enquadram nesses parâmetro fariam parte de masculinidades secundárias, periféricas e subordinadas. Não seriam, assim, nesse conjunto de representações e práticas sociais, considerados homens plenos.”

Tais atributos descritos acima nos traça um panorama bastante complexo quando voltamos nossas atenções para a construção do corpo idealizado, pois para que se obtenha tal corpo são necessária intervenções sobre ele que beiram ao fanatismo, tendo como “religião” a boa forma física, em que pese o fato desta boa forma não ser conseguida sem o auxílio de “algo mais”, ou seja, o consumo de suplementos alimentares destinados ao aumento de massa muscular, substâncias desenvolvidas com



a finalidade de perda da gordura corporal e o recurso mais extremo, os anabolizantes, que Sabino (2002) considera como

“... um rito que consagra a diferença, instituindo-a. Esse rito ressalta a linha de passagem de um *status* – o de indivíduo comum – para a condição de aspirante a outra posição superior. O que deve ser frisado é que a hierarquia de papéis nas academias de musculação se inscreve no corpo por meio da forma que este gradativamente adota, isto é, mudança física fabricada significa mudança de *status*, pois esta traduz a aquisição de capital de competência – onde comprar drogas, com quem, quais os efeitos de cada uma, para qual objetivo cada uma delas presta -, além de capital corporal.”

Encerro esse trabalho propondo uma reflexão sobre o que Carlos José Martins e Helena Altmann (2007), destacam em seu texto denominado “Construções Históricas de Ideais de Corpos Masculinos e Femininos”:

“Curioso notar que toda essa exaltação do corpo “belo” e “saudável” que assistimos em nossos dias e, paradoxalmente, ao mesmo tempo, portadora de uma abjeção ao corpo enquanto “natureza”. Deixado ao sabor dos processos naturais, o corpo parece correr o risco constante de degeneração ou, obsolescência. Daí os cuidados imperativos aos quais ele deve ser submetido. O “corpo-natureza” passa a dar lugar ao “corpo-artifício”, corpo que se constrói, se manipula, se treina se trata, enfim, que se produz em nome de critérios de eficácia e otimização, bem ao modo de uma racionalidade funcionalista e tecnocientífica.”

Portanto, cabe aos profissionais da área de Educação Física, bem como aos profissionais de áreas afins, interessados nos aspectos socioculturais que perpassam a construção corporal, em especial destaque a Psicologia do Esporte tais reflexões, haja vista que:

“... o contexto cultural do corpo e as próprias atividades físicas e desportivas podem ser apresentados contraditoriamente, pois se por um lado podem fornecer possibilidades educativas privilegiadas para a formação do caráter, por outro, podem propiciar atividade pouco educativas ou capazes de interessar apenas a indivíduos problemáticos que ali encontrariam oportunidades para obter algumas formas de satisfações socialmente inadequadas”. (Machado, 1997).

Referências Bibliográficas:

BECKER JR. B. Manual de Psicologia aplicada ao Exercício & Esporte.



- Porto Alegre: Edelbra, (1999).
- MACHADO, A.A. **Psicologia dos esportes: Temas emergentes I.** Jundiaí: Apice Editora, 1997.
- MATTOS, R.S. Sou gordo, sou anormal. **Arquivos em Movimento (Revista Eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos – UFRJ)**, v. 3, n. 2, p.153 – 173, Jul. / Dez., 2007.
- MARTINS, C.J.; ALTMANN, H. Construções Históricas de Ideais de Corpos Masculinos e Femininos. In BAGRICHESKY, M.; ESTEVÃO, A. & PALMA, A. (orgs.). **A Saúde em Debate na Educação Física**. Bahia: UESC, 2007.
- PEYRÓ, C.F. **La apariencia y características de los modelos publicitarios: códigos no verbales de la realidad em el discurso publicitário, como factor de influencia social midiática em la vigorexia masculina.** 2006. Tese de Doutorado - Departamento de Filosofia, Sociologia, Comunicação Audiovisual e Publicidade - Universidade Jaume I, Castellón, Espanha.
- POPE JR, H.G.; PHILLIPS, K.; OLIVARDIA, R. **O Complexo de Adônis: Obsessão Masculina pelo Corpo**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- SABINO, C. Anabolizantes: Drogas de Apolo. In GOLDENBERG, M. (org.) **Nu e Vestido: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- TAVARES, M.C.C. **Imagem Corporal: Conceito e Desenvolvimento**. São Paulo: Manole, 2003.

Dia 28 de novembro- domingo:

8h30 as 10h00:

Mini- curso D- Psicologia do Esporte e intervenções nos esportes coletivos; Prof. Dr. Hélio Cozza

mini- curso E- Observação na Psicologia do Esporte; Prof. Dr. José Maria Montiel (Unianhanguera)

mini- curso F- Desenvolvimento de carreira e talentos esportivos; Profes. Dres. Leonardo Pestillo de Oliveira e João Ricardo Nickenig Vissoci (UEM)

mini- curso E- Observação na Psicologia do Esporte

Práticas da Observação no esporte

Montiel, J. M.

Bartholomeu, D.

Laboratório de Psicodiagnóstico e Neurociências Cognitivas – Unisal Anhanguera Educacional LEPESPE



A psicologia do esporte investiga como disciplina científica, as causas e os efeitos dos processos psíquicos que acontecem com o ser humano, antes, durante e depois de uma atividade esportiva. Este conceito remete a questões como a personalidade do praticante, sua ansiedade, sua motivação, suas atitudes, num conjunto de atividades que abrangem desde o lazer até o esporte de rendimento.

Utilizando os pressupostos descritos anteriormente a aplicação da psicologia no âmbito esportivo ocorre de maneira seqüencial seja pela avaliação de habilidades do individuo, sua potencialidade bem como para verificar possíveis deficiências. Nos casos de intervenção psicológica podem ocorrer tais como orientação individual, treinamento das capacidades psicológicas, o aconselhamento para possíveis interveniências pessoais e a psicoterapia como procedimento onde as outras formas de atendimento possam não ter havido efeitos esperados, ou seja, melhora de uma condição ao qual cotidianamente causa algum tipo de limitação, tais como ansiedade e outras condições incapacitantes, sendo desta maneira o acompanhamento especializado como um psicólogo clínico (Sorensen, 1994).

A partir das descrições anteriormente mencionadas é importante mencionar que o profissional da área de psicologia deve utilizar de métodos que busca num primeiro momento avaliar e treinar um conjunto de comportamentos emitidos pelos indivíduos num contexto interpessoal com a intenção de melhorar sua competência interpessoal e individual nas situações sociais e até mesmo minimizando questões as quais possibilitem incapacitações no seu desempenho, aumentando assim a probabilidade do indivíduo se desenvolver pessoal e socialmente de maneira mais adequada o que acarretará numa melhor qualidade de vida, pois, aprenderá a expressar seu desejos, sentimentos, opiniões e direitos, respeitando esse comportamento nos demais e que geralmente resolve problemas não só imediatos, mas também minimiza a probabilidade de futuros problemas. Já num segundo momento o profissional se utilizará da análise das bases e efeitos das ações esportivas, considerando por um lado a análise de processos psíquicos básicos (cognição, motivação, emoção) e, por outro lado, a realização de tarefas práticas do diagnóstico e da intervenção esportiva.



Nesse sentido, os processos observacionais ganham notoriedade. Só para citar um exemplo de como processos de observação são importantes nesse contexto, consideremos a agressividade no esporte. Stephens e Bredemeier (1996) distinguem três categorias de instrumentos de avaliação de condutas agressivas. A primeira delas tende a considerar as faltas cometidas durante o curso do momento esportivo. Outra perspectiva é da percepção da legitimidade dos atos danosos e violação de regras no esporte. A terceira é a percepção da proporção das ações agressivas em relação às assertivas. Algumas dessas formas de avaliação serão tratadas mais detidamente na seqüência.

No que concerne à primeira forma delas (avaliação das faltas ocorridas) alguns autores como Cullen e Cullen (1971) consideram que a simples observação dos atos agressivos não permite fazer inferências acerca de sua intencionalidade. No entanto, Widmeyer e Birch (1984) tentaram controlar esse aspecto por meio do questionamento aos jogadores das razões para desempenhar certas faltas específicas. Os resultados desse trabalho indicaram que comportamentos como brigar, dar joelhadas, cotoveladas, provocar, dentre outros se associaram à intenção de machucar ou provocar os oponentes, embora não tenham sido demonstrados resultados estatísticos para tal.

Outros problemas identificados nesse tipo de avaliação são decorrentes da precisão do avaliador em aferir a intencionalidade que é levada por aspectos individuais. Há que se considerar ainda que esse critério desconsidera comportamentos agressivos que são permitidos dentro das regras de cada um dos esportes, mas que não deixam de ser tomados como agressivos. Muitos trabalhos foram feitos nessa perspectiva das faltas em jogos, o que os diferencia, basicamente é o tipo de falta ocorrida, a quantidade delas ou minutos de penalização. Entretanto, poucos trabalhos examinaram índices de validade e precisão dessas medidas (McGuire & cols, 1992; McCarthy & Kelly, 1978; Zelin, Adler & Myerson, 1972).

Esse exemplo chama a atenção para aspectos positivos e negativos da observação no contexto esportivo, destacando suas formas mais frequentemente empregadas. De fato, a subjetividade e “olhar clínico” do psicólogo do esporte, apesar de altamente relevante (esse profissional deve ter amplos conhecimentos de



psicopatologia, dos constructos psicológicos que se está examinando e de personalidade) não é suficiente por vezes por estar sujeita à subjetividade. Nesse ponto, a atenção recaí sobre as medidas, as quais apresentam igualmente uma série de problemas quanto à adaptação para a realidade do esporte, bem como falta de estudos psicométricos.

À guisa de conclusão vale relembrar que a preparação psicológica é um processo objetivo que deve ser feita por meio de intervenções sistemáticas, na qual, deve fazer parte da preparação geral do atleta considerando a sucessão de acontecimentos esportivos, que tem como objetivo acelerar processos naturais de desenvolvimento dos conjuntos de qualidades e propriedades psíquicas do esportista (Judanov, 1974). Esta preparação psicológica realiza-se por meio de uma série de medidas que envolvem atividades de psicodiagnóstico, de planificação, de intervenção psicológica e de reavaliação. De modo geral, o processo de treinamento psicológico busca como um todo o equilíbrio emocional revertido em ações motoras acertadas.

Referências

- Associação Psiquiátrica Americana. (2002). *DSM-IV-TR tm: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. (C. Dornelles trad.). (4^a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Bandelow, B. (1995). Assessing the Efficacy of Treatments for Panic Dissorder and Agoraphobia II.:The Panic and Agoraphobia Scale. *Int. Clinical Psychopharmacol*, 10, 73-81.
- Beck, A. T, Brown, G., Epstein, N. & Steer, R. A. (1988). An Inventory for Measuring Clinical Anxiety: Psychometric Properties. *Journal Consulting and Clinical Psychology*, 56, 893-897.
- Beck, A. T., Ward, C. H., Mendelson, M., Mock, J. & Erbaugh, J. (1961). An Inventory for Measuring Depression. *Archives General of Psychiatry*, 4, 53-63.
- Sorensen, M. (1994). Physical activity in polyclinical psychiatric treatment. *International Symposium on Adapted Physical Activeis* , Brisbane.



- Cullen, J., & Cullen, F. (1971) The structural and contextual conditions of group norm violation: Some implications torn the game of ice hockey. *International Review of Sport Sociology*, 11, 69-77.
- Widmeyer, W., & Birch, J. (1984). Aggression in professional ice Hockey: A strategy for success or a reaction to failure? *The Journal of Psychology*, 117, 77-84.
- McCarthy, L., & Kelly, B. (1978). Aggressive behavior and its effect on performance over time in ice hockey athletes: An archival study. *International Journal of Sport Psychology*, 9, 90-96.
- McGuire, L., Cuutneya. K., Wrdnneyer, W. & Carron. A. (1992). Aggression as a potential mediator and the home advantage in professional ice hockey. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 14, 148-158.
- Zelin, M., Adler, G., & Myerson, P. (1972). The anger self-report: An objective questionnaire for the measurement of expression. *Journal of Consulting Psychology*, 39, 340.

mini- curso F- Desenvolvimento de carreira e talentos esportivos

João Ricardo Nickenig Vissoci²
Leonardo Pestillo de Oliveira³

1 Introdução

É comum na sociedade atual a idéia de que existem indivíduos mais dotados e mais capazes que outros de utilizar as suas potencialidades em qualquer domínio do conhecimento, ou seja, em diferentes áreas como a música, artes plásticas, esporte, ciências exatas, entre outras; esses indivíduos são denominados expoentes, *experts* ou até mesmo talentos (MAIA, 2000, MORAES, RABELO e SALMELA, 2004).

² Psicólogo (CRP-08/12469). Professor do curso de Psicologia da Faculdade Ingá-UNINGA, Maringá, Paraná, Brasil. Mestre em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil: jrvissoci@yahoo.com.br

³ Psicólogo (CRP-08/12613). Professor do curso de Psicologia do Centro Universitário de Maringá, Paraná, Brasil. Mestre em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá: leopestillo@yahoo.com.br



Para Böhme (1995) o talento esportivo é a denominação dada a uma pessoa que em determinada fase de desenvolvimento mostra pressupostos como condições corporais e psicológicas, as quais com grande probabilidade podem levar posteriormente a um alto desempenho esportivo. No contexto esportivo, segundo Pearson, Naughton e Torode (2006) o processo de identificação de talentos é complexo e o prognóstico de sucesso é imperfeito, sendo que essa identificação baseia-se em torno do reconhecimento da dotação natural ou a capacidade de uma qualidade superior, além de ser multifacetada e complexa. O talento no esporte é identificado por características que são pelo menos parcialmente geneticamente determinadas, afetadas por inúmeras condições ambientais e difíceis de determinar com precisão.

A característica que predomina na determinação de talentos esportivos é que os processos baseiam-se em evidências e discussões teóricas que resultam na descrição e identificação de condições e características que possam identificar e caracterizar as pessoas como talentos dentro de determinada população (BOHME, 1995). No entanto, apesar da grande importância apresentada no âmbito das ciências do esporte, o desenvolvimento do tema não escapa às críticas, indefinições, contradições e limitações metodológicas. Este fato se deve às pesquisas realizadas com o objetivo central de simplesmente detectar, sem a preocupação de definir o que seria realmente um talento esportivo, quais as suas características e principalmente as capacidades psicológicas que caracterizam estes sujeitos (BARREIROS, 2005).

Muitos autores como Durand-Bush e Salmela (2002) acreditam que apesar de os modelos de detecção de talentos estarem alicerçados em pressupostos científicos, estes se mostram ineficazes para indicar uma prestação futura, pois a interação entre fatores genéticos e ambientais é de difícil determinação. Atualmente o paradigma da detecção do talento esportivo vem dando lugar a uma nova perspectiva, ou seja, a do desenvolvimento do talento, sugerindo que o atleta considerado como um talento é um ser complexo, multidimensional e dinâmico, que se desenvolve segundo diferentes fases ao longo de sua vida. Apesar do enorme número de pesquisas acerca da detecção de talentos, bem como a contribuição dos mesmos para o desenvolvimento científico,



existe ainda pouca informação que dizem respeito ao desenvolvimento das características psicológicas em jovens atletas considerados talentos.

2 Desenvolvimento de Talentos Esportivos.

Durante anos os estudos foram conduzidos de forma a entender e descrever as características presentes nos talentos esportivos em diferentes fases do seu desenvolvimento (ABBOTT, COLLINS, MARTINDALE e SOWERBY, 2002; PEARSON, NAUGHTON e TORODE, 2006). Esses estudos demonstraram empiricamente as limitações dos programas de identificação e desenvolvimento de talentos. Bloom (1985) descreve em seu estudo com 25 atletas adultos de elite, que apenas 10% desses foram considerados talentos esportivos quando na idade de 11 ou 12 anos, demonstrando que 90% dos eventuais 25 melhores atletas do mundo não brilhavam como supremos em seus esportes quando jovens. Dentro deste âmbito a maioria dos estudos realizados tem utilizado o método retrospectivo e realçado alguns fatores que distinguem os atletas considerados talentos daqueles que não apresentam o mesmo nível de desempenho.

Com o intuito de discutir estas diferenças, Smoll e Smith (1996) afirmam que já é bem conhecido que a idade cronológica sozinha é um indicativo pobre para o grau individual de progresso rumo à maturidade, devido ao fato de que o relógio biológico avança em graus diferentes. Fatores biológicos, no entanto, não devem ser os únicos a serem considerados para responder a esta pergunta; concomitantes a eles devem ser considerados o desenvolvimento social, emocional e cognitivo desses atletas (INGHAM, CHASE e BUTT, 2002).

Algumas modalidades esportivas, atualmente ostentam *status* de potências monetárias, saindo simplesmente da questão do espetáculo esportivo e adentrando no mercado financeiro como algo lucrativo para empresários e organizações que investem neste “negócio”. Um exemplo seria o futebol, atualmente é considerado um esporte de espetáculo, um produto da indústria cultural, e se configura como um dos ramos mais lucrativos da economia de serviços de entretenimento, tornando-se um negócio altamente milionário, que movimenta anualmente uma quantia superior a 250 bilhões de dólares (CARRAVETTA, 2001).



O talento não é uma categoria natural, é uma construção cultural, é um rótulo de aprovação que se estabelece a uma característica pessoal que tem um valor positivo e um contexto particular no qual vive o ser humano (CSIKSZENTMIHALYI et al., 1993). Segundo Abbot, Collins, Martindale e Sowerby (2002) o interesse na identificação e desenvolvimento de talentos esportivos tem crescido muito nos últimos anos, porém o processo de identificação de talentos para times esportivos é complexo e a predição do sucesso é imperfeita (PEARSON et al., 2006).

Sobral (1994) coloca que o processo de identificação de talentos ocorre através de três fases: a identificação, a seleção e a promoção. A identificação ocorre na infância, uma avaliação baseada no desenvolvimento corporal, coordenações motoras de base e o gosto pela prática. A segunda fase ocorre na puberdade, em que o foco está nos desvios de postura, fragilidade do aparelho locomotor, traços de crescimento e composição corporal. Já a última fase culmina com o processo de promoção do talento, em que estes atletas começam a participar de competições esportivas representativas em seu país e até internacionais.

Os programas de detecção de talentos privilegiam a ótica neuromotriz em detrimento da ótica neurocognitiva, não levando em conta também a influência do meio ambiente, da família, e particularmente a capacidade de desenvolvimento e aprendizagem do atleta no seu processo de formação. A identificação de um talento baseia-se em torno do reconhecimento da dotação natural ou a capacidade de uma qualidade superior aos outros, porém esta identificação é multifacetada e complexa, pois as características individuais são parcialmente geneticamente determinadas, e são afetadas por inúmeras condições ambientais e difícil de determinar com precisão (PEARSON et al., 2006).

Uma dificuldade para a predição de que alguém se tornará um atleta de alto nível é que as habilidades podem ser identificadas ou promovidas em desenvolvimento a fim de alcançar um sucesso em curto prazo, mas pode se tornar redundante em anos posteriores. Pelo fato de a maioria dos programas de identificação de talentos ser conduzida durante a adolescência, os efeitos do crescimento e da maturação podem confundir a predição do desempenho futuro (MARTINGALE et al., 2005; PEARSON et al., 2006).



Segundo Barreiros (2005) o paradigma da “detecção de talento” esportivo tem dado lugar a uma nova perspectiva, mais propriamente conhecida como “desenvolvimento de talento”, tendo o trabalho coordenado por Bloom (1985) como o precursor na comunidade científica. Holt (2002) desenvolveu uma teoria semelhante às etapas da participação esportiva de Côté (1999) para explicar as competências psicossociais envolvidas durante o processo de desenvolvimento de um atleta até atingir o profissionalismo. Na primeira das três fases, a criança tem que apresentar habilidades acima da média, que lhe possibilitem o ingresso em um clube com perspectivas profissionais. A segunda fase compreende o período em que o jovem adolescente integra a organização profissional propriamente dita, em que o desenvolvimento de características como a resiliência parece ser fundamental assim como a existência de estratégias eficazes de *coping*, em relação a situações de pressão competitiva e social, como por exemplo, reagir positivamente aos erros e ao criticismo. Já a terceira fase inicia-se com o cumprimento de um contrato como profissional, o qual implica um conjunto complexo de desafios e adaptações.

Assim, para Csikszentmihalyi, Rathunde e Whalen (1993) o que distingue os jovens talentos é o fato de possuírem qualidades com valor cultural e traços da personalidade que conduzem a elevados níveis de concentração (realização e resistência), bem como a uma maior predisposição para a aprendizagem e para a experiência (consciência e compreensão). Além de qualidades complementares como o balanço motivacional que leva o indivíduo a persistir e sentir prazer numa atividade específica. Nenhum outro domínio investiu tanto no papel da detecção, seleção e desenvolvimento de talento como o esporte, e consequentemente muitos têm sido os estudos realizados por pesquisadores de diferentes países propondo modelos e metodologias para a identificação e desenvolvimento de “talentos esportivos” (BARREIROS, 2005).

O foco dos responsáveis pelo desenvolvimento dos jovens atletas está na sua performance atual, o que ocorre é que os especialistas não realizam uma avaliação a longo prazo a fim de predizer o sucesso desse atleta mais tarde. Fato comprovado através dos estudos de Bloom (1985) mostrando que apenas 10% dos atletas de elite adultos foram considerados talentos quando na idade de 11 ou 12 anos, isso significa



que 90% dos eventuais 25 melhores atletas do mundo estudados não brilhavam como supremos em seus esportes quando eram jovens. Entretanto muitos são os fatores que influenciam jovens no desenvolvimento de sua carreira esportiva e também a sua vida, tais como os processos técnicos, financeiros, recursos, avaliação, gratificação técnica, competição e estrutura do clube (MARTINDALE et al., 2005).

O desenvolvimento cognitivo é um dos principais fatores a serem considerados no desenvolvimento do talento esportivo, com isso as características psicológicas associadas ao sucesso esportivo tem merecido a dedicação de muitos investigadores na área. Assim, segundo Morris (2000) é consenso entre os autores de que a principal abordagem metodológica adotada no passado foi o estudo comparativo dos traços da personalidade de atletas adultos de elite e de nível inferior, partindo do pressuposto de que as características que identificam os que atingem o sucesso são aquelas que interessa detectar nos jovens adolescentes. Porém, apesar do crescente interesse no estudo, até agora a verdade é que ainda existe pouca informação relativamente aos processos de desenvolvimento das características psicológicas em jovens atletas de sucesso.

3 Desenvolvimento a Carreira Esportiva

A busca pela detecção e desenvolvimento de talentos esportivos tem feito com que os responsáveis pelo envolvimento de crianças no esporte tenham a crença de que a iniciação esportiva deva começar em idades cada vez mais jovens, acreditando que assim maiores serão as chances da criança se tornar um talento esportivo, o que os leva, muitas vezes, a encorajá-las a fazer o que for preciso para alcançar os resultados e o desempenho esperado (LAVALLÉE e ROBINSON, 2007).

Entretanto, é consenso na literatura que o tempo de prática não é a única variável determinante para o desenvolvimento da carreira atlética. Miller e Kerr (2002) colocam que a busca pela excelência no esporte pode prejudicar as chances do indivíduo para conquistar a excelência pessoal. Um exemplo disto é o desenvolvimento de habilidades sociais que, devido às demandas e necessidades do esporte visando às habilidades atléticas, pode ser dificultado (DANISH e DONOHUE, 1995).



Frente a isto, Vieira (1999) aponta que o desenvolvimento da carreira atlética deve estar relacionado ao processo de crescimento e desenvolvimento individual, devendo a iniciação ser planejada levando em consideração as fases de desenvolvimento da criança. Nesse sentido, diversos estudos propuseram modelos para o desenvolvimento atlético, caracterizando as etapas evolutivas. Esses modelos são importantes para os profissionais do esporte porque relatam aspectos, princípios, características e valores específicos para o processo de desenvolvimento em cada uma das fases (BARREIROS, 2005).

Bloom (1985) estudou talentos em diferentes áreas do conhecimento e delimitou estágios comuns de desenvolvimento, apesar das diferenças entre as fases. O autor analisou o desenvolvimento de talentos em três áreas: atlética ou motora; musical ou artística; intelectual e cognitiva.

Os estágios propostos por Bloom (1985) foram: anos iniciais, anos intermediários e anos finais, delimitando em cada fase as características próprias em relação ao envolvimento do atleta, professores e pais. Nos anos iniciais as crianças estão começando a se envolver com o esporte e o objetivo mais importante é o divertimento. Quando as crianças começam a competir, os pais são os principais incentivadores e compartilham o prazer a aproveitamento dos filhos (WUERTH, 2004). Nessa fase os jovens evoluem de um contato inicial com o esporte a um nível de especialização em um papel ou modalidade. Aqui as crianças enfrentarão um esporte organizado em sessões de treinamento, competições aos finais de semana e em feriados, maior carga física de treinamento e demanda psicológica (STAMBULSOVA, 1994). É aconselhado, nesta fase, que a criança experimente diferentes modalidades esportivas com o foco do divertimento e ludicidade (WYLLEMAN, 2007).

Nos anos intermediários, aumenta-se o comprometimento com o esporte e a criança muda o foco da prática para o aprimoramento das habilidades e técnicas com competições de maior nível. Nessa fase, que inicia entre os doze/treze anos de idade e vai até os dezoito anos de idade, os jovens atletas se comprometem intensamente com o esporte e se percebem como sendo talentosos ou promissores, com capacidade de alcançar o alto nível de rendimento (WYLLEMAN, 2000). Além disso, os jovens



talentos precisam agora lidar com novas cargas de prática, maior frequência e especialidade de treinamentos, necessidade de maior preparo físico e psicológico para as competições e maior expectativa dos pares sociais pelo desempenho atlético.

A busca pela profissionalização faz com que o foco dos objetivos pessoais dos atletas esteja voltado exclusivamente para o esporte, envolvendo alta intensidade e freqüência de treinamento e maior número de competições (BLOOM, 1985). Por outro lado, com ênfase na influência do contexto social no desenvolvimento de talentos esportivos, CSIKSZENTMIHALYI et al. (1997) destacaram que as crianças necessitam do suporte de um grande número de indivíduos para desenvolver seu talento, assim, pais, técnicos, mentores, amigos e instituições (colégios, clubes, escolas esportivas) devem auxiliar no desenvolvimento do talento. Nesta perspectiva, o talento não pode existir sem o suporte social, reconhecimento e envolvimento de pares sociais (pais, técnicos, professores, familiares, entre outros) (BARREIROS, 2005).

Outra perspectiva para suporte teórico do desenvolvimento de talentos esportivos que será utilizada neste estudo foi proposta por Cotè (1999), que construiu um modelo constituído de etapas de participação esportiva. Tal modelo é composto por três períodos: o primeiro vai desde a infância (anos de experiência), passando por uma etapa intermediária (anos de especialização) para terminar no final da adolescência (anos de investimento). Os anos de experiência referem-se à faixa de seis a doze anos e têm os pais como principais influências para a entrada e desenvolvimento do interesse do filho pelo contexto esportivo. A experiência diversificada entre as modalidades esportivas é importante neste estágio para o desenvolvimento de capacidades motoras básicas.

O foco das atividades está no prazer e divertimento que os atletas sentem ao praticar o esporte (COTÈ, 1999). Por volta dos treze anos inicia-se o estágio da especialização, no qual o atleta sofre maior influência, definindo seu interesse para um ou dois esportes. O interesse por atividades alheias à prática esportiva diminui, mas o divertimento e a brincadeira ainda se sustentam como elementos centrais da vivência esportiva. Inicia-se o treinamento específico, aumento do volume de prática, com o objetivo de desenvolver habilidades esportivas específicas (COTÈ, 1999). A presença dos pais é caracterizada pela ênfase no desempenho do atleta tanto no esporte como na escola, compromisso



financeiro e de tempo com o atleta, e aumento no interesse pelo esporte do filho (SALMELA et al., 2003).

No estágio do investimento, o forte compromisso do atleta para alcançar o alto nível e o desempenho em um esporte específico é evidenciado: a carga de treinamento aumenta, assim como a dedicação à carreira atlética. O interesse dos pais no esporte também aumenta e o suporte parental fica evidente como essencial para que o atleta enfrente as demandas dos treinamentos e da competição (COTÈ, 1999; VIANNA JUNIOR, 2002).

Cotè (1999) aponta ainda para uma quarta fase, chamada de recreacional, que pode ser alcançada através de qualquer fase anterior e é caracterizada pela integração das atividades prazerosas e que busquem a saúde. O atleta que vai para a fase recreacional pode regressar ou ingressar pela primeira vez na etapa de investimento. Um último aspecto abordado pelo modelo é que um indivíduo que inicia uma prática esportiva pode abandoná-la em qualquer momento, principalmente se o divertimento e o aperfeiçoamento de habilidades não forem presentes.

Holt (2002) faz uma consideração sobre o modelo de Cotè (1999), na qual ressalta o destaque dado pelo autor à participação dos pais na carreira do atleta. Nesse sentido, Wylleman e Lavallee (2003), reunindo a literatura sobre o desenvolvimento atlético encontraram diferentes estágios e transições que o atleta enfrenta ao longo de sua carreira esportiva, em diferentes domínios do desenvolvimento.

4 Considerações Finais

Para que o atleta alcance os mais altos níveis de excelência esportiva, depende de muitas variáveis, mas é difícil determinar o papel de cada uma delas e como estas vão influenciar positiva ou negativamente o desenvolvimento desse indivíduo. Entretanto, a idéia de que a carreira dos atletas deve ser fruto de um planejamento extremamente minucioso, é consenso entre os profissionais da área. Estas questões inerentes ao planejamento da carreira atlética estão diretamente relacionadas ao percurso do jovem atleta e envolvem, entre outros fatores, o treinamento, as competições e a influencia que a família exerce sobre os filhos.

Além dos treinamentos, das competições, da influencia dos técnicos e da família, as características individuais ajudam a determinar se uma pessoa irá ou não irá desenvolver



seu talento. É a organização psíquica, e não a família, as formas de treinamento ou as competições que ressaltam o desenvolvimento do talento, sendo que a principal função da família é em ajudar na forma dessa organização psíquica.

Apesar das características individuais de cada atleta, a expressão ou a confirmação do talento implica também em um forte empenho na preparação esportiva, mas que não se realiza sem um conjunto de condições sociais que suportam o envolvimento das crianças e jovens no esporte e na preparação esportiva visando o alto rendimento. Neste caso o ambiente familiar e o empenho dos pais para a experiência esportiva dos filhos parece ser uma dessas principais condições sociais. As famílias afetam os jovens de inúmeras maneiras, elas diferem enormemente em relação aos valores, ao tipo de modelos fornecidos, e também diferem no grau com que fornecem aos jovens oportunidades de se identificarem com indivíduos bem sucedidos.

Com o auxílio do trabalho psicológico, o ambiente esportivo não se resume apenas na busca pela excelência esportiva, mas auxilia o jovem atleta a fazer suas escolhas principalmente ao integrar uma equipe esportiva profissional, e no desenvolvimento da carreira atlética, processo este que não pode ser ignorado quando se pretende formar um atleta de sucesso. Realçando assim a importância do estudo das determinantes psicológicas que são apresentadas e desenvolvidas ao longo do processo de desenvolvimento dos jovens atletas, com intervenções realizadas junto a estes jovens atletas no sentido de aperfeiçoar as suas capacidades psicológicas, criando condições necessárias e favoráveis para o desenvolvimento destes jovens atletas.

Referências

- ABBOTT, A., COLLINS, D., MARTINDALE, R. e SOWERBY, K. **Talent Identification and Development: An Academic Review**. Edinburgh: SportScotland, 2002.
- BARREIROS, A. Características psicológicas e desenvolvimento dos talentos em desporto. **Mestrado, Faculdade de Motricidade Humana** - Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2005.
- BLOOM, B. S. **Developing talent in young people**. New York: Ballantine Books, 1985.

- BÖHME, M. T. S. Talento esportivo II: determinação de talentos esportivos. **Revista Paulista de Educação Física**, 1995, 9 (2), 138-146.
- CARRAVETTA, E. **O jogador de futebol**: técnicas, treinamento e rendimento. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.
- CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **The Sport Psychologist**, 1999, 13, 395-417.
- CSIKSZENTMIHALYI, M, RATHUNDE, K, WHALEN, S. **Talented teenagers: The roots of success & failure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. 307p.
- CSIKSZENTMIHALYI, M., RATHUNDE, K., e WHALEN, S. **Talented teenagers - the roots of sucess and failure**. New York: Cambridge University Press, 1993.
- DANISH, S. J.; DONOHUE, T. Understanding media's influence on the development of antisocial and prosocial behavior. In: HAMPTON, R.; JENKINS, P.; GULLOTA, T. (Eds.) **Preventing violence in America**. Thousand Oaks: Sage, 1995. p. 133-156.
- DURAND-BUSH, N. e SALMELA, J. The development and maintenance of expert athletic performance: Perceptions of world and Olympic champions. **Journal of Applied Sport Psychology**, 2002, 14, 154-171.
- HOLT, N. L. **Toward a grounded theory of the psychosocial competencies involved in becoming a professional soccer player**. Unpublished PhD, University of Alberta, Edmonton, 2002.
- INGHAM, A. G.; CHASE, M. A. e BUTT, J. From the performance principle to the developmental principle: every kid a winner? **Quest**, 2002, 54, 308-331.
- LAVALLEE, D. e ROBINSON, H. K. In pursuit of an identity: A qualitative exploration of retirement from women's artistic gymnastics. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 8, n. 2, p. 119-141, 2007.
- MAIA, J. A. Uma nota breve sobre a ideia de talento desportivo. **Sobredotação**, 2000, 1, 37-45.
- MARTINDALE, R. J. J.; COLLINS, D. e DAUBNEY, J. Talent Development: A guide for practice and research within sport. **Quest**, 2005, 57, 353-375.
- MILLER, P. S.; KERR, G. A. Conceptualizing excellence: Past, present and future. **Journal of Applied Sport Psychology**, London, v. 14, p. 14-153, 2002.
- MORAES, L. C.; RABELO, A. S. e SALMELA, J. H. Papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas. **Psicologia Reflexão e Crítica**, 2004, 17, 211-222.



- MORRIS, T. Psychological characteristics and talent identification in soccer. **Journal of Sport Sciences**, 2000, 18, 715-726.
- PEARSON, D. T.; NAUGHTON, G. A. e TORODE, M. Predictability of physiological testing and the role of maturation in talent identification for adolescent team sports. **Journal of Science and Medicine in Sport**, 2006, 9, 277-287.
- SALMELA, J. H. & MORAES, L. C. Coaching expertise, families and cultural contexts. In: STARKES, L.; ERICSSON, K. A. (Orgs.), **Expert performance in sport: Advances in research on sport expertise**. Champaign: Human Kinetics, 2003. p. 275-296.
- SMOLL, F. e SMITH, R. **Children and youth in sport: A biopsychosocial perspective**. Madison, WI: Brown e Benchmark, 1996.
- SOBRAL, F. **Desporto Infanto-Juvenil: prontidão e juventude**. Lisboa: Livros Horizonte, 1994.
- STAMBULOVA, N. Developmental sports career investigations in Russia: A postperestroika analysis. **The Sport Psychologist**, Champaign, v. 8, p. 221-237, 1994.
- VIANNA JÚNIOR, N. S. **Influências dos pais no desenvolvimento de atletas jovens no tênis**. Dissertação. (Mestrado)-Escola de educação física, fisioterapia e terapia ocupacional. Universidade federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2002.
- VIEIRA, J. L. L. **O processo de abandono de talentos do atletismo do estado do Paraná: um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos**. 1999. 162f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.
- WUERTH, S.; LEE, M. J.; ALFERMANN, D. Parental involvement and athletes' career in youth sport. **Psychology of sport and exercise**, Amsterdam, v. 5, p. 21-33, 2004.
- WYLLEMAN, P.; DE KNOP, P.; VERDET, M. C.; CECIC-ERPIC, S. Parenting and career transitions of elite athletes. In: JOWET S. & LAVALLÉE, D. (Eds.) **Social Psychology in Sport**, Champaign: Human Kinetics, 2007.
- WYLLEMAN, P.; DE KNOPP, P.; EWING, M. E.; CUMMING, S. P. Transitions in Youth Sport: A Developmental Perspective on Parental Involvement. In: DAVID, L.; WYLLEMAN, P. **Career Transitions in Sport: International perspectives**. Editors Morgantown, 2000. 282 p.
- WYLLEMAN, P., LAVALLÉE, D. A developmental perspective on transitions faced by athletes. In: WEISS, M. (Ed.), **Developmental sport psychology**. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, 2003.



10h00: Painéis

DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES PSICOLÓGICAS EM ATLETAS DE BICICROSS NA EQUIPE PAULÍNIA RACING BICICROSS/ PETROBRÁS: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO INTERDISCIPLINAR EM PSICOLOGIA DO ESPORTE E DO EXERCÍCIO

Lima, D. P.; Venditti Jr., R.

Instituição: PUC-Campinas; Paulínia Racing Bicicross-Petrobras

O objetivo deste trabalho é relatar uma experiência com atletas de bicicross, a equipe municipal de Paulínia (PAULINIA RACING BICICROSS/ PETROBRÁS), no tocante ao desenvolvimento de habilidades psicológicas e sociais, necessárias ao âmbito competitivo do esporte em questão. Aspectos como a tolerância à frustração e ansiedade dos atletas, ajudando-os a superar derrotas em competições; motivação; convívio; coesão grupal; integração e equilíbrio emocional são exemplos de habilidades desenvolvidas neste programa. Como profissionais, consideramos de grande importância a superação à frustração, assim como o autoconhecimento e autoconfiança de cada indivíduo; proporcionando um potencial mais elevado durante as provas e a melhoria da saúde mental dos atletas, independentemente apenas dos resultados. Além disso, este programa pode contribuir para o desenvolvimento das habilidades e competências específicas na formação do atleta e nos aspectos de atuação e intervenção do psicólogo e profissional de Educação Física. No aspecto pessoal, pode-se destacar a experiência prática de se entrar em contato com os atletas, e assim ampliar o conhecimento teórico, favorecendo o diálogo entre as áreas oriundas da Psicologia do Esporte (Psicólogos de formação e professores de educação Física). Palavras-chave: habilidades sociais; habilidades psicológicas; Psicologia do Esporte; bicicross.

ABSTRACT - Program of development of social and psychological abilities in athlete of bicicross in the team Paulínia Racing Bicicross/Petrobrás: possibilities of intervention in Psychology of the Sport and Exercise The objective of this paper is to describe an experience with athletes of bicicross: the municipal team of Paulínia (PAULINIA RACING BICICROSS/PETROBRÁS), in regards to the development of psychological and social skills, necessary abilities to the competitive scope of the sport in question. Aspects as the tolerance to frustration and anxiety of the athletes, helping them to surpass it defeats in competitions; motivation; conviviality; group cohesion; integration and emotional balance are examples of abilities developed in this program. As professional, we consider of great importance the overcoming to the frustration, as well as the self-knowledge and self confidence of each individual; providing a potential more raised during the tests and the improvement of the mental health of the athletes, independently only of the results. Moreover, this program can contribute for the development of this abilities and specific abilities in the formation of the athlete and the aspects of performance and intervention of the psychologist and professional of Physical Education. As a personal aspect, it can be detached the practical experience of



if entering in contact with the athletes, and thus to extend the theoretical knowledge, favoring the dialogue between the deriving areas of the Psychology of the Sport (Psychologists of formation and professors of Physical Education and Sports).
KEYWORDS: social abilities; psychological abilities; Sport Psychology; bicicross

Apoio Trabalho:

Email: rubensjrv@yahoo.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

IMAGEM E REPRESENTAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Macedo, A. B. R.; França, G. L. S.; Romariz, S. B.

Instituição: FAMATH

IMAGEM E REPRESENTAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

RESUMO Com o desmantelamento educacional público a partir de 1970-1980, o segmento educacional passou por uma depreciação e desvalorização social. Neste contexto, o professor de Educação Física rotulado como “corpo forte, sem cabeça” deparou-se com a dificuldade de sustentar uma imagem positiva e forte aguçada pela inexistência de um corpus teórico filosófico que o sustentasse (STEINHILBER, 2009). A não contextualização e a dificuldade de alcançar um consenso sobre o significado da Educação Física é a raiz do seu não reconhecimento. Em meados dos anos 80 descobriu-se que os problemas enfrentados estavam ligados aos papéis por ela representados no cenário educacional que se modificava de acordo com mudanças no campo sócio-político-econômico (CASTELLANI FILHO, 1992). Foi preciso um redirecionamento e uma expansão da atuação da Educação Física para gerarem uma mudança de imagem, de perfil e dos papéis que o profissional de Educação Física deveria desempenhar, para atender as demandas mercadológicas atuais. Entretanto vestígios apontam uma continuidade dessa imagem depreciativa do professor de Educação física pela sociedade atual. Dentro desse contexto o objetivo desse estudo foi identificar e analisar a imagem do professor de Educação Física pela ótica dos discentes do terceiro ano do ensino médio, apontando a representação desse profissional no meio educacional. A amostra foi composta de 68 alunos do terceiro ano do ensino médio, de ambos os sexos, maiores de 18 anos, de duas escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro, sendo 37 de um colégio situado no município de Niterói e 31 alunos(as) do município de Inoã. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado o questionário. A pesquisa seguiu a proposta metodológica de Análise do Conteúdo. Para a codificação dos dados foi utilizada a regra de enumeração da freqüência e da freqüência ponderada. Identificou que 49% dos alunos atribuem a característica ‘em forma’ para representar a



imagem do professor de Educação Física, seguida da ‘atlética’ com 21%. O profissional que exerce a carreira de Educação Física foi caracterizado por 47% dos discentes como uma pessoa que ‘pratica esportes, exercícios físicos e tem um bom condicionamento físico’. Identificou-se ainda que o professor deve apresentar a qualidade ‘responsável’ (246), seguido da ‘inteligente’ (199), números obtidos por meio da freqüência ponderada. A principal função do professor de Educação Física na escola, na visão de 47% dos alunos é de ‘ensinar os alunos uma prática esportiva’ e o mesmo no meio educacional deve ‘ministrar aulas atrativas e ter paciência para ensinar os alunos(as)’, missão descrita por 37% dos entrevistados. Conclui-se que a imagem do professor de Educação Física ainda guarda produções imaginárias construídas nas décadas de 70 e 80. Sua imagem permanece ancorada à um corpo culturalmente construído como belo e forte, capaz de praticar esportes e exercícios físicos com bom condicionamento físico e com uma singela valorização de seu intelecto. A representação do professor de Educação Física no meio educacional ainda reflete o modelo esportivista como a principal função do professor de Educação Física. PALAVRAS-CHAVE: professor de educação física; imaginário; representação. Alessandra Bellas Romariz de Macedo - FAMATH ale_bellas@hotmail.com Gilberto Luiz Salvador de França – FAMATH gilbertosalvadordefranca@gmail.com Sandra Bellas de Romariz – FAMATH sbellas@ig.com.br

Apoio Trabalho:

Email: ale_bellas@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

O USO DE ANABOLIZANTES POR ADOLESCENTES NO CONTEXTO ESCOLAR

Magella, J

Instituição: Instituto Estácio De Ensino Superior de Cotia

O uso de anabolizantes por adolescentes no contexto escolar. Este trabalho é uma revisão bibliográfica na área da educação física e saúde coletiva, que visa analisar a produção de estudos sobre o uso de anabolizantes por adolescentes no contexto escolar. Para tanto foi realizado uma busca bibliográfica no sistema de bibliotecas da USP, UNICAMP, UNESP, PUC-SP e FAAC acerca dos temas: Anabolizantes, adolescentes, estética, foram realizados leituras e fichamentos dos livros, artigos, dissertações, teses e apresentação da análise dos textos. Segundo o autor (Guimarães neto, XX) por muitas das vezes as pessoas acabam usando anabolizantes por vaidade ou em busca de resultados mais rápidos. Ressaltar a importância da orientação de um profissional em



relação ao uso de anabolizantes na adolescência. Nossa objetivo é mostrar através de revisões literárias e leitura de artigos de como esse assunto esta sendo tratado. A proposta deste trabalho é apresentar uma breve síntese acerca do assunto facilitando o acesso a produção científica. A importância é mostrar que de formas saudáveis também pode se ter um corpo (perfeito) e com saúde sem a utilização de anabolizantes e mostrar os efeitos colaterais dessas substâncias. Fichamento de livros, pesquisa em escolas, academias, profissionais da área de Educação Física. Realizamos leituras de livro e artigos relacionado ao tema.

Apoio Trabalho: Profº Ms. Luiz fernando

Email: jairpraonde@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

ESTUDO DE CASO: A INCLUSÃO DE UMA ALUNA COM BAIXA VISÃO NA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO

Mahl, E.; Harlos, F.; Carvalho, J.

Instituição: UFSCar - Programa de Pós-graduação em Educação Especial

RESUMO: A inclusão de alunos com necessidades especiais no ambiente escolar é considerada por muitos, uma problemática por suscitar questões de reflexão e adaptações físicas, curriculares e comportamentais por parte de todos os considerados responsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem (professores, pais, alunos, equipe pedagógica e administrativa). Diante disso, o presente estudo teve por objetivo verificar o processo de inclusão de uma aluna com baixa visão na rede pública estadual de ensino de um município do Oeste do Paraná, analisando ainda se os professores estão preparados para atender e suprir as Necessidades Educacionais Especiais* desta aluna. Como instrumento utilizou-se de dois questionários com perguntas fechadas e um roteiro de observação, todos validados por professores da Faculdade de Ensino Superior do Iguaçu (FAESI). Ressalta-se que, um dos questionários remetia-se aos professores de todas as disciplinas, e o outro questionário para a equipe pedagógica (supervisão e direção) do estabelecimento de ensino, que atuam diretamente com a aluna. Em análise qualitativa deste estudo de caso, os resultados apontaram que o processo de inclusão da aluna com baixa visão, pertencente a sexta série do ensino fundamental, esta ocorrendo segundo as recomendações do Ministério da Educação e Cultura, ou seja, os professores e equipe pedagógica procuram: obter informações pessoais da aluna (histórico da deficiência, comportamentos no ambiente familiar, reclamações e sugestões); adequar materiais e recursos para que a aluna se aproprie dos conhecimentos transmitidos, sendo



que muitas apostilas e livros são ampliados ou confeccionados no sistema Braille pela própria turma; proporcionar vivências relativas as limitações apresentadas pela aluna; promover discussões sobre a diversidade; modificar o ambiente da sala de aula, bem como estrutura física da escola de modo a facilitar a locomoção, entre outras metodologias adotadas. Assim, verificou-se nas respostas dos questionários e nas observações do cotidiano escolar da aluna com baixa visão, que os professores e a equipe pedagógica buscam alternativas para que o processo da aluna realmente se efetive no ambiente escolar, porém relataram que não estão preparados e nem apresentam conhecimentos suficientes sobre inclusão. Neste contexto, observa-se que muitas modificações ainda se fazem necessárias, entretanto, os primeiros passos para o sucesso da inclusão desta aluna estão acontecendo, ou seja, professores e a equipe pedagógica respeitam as limitações da aluna e buscam adaptações para que a mesma se aproprie dos conhecimentos transmitidos no ambiente escolar. Quanto a apresentar conhecimentos suficientes sobre inclusão, acredita-se que isto seja impossível pela complexidade da temática, todavia, cada professor pode e deve se apropriar de conhecimentos indispensáveis e relevantes para a melhoria deste processo, independente da disciplina de atuação no contexto escolar. PALAVRAS-CHAVE: Inclusão, Necessidades educacionais especiais, adaptações curriculares. * A expressão necessidades educacionais especiais pode ser utilizada para referir-se as crianças e jovens cujas necessidades decorrem de sua elevada capacidade ou de suas dificuldades para aprender. Está associada, portanto, a facilidade ou dificuldade de aprendizagem, não necessariamente vinculada somente à deficiência.

Apoio Trabalho:

Email: do_mahl@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

INVESTIGAÇÃO: OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA REALIZAM ADAPTAÇÕES CURRICULARES PARA ATENDER OS ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS?

Mahl., E; Balzan., D

Instituição: Universidade Federal de São Carlos-UFSCar-Programa de Pós-graduação em Educação Especial

RESUMO: As propostas educacionais na disciplina de Educação Física foram modificando-se ao longo dos últimos anos, buscando oferecer igualdade de oportunidades de aprendizagem a todos, onde todos os alunos possam refletir e valorizar as suas potencialidades e limitações, bem como, as de seus colegas, independentemente



se apresentam ou não Necessidades Educacionais Especiais (NEEs)*. Para isso se faz necessário propor uma Educação Física que se paute na valorização da diversidade, sendo de fundamental importância que o professor assuma uma prática de apoiar, incentivar e valorizar a participação de todos, sem exceção, favorecendo assim o processo de inclusão escolar, sendo que, este processo não compreende a mudança dos conteúdos propostos na disciplina, mas se dá mediante adaptações curriculares das técnicas, métodos e formas de organização dos mesmos, podendo assim ser aplicados ao também ao aluno com NEEs. Neste contexto, o presente estudo teve por objetivo verificar junto aos professores de Educação Física da rede pública estadual de um município do interior do Paraná se os mesmos realizam adaptações curriculares em seus planos de aula, além de averiguar se durante as aulas incentivam a participação de todos os alunos, especialmente os que apresentam NEEs. Para responder a estes objetivos utilizou-se de questionário com perguntas fechadas para o professor e roteiros de observação de suas aulas, ambos validados por professores de Educação Física da Faculdade de Ensino Superior do Iguaçu (FAESI). Ressalta-se que, participaram do estudo doze professores de Educação Física, sendo que, os mesmos apresentavam alunos com diagnóstico de NEEs em suas turmas. Assim, o presente estudo caracteriza-se como descritivo e de cunho qualitativo. Os resultados do estudo apontaram que os professores realizam adaptações em seus planos de aula, visando não excluir nenhum aluno das atividades propostas, nem evidenciando as NEEs por eles apresentadas. Também observou-se que muitos alunos, especialmente os que apresentam NEEs, preferem não participar das atividades por acreditar que não são capazes, porém os professores os incentivam, ressaltando a importância de sua participação e colaboração para o sucesso das atividades, argumentando, ainda que todos apresentam facilidades e dificuldades, mas isso apenas contribui para que um possa ajudar e aprender como outro. Após os insistentes incentivos do professor os alunos acabam por participar assiduamente da atividade proposta, demonstrando satisfação na execução das tarefas a eles designadas. Destarte, verificou-se que tanto no discurso quanto nas práticas os professores de Educação Física não se eximem da responsabilidade frente ao processo de inclusão, buscando adaptar seus planos de aula, além de incentivar a participação efetiva de todos os alunos, principalmente dos alunos que apresentam NEEs. Neste ínterim, acredita-se que a partir do momento que todos os envolvidos no processo educacional (professores, pais, alunos, equipe pedagógica e equipe administrativa) realmente tornarem-se responsáveis por encontrar alternativas, tanto práticas quanto teóricas para a participação de todo o alunado, o sucesso da inclusão será inevitável e indispensável em todas as disciplinas do currículo escolar. PALAVRAS-CHAVE: Educação Física, inclusão, adaptações curriculares. * A expressão necessidades educacionais especiais pode ser utilizada para referir-se as crianças e jovens cujas necessidades decorrem de sua elevada capacidade ou de suas dificuldades para aprender. Está associada, portanto, a facilidade ou dificuldade de aprendizagem, não necessariamente vinculada somente à deficiência.

Apoio Trabalho:



NÍVEL DE ANSIEDADE-ESTADO EM ACADÊMICOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS JOGOS INTERCURSOS

Martins, FM; França, CF; Nogueira, MDGR; Massetto, ST; Chaves, AD

Instituição: Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Uma das possíveis causas da queda no desempenho está relacionada a ansiedade do atleta diante do medo de falhar em situações competitivas e a forma como o atleta interpreta esses momentos de disputa, como ameaçadores ou não, pode influenciar o desempenho durante as competições. A ansiedade pode ser definida como um sentimento de insegurança, causado por uma expectativa de perigo, de ameaça ou ainda, de desafio, o que evidencia a ocorrência de pensamentos, surgindo daí, a denominação ansiedade cognitiva. A ansiedade somática corresponde às alterações fisiológicas provocadas pelo aumento da atividade do sistema nervoso autônomo, quando se é percebida uma situação como perigosa ou ameaçadora para a integridade do indivíduo. Alguns estudos relacionam vários sintomas psicológicos provocados pela ansiedade: medos irracionais sem sentido, irritação, tensão, exigências conflitantes, mania de perfeição, impulsos autodestrutivos, autocrítica alterada, sentimento de inveja, auto-imagem alterada/ilusória, preocupações excessivas. Um dos fatores com influência mais significativa na qualidade do desempenho é o grau de ansiedade-estado, principalmente durante o tempo que precede a competição (ansiedade pré-competitiva). O presente estudo teve por objetivo verificar a influencia da ansiedade-estado no desempenho de alunos universitários nas modalidades coletivas futsal, basquete, handebol e vôlei, durante a realização dos Jogos Intercursos. Trata-se de uma pesquisa exploratória com uma amostra de 54 acadêmicos do curso de Educação Física da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, da cidade de Uberaba – MG, sendo 23 mulheres e 31 homens, com idade média de $20,81 \pm 3,24$ anos. Foi utilizado o instrumento CSAI-2 (Competitive State Anxiety Inventory-2) que é constituído de vinte e sete itens, no qual cada conjunto de nove itens está relacionado a um tipo de ansiedade (somática, cognitiva e de autoconfiança) nas quais o sujeito opta por 1 = nada, 2 = alguma coisa, 3 = moderado e 4 = muito, de acordo com a pergunta. Os dados coletados foram analisados através do pacote estatístico SPSS (Statistical Package of Social Sciences for Windows), usando a estatística descritiva e os resultados foram apresentados em forma de porcentagem, média e desvio padrão. Relacionamos o resultado dos jogos que esta amostra participou, com o resultados dos testes de ansiedade-estado pré-competitivo e verificamos que, em relação aos 19 jogos realizados 26,3% apresentaram médio nível de ansiedade e 73,6% apresentaram baixo nível de ansiedade antes dos jogos disputados. Os resultados finais dos jogos foram 94,73% de vitórias e 5,26% de derrotas. Nas modalidades femininas, a que apresentou uma média maior de ansiedade-estado pré-competitivo foi o basquete, com $20,75 \pm 2,5$, seguido pelo futsal com $20,22 \pm 4,16$ e o vôlei com $19,27 \pm 0,56$, todos classificados como média ansiedade, e o handebol com $17,16 \pm 0,70$ classificado como baixa ansiedade. No masculino, a ansiedade foi maior no futsal com $15,10 \pm 0,87$, depois no handebol com $14,42 \pm 3,96$, no basquete com $14,14 \pm 4,75$ e no vôlei com $13,05 \pm 1,76$,



todos classificados como baixa ansiedade. A análise dos resultados nos permitiu concluir que os baixos níveis de ansiedade-estado podem ter ajudado os alunos a alcançarem melhores rendimentos durante os jogos, obtendo assim grande número de vitórias nos Jogos Intercursos da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

Apoio Trabalho:

Email: alinedessupoyo@ig.com.br

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

ANÁLISE DO LEGADO ESPORTIVO DOS JOGOS PANAMERICANOS RIO 2007: QUEM GANHOU E QUEM PERDEU?

Martins, L.T.; Venditti Jr., R.

Instituição: Universidade Adventista de São Paulo (UNASP - Campus SP)

Os Jogos Panamericanos 2007, realizados na cidade do Rio de Janeiro foi o maior evento esportivo realizado no Brasil (171.000 turistas, 73% da população acompanhou o evento, custo de R\$ 3,8 bilhões – 2 bilhões e 100 milhões dólares de um projeto de custo inicial estimado em 224 milhões de dólares). Considerando todo seu planejamento, a estrutura, a organização, o elevado orçamento e as construções esportivas realizadas, quão efetivo isto se torna quando a questão é a prática esportiva pós evento? A forma como a mídia apresentou as conquistas do Pan, parece dar pequena importância ao aumento da prática esportiva, destacando primeiramente outras questões, tais como os novos estádios, transporte público, o uso do dinheiro público e a formação de atletas de alto nível. Segundo autores pesquisados, os grandes eventos esportivos podem ser analisados em 3 aspectos: o legado deixado, fruto da idealização e realização dos eventos; as necessidades sociais e os impactos do mesmo na realidade social. Os legados de grandes eventos esportivos podem ser associados a resultados que transcendem ao âmbito esportivo. Há duas subdivisões ao legado do evento: os efeitos de ordem material (instalações esportivas; transportes urbanos; habitações e alojamentos e os fatores econômicos) e os de ordem não-material (treinamento profissional; prática esportiva; produção de conhecimento e tecnologia; identidade nacional; imagem urbana e imaginário social). Durante a análise dos Jogos e o desenvolvimento deste trabalho, pudemos observar que a mídia apresentou dois grandes grupos em relação ao evento: um grupo de otimistas e outro de pessimistas com relação à preparação, organização e resultados do Pan no Brasil. Outro aspecto é o destaque apenas nos feitos esportivos e enfoque nos atletas que apresentaram resultados e destaque nas provas. Cabe-nos indagar se houve mesmo este legado social, ou se os benefícios estimados foram realmente atingidos. Os Jogos Pan-Americanos mais caros da história não trouxeram



nenhum benefício para as supostas ações sociais de poluição da Baía de Guanabara, transporte público e segurança, nem tampouco para as questões da prática esportiva. Buscamos informações no município do Rio de Janeiro, no governo estadual e no Ministério do Esporte; em todas as instâncias, não conseguiram nos informar sobre a influência dos jogos no aumento ou estimulação da prática esportiva e massificação das modalidades. Considerando que 76,6% dos adolescentes paulistas com idade entre 14 e 18 anos praticam rotineiramente alguma atividade esportiva, mas 51,5% desses jovens não seguem orientação profissional, seria de fato uma grande conquista ter o espaço para a prática esportiva, dar estímulo materiais, mas sem orientação profissional e ainda com um custo tão alto? Que diretrizes poderiam ser adotadas para transformar o legado de grandes eventos esportivos numa conquista pública? Este trabalho analisa tais questões relativas às vitórias e derrotas decorrentes dos jogos de 2007 reconstruindo a idéia de legado esportivo. Palavras chave: jogos panamericanos, eventos esportivos, legado esportivo.

Apoio Trabalho:

Email: rubensjrv@yahoo.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

APLICAÇÃO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE EM ATLETAS DE ALTO NÍVEL

Morão, K.; Verzani, R.H.; Machado, M.

Instituição: Unesp - IB - Depto de Educação Física

Atualmente o esporte mais praticado em todo o mundo é o futebol, isso se fez através de várias evoluções marcantes na história desse desporto. Com o desenvolvimento, surgiram novas profissões como a do psicólogo do esporte que vem ganhando cada vez mais destaque. Alguns técnicos não crêem que a aplicação da psicologia do esporte pode alterar resultados de maneira positiva. Foi através dessa questão que o presente estudo foi realizado, visando observar a importância do trabalho de um psicólogo do esporte em uma equipe de futebol. Foi aplicado um questionário de múltipla escolha que tratava sobre fatores como motivação, ansiedade e medo em duas equipes distintas, sendo que uma possuía um psicólogo do esporte e a outra estava ausente deste. Foram entrevistados atletas de idade entre 16 e 18 anos que disputaram a Copinha (Copa São Paulo de Futebol Júnior) no ano de 2010, na cidade de Rio Claro. Dependendo do resultado que o questionário apontava, era possível notar se o atleta estava perturbado, inseguro, ansioso e/ou motivado a ponto de atrapalhar ou melhorar a sua performance. A análise dos dados mostra que a equipe que era acompanhada por um psicólogo do



esporte teve um melhor desempenho no nível de segurança e motivação de seus jogadores, mostrando que o trabalho deste profissional estava sendo cumprido, enquanto a outra equipe, ausente de um psicólogo, mostrou seus atletas muito ansiosos e inseguros em relação aos jogos que disputariam no campeonato. Outro ponto onde se verifica uma melhora no rendimento com um psicólogo é quando faz se uma análise dos resultados dos dois clubes e observa-se que a equipe que possuía o apoio deste profissional obteve um resultado ótimo no campeonato, enquanto a outra equipe analisada foi eliminada logo na primeira fase. Como conclusão, temos que o psicólogo do esporte é essencial para uma equipe já que seu trabalho, auxilia os atletas a possuírem melhor controle de seus fatores psicológicos tanto dentro de campo como fora dele, sendo importante para a vida do jogador, também pode-se afirmar que atualmente o futebol não é formado apenas pelo preparo físico, técnico e tático, mas também pelo fator psicológico que tem a mesma importância ou mais, que os outros citados. É possível dizer que uma equipe para estar bem preparada necessita de um psicólogo do esporte para que o rendimento de seus atletas seja o máximo, atingindo seu melhor auto-rendimento, ajudando a equipe.

Apoio Trabalho:

Email: kauangm@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

NÍVEIS DE ESTRESSE PRÉ-COMPETITIVO EM ATLETAS DO HANDEBOL PARTICIPANTES DO 19º JOGOS ABERTOS BRASILEIRO REALIZADO EM CUIABÁ-MT

Morbeck, A.; Lopes, T.; Santos, E.; Souza, J.

Instituição: FEF-UFMT

Estresse, segundo Weinberg e Gould (2001) é um processo que pode ser desencadeado quando ocorre um desequilíbrio substancial entre as demandas físicas e psicológicas e a capacidade de resposta do indivíduo. Nos momentos que antecedem a competição, o atleta se encontra em um estado de intensa carga psíquica decorrente de fatores internos ou externos que podem influenciar de forma positiva ou negativa em seu desempenho (SAMULSKI, 2002). Assim, essa pesquisa caracteriza-se como quali-quantitativa do tipo descritiva e teve por objetivo identificar os coeficientes de estresse pré-competitivo dos atletas de handebol, comparar os grupos entre si e identificar os principais sintomas de estresse pré-competitivo. A coleta de dados foi realizada na 19º edição dos Jogos Abertos Brasileiros (JABS), realizado na cidade de Cuiabá/MT, no ano de 2010. Com população de 09 estados, a amostra foi composta por 07 destes, representados pelo



gênero masculino (PR; MS; ES; MG; GO; SP; RJ) e 06 representado pelo gênero feminino (PR; RJ; SP; ES; MT; SC). O total de sujeitos foi de 166, sendo 91 do sexo masculino ($25.81 \text{ anos} \pm 6.6$) e 75 do sexo feminino ($23.18 \text{ anos} \pm 4.67$). Os atletas responderam a lista de sintomas de estresse pré-competitivo infanto-juvenil (LSSPCI) 30 minutos antes da primeira partida, proposto por De Rose Jr (1998). Para análise dos dados utilizou-se média e desvio padrão do coeficiente de estresse de cada grupo, para a comparação entre as equipes utilizou-se o teste ANOVA de Kruskal-Wallis ($p < 0,05$) e teste de hipótese ANOVA (um critério). De acordo com os resultados da pesquisa para os dois gêneros, rejeitou-se a hipótese de nulidade. Assim, os atletas do gênero masculino apresentaram nível moderado de estresse pré-competitivo (2.25 ± 0.44 ; 2.12 ± 0.39 ; 2.28 ± 0.50 ; 2.56 ± 0.65 ; 2.64 ± 0.46 ; 2.60 ± 0.60 ; 2.75 ± 0.38) e quando comparado os grupos as diferenças estatisticamente significativas foram entre os grupos: (2 vs. 5; $p < 0.0042$); (2 vs. 7; $p < 0.0019$). As atletas do gênero feminino ($n=75$) apresentaram nível moderado e acima de moderado de estresse pré-competitivo (3.08 ± 0.52 ; 2.58 ± 0.48 ; 2.67 ± 0.54 ; 2.68 ± 0.44 ; 3.76 ± 0.47 ; 2.51 ± 0.5) quando comparado os grupos as diferenças estatisticamente significativas foram entre os grupos: (2 vs. 5; $p < 0.0001$); (3 vs. 5; $p < 0.0005$); (4 vs. 5; $p < 0.0003$); (5 vs. 6; $p < 0.0001$); (1 vs. 6; $p < 0.0028$). Dessa forma, consideramos que as sete equipes do gênero masculino apresentaram-se homogêneas no que diz respeito ao nível de estresse pré-competitivo, já que a média da modalidade foi de $2.45 (\pm 0.23)$ e não houve discrepância entre o mais baixo e o mais alto nível. Mas, ao comparar os grupos, nos deparamos com diferenças estatisticamente significativas, que permitem compreender que as variações entre os coeficientes de estresse para este grupo não estão atribuídas ao acaso e, portanto podem ser efeito desencadeado por vários aspectos. O primeiro o fator motivador mais enfatizado pelas equipes masculinas foi “fico preocupado com meus adversários”, com 41 frequência de respostas dos entrevistados marcadas como nível de estresse pré-competitivo moderado, seguidos por “fico agitado” com 38 e, em terceiro, “fico nervo” e “fico preocupado com o resultado da competição” com 35 marcações. As atletas, apresentaram-se heterogêneas no que diz respeito ao nível de estresse pré-competitivo, com média de $2.88 (\pm 0.47)$, demonstra também, que a diferença entre os coeficientes, não podem ser atribuídas ao acaso, e ter como possível motivação os fatores mais enfatizados que foram “fico empolgado” com 26 assinalações, “não vejo a hora de competir” e “fico ansioso” com 21 e, “sinto-me mais responsável” com 19 assinalações. Dessa forma, concluímos que, para esta competição, em ambos os gêneros, houve o desencadeamento de estresse pré-competitivo, porém os fatores diferem entre si e acometeram em maior grau as pessoas do sexo feminino na modalidade de handebol.

Palavras-chave: Estresse pré-competitivo, Handebol, JABS

Apoio Trabalho:

Email: adna_morbeck@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

A INFLUÊNCIA QUE OS PAIS EXERCEM SOBRE OS ATLETAS

Moura, T

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

As relações interpessoais são imprevisíveis e intrigantes devido ao grande número de variáveis que as envolvem. Especificamente, a relação família-atleta apresenta diferentes fatores, que interagem, e provocam reações sobre o físico, o cultural e o psicológico dos envolvidos; reações estas que envolveram também o pesquisador e motivaram este estudo. Adotou-se, assim, a técnica de entrevista semi-estruturada, o qual permitiu a reunião dos fatores pessoais e contextuais que envolveram os participantes, através de suas relações familiares, esportivas e em suas possíveis inter-relações. Ao combinar estes fatores, buscamos verificar a influência os pais pode apresentar sobre a motivação dos filhos para a prática esportiva. Essa análise nos permitiu confirmar nossas expectativas, os sujeitos descreveram em suas respostas que percebem de maneira bem clara como seus pais se comportam diante sua prática esportiva e como reagem a esse comportamento. Assim, podemos concluir que os pais podem influenciar tanto de forma positiva, como de forma negativa na prática esportiva de seus filhos, e que essa influência pode ir desde a escolha da modalidade até o quanto se dedicar a ela. Isso tudo dependerá da relação que já possuem com os mesmos fora do ambiente esportiva sendo, na opinião da maioria dos atletas, uma espécie de força fundamental para que possam praticar sua modalidade com mais segurança, prazer e liberdade. Thalita Carvalho de Moura Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho _ Instituto de Biociências _Campus de Rio Claro thata_moura@hotmail.com

Apoio Trabalho:

Email: thata_moura@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

A PSICOLOGIA DO ESPORTE ENTRANDO EM CAMPO

Moura, T; Verzani, R.H.

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

Estamos diante de uma contradição, ao mesmo tempo em que o treinamento psicológico é negligenciado na maioria das modalidades esportivas, inclusive o futebol, vemos diariamente o quanto alterações psicológicas tem sido evidenciadas diante dos resultados obtidos pelas equipes. Por isso, buscamos verificar alguns dos muitos aspectos psicológicos ligados ao futebol, modalidade mais popular do país. O atleta, em



sua carreira esportiva, está diante de situações que constantemente tende a afetar seu psicológico, como por exemplo, o início precoce na modalidade e a transição para sua aposentadoria. Além disso, pessoas ligadas a eles e a modalidade podem também trazer contribuições importantes, como os pais, o técnico, os companheiros de equipe e a torcida. Todos esses fatores podem ajudar a desencadear reações psicológicas importante no atleta, como alterações em sua motivação, em sua ansiedade e sua agressividade, por exemplo. Existem ainda outros fatores influentes, tais como os vários tipos de mídia, a concentração a que os atletas são submetidos antes de partidas importantes e aspectos relacionados às lesões e reabilitações dos atletas dentro da modalidade. Diante de todos esses fatores pudemos concluir que há uma grande necessidade da contratação de psicólogos do esporte para acompanhar as equipes de futebol, desde as categorias de base até as principais, intervindo de maneira individual, junto ao atleta e ao técnico, e também de maneira coletiva, junto à equipe. Além disso, vemos também como possibilidade a formação continuada dos profissionais de Educação Física, na área da Psicologia do Esporte, visando poder contribuir com os treinamentos dos seus atletas também nessa área. Thalita Carvalho de Moura Renato Henrique Verzani Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho _ Instituto de Biociências _Campus de Rio Claro thata_moura@hotmail.com

Apoio Trabalho:

Email: thata_moura@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

AGRESSÃO NO FUTEBOL

Oliveira, V.

Instituição: Unesp -IB- Depto de Educação Física

Segundo o dicionário Aulete de língua portuguesa, agressão é a ação ou resultado de agredir. Pode ser ainda ataque físico ou moral, ato ou atitude hostil, desrespeitosa, etc. No cenário do esporte, vemos muitas vezes situações de agressão. Apesar de todas as tentativas de minimizá-la, a violência no esporte cresce a cada dia mais. No futebol, por ser um esporte muito popular no mundo todo e que mexe com as emoções de qualquer um, essas situações de violência se tornam ainda mais comuns. A violência no futebol não é apenas um fato isolado. Está inserido em um contexto mais amplo, que envolve não só os jogadores e comissões técnicas, mas sim toda a sociedade direta e indiretamente relacionada ao esporte. Esse fenômeno não preocupa apenas a educação física, mas também a psicologia, a sociologia, o direito, a imprensa, as autoridades, entre tantos outros. O trabalho apresentado será produzido através de revisões de literaturas,



ou seja, será baseado em trabalho e pesquisas já realizados sobre o tema. O estudo pretende analisar o contexto em que ocorre a agressão no futebol de diferentes pontos de vista como o cultural, o social e psicológico. Pretende também analisar as diferentes agressões ocorrentes no futebol, dando ênfase aquelas que provêm das torcidas, dos jogadores, dos técnicos e dos árbitros, que ocorrem tanto dentro quanto fora de campo. O estudo procura entender porque ela ocorre, como ela se dá, quem as causa, a influência da mídia e etc. O trabalho pretende ainda analisar as consequências que a agressão no futebol traz para o esporte, tanto direta como indiretamente.

Apoio Trabalho:

Email: vivian_oliveira58@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

INFLUÊNCIA DOS PAIS NA CARREIRA DO JOVEM JOGADOR DE FUTEBOL

Oliveira, V.

Instituição: Unesp -IB- Depto de Educação Física

A influência dos pais sobre as escolhas e sobre a vida dos filhos é inegável. Quando se trata de esporte, essa influência algumas vezes se torna ainda maior, principalmente quando o esporte em questão é o dito mais popular do mundo: o futebol. Muitas vezes ouvimos falar de pais que vêem em seus filhos uma forma de realizar seus antigos sonhos frustrados de serem atletas, que demonstram preconceito, pressão pela vitória ou o completo descaso pela prática esportiva do seu filho. Existem casos também onde o jogador é forçado, para seguir no futebol, a se distanciar da família, e isso sempre desencadeia abalo emocional nos atletas. Este estudo se dedica a entender como os pais podem exercer influência sobre a carreira do jovem jogador de futebol exclusivamente. O trabalho será produzido através de revisões de literatura e será baseado principalmente em depoimentos de alunos que participaram de competições escolares documentados em um trabalho de doutorado já realizado. O estudo pretende analisar até que ponto os pais ajudam ou atrapalham o desenvolvimento do atleta na modalidade, como aumentam ou diminuem a pressão sobre o jogador, como apoiam seus filhos, como são responsáveis pelo aumento da ansiedade, como influenciam na escolha da modalidade, como os pais se comportam diante do sucesso ou do fracasso de seus filhos. O grande objetivo do estudo é analisar as consequências que isso causa no desenvolvimento da carreira do jogador, tanto do ponto de vista técnico, psicológico, físico e etc. O presente estudo se dedica a estudar tanto os aspectos ruins dessa



influência quanto os bons. Pretende ainda discutir o papel do educador físico (treinador ou professor) diante dessa realidade.

Apoio Trabalho:

Email: vivian_oliveira58@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

CULTO AO CORPO E USO DE ANABOLIZANTES EM PRATICANTES DE MUSCULAÇÃO

Ravelli, F

Instituição: DEF - IB - UNESP

Homens e mulheres investem cada vez mais tempo, energia e recursos financeiros no consumo de bens e serviços destinados à construção e manutenção do invólucro corporal. Estudos também revelam a insatisfação das pessoas com seus corpos, assim como o consumo das chamadas “drogas da imagem corporal”, entre as quais se incluem os esteróides anabólicos androgênicos (EAA) ou anabolizantes, no intuito de obter ganho rápido de resultados. Segundo Evans (2004), dois terços dos usuários de anabolizantes são praticantes recreativos de musculação. Este estudo teve por objetivo investigar as motivações para a prática da musculação e para o uso de anabolizantes, assim como as representações e usos sociais do corpo entre usuários de anabolizantes que praticam musculação em academias de bairros populares e de classe média de Salvador. Todos os pertences do sujeito passam a dizer a “verdade” sobre ele, constituindo suas referências, sua auto-estima, e sua identidade. A enorme valorização da aparência corporal inscreve-se num processo em que o corpo físico assume um papel fundamental na exteriorização da subjetividade e na construção das identidades. Os resultados indicam que a preocupação com o invólucro corporal e a crescente obsessão com a forma física não se restringem apenas aos estratos sociais mais elevados, disseminando-se pelas diferentes camadas sociais fazendo-se presente tanto nas dispendiosas academias da elite soteropolitanas como nas precárias e improvisadas academias dos bairros populares da cidade.

Apoio Trabalho:

Email: ravelli.f@gmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO



ESTERÓIDES ANABOLIZANTES NO ESPORTE

Ravelli, F

Instituição: DEF - IB - UNESP

Acredita-se que os esteróides anabólicos androgênicos (EAA) melhoram o desempenho atlético por aumentarem a massa muscular (através do aumento da síntese protéica muscular, da promoção da retenção de nitrogênio, da inibição do catabolismo protéico e da estimulação da eritropoiese), bem como por promoverem a agressividade e a motivação. Os estudos clínicos no que se refere ao aumento da força e da massa muscular são inconclusivos, muitas vezes por apresentar problemas metodológicos, como o efeito placebo. Dentre os efeitos negativos do abuso de EAA estão irritabilidade, raiva e hostilidade, e sintomas cognitivos como distração, esquecimento e confusão. Corrigan (1996) divide os efeitos psicológicos do uso de EAA em três grupos, arbitrariamente, representando os efeitos continuados provocados por essas drogas: 1) Nos efeitos imediatos são vistas a mudança de humor e a euforia: existe melhora da confiança, energia e auto-estima, com aumento da motivação e do entusiasmo. Há diminuição da fadiga, insônia e habilidade para treinar com dor, irritação, raiva, agitação. 2) Os EAA, depois de administrados em altas doses por longo período, promovem a perda da inibição, com alterações de humor. 3) Os efeitos graves manifestam-se quando esses sentimentos de agressividade evoluem para comportamentos violentos, hostis e anti-sociais. Os ataques de fúria vão desde o abuso infantil até os suicídios e assassinatos. Um estudo realizado em adolescentes mostrou que 27% dos consumidores de EAA os utilizavam única e exclusivamente para a melhoria da aparência. Os EAA são drogas de uso exclusivo na medicina para o tratamento de diferentes tipos de patologias, causando melhoria das condições da saúde do paciente, quando administrados corretamente. Podemos concluir que as publicações referentes ao uso de EAA nos esportes causam resultados, na maioria das vezes, benéficos do desempenho, como a hipertrofia muscular e o aumento da força física, mas alguns estudos demonstram que tais resultados podem estar relacionados simplesmente à retenção de fluidos corporais, efeitos comportamentais e placebo. Os efeitos colaterais tornam-se evidentes quando os atletas fazem o mau uso dos EAA (abuso), ou seja, utilizam estas drogas em concentrações acima da recomendável terapeuticamente, provocando muitas vezes danos irreversíveis à saúde física e mental.

Apoio Trabalho:

Email: ravelli.f@gmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO



INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA ESTÉTICA CORPORAL

Ravelli, F; Ghiraldini, A; Ishimura, A; Willians, C; Prado, L; Carlos, L; Oliveira, V

Instituição: DEF - IB - UNESP

Hoje, a sociedade sofre com o mal da mídia. Um mal que esta afetando a visão que as pessoas têm de seu próprio corpo. Cada vez mais pessoas vêm apresentando quadros de anorexia, bulimia e vigorexia, tudo em busca da “perfeição” corporal que lhes é imposta pela sociedade. Uma em cada 100 pessoas sofre de anorexia nervosa nos EUA, e no Brasil esse quadro já é de uma pra cada 250 (Alvarenga & Jordão, 2003). O objetivo dessa pesquisa foi poder constatar até que ponto a sociedade influencia na estética corporal. Cento e sessenta e cinco indivíduos (96 homens e 69 mulheres com média de idade de 31,2 anos), de 6 cidades do estado de São Paulo (Araraquara, Araras, Piracicaba, Rio Claro, São Paulo e Vinhedo), praticantes de atividade física, responderam a um questionário elaborado com o objetivo de descobrir o quanto o indivíduo em particular é afetado pela mídia. O questionário possuía 10 perguntas de múltipla escolha e a pesquisa foi realizada em diversos locais destinados à prática de atividade física (academias de ginástica, de dança, áreas de lazer, etc). Constatou-se que: a maioria dos entrevistados considera a televisão o maior influenciador dos tipos de mídia; que 38% consideram seu corpo fora da normalidade; 15% costumam olhar seu corpo acima de cinco vezes ao dia; 18% começaram a prática de atividade física por recomendação médica; 25% esperam alcançar hipertrofia e definição muscular com a prática da atividade física e 11% emagrecimento; 68% modificaram seus hábitos alimentares com a prática de atividade física; 36% já adquiriram produtos que prometiam modificar seu corpo sem orientação médica e desses, 62% por recomendação de pessoas próximas; 80% compararam de alguma forma seu corpo com o de outras pessoas; e que 35% das pessoas entrevistadas não se sentem bem de alguma maneira em expor seu corpo em locais como piscinas, vestiários, etc. Com a pesquisa, podemos concluir que grande parte da população sofre grande influência da sociedade de diversos meios exercidos pela mídia com relação à estética corporal, e que de alguma maneira procuram se adequar a esse padrão corporal imposto pela sociedade. Com essa insatisfação, muitas pessoas apelam à prática de atividade física para alcançar seu objetivo dentre outras formas.

Apoio Trabalho:

Email: ravelli.f@gmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO



ALTOS PREÇOS E COMPARAÇÕES NO FUTEBOL

Rocha Lima, E

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

“Neymar, o novo Robinho”, “Ganso, El Guti brasileño”, “Diego Mauricio, o “Droginha””, “Benzema, o sucessor de Ronaldo”. Essas e outras comparações de jovens talentosos a craques consagrados ocorrem a todo o momento, o que é prejudicial a esses jovens jogadores. Não só as comparações, mas os preços absurdos pagos para se contratar um jogador - como foi feito com Cristiano Ronaldo e Kaká, recentemente – e as altas multas rescisórias estabelecidas, aumentam mais ainda a pressão sobre o jogador. A partir do momento que surge um jogador habilidoso, é questão de tempo para que a imprensa o compare com algum grande jogador que atue na Europa. Comparar um jovem a um jogador já conhecido é um erro gravíssimo, pois o submete a uma pressão ainda maior, aumentando sua responsabilidade, e principalmente, colocando uma falsa idéia na cabeça do jovem, pois embora tenha semelhanças com algum grande jogador, ele não será uma cópia do mesmo. Ele pode se tornar um bom jogador, ou ainda melhor que o craque de hoje, mas cada jogador tem sua própria personalidade e sua própria habilidade. Tornou-se comum blindar os atletas mais consagrados e as jóias mais jovens com altas multas rescisórias, evitando o assédio de outros clubes. Isso é correto, e realmente necessário, mas o erro está em pagar o valor integral dessas multas. Isso rompe o mercado de transferências, podendo causar um endividamento ao clube comprador. O ideal é se chegar a um acordo para a transferência de um jogador, de modo que as 3 partes – jogador, seu clube, e clube comprador – sejam favorecidas, e também investir nos jogadores da categoria de base, pois é o local onde há a possibilidade de obter um grande talento, acompanhar seu desenvolvimento e blindá-lo de comparações, sem precisar desembolsar dinheiro para tê-lo.

Apoio Trabalho:

Email: ericmrl@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

RELAÇÃO TORCIDA-ATLETA: QUESTÕES DA PSICOLOGIA DO ESPORTE

Rocha Lima, E

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

Sabe-se que o público apresenta determinados comportamentos e determinadas emoções que poderíamos relacionar com sua vida cotidiana. Segundo SEGRÉ (1993) os esportes se diferenciam e uma das diferenças está na reação qualitativa do público (no tênis, o público influencia sem gritos e algazarras, o que não ocorre em outras modalidades, onde o grito, a vaia, o batuque são predominantes). Influências externas tendem a ser positivas ao atleta, mas é importante ressaltarmos que diante de um confronto de duas equipes, teremos dois atletas, com torcidas específicas, treinadores com



comportamentos diferentes, tentando reforçar a atuação do espectador, fortalecendo o desempenho de seus atletas. A opção pela pesquisa participante, além da necessidade de adoção da pesquisa ex- post- facto, em alguns momentos, facilitou sobremaneira o desenvolvimento do trabalho, obrigando- nos a exercer a neutralidade em situações em que tínhamos clareza do resultado final da intervenção a que assistíamos. Observações, entrevistas abertas e semi- estruturadas e coletas de depoimentos foram as técnicas adotadas para a abordagens aos 52 atletas de equipes juvenis, de modalidades esportivas individuais e coletivas. Este material recebeu o tratamento da categorização, para que pudesse sofrer posterior análise. De uma maneira conclusiva podemos afirmar que comportamentos hostis por parte do público, em geral, são elementos de forte ligação com a agressividade manifestada em momentos esportivos, de maneira tal que, numa escala menor____ ou maior, depende da oportunidade____ consiga- se mostrar que se entendeu a mensagem passada e que se concorda com a ordem expressa. Uma equipe que recebe ordem, que não consegue digerir informações que não sejam gritadas e esbravejadas tenderá a ser agressiva e barulhenta, tendo este quadro de modelo. Não haverá comedimentos.

Apoio Trabalho:

Email: ericmrl@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

MONITORIA VOLUNTÁRIA:RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NA DISCIPLINA DE ATLETISMO I

Rufino, LG; Matthiesen, S

Instituição: UNESP - Rio Claro

Introdução: Em uma disciplina fundamental para a formação do profissional de Educação Física como a disciplina de Atletismo, quanto maior for a qualidade do ensino, melhor será o aprendizado dos alunos. Pelo conteúdo extenso e pela grande quantidade de lugares, materiais e recursos utilizados nas aulas, nada melhor do que o auxílio de um aluno/ monitor que já tenha cursado a disciplina, de forma a contribuir para o melhor desenvolvimento das aulas. **Objetivo:** Relatar a experiência de monitoria voluntária da disciplina de Atletismo I, do curso de Educação Física, exercida durante o primeiro semestre de 2010, na UNESP – Rio Claro. **Metodologia:** Relato de experiência vivida por um aluno de graduação durante a monitoria voluntária. **Resultados:** Entre as funções exercidas pela monitoria voluntária, vale destacar: auxiliar a professora no desenvolvimento das aulas; organizar os materiais referentes às aulas; auxiliar os alunos nas atividades teóricas e práticas; discutir assuntos pertinentes à disciplina com os



alunos; entre outras. A experiência da monitoria voluntária realçou a importância dessa função para as aulas da graduação, tanto no que se refere ao desenvolvimento das aulas quanto no que diz respeito ao aprimoramento acadêmico e profissional do monitor. Considerações Finais: Estar “do outro lado”, ou seja, do lado daquele que organiza as aulas, desenvolve as atividades, organiza os conteúdos e os aplica, possibilita que seja vivenciado uma “experiência intermediária” entre o professor e os alunos. Esta oportunidade deve ser aproveitada por todos que queiram adquirir experiências relevantes ao longo da sua formação. É uma oportunidade única de atuar nessa função na disciplina de Atletismo. A experiência da monitoria consolidou a crença de que é possível haver transformações por meio da educação; que é possível e relevante ensinar e aprender atletismo e, mais do que isso, que é possível ampliar os conteúdos da prática educativa.

Apoio Trabalho:

Email: gustavo_rufino_6@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

ADESÃO E DESISTÊNCIA À PRÁTICA DO ROPE SKIPPING NO PROJETO DE EXTENSÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Salerno, M.B.; Mendes, L.O.; Venditti Jr., R.

Instituição: Faculdade de Ed. Física - Unicamp

O Rope Skipping é uma nova modalidade esportiva, cuja prática consiste basicamente em pular corda de diversas maneiras. Além de benefícios fisiológicos, essa atividade também é capaz de proporcionar um ambiente social favorável à interação entre aqueles que aderem à sua prática. Consideramos isto como sendo algo significativo para o bem estar e a qualidade de vida do indivíduo e, portanto, digno de investigação. Na FEF-Unicamp, desde 2002, existe um projeto de extensão destinado à prática dessa nova modalidade, oferecido semestralmente à comunidade. Contudo, observamos no decorrer de cada semestre a queda na freqüência ou a desistência de alguns alunos. No presente trabalho, buscou-se compreender melhor a ocorrência desse fato: o motivo pelo qual realizamos esta pesquisa foi verificar, como professores, que fatores levavam os alunos a deixarem de freqüentar as aulas. Assim, poderíamos ter uma avaliação do nosso trabalho e perceber a realidade da atividade física que em alguns casos é a primeira a ser abandonada quando algo acontece no cotidiano das pessoas. Para tanto, aplicamos a esses alunos um questionário com questões abertas e fechadas (MENDES, SALERNO E VENDITTI JR, 2005), que visavam caracterizar o grupo e observar suas intenções



com relação ao projeto. Através de suas respostas pudemos perceber o contexto com o qual estávamos trabalhando: principalmente alunos de diversos cursos da Unicamp que não tinham conhecimento sobre a modalidade Rope Skipping. Essas pessoas se inscreveram principalmente pela isenção de taxa no referido semestre, sendo o objetivo mais apontado por eles a busca pela melhora no condicionamento físico. Durante a segunda metade do período de aulas, constatamos o início do processo de desistência. Nesse momento, aplicamos 5 (cinco) questionários: 3 (três) àqueles que permaneceram no projeto, porém faltavam com alguma freqüência; e outros 02 (dois) aos que haviam abandonado a prática, através de e-mail deixado no primeiro questionário. Todos com o objetivo de saber qual(is) o(s) motivo(s) da ausência ou desistência. O motivo principal citado pelos dois grupos foi o acúmulo de atividades acadêmicas. Pudemos constatar, então, que o público de nossa pesquisa era predominantemente de estudantes da própria universidade. Muitos deles procuraram essa modalidade em virtude de sua gratuidade e com o objetivo da melhora no condicionamento físico, além da facilidade de poderem desenvolver uma atividade física no próprio campus. A maioria dos alunos atribuiu a ausência ou desistência ao fator “acúmulo de afazeres acadêmicos”, mesmo considerando o Rope Skipping como uma atividade motivante e atraente. Podemos nesse caso, então, inferir que a qualidade de vida das pessoas vai além da possibilidade de participação, e sim passa pela organização das atividades profissionais, que geralmente são prioridade, haja visto que o abandono se dava principalmente no período final do semestre, momento no qual há acúmulo de trabalhos e provas finais. O acúmulo de atividades acadêmicas foi determinante ao abandono da atividade e a atividade diferenciada e a dinâmica da aula e do grupo que conduzia o projeto de extensão foi destacado como fator influente no que tange à permanência e manutenção da prática, levantados pelos próprios participantes.

Apoio Trabalho:

Email: rubensjrv@yahoo.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

A RECUPERAÇÃO PSICOLÓGICA DE ATLETAS LESIONADOS DO FUTEBOL

Sanches, M. B.; Machado, A. A.

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

A intervenção psicológica na prática esportiva pode ser realizada através de determinados programas psicológicos de treinamento assim como através de aconselhamento e acompanhamento. As metas principais que podem ser alcançadas



através de medidas psicológicas de treinamento são a melhoria planejada e sistemática das capacidades e habilidades psíquicas individuais do rendimento, estabilização e otimização do comportamento na competição e aceleração e otimização de processos de regeneração psicológica. A lesão no esporte tem sido alvo de atenção da psicologia do esporte, em função do número crescente de atletas lesionados, influenciados pela alta exigência do esporte de rendimento, bem como do desejo humano de cada vez querer ir além. Essa demanda máxima em busca do rendimento durante as competições juntamente com o aumento das cargas de trabalho durante os treinamentos ajudam a produzir um progressivo crescimento no número de lesões. Participaram desta pesquisa quinze atletas de futebol, sexo masculino, sendo dez atletas da categoria profissional, um atleta da categoria sub-20 e quatro atletas da categoria sub-17. Eles se encontravam lesionados ou em fase inicial de retorno às atividades, da cidade de Limeira, interior do Estado de São Paulo. A pesquisa, de vertente qualitativa, utilizou-se de um questionário subjetivo (Apêndice) contendo perguntas relacionadas à atual lesão do atleta e também a recuperação fisioterápica e psicológica; para análise dos dados foram feitas leituras e propostas de aglutinação de elementos, por categorização da amostra. A ausência de um psicólogo, em especial do esporte nas equipes, no programa de reabilitação dos atletas entrevistados, fez com que não houvesse a implementação de técnicas de atendimento psicológico, tais como as de visualização ou relaxamento. Com a ausência do psicólogo do esporte nas equipes, fica evidente a falta de estrutura que acomete a maioria das equipes do futebol, principalmente no Brasil, onde até mesmo as equipes tidas como tradicionais e maiores, em sua maioria não possuem um psicólogo do esporte, não dando assim um suporte total e ideal para o atleta, tanto na recuperação da lesão, acelerando os passos e extinguindo os medos que surgem após a instalação da lesão, bem como fazendo a manutenção do atleta após essa lesão, e até mesmo como forma de prevenção de lesão.

Apoio Trabalho:

Email: khaaled5@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

INFLUÊNCIA DOS PAIS, EXPECTATIVAS E PROJEÇÃO NA INICIAÇÃO ESPORTIVA DOS FILHOS: ASPECTO PSICOLÓGICO IMPORTANTE PARA A PEDAGOGIA DO ESPORTE

Santos, J.L.; Venditti Jr., R.; Silva, F.F.; Kocian, R.C.

Instituição: Universidade Adventista de São Paulo (UNASP - Campus SP)



Considerando o futebol um esporte de extrema importância no Brasil, é surpreendente a escassa literatura abordando uma perspectiva psicológica nesse esporte sobre o tema de projeção dos pais, expectativas e pressões na vida esportiva dos seus filhos, discutindo os papéis que tanto pais, professores e treinadores representam na iniciação das crianças e jovens no esporte e na atividade física (SALMELA E MORAES, 2003). De maneira direta ou indireta, as possibilidades esportivas enchem os olhos de pais; juntamente com estes, jovens e crianças sonham um dia ser jogadores de futebol profissional, com o objetivo de proporcionar estabilidade financeira aos seus familiares e atingir melhores condições sociais e culturais. Este conjunto de fatores acaba despertando em muitos pais o desejo de que o seu filho se torne, a todo custo, um grande astro do futebol, trazendo expectativas e pressões em todo o processo de iniciação esportiva. As escolinhas esportivas são uma maneira de ocupar o tempo livre das crianças que ficam dentro de casa, muitas vezes sem poder brincar na rua. Com o aumento desenfreado das cidades, principalmente num grande centro urbano, acabaram-se as brincadeiras de rua, os “campinhos” que existiam na cidade antigamente (as várzeas); e as crianças foram ficando cada vez mais dentro de casa, em frente aos computadores ou videogame, deixando de se movimentar. As escolinhas estão distribuídas por vários pontos urbanos, cada uma com suas especificidades. São coordenadas ou dirigidas por professores de Educação Física, acadêmicos de Educação Física ou ex-atletas. Entre os objetivos que desejam alcançar, estão: ensinar uma modalidade esportiva ou aperfeiçoá-la; compor uma equipe para participar de campeonatos ou ainda criar oportunidades em uma comunidade, que não tenha como pagar um clube esportivo, facilitando as possibilidades de se praticar um esporte. O papel da Educação Física e dos profissionais da área tem sido muito importante para o desenvolvimento psicológico, sócio-afetivo e motor na fase da iniciação esportiva. Todos os aspectos citados mostram que o mais importante é que, durante a prática esportiva, o jovem se sinta bem e se divirta. O presente ensaio mostra os fatores decorrentes da influência dos pais e familiares na iniciação esportiva dos filhos e o quanto ela pode ser positiva ou negativa durante o processo de aprendizagem. Quando há um apoio apropriado dos pais, especialmente na infância, há um enriquecimento na participação de seus filhos, possibilitando grandes experiências e permanência no esporte. Não obstante, o fato da criança ser rejeitada pelos pais ou da relação dos pais não ser das melhores possíveis, reflete diretamente no comportamento da criança: possivelmente pode vir a se tornar uma pessoa agressiva e descontrolada, com dificuldades de relacionamento social. Se o relacionamento com os pais desde a infância foi o melhor possível, o seu desempenho nas atividades na presença dos pais será melhor. Tudo isso vai influenciar o atleta e seu modo de agir, do início da atividade física até o treinamento e competição (POSTER, 1979; MACHADO, 1986). Mas o problema começa quando a presença e o simples prestigiar se tornam cobrança e pressão por resultados e rendimentos esportivos muitas vezes precoces... De modo geral, verifica-se que a influência dos pais é muito importante na formação esportiva de crianças/adolescentes. Os pais influenciam direta ou indiretamente na carreira esportiva de seus filhos, lhes proporcionando em alguns momentos alegria, bem-estar e motivação e em outros, tristeza, frustrações, ansiedade e stress dentre outros sentimentos. Muitos pais criam uma expectativa demasiada em relação ao desempenho



do filho e acabam atrapalhando e até prejudicando o seu desenvolvimento e consequentemente influenciam em alguns casos, o aluno a abandonar a prática esportiva. Estes aspectos serão levantados no trabalho e discutidos dentro da perspectiva da pedagogia do esporte.

Apoio Trabalho:

Email: rubensjrv@yahoo.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

A INFLUÊNCIA DA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR SOBRE O ESTADO DE ÂNIMO DE ALUNOS DA 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Sartori, G.D.; Alves, F.D.

Instituição: UFSCar-Depto de Educação Física e Motricidade Humana

Não é novidade que a educação física escolar está entre os componentes curriculares que os alunos mais gostam no conjunto do currículo escolar da educação básica. Inúmeros podem ser os fatores que afetam esta posição dos alunos em relação às aulas de educação física: a figura do professor, os conteúdos, a condição da 'sala de aula' que permite certa liberdade do corpo e do movimento, o prazer da vivência das práticas corporais etc. Estes fatores internos e externos, singulares e universais que compõem as subjetividades de alunos e professor, influenciam e são influenciadas pelo enredo das aulas de educação física. Inúmeros estudos apontam para a relação dialética entre as diferentes manifestações da Cultura Corporal de Movimento e os estados emocionais, colocando em questão elementos como poder/onipotência, desejos, fantasias, paixão, agressividade. Neste estudo, optamos por investigar os estados de ânimo que podem ser compreendidos como estados afetivos capazes de influenciar um amplo aparato de respostas e quando comparados à emoção, os estados de ânimo são tipicamente estados afetivos menos intensos e parecem estar envolvidos na instigação de processos autoregulatórios. O objetivo deste estudo foi investigar a influencia das aulas de Educação Física na escola no estado de ânimo dos alunos do ensino fundamental. Trata-se de uma pesquisa qualitativa. O instrumento de coletas de dados foi a Lista de Estado de Ânimo – Reduzida, associada a observação da aula. Foram sujeitos 18 alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola publica localizada numa cidade do interior do Estado de São Paulo. A lista foi aplicada no inicio (pré-teste) e no fim (pós-teste) de uma aula de educação física na escola. Estamos apresentando neste trabalho um recorte da Lista de Ânimo que comporta 14 elementos. São eles: Feliz, Triste, Agradável, Ativo. Os resultados apontam que no pré-teste dos 18 alunos participantes, 10 diziam-se pouco Feliz, 15 diziam-se muito ou fortemente Triste, 15 diziam-se pouco ou nunca



para o estado de ânimo Agradável e 12 diziam-se pouco ou nunca para o estado de ânimo Ativo. No pós-teste do grupo estudado observou-se uma mudança significativa dos estados de ânimo dos alunos: Muito Feliz ou Feliz: 14, Pouco e Muito Pouco Triste: 16, Forte e Muito Forte Agradável: 10 e, Forte e Muito Forte Ativo: 9 alunos. Após a vivência da aula de educação física, os alunos demonstram uma mudança positiva dos estados de ânimo. Pode-se dizer que houve influência da aula nesta melhoria. Evidentemente, o estudo não permite avaliar qual elemento que compõe a aula afetou com maior ou menor intensidade esta mudança de estado de ânimo dos alunos: se a figura do professor, os conteúdos que foram trabalhados etc. Mas, pode pontuar que o enredo da aula em questão, com todos os seus elementos, provocou nos alunos tal mudança. A relação entre o professor e os alunos durante aula foi marcada pela empatia, de modo que o primeiro não teve maiores dificuldades para conduzir a aula. A relação aluno/aluno também se mostrou positiva. A motivação dos alunos em relação ao conteúdo (Jogo) foi outro fator importante: a maioria dos alunos participou ativamente da aula. A própria configuração da aula de educação física se comparada aos demais componentes curriculares escolares é um fator que favorece tal mudança no estado de ânimo, ou seja, a liberdade com o corpo que não precisa estar amarrado aos contornos da sala de aula tradicional, a possibilidade do movimentar-se, a possibilidade de vivencia das manifestações da cultura corporal e, claro, a empatia direcionada ao professor. De certo modo, a aula de educação física coloca em questão o prazer, evidente na evolução dos estados de ânimo Feliz, Triste e Agradável do inicio ao final da aula observada. Por consequência, os alunos mostram-se mais ativos. Concluímos que, no caso estudado, a aula de Educação Física modificou positivamente o estado de ânimo dos alunos.

Apoio Trabalho:

Email: alvesfd@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

INFLUÊNCIAS EXTERNAS NO ESPORTE: O PAPEL DOS PAIS, DO TÉCNICO E DA TORCIDA.

Sbors, I.; Cecarelli, M.; Bomfim, A.

Instituição: Fundação Hermínio Ometto UNIARARAS

A prática de exercícios físicos sempre foi considerada de grande importância para a sociedade, pois, em quantidades corretas, faz bem para o físico, social e psicológico do indivíduo. Quando se fala em “quantidades corretas”, se quer dizer sobre não tornar esta prática algo que prejudique ao invés de beneficiar. A iniciação esportiva (ou prática



esportiva) começa cedo, e normalmente ocorre dentro da escola, na qual a criança se destaca em algumas atividades aplicadas pelo professor de Educação Física. Contudo, também acontece quando os pais decidem o que querem para seus filhos: "meu filho será atleta!". Neste caso, tem início um dos fatores que iremos relatar nesta revisão bibliográfica: a influência dos pais na prática esportiva do filho. Tal aspecto pode ser positivo ou negativo, variando de acordo com a intensidade que acontece e também de acordo com cada indivíduo. Normalmente os pais são os primeiros a influenciar nas escolhas dos filhos, colocando-os em escolinhas de esporte nas quais começam a ter contato diário com cobranças do treinador, dos companheiros de equipe e dos próprios pais, claro, que desejam torná-lo um protótipo de atleta mirim, sem saber dos riscos relacionados a esse tipo de cobrança que pode ser mais do que eles estão preparados para entender e agüentar, considerando que geralmente as crianças iniciam cedo na prática esportiva. Ainda neste sentido, dentro do ambiente de treino as crianças quase sempre se encontram sob constante pressão de seus técnicos, que por vezes esquecem do processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, e pulam etapas, transformando a iniciação esportiva em especialização precoce, exigindo então que elas treinem mais, se dediquem mais, rendam mais. Depois, aparecem as competições, nas quais a cobrança passa ser, além do treinador, dos companheiros de equipe, dos familiares e da torcida que está presente, esperando algum resultado satisfatório. Dentro do contexto da torcida, é importante ressaltar que cada indivíduo apresenta uma reação emocional diferente diante da situação em que se vê rodeado por pessoas, seja numa arquibancada ou não, torcendo contra ou a favor. Por isso o atleta deve sempre estar atento ao lugar onde estará indo competir, se de fato existirá torcida ou não, qual o tipo de torcida (agressiva ou não), pois essas informações podem ajudar o atleta a se preparar para enfrentar a competição com outros olhos, sabendo que uma instabilidade emocional ou a falta de equilíbrio pode prejudicar o seu desempenho. Contudo, devemos deixar claro que a torcida pode ou não influenciar o atleta, e isso vai depender do seu estado emocional, personalidade, idade, experiência, importância da competição entre outros. Por isso é de extrema importância que a formação psicológica da criança seja trabalhada no contexto esportivo, tanto quanto sua formação motora, social e cognitiva, e que as cobranças sejam feitas de maneira adequada, na proporção correta com cada faixa etária, no momento correto, por pessoas que estejam na posição de fazê-la, para que a criança consiga desenvolver-se bem e apropriadamente em todos os sentidos dentro do esporte.

Apoio Trabalho: LEPESPE

Email: isabel_sbors@alunos.uniararas.br

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO



A VISÃO DA SOCIEDADE REFERENTE AO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Scarpri, L.; Zorzo, A. L. Z.

Instituição: Unesp - Rio Claro

A devida análise tem como objetivo fundamentado buscar respostas quanto ao comportamento social relativo à esteriotipação do profissional de educação física sobre uma perspectiva da população leiga quanto à área. Parte-se do pressuposto que por mínima a experiência deste indivíduo, ele dificilmente estará totalmente isento de um contato prévio. A pertinência do tema, aparentemente habitual, tem gerado inquietações sobre o real valor atribuído a profissionais que se dispõem a cuidar da saúde de seus alunos e clientes, e que por diversas, não tem o devido reconhecimento. Tem-se para o objetivo desta, a análise da repercussão das experiências da população relacionadas às práticas corporais vividas tanto em aulas escolares regulares como por práticas de vida. Para tal foram analisadas 18 pessoas através de questionário fechado, de ambos os sexos, com idades que variavam de 18 a 69 anos. Todos os entrevistados relataram algum envolvimento em determinada época da vida e julgaram importante a prática de atividades físicas. Segundo cinquenta por cento destes entrevistados o educador físico não é o melhor profissional para a prescrição de exercícios, e para tal foram citados profissionais como o médico e o fisioterapeuta. Sessenta e seis por cento referiram como boa a formação em educação física e em contra partida, o mesmo número de entrevistados afirmam que seus professores na época escolar não trabalhavam diferentes conteúdos. Quando questionado sobre a importância da formação acadêmica, vinte e dois por cento acreditam que um curso técnico apenas seria suficiente. Apesar dos dados presumirem uma certa resistência à área, noventa e quatro por cento destacaram a importância da atividade física e sessenta e seis por cento afirmam praticarem alguma atividade regular, número bem maior que a média nacional que varia entre vinte e trinta por cento. Ao analisar os dados apresentados, pode-se concluir a visão distorcida exposta da sociedade, que reconhece o valor da realização de atividades físicas, mas não tem reconhecimento do trabalho do profissional responsável pela área. São necessárias políticas que dêem maior visibilidade ao profissional e que ressaltem a sua importância.

Apoio Trabalho:

Email: lais_scarpri@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

A VISÃO DOS ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA REFERENTE A ÁREA E FORMAÇÃO ACADÊMICA.

Scarpri, L.; Zorzo, A. L. Z.

Instituição: Unesp - Rio Claro



O objetivo deste estudo é traçar um panorama referente a visão dos estudantes de educação física do campos de biociências da UNESP Rio Claro sobre a área de formação e atuação. Partindo se do pressuposto que os estudantes apresentam certo conhecimento adquirido durante os anos que dispuseram ao estudo e que obtêm certas expectativas quanto ao mercado de trabalho, podemos afirmar que estes são aptos a reflexão e constatação da real situação apresentada atualmente pelo campo. Foram analisados 25 estudantes entre dezenove e vinte e quatro anos, todos regularmente matriculados no curso de graduação em educação física entre o primeiro e quarto ano. Todos os entrevistados acreditam na importância da prática de atividade física e noventa e dois por cento praticam alguma atividade regularmente. Espantosamente oito por cento dos entrevistados afirmaram que acreditam que o profissional de educação física não é o profissional que eles mais confiam para a prescrição de exercícios, citando o médico e o fisioterapeuta como alternativa. Setenta e seis por cento dos entrevistados julgam importante o acompanhamento de um profissional durante os exercícios físicos. Dos entrevistados, sessenta e quatro por cento relataram que seus professores escolares trabalharam diferentes conteúdos em aula e classificaram como muito proveitosa o contato com os profissionais com que tiveram contato. Todos destacaram que exercícios realizados com acompanhamento profissional apresentam mais resultados, apesar de setenta e dois por cento acreditarem que a capacitação profissional deixa a desejar em alguns quesitos mas sessenta e oito por cento apontam a formação acadêmica como boa. Através dos resultados apresentados podemos destacar a importância que os educadores físicos dão à prática esportiva e do acompanhamento de um profissional durante a mesma. Pode-se também observar a qualidade apresentada em geral pelos cursos de educação física a nível nacional e a boa base escolar apresentada por estes.

Apoio Trabalho:

Email: lais_scarpri@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

A INFLUÊNCIA DA MÚSICA COMO FATOR MOTIVACIONAL EM TESTES DE REPETIÇÃO MÁXIMA NO SUPINO RETO DE PRATICANTES DE MUSCULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS - MG

Silva, A.P.; Ramos, L.E.; Venditti Jr., R.

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul de Minas - Campus Muzambinho-MG/ CeCAES

O objetivo principal do referido estudo foi verificar se a música possui influência nos níveis de força de indivíduos ativos durante a realização de teste de repetições máximas



(RM) no supino reto em musculação e ginástica de academia. Participaram deste estudo 50 (cinquenta) indivíduos, com idade entre 16 e 30 anos, do sexo masculino, praticantes de musculação e alunos regulares da academia Projeto Soma, situada na cidade de Poços de Caldas, estado de Minas Gerais (MG). Cada sujeito realizou 02 testes de RM no supino reto, sendo um teste com ausência de música (AM), e outro com música de sua preferência (CM). Para análise dos dados consideramos como variáveis dependentes o volume, que se refere ao número de repetições máximas alcançadas e a intensidade que diz respeito ao resultado de uma repetição máxima encontrada no teste. Para o tratamento dos dados, foram utilizadas estatísticas descritiva e inferencial, sendo que o nível de significância estatística manteve-se em 20% e p value $< 0,05$, quando nos referimos ao número de repetições alcançadas com música. Da análise estatística dos resultados obtidos verificou-se que a música realmente pode ser considerada um fator motivacional para a realização do exercício físico, contribuindo na performance dos indivíduos durante os testes. Na análise dos dados, pode-se observar que 45 dos 50 indivíduos avaliados apresentaram alguma melhora nos níveis de força máxima no teste com música (CM), a média de melhora foi de 1,5 repetições que teve $P < 0.05$ se tornando relevante estatisticamente. Relacionando nosso estudo com a literatura levantada, fica perceptível que a música afeta de maneira significativa o rendimento dos indivíduos durante a prática. Na maioria dos estudos citados, observamos que a música melhora o rendimento, desviando a atenção da dor, do desconforto e deixa mais prazerosa a realização de atividades físicas. Porém, é necessário considerar algumas variáveis individuais e culturais, a respeito do tipo certo de música, seu ritmo adequado, bem como respeitar as tendências musicais de nossos alunos.

Apoio Trabalho:

Email: rubensjrv@yahoo.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

PREVALÊNCIA DE SINTOMAS DE DISTÚRBIOS EMOCIONAIS COMO CONSEQÜÊNCIA DO DETRIMENTO DA FUNÇÃO COGNITIVA EM SUJEITOS COM DOENÇA DE PARKINSON.

Silva, J.A.M.G.; Módolo, R.M.; Vieira, S.; Navega, F.R.F.

Instituição: Unesp-Marília-Depto de Educação Especial

Introdução: A doença de Parkinson Idiopática é a segunda desordem neurodegenerativa mais comum, superada apenas pela doença de Alzheimer, e possui prevalência estimada de 150 casos por 100.000 habitantes. O comprometimento físico-cognitivo, associado ao emocional pode denegrir a qualidade de vida de sujeitos com Doença de Parkinson,



levar a restrição do convívio social e desencadear a síndrome do imobilismo. Métodos: Foram avaliados 25 indivíduos de ambos os sexos, com idade de $71,2 \pm 8,5$ anos, classificados entre os níveis I e IV na escala de Hoen e Yahr. Os sujeitos foram avaliados quanto ao estado emocional referido através do questionário PDQ-39, e estado mental por meio do Mini Exame do Estado Mental. O PDQ-39 é um questionário específico para avaliar repercussões secundárias a doença de Parkinson, entre seus domínios existe o denominado “Bem Estar Emocional”, específico para averiguar desordens emocionais e afetivas. O Mini Exame do Estado Mental é um teste com a finalidade de identificar desordens cognitivas no campo da orientação temporo-espacial, verbalização, atenção, cálculo, memória de curto prazo e praxia visuo-construtiva. Para a análise estatística foi aplicado teste de normalidade de Shapiro-Wilk, e as análises foram feitas através do coeficiente de correlação e Spearman. O nível de significância utilizado foi de 5%. O projeto foi aprovado pelo comitê de ética de pesquisa da Unesp-Marília (protocolo n1806/09), e todos os sujeitos consentiram em participar do estudo assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Resultados: O estado de preservação mental obteve média de 20.44 ± 6.3 pontos no MEEM com mínimo de acometimento de 30 pontos e máximo de 6 pontos, o déficit emocional obteve média de 50.23 ± 27.47 com mínimo de 4.1% e máximo de 100% de comprometimento. Ficou estabelecido índice de correlação entre o bem estar emocional e o estado de preservação mental de $r = -0.5859$ com $p = 0.0021$. Conclusão: Fica sugerido que sujeitos com doença de Parkinson com níveis de comprometimento cognitivo mais elevados possuem predisposição a apresentarem maiores índices de sintomas relacionados a depressão, sentimento de isolamento, tristeza, magoa, preocupação e ansiedade. Palavras chave: Doença de Parkinson, Estado Mental, Estados Emocionais.

Apoio Trabalho: não possui

Email: josemegasi2@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

INFLUÊNCIA DO TÉCNICO SOB O ASPECTO COMPORTAMENTAL DE SUA EQUIPE

Simões Viviani, M; Machado, A

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

Definindo a liderança, a persuasão e a motivação como três dos principais aspectos para um indivíduo ser influente dentro de seu contexto, o presente estudo busca definir a influência dentro do contexto técnico – equipe. Através de uma revisão literária é possível ficar mais próximo de uma resposta do quanto é influente a personalidade do



técnico na sua equipe e a importância deste fenômeno. Liderança pode ser definida como o "processo comportamental de influenciar indivíduos e grupos na direção de metas estabelecidas" (BARROW, 1977). Em termos gerais, um Líder é a pessoa que, em dado tempo e lugar- por suas ações- modifica, orienta, dirige ou controla atitudes, ações e comportamento social de um ou mais adeptos ou seguidores (ANDREOLLA, 1992). Quanto à motivação, segundo VENDITTI JR (2004), ela é um fenômeno no processo de ensino-aprendizagem que interfere no comportamento de professores e alunos. Assim, mostrando como é importante ambos os lados estarem motivados, tanto o professor para ensinar, avaliar a performance de seus alunos, quanto seus alunos para aprender e praticar o aprendizado adquirido. É importante que sejam estabelecidas metas concretas, baseadas nas capacidades reais de seus atletas. Deve-se determinar quais são as metas pessoais e do grupo, identificar estratégias para alcançá-las, avaliá-las, modificá-las, e expressá-las verbalmente (MORENO ET AL, 2006). A persuasão por sua vez detém em si técnicas e formas metodológicas para se estabelecer. É então, uma forma de inteligência aplicada a determinada situação e que se empenha numa prática específica e adequada, buscando um objetivo final. Ela pode ser um poderoso instrumento de motivação do técnico e do professor para com seus atletas e alunos. Este instrumento possibilita a transmissão de ideais em relação a alguma situação ou tarefa a ser enfrentada e desenvolvida (MORENO ET AL, 2006). Assim, analisando estes três aspectos procura-se estabelecer alguns parâmetros da influência do técnico sob o aspecto comportamental de sua equipe.

Apoio Trabalho: Prof. Dr. Afonso Antônio Machado - LEPESP

Email: cris.vivi@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

GINÁSTICA RÍTMICA: CONSEQUÊNCIAS ACARRETADAS PELA PRÁTICA, DA INICIAÇÃO À ESPECIALIZAÇÃO ESPORTIVA PRECOCE.

Soares Bomfim, A. J.; Sbors, I. C.; Ribeiro Cecarelli, M.; Pedersen dos Santos, D.

Instituição: Instituição Hermínio Ometto - UNIARARAS

A especialização esportiva precoce em qualquer que seja a modalidade é um assunto amplamente discutido na atualidade entre pesquisadores e estudiosos da área da psicologia do esporte, da educação física e todos os sub-ramos provenientes destas áreas de estudo, uma vez que o desenvolvimento psicológico, social e motor da criança são inerentes a esta temática. Desta forma, a partir desta revisão bibliográfica, objetiva-se apresentar os problemas relacionados ao desenvolvimento da criança quando esta passa por especialização esportiva precoce na Ginástica Rítmica, considerando a cobrança que



recai sobre a criança para atender às expectativas de rendimento em treinamentos e competições, a influência exercida pela mídia, pelo técnico e pelos familiares na busca pela excelência e o abandono da modalidade advindo da especialização precoce da criança na mesma, considerando ainda, as diferenças entre a iniciação esportiva e a especialização esportiva precoce. Sabemos que a iniciação na prática de exercícios físicos tem extrema importância no processo de maturação de cada indivíduo, porém saber dosar a quantidade correta quando há o envolvimento de crianças dentro de um esquema de treinamento periodizado é uma tarefa bastante trabalhosa. Assim, quando ocorre esta mudança de conceito da iniciação para o aprimoramento de movimentos específicos, entra em cena a especialização esportiva precoce que acaba tomando frente de um plano de ensino que a princípio visaria apenas à introdução da criança numa nova modalidade deixando para trás a aquisição de novas habilidades motoras, passando a enfatizar o aprimoramento de habilidades específicas da modalidade que esta criança pratica, correndo o risco de submetê-la a um treinamento não condizente a sua faixa etária. Na Ginástica Rítmica, devido às suas exigências em termos de flexibilidade, força, entre outras capacidades físicas, é evidente que os melhores resultados em competições são sempre das crianças e adolescentes que iniciaram cedo na modalidade, tendo a vivência e a prática substituídas pelo treinamento técnico específico e intenso. Desta forma, os técnicos terminam por não respeitar o tempo normal da criança, que envolve a faixa etária adequada para que comece a existir algum tipo de cobrança inerente ao desempenho, passando por cima do processo de desenvolvimento considerado seguro, ignorando as consequências físicas, psicológicas e afetivas que podem ser causadas à criança. Assim, constatamos que o esporte é primordial para o desenvolvimento motor, cognitivo e social da criança, mas devemos levar em conta que um profissional de Educação Física lida com vidas humanas, e atitudes equivocadas nos treinamentos podem gerar grandes danos na vida da criança tanto no contexto físico quanto no psicológico. A responsabilidade sobre a criança não pode recair somente sobre o treinador, mas também sobre todas as pessoas do seu círculo social que incentivam ou influenciam em sua vida. Todas as atitudes que a criança venha a tomar na sua carreira esportiva de certa forma são reflexos do que ela passou ao iniciar-se no esporte, e no apoio que teve de seus familiares e treinadores. Se a iniciação aconteceu muito cedo, e acabou transformando-se em especialização precoce, a probabilidade de ela desenvolver problemas de ordem física e psicológica é eminente, podendo levar ao abandono da prática esportiva. Assim, nota-se que nem sempre a iniciação esportiva consegue cumprir seu papel na formação plena do desenvolvimento da criança, pois isto depende principalmente de uma boa atuação dos técnicos, dos pais e familiares. Portanto, com uma iniciação correta e cargas de treino apropriadas para cada faixa etária a criança pode obter sucesso no contexto esportivo sem que isso esteja vinculado às consequências em seu desenvolvimento que podem acompanhá-la durante toda sua trajetória dentro e fora do esporte.

Apoio Trabalho: LEPESPE

Email: anajulia.bomfim@hotmail.com



MOTIVOS DE ADESÃO E INTERESSE DE IDOSOS POR JOGOS ELETRÔNICOS

Teodoro, A.; Dias, V.; Tavares, G.; Kawaguti, C.; Santiago, D.; Schwartz, G.

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

Atualmente, o interesse por jogos virtuais tem aumentado no mundo todo, por todas as camadas sociais e faixas etárias, incluindo os idosos, ainda que de modo não tão expressivo, em decorrências de diversos fatores ainda inexplorados, os quais estimulam o interesse acadêmico, no sentido de ampliar a compreensão sobre os aspectos psicossociais e subjetivos que permeiam essas práticas. Dessa maneira, esse trabalho teve como objetivo investigar os motivos de adesão e interesse de idosos pelos jogos eletrônicos. Para tanto, o estudo foi realizado em duas etapas, uma referente a uma pesquisa bibliográfica a respeito das temáticas abordadas, e a segunda, exploratória. A amostra foi composta por 18 idosos, sendo 9, do sexo masculino e 9 do feminino, com média de idade de 65 anos, sendo 66,3 anos nas mulheres e 63,6 anos nos homens, todos integrantes de uma equipe de voleibol adaptado da cidade de Jales-SP. Foi utilizado como instrumento um questionário com questões abertas e fechadas referentes ao propósito da pesquisa. Os dados analisados por meio da Técnica de Análise de Conteúdo Temático indicam que, apenas 3 disseram já ter jogado uma única vez, sendo 2 homens e 1 mulher, os quais, destacaram os jogos no computador, como cartas e pinball e o futebol no Playstation. Já 15 sujeitos nunca se envolveram com os jogos eletrônicos e, quando questionados sobre o motivo de não adesão, 5 sujeitos relataram que não tinham paciência, 4 nunca tiveram oportunidade, 4 não tinham tempo. Apenas 1 sujeito salientou não se envolver devido à complexidade dessa tarefa, 1 por não gostar, 1 por não conseguir acompanhar e 2 não souberam responder o motivo. Entretanto, dos 15 sujeitos que nunca jogaram, 9 citaram ter interesse em jogar, destes, 3 eram do sexo masculino e 6 do sexo feminino. Entre os motivos de interesse evidenciaram-se a oportunidade e o tempo disponível, a curiosidade, a possibilidade de divertimento e aprendizagem. Dentre os 6 que apontaram não ter interesse em jogar, 5 eram do sexo masculino e 1 do feminino. Os motivos pela falta de interesse foram referentes a considerarem essa prática com pouca movimentação do corpo, ou ainda, por não gostarem, pela falta de tempo e por não conseguirem jogar. Com base nos dados do estudo pode-se perceber o interesse maior do sexo feminino pelos jogos eletrônicos. Esta atividade não é uma prática recorrente entre esses idosos, os quais têm que enfrentar diversos desafios, inclusive os relacionados à falta de autoconfiança e, até mesmo, no que tange a preconceitos. Sendo assim, sugere-se que novas possibilidades sejam oferecidas às pessoas que se encontram nessa fase do desenvolvimento, no sentido de ampliar as perspectivas de experiências frente a novas tecnologias.

Apoio Trabalho:

Email: anapaulaguirarde@yahoo.com.br

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO



A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA AUTO-IMAGEM CORPORAL

Utiyama, A. H. B.

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

Nos últimos anos a mídia vem divulgando cada vez mais intensamente um padrão corporal determinado. Pesquisas apontam para o fato de que este padrão de beleza divulgado se aplica a apenas 5 a 8% da população mundial. Percebe-se claramente um bombardeio de propostas de transformação do corpo e uma valorização exacerbada do corpo magro, malhado, sem defeitos, em diferentes veículos de comunicação: na publicidade, na internet, nas revistas, na televisão. A busca incessante pelo corpo dito como ideal vai desde os exercícios físicos, dietas questionáveis até as radicais cirurgias plásticas. Intervenções essas que na maioria das vezes vão contra qualquer conceito de saúde devido a falta de acompanhamento profissional e de consciência por parte das pessoas que realizam tais práticas indiscriminadamente. Sob influência destes veículos estão crianças, homens, mulheres, e especialmente os adolescentes que hoje em dia tem demonstrado extrema preocupação com a imagem corporal. As normas na mídia são transmitidas por meio de imagens que nos dizem, direta e indiretamente, através do discurso do corpo, que roupas, configuração do corpo, expressão facial, movimentos e comportamentos são aceitáveis. A mulher, a adolescente ou o jovem bombardeado pelo seu grupo social e pela mídia, deixa de buscar sua identidade para buscar identificação em modelos construídos pela sociedade. A partir do momento que a busca pela aceitação social supera os próprios princípios, valores e vivências das pessoas, e que exageros começam a fazer parte do cotidiano das mesmas quando impelidas a conseguir o corpo perfeito, percebe-se a possibilidade da presença de distorções da auto-imagem corporal. Pessoas que se encontram distante deste padrão facilmente podem adquirir uma auto-imagem negativa, o que pode por sua vez determinar o aparecimento de baixa auto-estima, depressão e por fim distúrbios emocionais e alimentares. O jovem busca então as opções oferecidas pelo mercado para transformar seu corpo. Sendo que um dos aspectos que mais preocupa é o peso, este recorre ao recurso de mais fácil acesso que são as dietas restritivas oferecidas constantemente pela mídia. Os principais transtornos alimentares decorrentes desse processo são a anorexia e bulimia, que somente nas últimas décadas têm sido mais estudadas com a devida atenção que demandam.

Apoio Trabalho:

Email: drika_hbu@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE NO BRASIL NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Vargas, A; Votre, S; Mourão, L



Origem e desenvolvimento da psicologia do esporte no Brasil na primeira metade do século XX Antonio Vargas Sebastião Votre Ludmila Mourão antonio.vargas@gmail.com Resumo Segundo a literatura especializada, a psicologia do esporte no Brasil teve seu início com os trabalhos realizados pelo sociólogo João Carvalhaes, licenciado em psicologia, na década de 1950. No cenário mundial, a Psicologia do Esporte iniciou os seus primeiros estudos e trabalhos em 1895, nos Estados Unidos, com Norman Triplett. Entretanto, com o advento e a implantação da Missão Militar Francesa, os protocolos de educação física, educação e saúde brasileira começaram a ser mudados com o objetivo inicial de melhorar e capacitar o exército brasileiro. Sob a perspectiva higienista e eugenista, que era pensamento político e social da época, a educação física foi reformulada, aplicada e difundida no território nacional nas décadas de 1920 e 1930. Com a instauração do Estado Novo, Getúlio Vargas criou o Ministério da Educação e Saúde Pública (MES), que passou a tomar conta da educação moral e cívica e da educação física nas escolas. A educação física tinha com proposta a formação do futuro soldado. Segundo a perspectiva de Morin (2005), a psicologia do esporte é uma disciplina híbrida, cuja área de interseção reside entre as disciplinas da saúde, educação física e educação. Sendo assim, levantamos a hipótese de a psicologia do esporte ter surgido nesse período e ter seguido o mesmo tipo de orientação. Considerando que não há registro nas revisões de literatura sobre o que se produziu entre 1920 e 1950, o objetivo do estudo é identificar e analisar a produção científica e os trabalhos práticos de psicologia do esporte entre essas décadas. Procedemos ao levantamento e análise da bibliografia publicada, que evidencia a construção do campo da psicologia do esporte no Brasil, antes da década de 1950. Para realização deste estudo, realizamos o levantamento das fontes primárias nos Arquivos Históricos do Exército (AHEX), bem como na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais o Exército (ESAO), na Escola de Educação Física do Exército (ESEFEX) e na Escola Nacional de Educação Física (ENEFD). Esses arquivos estão no município do Rio de Janeiro. Escolhemos estes bancos de dados militares por serem estas as instituições onde foram instauradas, inicialmente, as mudanças dos protocolos de saúde, educação e educação física no território nacional. Na segunda etapa realizamos o levantamento de dados em fontes bibliográficas primárias e secundárias (livros, periódicos e outros documentos). Utilizamos como critério de busca a análise dos títulos publicados nas edições, onde procuramos os seguintes termos: psicologia, psicanálise, mente, mentalidade e psiquiatria. O período em que realizamos o levantamento é de 1920 a 1954. Nos Arquivos históricos do Exército (AHEX) encontramos, no relatório da saúde de 1921, a menção da falta de um Laboratório de Psicologia Experimental para as perícias psiquiátricas e para a avaliação de aptidão para os serviços militares de aviação. Na ESAO não foi encontrado nenhum documento ou registro sobre as categorias estabelecidas. Na ESEFEX, foram analisadas 78 edições da revista com um total de 1398 artigos produzidos; identificamos um total de 16 artigos sobre a temática, o que corresponde a 1,14 % da produção da revista no período estudado. Nos arquivos da ENEFD não identificamos artigos no período delimitado.

Apoio Trabalho:

Email: antonio.vargas@gmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO



A FUNÇÃO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE NO FAVORECIMENTO DO DESEMPENHO DO ATLETA EM SITUAÇÕES ESTRESSORAS

Vedovatto Iza, D V I; Stoppa Menezes Robles, H S M R; Ferreira Gomes, E F G

Instituição: UNICEP - Depto de Educação Física

Esta pesquisa está sendo realizada com uma equipe de atletismo de São Carlos, com idades entre 12 e 26 anos, sendo a maioria atletas de alto rendimento. Através de revisões bibliográficas observou-se que o estresse competitivo pode influenciar no rendimento do atleta afetando-o positiva ou negativamente. Estudos na área apontam que a ansiedade encontra-se presente antes, durante e após as competições. Nessas situações, vistas como estressoras, o atleta pode desencadear respostas de ansiedade e se a situação esportiva for tida como ameaçadora para o atleta, essa condição refletirá na evolução dos níveis de ansiedade-estado. O presente trabalho pretende mostrar como o treinamento psicológico pode ajudar o atleta a encontrar um nível de estresse favorável para lidar com situações estressoras de seu cotidiano, de modo que esse equilíbrio psíquico auxilie na melhoria de seu desempenho. O objetivo geral desse trabalho é investigar a importância da preparação psicológica do atleta frente às exigências que ele encontra em seu cotidiano. Os atletas vivem em constante cobrança de treinadores, torcida, familiares e deles próprios. Para atingir seu objetivo final, enfrentam árduos treinamentos e se submetem a muitos sacrifícios. Com base no processo de preparação pelo qual o atleta passa para enfrentar uma competição, a ansiedade pré-competitiva será discutida neste artigo como uma das fontes, se não a maior delas, causadora de estresse em atletas. Também será discutido como a Psicologia do Esporte pode ajudar os atletas a encontrar um equilíbrio psíquico para desempenhar uma boa performance em campo. Para a realização deste estudo, será elaborado um roteiro de entrevista a ser aplicado em atletas de alto rendimento para balizar a pesquisa. Neste roteiro pretende-se abordar questões como: o bem estar físico antes da competição; a discordância e conflitos com técnicos e equipe; o bom relacionamento com os mesmos, cobrança externa e interna ao atleta, a fim de se verificar a influência desses elementos no nível de ansiedade e, consequentemente, no desempenho do atleta. Espera-se com esse estudo oferecer às pessoas envolvidas, direta ou indiretamente, com a competição esportiva maiores subsídios para uma compreensão mais ampla do controle de ansiedade no atleta e, nesse sentido, contribuir para a melhora do desempenho individual e coletivo.

Apoio Trabalho: CNPq

Email: mamilanetto@yahoo.com.br

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO



CONVICÇÕES DE AUTO-EFICÁCIA DOCENTE EM PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA

Venditti Jr, R.; Winterstein, P.J.

Instituição: Fac. Ed. Física -Unicamp

Esta pesquisa, fruto dos estudos de Mestrado em Educação Física na Faculdade de Educação Física (EF) da Unicamp, buscou compreensões a respeito do constructo da Auto-Eficácia e suas influências no processo de ensino-aprendizagem, do ponto de vista dos professores de EF. Além desta compreensão, pretendemos identificar fatores e aspectos que influenciam na construção do senso de auto-eficácia de professores(as) de Educação Física que trabalhem com públicos de pessoas com necessidades especiais e/ou em condição de deficiências, ou seja, na área de Educação Física Adaptada ou Atividade Motora Adaptada. Por meio de um conjunto de questionários e aplicação de escalas psicométricas, analisou-se os fatores e eventuais aspectos que influenciam na crença de eficácia na profissão do professor: se este se sente apto/capaz de atuar ou não com estes públicos; e também o que os leva a tomar determinada decisão ou construir suas crenças e auto-reflexões a respeito da prática docente. A pesquisa consiste em dois momentos: primeiramente um levantamento bibliográfico e revisão da literatura geral sobre auto-eficácia e ensino, bem como a seleção e procura por textos, artigos e publicações sobre auto-eficácia do professor e em especial de professores de educação física; num momento posterior, buscamos dentro dos instrumentos psicológicos de mensuração de atitudes, crenças, auto-conceitos e valores, uma escala (original e validada ou então uma adaptação da mesma) que fora aplicada em um grupo de 44 profissionais de Educação Física Adaptada para verificar e detectar os fatores influentes na construção do senso de eficácia pessoal destes sujeitos no que diz respeito a suas crenças e atitudes na atuação profissional. O ensino reflexivo e as propostas de estágio supervisionado dirigido e obrigatório a públicos com necessidades especiais, assim como a necessidade de se pensar em experiências diretas e indiretas dos acadêmicos ainda durante a formação aparecem como fatores importantes na análise. Outro aspecto detectado foi a necessidade de se pensar em maneiras de incremento e motivação ao professor de Educação Física escolar, que apresentou índices relativamente inferiores à média da amostra, sendo que os grupos com níveis de auto-eficácia docente mais elevados foram os grupos de profissionais atuantes em EFA e em ambientes não-formais (academias e treinamento esportivo). O trabalho também apresenta uma definição específica da auto-eficácia docente sendo compreendida na EF e para a EFA, propondo a compreensão da teoria social cognitiva e da importância da auto-eficácia no planejamento e atuação docente em EF. Palavras-chave: Auto-eficácia - Educação Física Adaptada - senso de eficácia pessoal - atividade docente em educação física

Apoio Trabalho: Bolsa Mestrado do primeiro autor no ano de 2004 - CNPq

Email: rubensjrv@yahoo.com



A MOTIVAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUA ATUALIZAÇÃO PROFISSIONAL E ACADÊMICA: ABRINDO ESPAÇOS DE DISCUSSÃO

Venditti Jr., R.

Instituição: Faculdade de Ed. Física - Unicamp; Universidade Adventista de São Paulo (UNASP - Campus SP)

Este estudo relata o processo de elaboração de um texto didático por revisão bibliográfica, distribuído entre professores atuantes em educação física (EF) escolar, do sistema público de ensino da região de Campinas-SP. Para sua elaboração, recorreu-se a autores que pesquisam a motivação e a motivação para a realização na EF. Ao se depararem com as dificuldades de escrever um artigo científico nos moldes acadêmicos vigentes, como trabalho final do curso de especialização em Pedagogia do Esporte Escolar, na Faculdade de Educação Física da Unicamp, um grupo de alunos, orientados pelo autor aponta para a importância da motivação na formação continuada e capacitação do profissional de EF escolar. A metodologia é baseada nas prerrogativas do curso “Teia do Saber”, da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, no qual o professor realiza diversos estudos dirigidos, através de textos (in)formativos, discutidos e trabalhados com especialistas de diversas áreas e temáticas (os professores retomam o hábito da leitura e o interesse na busca de novos conhecimentos: ler para aprender e ensinar). Esta metodologia tem dado imensos resultados no processo de capacitação do profissional de EF escolar e foi associada ao processo de revisão bibliográfica da temática escolhida (motivação e atuação em EF escolar). A partir de dificuldades encontradas pelo próprio grupo, com relação à elaboração normatizada de um texto acadêmico a respeito da motivação do professor, decidiu-se desenvolver um texto didático e explicativo voltado a atender o professor de EF atuante, que necessita atualizar-se profissionalmente e muitas vezes não pode participar de um curso de especialização, pós-graduação, capacitação ou formação continuada de longa duração. O resultado da pesquisa e das discussões do grupo culminaram em um texto sintético, que discorre sobre a motivação do professor e oferece subsídios de discussão e aplicação prática em EF escolar. Na revisão bibliográfica, foram encontrados aspectos relevantes que interferem na motivação do profissional e também no seu interesse em estudos e pesquisas na pós-graduação, tais como: dificuldades relacionadas à defasagem de conteúdos aprendidos na graduação, atualização dos conhecimentos e reciclagem metodológica; falta de tempo e dedicação aos estudos continuados em virtude da carga horária semanal e outros encargos docentes; questões relacionadas à familiarização e acesso aos recursos de busca e informações virtuais (internet, banco de dados, sistemas de normatização), dentre outras facilidades (ou dificuldades?) tecnológicas; conflitos com a linguagem científica e o formato dos textos desenvolvidos em ambientes acadêmicos; além da pouca valorização da profissão e descrédito a respeito do sistema de ensino brasileiro, da carreira docente e da configuração histórica da Educação Física no país. O texto trata da motivação docente em EF e pode ser proposto como possibilidade de estudo dirigido e voltado ao professor de EF, de maneira explicativa e com linguagem acessível àqueles profissionais que não se encontram mais



familiarizados com contextos acadêmicos e formação continuada. Os profissionais de EF precisam buscar a atualização profissional e a continuidade na formação docente, uma vez que atuam como agentes educacionais. Devem, portanto, atualizar seus conhecimentos, metodologias e encontrar maneiras ou espaços de discussão a respeito da atuação profissional. O resultado do trabalho transcende a discussão superficial a respeito da motivação, sem estar totalmente “engessado” nos moldes acadêmicos que dificultam o acesso, a leitura e a utilização destes conhecimentos por parte de profissionais “distantes” do ambiente acadêmico: um texto de fácil compreensão e leitura, voltado aos professores de EF, com o intuito de despertar a motivação (e facilitar sua compreensão) para atuação profissional em EF escolar. Palavras-chave: Motivação; educação física escolar; formação continuada; pós-graduação.

Apoio Trabalho:

Email: rubensjrv@yahoo.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

A CRIATIVIDADE E A FORMAÇÃO ACADÊMICA EM GINÁSTICA DE ACADEMIA: DISCUTINDO AS PERCEPÇÕES DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA CREDENCIADOS À BODY SYSTEMS

Venditti Jr., R.; Krüeger, J.N.; Paes, M.M.

Instituição: Universidade Adventista de São Paulo (UNASP - Campus SP); FEF- Unicamp

A Body Systems surgiu como um sistema revolucionário na preparação de aulas e programas, por oferecer um sistema franquiado e padronizado de aulas e procedimentos muito discutidos na nossa área. Por ser um tema com ainda pouco material científico, buscamos trazer resultados sólidos sobre a imagem do programa de acordo com o profissional que atua neste segmento. Há relatos na literatura de que pelo fato de a Body Systems trabalhar com aulas prontas, haja uma desvalorização da formação dos professores, assim como de sua experiência, conhecimento e criatividade, além de não dar a flexibilidade ao professor de adaptar as aulas aos alunos. Outra linha defende o sistema de franquias como um facilitador aos profissionais de academia. Nossa objetivo foi analisar a opinião dos profissionais de Educação Física, credenciados à Body Systems, sobre sua visão do programa. A partir de um questionário elaborado pelos pesquisadores para o presente estudo, foram entrevistados 30 profissionais credenciados ao programa. Os resultados apontam que os profissionais obtiveram nível muito baixo de aprendizagem sobre a ginástica de academia na graduação. Além disso, percebe-se que a busca maior pelo sistema se deu por ele ser grandemente exigido nas maiores



academias (demanda de mercado), facilitando a entrada no mercado de trabalho e por apresentar sequências de aulas prontas, o que economiza o tempo do professor, muitas vezes escasso. A maioria dos profissionais sentiu que a sua criatividade não foi afetada e que o programa os qualificou profissionalmente. Como proposições, podemos sugerir a necessidade de maiores estudos e aprofundamento nesta temática que permitam assinalar os aspectos positivos e negativos deste e outros sistemas de franquias, também no ponto de vista psicológico e nas crenças de auto-eficácia do professor em formação e já atuante. Também, que o sistema de pré-coreografia, demonstrou ser uma forma de aprendizado e facilitador de acesso ao mercado de trabalho dos recém-formados, compensando a carência de disciplinas da graduação apontada pelos entrevistados, fato este também interessante para maiores estudos e discussões, levando-nos a refletir a respeito dos currículos e relação das disciplinas e atuação profissional em EF. Palavras-chave: ginástica de academia; Body Systems; atuação profissional.

Apoio Trabalho:

Email: rubensjrv@yahoo.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

ASPECTOS DA MOTIVAÇÃO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS: COMPREENDENDO O MOTIVO DE REALIZAÇÃO E INFLUÊNCIAS NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Venditti Jr., R.; Martins, L.T.; Venditti, A.C.

Instituição: Faculdade de Ed. Física - Unicamp; Universidade Adventista de São Paulo (UNASP - Campus SP)

O objetivo deste estudo teve como foco pesquisar os aspectos da motivação do professor de Educação Física Escolar. A motivação do educador é muito importante no processo de ensino-aprendizagem, porém é pouco estudada (em grande parte, os estudos se concentram apenas na motivação do aluno). Após uma revisão bibliográfica, aplicou-se um questionário a 40 profissionais da área, entre 25 e 45 anos de idade, procurando entender a visão dos mesmos sobre o assunto e os principais fatores que interferem na sua motivação. As questões foram respondidas por professores de escolas públicas e particulares que trabalham com adolescentes, na região de Campinas (SP). Pontuamos alguns aspectos relevantes para a compreensão do tema proposto, dividindo-o em etapas, para uma melhor explanação: a primeira diz respeito à conceituação da motivação a partir do estudo do motivo de realização e seus três determinantes: nível de aspiração, atribuição causal e norma de referência. Esses são importantes para a



Educação Física, pois delimitam a análise dos comportamentos em situações de rendimento e desempenho; a segunda trata especificamente da motivação do professor de Educação Física levando em consideração duas importantes teorias: a Alemã, representada por Heckhausen (em 1965), e a Americana, representada por Mc Clelland e Atkinson (em 1957). Ambas as teorias estão embasadas no motivo de realização, importante para a ação docente, uma vez que a aprendizagem e a docência tratam-se de um processo em que professor e aluno empenham-se em busca da superação dos desafios e de atingir e manter a qualidade da tarefa, possibilitando assim uma auto-avaliação. Posteriormente, aplicamos um questionário aos profissionais da área, procurando entender a visão dos mesmos sobre o assunto e os principais fatores que interferem na sua motivação. Ao final, lançamos algumas proposições, confrontando os dados obtidos na pesquisa com o referencial bibliográfico; no intuito de apontar algumas possibilidades de reflexão e abrir espaços de discussão, uma vez que consideramos este tema pertinente para nossa atuação profissional. Os fatores que mais chamam atenção, levantados pelos próprios professores, dizem respeito à valorização do profissional, reconhecimento do papel do profissional de EF no ambiente escolar e a participação do aluno como fator importante para a motivação do professor.

PALAVRAS-CHAVE: motivação; motivação do professor de Educação Física; motivos de realização; educação física escolar.

Apoio Trabalho:

Email: rubensjrv@yahoo.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

AUTO-EFICÁCIA E MOTIVAÇÃO DO(A) PROFESSOR(A) DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA

Venditti Jr., R.; Winterstein, P.J.

Instituição: Fac. Ed. Física -Unicamp; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul de Minas - Campus Muzambinho-MG

A auto-eficácia se caracteriza como a convicção nas capacidades individuais de organizar e executar cursos de ação, necessários à realização de determinadas tarefas ou feitos dirigidos a uma meta. Engloba processos auto-perceptivos e avaliativos, que relacionam fatores ambientais, pessoais e comportamentais. Estas correlações podem ser observadas tanto na tríade de determinismo recíproco da Teoria Social Cognitiva (TSC), como na proposta Teoria de Ação de Nitsch, que norteia os estudos em motivação desta obra. Neste trabalho, a auto-eficácia é aplicada na compreensão do controle interno das convicções e percepções que envolvem a prática docente em



Educação Física Adaptada (EFA), caracterizada por atender pessoas com necessidades especiais ou em condição de deficiência. O mesmo estudo é a continuação das pesquisas no mestrado, que analisou as crenças de auto-eficácia docente em Educação Física (EF). Nesta pesquisa, aprofundamos os estudos de auto-eficácia docente, selecionando um contexto peculiar de atuação em EF: a EFA. Também buscou-se identificar e investigar as fontes de (in)formação da auto-eficácia docente para este contexto. Por meio de quatro instrumentos, aplicados em 307 profissionais atuantes ou que já tivessem atuado na área de EFA, destacam-se alguns fatores e aspectos relacionados à auto-eficácia docente e à motivação profissional. Os resultados obtidos podem evidenciar as associações da auto-eficácia com a questão motivacional do professor, através de sua satisfação pessoal e disposição para continuar na carreira docente, bem como os níveis de esforço e persistência. Ou seja, as associações entre auto-eficácia e motivação docentes podem ser relacionadas às características pessoais (emoções, interesse e satisfação), aspectos sociais e comportamentais. A metodologia, através da Análise Estatística de Variância (ANOVA), Regressão Linear e Análise Multivariada (CLUSTERS associativos), promoveu análises destes parâmetros a respeito de suas capacidades de ensinar. A perspectiva social cognitiva e as propostas de estimulação das fontes de formação da auto-eficácia docente, bem como dos mecanismos auto-reflexivos do professor configuraram-se excelentes referenciais, comuns para as discussões sobre as convicções docentes, formação profissional em EFA e atuação com públicos de pessoas com deficiência em estudo(s) anterior(es) e nesta pesquisa. Os fatores experiência direta e experiência vicariante são as fontes mais potentes de formação de auto-eficácia docente em EFA, apresentando-se também os aspectos fisiológicos e emocionais diferenciais para o contexto da EFA, fato que pode explicar a diferenciação no trato entre professor e aluno com deficiência. Outro aspecto que se destaca é a proposta de Maddux, que determina 06 fontes de constituição da auto-eficácia, isolando o aspecto emocional como uma fonte separada dos aspectos fisiológicos. Este estudo aponta para as possibilidades de na formação se desenvolver a auto-eficácia docente em EF e EFA, através de estratégias de incremento de cada uma das fontes propostas e também permite observar a auto-eficácia como uma importante mediadora no processo motivacional do professor de EFA e do Motivo de Realização, com seus componentes (Nível de Aspiração, Atribuição Causal e Normas de Referência). Palavras-chave: auto-eficácia; motivação; motivos de realização; educação física adaptada

Apoio Trabalho:

Email: rubensjrv@yahoo.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO



**LIDERANÇA E COESÃO GRUPAL NA PEDAGOGIA DO ESPORTE:
ASPECTOS PSICOLÓGICOS NO AMBIENTE DOS ESPORTES COLETIVOS,
JOGOS E ATIVIDADES FÍSICAS**

Venditti Jr., R.; Winterstein, P.J.; Kocian, R.C.; Bandeira, T.L.; Lima, D.P.

Instituição: Fac. Ed. Física -Unicamp; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul de Minas - Campus Muzambinho-MG

As perspectivas da Pedagogia do Esporte para o século XXI integram em suas premissas a necessidade de compreensão do esporte em sua pluralidade como fenômeno sociocultural. Nesta visão plural e multifuncional, surge a preocupação com aspectos que transcendem os fatores puramente técnico-táticos da aprendizagem motora. Os aspectos comportamentais são integrantes desta perspectiva. Daí a necessidade de compreender fatores psicológicos como as formas de liderança existentes dentro do ambiente esportivo e o processo de coesão grupal e motivacional. Este artigo tem como objetivo resgatar e associar os estudos de liderança oriundos da Psicologia Geral, transformando-os em conhecimentos que colaborem na atuação profissional em Educação Física, através de intervenções e possibilidades de ambientes favoráveis ao desenvolvimento integral dos praticantes. O trabalho é resultado de nossos estudos no âmbito da Psicologia do Esporte, buscando compreensão de aspectos psicológicos presentes na área da Educação Física (EF), dentre os motivos sociais (MURRAY, 1978), principalmente os motivos de Poder e os fatores de Liderança presentes no âmbito esportivo e suas relações com a atividade física. Pretende-se discorrer sobre este tema, em especial sobre a Liderança nos Jogos Desportivos Coletivos e suas perspectivas para aplicação na Pedagogia do Movimento, ou ainda nas relações interpessoais existentes no campo da Pedagogia do Esporte: entre os participantes; na relação professor-alunos e na interação com dirigentes, pais e familiares. Podemos compreender o esporte atualmente como um fenômeno constante em nossa sociedade, dotado de pluralidade de possibilidades e diversidade aplicacional. Este fenômeno passa então a ser constituído por diversos aspectos, além dos motores. São eles: filosóficos, sociais, educacionais, cognitivos e psicológicos. Neste modelo de Pedagogia do Esporte (PAES, 2003) proposto para o século XXI, os aspectos comportamentais e afetivos são integrantes de uma perspectiva, que considera o esporte como um fenômeno sócio-cultural abrangente. Daí a necessidade de compreender fatores psicológicos tais como a motivação e os motivos sociais, dentre eles as formas de liderança existentes dentro do ambiente esportivo. Assim, poderíamos compreender as influências psicológicas nos praticantes, atuando de forma plural, considerando as relações, percepções, emoções, filosofia, contexto sociocultural e interesses (pessoais e coletivos) nas atividades em que nos envolvemos. Paes (2003) defende a perspectiva para este século considerando o ser humano enquanto “movimento, sentimento e pensamento”, um indivíduo plural e cidadão integral. Compreendendo o motivo de liderança presente no ambiente da Pedagogia Esportiva, podemos nos apropriar destes conceitos, transformando-os em conhecimentos que auxiliem na atuação do profissional em EF, através de suas



intervenções. Palavras-chave: liderança; coesão grupal; motivo de poder; pedagogia do esporte; motivos; motivação.

Apoio Trabalho:

Email: rubensjrv@yahoo.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

ANÁLISE DA MOTIVAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Venditti Jr., R.; Winterstein, P.J.; Kocian, R.C.; Venditti, A.C.

Instituição: aculdade de Ed. Física - Unicamp; IFSULDEMINAS (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas - Campus Muzambinho/MG)

O tema motivação é um assunto abrangente que deve ser reconhecido por sua fundamental importância no processo de ensino-aprendizagem. Durante as aulas de Educação Física (EF), pode-se muitas vezes observar que existe pouca participação e baixo interesse de alguns alunos, em diversas séries, em participar das aulas de Educação Física escolar de maneira efetiva e regular. A partir dessa reflexão, nos questionamos: Por que alguns alunos se sentem motivados e outros não? O que nós, professores de Educação Física escolar, podemos fazer para diminuir esse número de alunos sem motivação? Que estratégias motivacionais podem auxiliar o professor em sua atuação pedagógica? Este trabalho pretende identificar os fatores que influenciam o desinteresse desses alunos pelas aulas de Educação Física e propõe estratégias que auxiliem nas soluções dos problemas identificados. É preciso ressaltar a importância da motivação no processo de ensino-aprendizagem. Assim sendo, para realizar este trabalho abordamos os estudos sobre motivação, seus conceitos e suas correntes teóricas; bem como as teorias motivacionais presentes para a atividade física e o exercício, pois as mesmas delimitam a análise dos comportamentos em situações de rendimento e desempenho. Neste resgate bibliográfico, procuramos ressaltar as principais tendências e aplicações da motivação na área de Educação Física escolar. É importante salientar que os estudos sobre a motivação, na maioria das vezes, estão centrados no aluno, que é o principal sujeito do processo educativo. No entanto, não podemos negar que o professor é parte integrante do processo de motivação e este interfere nos seus planejamentos e investimentos para a sua qualificação profissional. Associada à motivação, encontramos na auto-eficácia, algumas explicações a respeito dos mecanismos de auto-percepção e crenças pessoais, que interferem sobremaneira neste processo de motivação para realização da atividade física. Ao final do estudo apontamos algumas alternativas e possibilidades para o estímulo da motivação na Educação Física escolar, sem, no entanto, termos a pretensão de solucionar todos os problemas, apenas lançar sugestões e abrir espaços de discussão e reflexão, uma vez que consideramos este tema relevante e atual para nossa atuação profissional e no processo educacional. Descobrimos também a importância do papel do professor e seu preparo para identificar os diversos tipos de motivação presentes no contexto escolar. Palavras-chave: Educação Física Escolar; motivação; motivos de realização; auto-eficácia.



Apoio Trabalho:

Email: rubensjrv@yahoo.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

FUTEBOL E ALTA PERFORMANCE: UMA ANÁLISE À LUZ DA PSICOLOGIA DO ESPORTE

Verzani, R. H.; Morão, K. G.; Cecarelli, L. R.; Ribeiro, J. E. F.; Cecarelli, M. R.; Machado, A. A.

Instituição: LEPESPE - Unesp-IB-Depto de Educação Física

Uma série de fatores devem ser considerados em uma análise aprofundada sobre o futebol e seus atletas, que são os grandes responsáveis por todo o sucesso da modalidade em todo o mundo. Contratos financeiros de alto valor, influência midiática constante, cobranças vindas de diversos modos, seja de dirigentes, familiares, empresários, dentre outros. É exatamente nesse contexto em que eles estão inseridos na atualidade. O futebol é um dos esportes mais praticados e acompanhados em todo o mundo, considerado a grande paixão de milhões de pessoas. Devido a este fator, os atletas estão sofrendo uma pressão exacerbada que pode prejudicar seu rendimento na modalidade, pois no momento da competição, se não houver uma preparação psicológica adequada, o atleta não conseguirá atingir os níveis esperados através da preparação físico-técnica a que foi submetido previamente. O objetivo principal da pesquisa foi avaliar as condições psicológicas relacionadas principalmente à ansiedade dos atletas momentos antes a participação em uma competição importante, com grande acompanhamento da mídia. Esta avaliação parte também da comparação entre equipes mais bem preparadas e estruturadas com equipes modestas e sem a possibilidade de uma preparação semelhante a dos atletas citados anteriormente, principalmente levando em consideração a ausência de um psicólogo do esporte. A pesquisa foi realizada através de questionários, sendo que foram entrevistados 140 atletas de 8 equipes participantes da Copa São Paulo de Futebol Júnior, realizada no ano de 2010, que estavam hospedadas nas cidades de Rio Claro e Limeira. As idades dos atletas variaram entre 16 e 18 anos. Como resultados, pudemos observar que houve uma grande diferença do nível de preparação psicológica dos atletas, sendo que os mais ansiosos e pressionados pela importância do momento em que estavam vivenciando faziam parte das equipes que não tinham uma estrutura semelhante as das grandes equipes e, também não contavam com psicólogos do esporte. Consequentemente, estas equipes menos preparadas foram eliminadas no início da competição, pois seus atletas não conseguiram atingir o nível de atuação esperado pelas comissões técnicas. Já as equipes mais bem estruturadas conseguiram manter-se mais tempo na competição. Portanto, podemos concluir que as equipes com preparação psicológica tem uma maior possibilidade de conquistarem suas metas, pois seus atletas atingirão o limiar máximo esperado, evidenciando que não basta apenas a preparação psicológica para vencer, mas que a soma dos fatores pode ser essencial para o alcance dos objetivos pré-estabelecidos.

Apoio Trabalho:



FORÇA MUSCULAR ABDOMINAL E QUALIDADE DE VIDA EM IDOSOS COM E SEM OSTEOARTROSE LOMBAR

Vieira, S; Silva, J.A.M.G; Scheicher, M.E

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

Introdução: As lombalgias de causa degenerativa são freqüentes em indivíduos de idade mais avançada, devido ao próprio processo de envelhecimento. A presença de degeneração pode ocasionar, além de dor, a redução da força muscular. **Objetivos:** avaliar a força de músculos abdominais inferiores e a qualidade de vida em idosos com e sem osteoartrose lombar. **Materiais e Métodos:** Foram avaliados 40 participantes (21 com diagnóstico de osteoartrose lombar e 19 sem diagnóstico). Nos dois grupos foram realizados os seguintes procedimentos: Avaliação da Qualidade de vida: SF 36 (CICONELLI et al, 1999) e Teste de força muscular (KENDALL et al, 2007) para abdominais inferiores. Os testes de força muscular foram realizados no solo, sobre uma toalha. Os antebraços foram flexionados sobre o tórax. O examinador auxiliou na elevação dos membros inferiores até a posição vertical com os joelhos estendidos. Foi solicitada ao participante a inclinação pélvica posterior para retificar a coluna lombar sobre a superfície por meio da contração dos músculos abdominais, e, em seguida, manter a região lombar plana enquanto abaixava os membros inferiores lentamente. O participante não poderia elevar a cabeça e os ombros durante o teste. Para a graduação da força muscular, o examinador colocou a mão esquerda na região lombar, e não sob ela, para detectar o momento em que ocorresse a inclinação anterior da pelve e arqueamento da região lombar. Dado o momento, o teste era interrompido para a mensuração do ângulo entre membros inferiores estendidos e solo. O instrumento utilizado para esta medida foi um goniômetro. Assim, o braço fixo permanecia sobre o solo, o braço móvel lateral aos membros inferiores, alinhado com o maléolo lateral, e o eixo sobre a linha da espinha ilíaca ântero-superior. Os dados dos participantes foram apresentados como média e desvio padrão. As comparações da qualidade de vida e da força muscular abdominal foram feitas por meio do teste de Mann-Whitney. Considerou-se um valor de $p \leq 0,05$ como significante. **Resultados:** Verificou-se diferença significativa quanto às comparações da força muscular abdominal e da qualidade de vida entre os grupos osteoartrose e controle ($p = 0,0087$; $p < 0,04$). **Conclusão:** A força dos músculos abdominais inferiores e a qualidade de vida do grupo osteoartrose são menores em comparação ao grupo controle.

Apoio Trabalho:

Email: suenifv@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO



A MOTIVAÇÃO PARA REALIZAÇÃO APLICADA ÀS PRÁTICAS CORPORAIS E AO ESPORTE: CONCEBENDO UM MODELO TEÓRICO INTEGRADO

Winterstein, P.J.; Venditti Jr., R.

Instituição: Faculdade de Educação Física - Unicamp

A atividade orientada para a realização é aquela vivenciada por um indivíduo com a expectativa de que seu desempenho seja avaliado com algum padrão de excelência, sempre influenciada por uma resultante de um conflito entre duas tendências opostas, a tendência para alcançar o êxito e a tendência para evitar o fracasso. O motivo de realização (traduzido de need of achievement) seria a busca da melhoria ou manutenção da própria capacidade nas atividades em que é possível medir o próprio desempenho, sendo que a execução dessas atividades pode levar a um êxito ou a um fracasso. Alcançar êxito será uma forma de satisfazer a necessidade criada por esse motivo, enquanto fracassar na realização será uma forma de acentuar ainda mais essa necessidade (ANGELINI, 1973). O motivo de realização, para Murray (1978), refere-se ao esforço do indivíduo em concluir uma tarefa, atingir excelência, superar obstáculos, atuar melhor que os outros e orgulhar-se de suas habilidades. É a motivação que orienta as pessoas a realizarem suas aspirações, persistirem quando erram e sentirem orgulho ao atingir seus objetivos. Os componentes do Motivo de Realização, propostos por Winterstein e Venditti Jr. (2008) são: Auto-eficácia, Nível de Aspiração, Atribuição Causal e Normas de Referência. A auto-eficácia se define como “a crença na própria capacidade de organizar e executar cursos de ações requeridos para produzir determinadas realizações” (BANDURA, 1997, p.03). O constructo é caracterizado como um mecanismo cognitivo para mediar motivação e comportamento, voltados a uma determinada meta. Pode-se perceber a importância da auto-eficácia no processo de motivação, pois permite controlar e auxiliar nesse processo motivacional, na manutenção e adesão ao esporte e exercício, na persistência e envolvimento efetivos para as práticas corporais e esportivas. O constructo da auto-eficácia seria o principal mecanismo atrelado à motivação para a atividade física, em virtude de ser o principal componente de formação das crenças pessoais. O nível de aspiração é definido como o patamar de rendimento que uma pessoa pretende alcançar em uma determinada tarefa, conhecendo seu desempenho na mesma tarefa anteriormente (WINTERSTEIN, 1993). Após uma ação realizada com êxito ou fracasso, o indivíduo busca causas que expliquem esses resultados. Essa explicação é denominada atribuição causal (AC). Existem quatro principais “elementos da atribuição”: capacidade pessoal, esforço pessoal, dificuldade da tarefa e acaso (sorte ou casualidade). Finalmente, a norma de referência (NR) diz respeito aos diferentes parâmetros necessários para a avaliação dos resultados de rendimento, podendo ser individuais ou sociais (individual, quando se compara o rendimento de um indivíduo com um outro realizado anteriormente por ele, ou social, quando a comparação do rendimento acontece dentro de um determinado grupo de referência). Estas normas podem ser fatores diferenciais ao se trabalhar nos



contextos da Educação Física e Esportes, pois oferece um rico contexto para que adotemos uma ou outra norma de avaliação nas diferentes situações. Observando os comportamentos do nosso público e os fatores que incidem nas suas percepções e avaliações, podem-se promover o desenvolvimento de crenças de eficácia que possibilitem engajamento nos programas de atividades físicas, ou práticas corporais, propostas de maneira mais adequada. Sendo o profissional de EF o principal agente pedagógico no contexto esportivo e do exercício, o mesmo deve criar condições e estímulos ambientais nos quais sejam estimuladas e valorizadas as potencialidades, habilidades e competências dos seus atletas, suprindo e adaptando as dificuldades e limitações. Incrementando as fontes de eficácia pessoal, os interesses e incentivos poderiam perdurar por tempos mais longos, sendo o professor o principal foco de controle destas motivações extrínsecas, permitindo um ambiente seguro, agradável, criativo, desafiador e motivante.

Apoio Trabalho:

Email: rubensjrv@yahoo.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

INFLUÊNCIAS DA MÍDIA NO ESPORTE

Zorzo, A. L. Z.

Instituição: Unesp-IB-Depto de Educação Física

A mídia possui grande responsabilidade no enaltecimento de determinadas modalidades, por conta de suas redes de mídia e patrocinadores, aproveitando-se do fato de que o homem tem costume de criar heróis, mitificar pessoas. Para Ianni (1999), “nessa era da globalização, a mídia assume um papel de princípio eletrônico, com a capacidade de construir hegemonias, organização, consolidação e desenvolvimento de soberanias.” “A visão de mundo dos blocos de poder predominantes é prevalecente” e a mídia difunde essa visão em escalas maiores ainda. Os diferentes tipos de mídia difundem variadas formas e manifestações da cultura corporal, mas não podemos apenas reproduzir esses modelos. A mídia pode ser classificada em falação, cotidiano, ao vivo, nostalgia, adrenalina, esporte global, anúncio publicitário, veja de novo e espetacular. A falação informa, atualiza, cria expectativas, promete, cria polêmica, constrói rivalidades, critica, comenta, elege ídolos, é mais destacada no futebol, pois este movimenta muito dinheiro e expõe duplo padrão moral. O esporte faz parte do nosso cotidiano, está presente em todos os lugares, podendo ser plano de fundo ou parte principal e está relacionado com a falação. O fato de uma transmissão ser ‘ao vivo’ torna a atração mais emocionante, pois narrador, comentarista e telespectador são



submetidos às expectativas, aos imprevistos. O drama fica sob responsabilidade do narrador e a trama por conta do comentarista; o imprevisto faz com que a história seja reconstruída durante a transmissão. A nostalgia ajuda o telespectador a atualizar o evento, também é informativo e há também a recordação nostálgica (o antigo é melhor que o atual). A adrenalina geralmente está presente em esportes radicais, que envolvem aventura, emoção, ação e perigo. O equipamento sofisticado opõe-se à idéia de curtir a natureza, mas nesses esportes tudo é show, lazer, prazer, aventura, confraternização. A câmera é tão importante quanto o atleta. O esporte é global, e em todos os lugares há TV sobre o esporte; o ‘pano de fundo’ é tão importante quanto o plano principal e por conta dessa globalização, muitos atletas atuam em locais longe de seu nascimento. Por estar tão presente em nosso cotidiano, o esporte acaba fazendo parte da publicidade, sendo esta a síntese de todos os outros aspectos da mídia. O esporte pode vender tudo: o próprio esporte (material esportivo, tênis), ou o esporte associado com algo (batata frita, pneu). A velocidade é a linguagem comum com o esporte (imagens passando rápido). O replay (ver e novo) é utilizado para analisar situações difíceis, sendo que a imagem é repetida inúmeras vezes antes de o comentarista ter uma opinião enquanto que o juiz tem fração de segundo para tomar uma decisão. A tecnologia nas transmissões evoluiu bastante com o passar do tempo, e atualmente a câmera vai junto com o atleta na busca do melhor ângulo e há predileção pelos lances inusitados, exóticos e acidentais.

Apoio Trabalho:

Email: aninhazorzo@hotmail.com

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

PRÁTICA MENTAL NA ESCOLA:FOCO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Bagni, G.; Machado, A.A.; Garcia, R.; Presoto, D.

Instituição: UNESP - LEPESPE -I.B.- D.E.F.-Rio Claro

O trabalhar com a Prática Mental, especialmente em atividades didáticas ou turmas de treinamento esportivo, ainda é um assunto polêmico para profissionais de Educação Física, principalmente por colocar em confronto defrontar estudiosos de áreas diferentes, postulando opiniões divergentes, algumas pouco balizadas. Alguns estudiosos entendem que sua aplicação não colabora seja na aprendizagem ou no treinamento. Outros, porém, se embasam em referenciais que indicam seu efeito benéfico. Qual a posição de nossos profissionais? Este projeto de pesquisa abordou o que há de especial na apresentação e aplicação da prática mental, em aulas de Educação Física. O objetivo do estudo foi investigar a incidência de uso desta estratégia de ensino; buscou-se analisar causas e direções teóricas de estratégias adotadas. Notamos que o relaxamento e o treinamento



autógeno são aplicados, evidenciando sua contribuição junto à prática mental, na preparação de aprendizes de modalidades esportivas, já que a literatura consultada admite estreito relacionamento entre as funções motoras e intelectuais. A pesquisa de campo, do tipo estudo de caso, com docentes de Educação Física, forneceu dados, coletados através de procedimentos metodológicos tais como questionários, observações e entrevistas semi-estruturadas, que buscaram, por meio da categorização, manifestar as questões detectadas. Constatamos profissionais pouco preparados para adotar novas estratégias e intervir nos casos de aprendizagem; verificamos que os estudos sobre Aprendizagem Motora ou Psicologia do Esporte ainda oferecem caráter de teorização predominante sobre a aplicação, podendo vir a sugerir tais transtornos e dificuldades.

Apoio Trabalho: UNESP - LEPESPE -I.B.- D.E.F.-Rio Claro

Email: guilhermebagni@uol.com.br

Área: FISIOLOGIA ENDÓCRINO-METABÓLICA E EXERCÍCIO

**Título: TREINAMENTO E INFLUÊNCIAS NO BIOCAMPO:
DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA PERIFÉRICA/PERCEPÇÃO
AUMENTADA E POSSIBILIDADE PARA OTIMIZAÇÃO DA AÇÃO
HUMANA NO FUTEBOL**

Resumo:

A teoria quântica na física considera uma conexão vibracional auto-influente entre todos os eventos/fenômenos correndo no cosmo, dá a isso o nome de *entrelaçamento quântico*. A consideração de um Biocampo dinamicamente variável nos seres vivos que influencia o meio ao redor enquanto é influenciado pelos eventos acontecendo neste pede uma comprovação quantitativa/qualitativa das interferências e interconexões ocorrentes. O desenvolvimento e utilização de sensores capazes de captar as influências causadas nesses campos bem como as interações ocorridas entre eles podem servir como ferramentas para o estudo e desenvolvimento das co-influências no meio. Isso promete aumentar exponencialmente as possibilidades de intervenção e atuação humana. Para o estudo e intencional desenvolvimento de metodologia de treino será considerada teoria desenvolvida em meio à psicologia esportiva: a *Teoria do Fluxo* de Mihaly Csikszentmihalyi. O objetivo desse projeto é desenvolver, verificar e discutir atividades no treinamento de atletas de futebol com intenção de estimular a percepção das influências ocorrendo no conjunto das configurações espaço/temporais sendo modificadas constantemente pelas ações. O intuito é criar e potencializar *fluxo* de ações que tenda promover um “arraste” nos acontecimentos ao redor; promover *fluência* nas



ações em consonância com as situações acontecendo. (*flow*) Intervenções propostas como circunstâncias potencialmente imprevisíveis visarão uma melhora considerável no processo e nos resultados finais do treinamento humano no contexto do futebol. Haverá introdução à consideração de uma “consciência periférica/percepção aumentada” para a promoção da possibilidade do alcance da “fluência em conjunto com o meio nas ações”.

Palavras Chave: **Treinamento, Futebol, Psicologia, Neurociência, Biocampo, Desenvolvimento de sensores e bio-sensores**

Autores: Marcelo Felipe de Sampaio Barros^{1*}, Fernando M. Araújo Moreira ², José Eduardo Lima³, Luis Carlos Trevelin⁴, Afonso Antônio Machado⁵

^{1*} Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos-SP

² Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos-SP

³ Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos-SP

⁴ Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos-SP

⁵ Universidade Estadual Paulista – Unesp, Rio Claro-SP

e-mail^{1*}: marcelofelipebarros@hotmail.com

10h30 as 12h00: **Mesa Redonda- Efeitos perversos e efeitos confortantes da mídia esportiva**

Prof. Ms. Marcelo Zanetti Callegari (UNIP)

Prof. Ms. Fernando Cesar Gouvea (PMJundiaí)

Prof. Dr. João Ricardo Nickenig Vissoci (UEM)

Herói ou vilão? A (des)construção do atleta pela mídia esportiva.

Marcelo Callegari Zanetti, Prof. Ms.
UNIP – SÃO JOSÉ DO RIO PARDO
LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro

I. INTRODUÇÃO

O convite feito pelo Prof. Dr. Afonso Antonio Machado para falar sobre os “Efeitos Perversos e Efeitos Confortantes da Mídia Esportiva” na mesa redonda do II Seminário de Psicologia do Esporte e Motricidade Humana do IB da UNESP de Rio Claro não poderia ser mais desafiador e estimulante, já que a temática proposta nos leva a



acreditar que talvez a mídia esportiva possa influenciar diretamente no rendimento e bem estar de atletas e suas equipes.

Porém, que mídia é essa que ao mesmo tempo em que constrói, destrói? Ao mesmo tempo em que levanta, derruba? Que enobrece e empobrece? Pautado nessa linha de raciocínio, discorrerei sobre a influência da mídia no contexto esportivo, buscando analisar e refletir sobre o alto e o baixo, o bom e o ruim, o herói e o vilão, que muitas vezes envolve a figura dos heróis, tão presentes e festejados no contexto esportivo.

Além de discutirmos o poder de criação e destruição do ídolo pela mídia, nos resta outra questão, ainda pouco debatida por Psicólogos do Esporte, Professores de Educação Física, Técnicos, Dirigentes, entre outros, diretamente envolvidos no contexto esportivo. Quais estratégias poderiam ser lançadas no sentido de utilizar a mídia a favor destes atletas? Com certeza essa é uma questão de extrema relevância, já que ela nos faz refletir sobre nossa importância como mediadores daquilo que é divulgado e propagado pelos veículos midiáticos, seja no sentido de construir ou destruir os feitos ou desfeitos de nossos atletas, que sem sombra de dúvida não são “homens de aço”, mas sim, seres humanos dotados de percepções e sentimentos que refletirão de maneira bastante intensa em suas vidas, seja ela no âmbito profissional ou pessoal.

II. A MÍDIA NO CONTEXTO ESPORTIVO

Segundo Sobrinho (2004) um dos principais objetivos no esporte contemporâneo é proporcionar espetáculos que chamem a atenção da imprensa, que atraiam grandes públicos, presente tanto nas “arenas” onde se dão as competições, quanto nos índices de audiência e de vendagem de exemplares e espaços publicitários. Para este mesmo autor, a maestria esportiva, ainda que esteja no núcleo dos acontecimentos, chega a ficar em segundo plano conforme o modelo de cobertura jornalística adotado pelos veículos midiáticos envolvidos na divulgação do espetáculo. Os meios de comunicação que se utilizam de imagens, principalmente, tendem a transformar competições em grandiosos *shows*, no qual o maior objetivo é chamar atenção dos espectadores e consequentemente faturar mais com verbas publicitárias.



Ainda para Sobrinho (2004), os aspectos não relacionados diretamente à ação dos competidores podem se tornar, premeditadamente ou não, o tema central da cobertura jornalística, já que, a mídia abre grandes espaços para as performances atléticas mais brilhantes, mas nem sempre basta o esforço dos atletas para que a imprensa noticie um fato esportivo. Questões como a popularidade da modalidade praticada pode ser determinante para que um acontecimento seja ou não noticiado. Assim, uma grande façanha de um iatista pode ser ignorada, enquanto, um treino corriqueiro de uma grande equipe de futebol ou basquetebol pode merecer ampla cobertura. Este autor cita ainda o fato da existência de matérias exaltando feitos ou tratando de curiosidades a respeito de atletas ou associações. Muitas, sem qualquer valor informativo, ou seja, nada acrescentam para os destinatários da mensagem, a não ser “tentar” cuidar da rotina pessoal destes indivíduos e instituições.

Nesta mesma linha de raciocínio, Koivula (1999) acredita que a mídia influencia diretamente a vida das pessoas, podendo até mesmo modificar algumas atitudes e valores, já que a grande maioria das pessoas só toma contato com eventos esportivos por meio da mídia, e sua interpretação dependerá da cobertura oferecida pelo cronista ou locutor esportivo.

Outra questão levantada por Souza e Knijnik (2003) é em relação ao trato da mulher no esporte. Para estes autores a pouca exposição das atletas na mídia representa a própria desvalorização da mulher atleta. Sem aparecer nos jornais e programas esportivos, a atleta acaba por enfrentar diversos obstáculos e dificuldades para se manter ativa no esporte, tais como: falta de patrocinadores, más condições de treinamento, baixos salários que as obrigam a procurarem outras formas de subsistência, dificultando assim o seu progresso atlético.

Ainda sobre a questão do gênero na mídia esportiva para Romero (2004) o corpo do atleta é retratado pela imprensa esportiva de forma a destacar o estereótipo vigente na sociedade atual para atingir o público alvo, já que, o esporte tem-se tornado, de forma razoável, um terreno fértil da produção social da masculinidade, levando-nos a inferir que é um mecanismo importante que produz e reproduz, de forma aparentemente natural, dois gêneros ‘opostos’, mutuamente exclusivos.



Segundo Brandão e Machado (2008), muitas vezes, a mídia também tem sido dura e ácida com atletas, de qualquer modalidade, quando estes, por exemplo, perdem sua forma física e ganham peso, no decorrer de uma temporada. Ou mesmo quando se tem conhecimento de algum problema de relacionamento, quer seja pessoal (no âmbito familiar, amoroso) ou no âmbito do terreno esportivo, com o treinador ou algum colega de equipe. Tais situações, de ordem pessoal, podem ser usadas de duas maneiras: a primeira é aquela em que se torna totalmente negativa, com a total incompREENSÃO da notícia por parte do atleta.

Para Borelli (2002), seguindo caminhos muito próprios e particulares para construção do esporte, o jornalismo cultua o herói, constrói atores, a partir dos maiores ícones do mundo esportivo, cria mecanismos para “bisbilhotar” a vida dos ‘olimpianos’, faz julgamentos, avaliações, análises de competições, de fatos inusitados, de relações que são estabelecidas no dia-a-dia esportivo, entre outros. Este autor considera ainda que o jornalismo ocupa um lugar central de mediação da realidade, onde temas dos campos sociais passam pelo processo de midiatização, há um grande cruzamento de falas, interesses, negociações, disputas.

Neste meio de trocas e jogo de interesses acreditamos que talvez o bem-estar dos atletas e daqueles diretamente envolvidos no contexto esportivo não seja levado tão em consideração, o que pode causar sérios problemas em seu desempenho e suas relações sociais.

Pelo fato do colunista utilizar inúmeras falas de outros campos sociais, pode-se dizer que sua autonomia, mesmo que maior em relação às outras editorias é relativizada. Isto ocorre porque o colunista interage com todos estes campos, pairando sobre seu papel de orquestrador de falas, uma multiplicidade de agendas que vão incidir no trabalho de construção da atualidade no esporte. Este movimento se realiza porque a relação do jornalista esportivo com as fontes é, essencialmente, permeada por interesses, negociações, tensionamentos, já que cada fonte vai defender a soberania de suas agendas. Por isso, o trabalho resultante destas interações e mediações vai estar carregado de marcas não apenas do colunista, mas também das inúmeras fontes ouvidas (BORELLI, 2002).



Para Betti (2002) e Borelli (2002), nesse sentido, o esporte é deslocado de seu campo primordial (da prática do jogo) para o campo da “falação”, onde a mídia é a principal mediadora entre estes discursos sobre o esporte praticado e moldado para ser assistido. Ênfase na “falação esportiva”, que informa e atualiza: quem ganhou, quem foi contratado ou vendido, quem se contundiu, e até sobre aspectos da vida pessoal dos atletas. Conta a história das partidas, das lutas, das corridas, dos campeonatos; uma história que é sempre construída e reconstruída, pontuada pelos melhores momentos - os gols, as ultrapassagens, os acidentes, etc. cria expectativas: quem será convocado para a seleção brasileira? A falação faz previsões: qual será o placar, quem deverá vencer. Depois, explica e justifica: por que tal equipe, o atleta ganhou ou perdeu. A falação promete: emoções, vitórias, gols, medalhas. Cria polêmicas e constrói rivalidades: foi impedimento ou não? A falação critica: "fala mal" dos árbitros, dos dirigentes, da violência. A falação elege ídolos: o "gênio", o craque fora de série. Por fim, sempre que possível, a falação dramatiza.

Para Borelli (2002) a partir de inúmeras práticas (promover uma grande falação em torno de um acontecimento, cultuar o ídolo, fazer avaliações, análises, conjecturas, ‘fofocas’, sondar fatos, causas e consequências, orquestrar relatos sobre um fato particular, como uma despedida de um atleta, a conquista de um título, o fracasso, etc.), o jornalismo tematiza e institui o esporte. Nesse caso, pode-se dizer que o agendamento no esporte (como na sociedade) não se constitui apenas numa decisão unilateral das mídias, mesmo que elas tenham poder de fazer a sua agenda. Pode-se dizer que o agendamento é resultante de movimentos que a sociedade realiza, a partir dos diversos campos sociais, que constituem suas próprias agendas, empreendem negociações, disputas, colocam à mesa seus interesses, ideologias, culturas e poderes.

Estas constatações levam Betti (2002), a ponderar que a rigor, não existe esporte na mídia, apenas esporte da mídia. Se a mídia enfocasse o esporte como cooperação, autoconhecimento, sociabilização etc., em vez da habitual ênfase no binômio vitória-derrota, recompensa extrínseca, violência etc., ainda assim estaria fragmentando e descontextualizando o fenômeno esportivo, pois a competição e certa agressividade são a ele inerentes.

III. HERÓI OU VILÃO?

Para Hellal (2003), as narrativas das trajetórias de vida dos ídolos esportivos frequentemente focalizam características que os transformam em heróis, enquanto as dos ídolos da música ou dramaturgia, por exemplo, raramente salientam estas qualidades. A explicação para este fato reside no aspecto agonístico, de luta, que permeia o universo do esporte. Para este autor, ambos, ídolos do esporte e da música, se transformam em celebridades, porém, os primeiros são mais facilmente considerados “heróis”.

Edgar Morin (1980) e Joseph Campbell (1995) apud Hellal (2003) chamam a atenção para a diferença entre celebridades e heróis. Enquanto os primeiros vivem para si, os heróis devem agir para redimir a sociedade. Esta questão pode ser amplamente vista ao nos depararmos com pessoas que depositam seus sonhos e frustrações em seus ídolos esportivos e quando um desses “heróis” desaba, parece desfigurar toda uma sociedade.

Para este mesmo autor, a característica do “ídolo-herói” acaba por transformar o universo do esporte em um terreno fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade. Porém, esforço e determinação como elementos fundamentais para se alcançar êxito são, muitas vezes, relegados a um plano secundário nos discursos dos cronistas brasileiros inseridos nos universos das artes e dos esportes. No caso específico do futebol, chega a ser até uma crítica contundente chamar um jogador de “esforçado”. Esta é uma maneira de se dizer que o sujeito não tem talento, porém se esforça. A forma oposta seria o talento puro, genuíno, inato, que não precisa de treino ou esforço para ser aprimorado, como se não fosse possível ser talentoso e esforçado ao mesmo tempo.

Para Hellal (2003) os ídolos têm que conviver constantemente com o drama de ser dois: o homem e o mito. Como no futebol é comum o jogador possuir um apelido (pelo qual é conhecido e famoso) podemos dizer, por exemplo, que por detrás dos “homens” Edson, Diego e Arthur, surgiram os “super-homens” Pelé, Maradona e Zico. O que se evidencia é que o mito Zico surge ancorado primordialmente em características de sua personalidade. Brandão (1993, p. 23 apud Hellal, 2003) fala de “honorabilidade pessoal”, “excelência” e “superioridade em relação aos outros mortais” como virtudes inerentes à condição do herói. A “superioridade” de Zico encontra-se mais na forma com que enfrenta os desafios e os obstáculos que a vida impõe do que em

seu talento extraordinário para o futebol. Neste sentido, a narrativa em torno de Zico enquadra-se no rol dos arquétipos universais dos heróis. Ela nos mostra que não basta o ato heróico em si, de forma isolada - no caso, as vitórias, as realizações e os gols no futebol. O herói tem que preencher outros requisitos - tais como perseverança, determinação, luta, honestidade, altruísmo - para se firmar no posto.

Porém, a busca pelo status de “herói” parece não ser tão simples, já que os requisitos necessários parecem confundir-se com valores e atitudes morais, nem sempre presentes na essência destes atletas.

Segundo Hellal (2003) nas narrativas brasileiras centra-se justamente na ênfase da conquista através da “genialidade”, “irreverência” ou “malandragem”. E os recursos acionados pela mídia na construção da figura de Romário enfatizam estes atributos “essencializados” como “tipicamente brasileiros”. Os recursos acionados pela mídia nesta construção vão formando um personagem singular, “irreverente”, de “temperamento difícil”, mas amadurecido, sabendo dosar o lado “marrento”. Ou seja, sabendo ser “malandro”, não confrontando-se mais de frente com as forças do sistema, mas caminhando na fronteira entre a ordem e a desordem, que poderíamos considerar o “herói” ou o “vilão”.

Para Santos e Medeiros (2009), o mito desportivo apresenta características particulares, sendo carismáticos e talentosos, e suas trajetórias de vida são permeadas pelos desejos sociais. Para estes mesmos autores o atleta como ator social simboliza, produz e reproduz o nacionalismo arraigado nas competências esportivas, assume a figura heróica e traz consigo um modelo de comportamento que se transgredido os torna vilão.

Tal constatação nos leva a acreditar que talvez haja uma linha bastante tênue na determinação do “atleta herói” e do “atleta vilão” no qual um simples feito negativo pode transformar um herói do passado em vilão eterno, ou ainda levá-lo a condição de esquecimento, tão indesejada por atletas como o rótulo de “culpado”.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Após discutirmos as questões da mídia no contexto esportivo, bem como, a transformação do atleta em “herói” e “vilão”, nos resta um grande desafio, que é discutir estratégias que poderiam ser lançadas no sentido de utilizar a mídia a favor destes atletas. Vale salientar que as propostas aqui apresentadas não têm intuito de apresentar respostas prontas ou até mesmo esgotar as propostas neste sentido, mas sim, lançar luz sobre a necessidade de serem empregadas estratégias que auxiliem estes atletas no trato da cobertura de seus feitos pela mídia.

Dentre as questões pensadas neste sentido, acreditamos que o primeiro passo na consolidação da carreira de um grande atleta deve ser dado na gestão de sua carreira, já que o atleta deve encarar o esporte como uma profissão com início, meio e fim, lembrando que este fim pode ser mais rápido do que ele imagina, tanto pelo desgaste físico e psicológico, quanto pela aposentadoria precoce causada por uma grave lesão. A gestão dessa carreira deverá ainda ser pautada pela acessoria financeira para que o mesmo não se perca ou se deslumbe de maneira demasiada com os ganhos astronômicos envolvidos nas grandes transações esportivas, que comumente levam grandes talentos a um mundo de festas, drogas e curtição imatura e desmedida.

Outra questão que deve ser destacada é a necessidade de uma acessoria psicológica, já que o mesmo dinheiro que confere bens materiais, status, fama e poder podem levar estes indivíduos a se considerarem acima do bem e do mal. Por outro lado, quando este atleta não rende mais como antes, esta fama desaparece, ou este atleta cai no esquecimento, fica a frustração e muitas vezes a apatia que corrompe não apenas seu rendimento esportivo, mas sua vida social.

Brandão e Machado (2008) considerando sobre a importância no trato pontual das questões midiáticas acreditam que trabalhar com a informação (mesmo com a péssima notícia) e dar-lhe uma nova roupagem é papel do Psicólogo do Esporte, favorecendo com que possa ser mais bem digerida depois de ressignificada, adequando-a com precisão e integrando-a com competência suficiente para que possa vir a exercer positivos reforços no grupo ou no atleta anteriormente atingido. Esta remodelagem será fruto do entendimento da realidade, de uma análise da situação e dos significados que todo o conjunto apresenta, portanto sua ressignificação atenderá ao formato ideal de



uma nova posição diante daquela situação, que fora vista anteriormente como desagradável, mas que tem um lado positivo a ser utilizado.

Ainda no campo da Psicologia do Esporte, questões como autoeficácia, liderança, motivação, vergonha, medo e coragem, ansiedade, estresse, relacionamento humano, criatividade, tomada de decisão, entre outros, devem ser amplamente discutidas e aprimoradas junto a estes atletas. Vale lembrar que tais questões não devem ser abordadas apenas de maneira pontual, isto é, quando o atleta apresenta algum tipo de problema, mas sim, diariamente, seja por meio do treinamento dos membros da equipe técnica e/ou até da presença constante do Psicólogo do Esporte.

Essas e outras questões, como dito anteriormente, não têm como objetivo esgotar os questionamentos acerca das inquietações presentes nesta temática, daí a relevância desta mesa no aprimoramento destas discussões.

V. REFERÊNCIAS

- BETTI, M. Esporte na mídia ou esporte da mídia. **Motrivivência**, v. 12, n. 17, p. 107-111, 2002.
- BORELLI, V. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. **Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Salvador. 2002. p. 1-22.
- BRANDÃO, M. R. F.; MACHADO, A. A. Viajando com a equipe: o papel do psicólogo do esporte. **Motriz**, Rio Claro, v.14, n.4, p. 513-518, 2008.
- HELLAL, R. Mídia e esporte: a construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. **Anais do XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação**. Belo Horizonte. 2003. p. 1-18.
- KOIVULA, N. Gender Stereotyping in Televised Media Sport Coverage. **Sex Roles**. v. 41, n. 7/8, 1999.
- ROMERO, E. A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo. **Anais do III Fórum de debate sobre Mulher & Esporte**. São Paulo. 2004. p. 103-109.
- SANTOS, D. S.; MEDEIROS, A. G. A. Los medios de comunicación y las representaciones sociales del deporte: los atletas como modelo de comportamiento. **Pensar a prática**. v. 12, n. 3, p. 1-15, 2009.



SOBRINHO, D. C. O importante é... Breves considerações sobre aspectos das relações entre mídia e esporte. *Anais* do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2004. p. 1-16.

SOUZA, J. S. S.; KNIJNIK, J. D. Duas semanas de cobertura esportiva da Folha de São Paulo analisadas sob a ótica do gênero. *Anais* do XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação. Belo Horizonte. 2003. p. 1-10.

EFEITOS PERVERSOS E EFEITOS CONFORTANTES DA MÍDIA ESPORTIVA

Fernando César Gouvêa, Prof. Ms.

Resumo

O presente artigo apresenta reflexões teóricas referentes à relação entre mídia e Educação Física escolar. Através de propostas contextualizadas para contribuição na formação do aluno, tentando desenvolver uma reflexão mais crítica, sobre qual o papel da Educação Física Escolar na formação do aluno, e de como podemos trabalhar as influências dos conteúdos midiáticos na escola e nas aulas de Educação Física. Por fim, o objetivo desse trabalho foi desenvolver temas referentes a valores, atitudes, esportes e atividades esportivas estereotipadas, e a relação dessas com a Psicologia do Esporte apontando aos profissionais da Educação Física escolar, sobre como a mídia pode exercer influências sobre os saberes desses alunos.

Palavras-Chave: Psicologia do Esporte, Mídia. Educação Física escolar

INTRODUÇÃO



Falar sobre os efeitos perversos e efeitos confortantes da Mídia Esportiva é um tanto complexo, afinal a influencia que essa mídia exerce nas pessoas, das mais variadas classes sociais e também em todas as faixas etárias, é muito grande, Temos desde as situações onde produtos fazem verdadeiros milagres em nosso corpo e em tão pouco tempo que parece que todos irão ser ou se tornar os “modelos perfeitos”, de corpos perfeitos, lindos em sua maior plenitude.

Na verdade essa mídia acaba por influenciar e vender aquilo que é interessante e para quem paga mais, pois quanto maior o valor financeiro disponível para se realizar a propaganda, maior será a exposição desse produto, e muitas vezes esses produtos estão ligados ou são divulgados por esportistas de renome fazendo com que o público acredite que se transformarão nos seus ídolos.

O maior complicador dessa influência acontece na escola onde as crianças acabam sendo mais influenciados e sonhando com um futuro igual aos atletas que eles vêem na mídia. Percebe-se a cada semana que os alunos retornam a escola citando situações ou reproduzindo frases ou momentos nas aulas de Educação Física que viram no final de semana, mas triste ainda é que na maioria das vezes essas reproduções são de situações erradas e que acabam sendo enfocados demasiadamente pela mídia, fazendo com que esses exemplos se transformem em situações cotidianas e que os alunos acham correto fazer nas aulas, pois, se o jogador fez isso e foi muito comentado ele também pode fazer, porque imagina que com isso se transformará nesse jogador.

Nesse contexto a escola atual sofre de diversos problemas dentro da prática pedagógica. A falta de preparo entre os professores e a não compreensão dos saberes envolvidos nesse processo acabam contribuindo para uma falsa compreensão da realidade social.

Para Betti (2003), a mídia, fenômeno importante na cultura dos jovens, acaba exercendo uma forte influência no campo pedagógico, acarretando um grande problema para a Educação Física. Tudo isso, por conta da grande influência da mídia na atualidade fazendo com que no âmbito da cultura corporal de movimento, sugerindo diversas práticas corporais, reproduzindo-as, mas também as transformando e constituindo novos modelos de consumo.



Para César et al. (2009), além dos muitos fatores que podem influenciar a prática, a mídia acaba por transformar e readaptar os níveis de desempenho deste esportista, ou mesmo do espectador, pode alterar sua maneira de viver e a estimular ou desestimular a procura por uma ou outra modalidade esportiva. Porém é importante questionar se é necessário e, em até que nível deve ser estabelecido essa relação entre mídia e esporte, e se o espectador, como o consumidor consegue analisar, comparar e criticar os dois lados, principalmente no contexto dos meios de comunicação de massa.

Atualmente qualquer tipo de atividade física ou esportiva sofre alguma influência tais como a escola, a família, os torcedores, a situação sócio-econômica e principalmente dos meios de comunicação, já que a mídia tem um poder de atuação e entrada livre e constante que esses meios de comunicação mantêm na sociedade.

Betti (1998), cita que existe uma “relação simbiótica” entre o esporte e a mídia, ou seja, eles se apóiam mutuamente. É muito claro o efeito avassalador da mídia quando assistimos a uma transmissão esportiva, como cita Betti (1998) “... o componente comercial do esporte – a ambição de lucrar através de sua promoção e operação – atingiu seu apogeu apenas na Segunda metade do século XX”. Com isso todos os envolvidos direta ou indiretamente, que participam na organização no mundo esportivo, vivenciam cada vez mais a comercialização daquilo que geram (Machado, 2002).

Ainda segundo Machado (2002), o esportista profissional é alvo direto da mídia, ele que pode ser idolatrado em um determinado momento, ou jogo, ou ainda em um campeonato, e logo após ser colocado em segundo plano, ser apagado da memória do espectador, já que essa mídia tem um poder tão grande que acaba por impor os seus interesses acima de tudo, tudo em virtude das situações financeiras e dos patrocinadores.

O professor de Educação Física pode ajudar o aluno a entender o sentido das informações colocadas pela mídia, para que esse indivíduo possa ter uma formação mais ativa e crítica sobre essas informações, tentando ser mais seletivo e autônomo em relação às sentidos das mensagens dessa mídia. Segundo Pires (2003), é cada vez maior o espaço ganho pela mídia na construção dos saberes e fazeres da cultura do movimento e esportiva, podendo até intervir na Educação Física escolar, tendo o esporte como forte aliado.



A televisão aparece como instrumento capaz de criar necessidades e tendências, esquemas de reação e modalidades de apreciação, podendo se tornar determinantes para os fins da evolução cultural, através da associação entre imagem e linguagem. Ela diferencia a natureza aristocrática esportiva e sua transformação em espetáculo televisivo, através de closes, jogadas e replays, constantemente enviadas às casas, fragmentando e distorcendo o fenômeno esportivo (ECO, 2004).

O resultado disso ou o responsável pelo sucesso do espetáculo esportivo é o próprio espectador que acaba sendo o consumidor passivo dos produtos esportivos, relacionados aos anúncios publicitários. Dessa forma o atleta, principalmente os astros e ídolos acabam sendo a combinação perfeita de imagem vencedora ao produto comercializado.

Dentro desse processo os profissionais que trabalham na área da educação, principalmente os educadores físicos, não podem negligenciar a forte influência da mídia nos alunos por meio dos modismos. Na área da Educação Física esse poder é mais acentuado, pois os esportes foram transformados em grandes espetáculos, os clubes, as grandes marcas, e os atletas, se tornaram estrelas com alto potencial para venda de produtos esportivos. Um grande exemplo disso são as inúmeras empresas que procuram fazer publicidade através de atletas de diversas modalidades esportivas, de acordo com a popularidade que esses esportes têm em cada país.

Além dos esportes a questão estética também é construída com base nos meios de comunicação, esses modelos de perfeição são na verdade uma parcela muito pequena de pessoas que destoam da grande maioria da população brasileira, e assim esse contraste acaba afetando a relação do aluno com o seu próprio corpo.

Diante dessas realidades e de inúmeras situações variadas, o professor de Educação Física deve trabalhar com seus alunos essa constante influência que a mídia exerce. A melhor forma de se trabalhar isso é conduzir o indivíduo, através de debates, a entender que a mídia lança modismos que nem sempre devem ser incorporados pelo repertório dos educandos e que a concepção estética é baseada na auto-estima, ou seja, o conceito de beleza depende mais do autoconhecimento e da aceitação de si mesmo do que de medidas definidas pelos meios de comunicação.



O CORPO NA MÍDIA E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A mídia lentamente vai penetrando na consciência e perpetuando estas informações e “sem perceber”, o indivíduo vai absorvendo as mesmas, com pouca reflexão e discernimento do que lhe enxovalhado pelos meios de comunicação.

Dessa forma, o corpo acabou transformado em um objeto de consumo/poder, despertando interesses de mercado pela alta rentabilidade que pode proporcionar. De acordo com Gonçalves Junior (2003, p.27), “o imaginário social encontra-se fragmentado e é estimulado pelo princípio do rendimento e eficiência de mercado onde tudo é mercadoria, mesmo o corpo, o sexo, a vida e a morte”. Tendências e comportamentos vão sendo *in(corpo)rados*, pela mídia, ou pela indústria da beleza (em geral associados), buscando atingir a todos os mesmos gostos, hábitos e consumos.

Segundo Betti (1998), não existe esporte *na* mídia, apenas esporte *da* mídia. Se a mídia enfocasse o esporte como cooperação, autoconhecimento, sociabilização etc., em vez da habitual ênfase no binômio vitória-derrota, recompensa extrínseca, violência etc., ainda assim estaria fragmentando e descontextualizando o fenômeno esportivo, pois a competição e certa agressividade são a ele inerentes. Ou mesmo como diria Elias (1990), o esporte é um lugar socialmente permitido para a expressão da beligerância e agressão, de maneira controlada. Evidentemente, estamos nos referindo ao esporte formal, institucionalizado em federações e passível de espetacularização pela televisão, e, portanto, ignorando a polissemia associada à palavra “esporte”.

Segundo o aumento dos veículos de massa ocorreu bem recentemente, nas populações contemporâneas, implicando em um aumento espetacular do ritmo do comportamento comunicativo da maioria das pessoas da sociedade (MACHADO, GOUVÉA e CALABRESI, 1999).

Segundo os mesmos autores, a sociedade em que vivemos está em constante mutação, tornando difícil determinar quais mudanças são importantes. A televisão é um recurso tecnológico que pode exercer um impacto imediato e direto, já que as crianças de hoje passam mais tempo em frente ao televisor ou de um computador do que na escola ou praticando alguma atividade física.



Dentro desse contexto a sociedade acaba por receber uma grande quantidade de informações cada vez mais rapidamente fazendo com que eles visualizem, ouçam, comentem, repitam, tentem e apliquem aquilo que estão recebendo muitas vezes sem conseguir analisar adequadamente essas informações. Essa formação do consciente acontece de forma individual, coletiva e trás junto com ela uma função social e os atributos sociais envolvidos, principalmente através da modelagem.

Vale destacar que o consciente individual envolve ou está intimamente ligado a formação familiar primeiramente, já que a formação dos envolvidos acaba por determinar as crenças e a formação e aprendizagem dessas crianças durante seu desenvolvimento e são fortemente influenciados pela própria escolaridade desse grupo, levando a imaginar o futuro na perspectiva de vida de cada um. Por último ressaltamos o contexto sociocultural desses indivíduos que sofrerão influências de todos os lados e isso pode acabar prejudicando um melhor entendimento das informações recebidas (GOUVÊA, 2009).

Temos que honestidade, sinceridade e clareza são qualidades que deveriam intermediar qualquer tipo de relação entre pessoas. Assim sendo, estas qualidades deveriam ser essenciais para um bom relacionamento e uma boa comunicação entre os seres humanos. Alguns fatores como proximidade e semelhança entre esses indivíduos podem ser indicadores de uma atração interpessoal relativamente satisfatória, porém existem outros fatores que também podem interferir e merecem estudos mais aprofundados (KOCIAN e MACHADO, 2008).

Portanto, os indivíduos que pertencem a uma mesma sociedade, que dividem os mesmos problemas, valores, regras e culturas semelhantes podem ter facilidade de se interagirem e se relacionarem.

Através desta interação, há um fator essencial para qualquer tipo de relação, é a comunicação entre os indivíduos, ou seja, qualquer tipo de comunicação. Assim a comunicação social é a que está intimamente ligada e faz essa comunicação dentro de uma sociedade.

Essa comunicação acontece principalmente através dos meios de comunicação embutidos na comunicação social. Dentro deste contexto dos meios de comunicação



temos o rádio, televisão, jornal, periódicos e revistas, cinema, fotografia, teatro, música, livros, etc., que fazem parte da nossa sociedade. Destes meios citados anteriormente, alguns podem ser considerados meios de comunicação de massa, por atingirem um número elevado de pessoas, entre eles o rádio, a televisão e os jornais. Essa imensidão da comunicação, bem como tudo que está envolvido (pessoas e produtos) faz parte do que é conhecido como mídia.

Segundo Machado e Dobranszky (2000), a comunicação está presente na vida social do homem em praticamente todos os momentos, na escola, em casa e com a família, nos eventos sociais, culturais e esportivos, no trabalho, na política e em todos os locais ou todas as situações onde o indivíduo se encontra.

Mais especificamente na escola as relações interacionais entre alunos, professores, diretores, e outros, devem ser analisadas e trabalhadas para que esta comunicação não sofra influência negativa desta mídia.

Mas de que mídia estamos falando? Acredito que a mais influente nesse processo é a mídia televisiva e em seguida a mídia digital (internet), pois as pessoas estão constantemente ligadas a esses dois meios de comunicação, e o acontecimento aparece quase que em seguida ao acontecido.

Nessa linha como nós professores de Educação Física temos trabalhado com essas situações, informações? Ainda me parece um pouco distante do ideal o nosso trabalho, pois nem sempre discutimos, conversamos, mostramos, ou mesmo ensinamos nossos alunos a serem mais críticos, a agir com mais equilíbrio sobre o que é lançado nesses meios de comunicação, ao contrário, muitas vezes valorizamos as posturas, falas, posicionamentos que esses indivíduos tomam.

Mas porque trabalhar com essas situações/informações? Talvez para que essas crianças, adolescentes possam criar um senso mais crítico no sentido do que ler e como ler, o que ver e como ver, o que ouvir e como ouvir, para que não sejamos enganados nem engolidos pelo que a mídia quer e sim que possamos discutir com mais propriedade essas informações com esses alunos para quem sabe formarmos uma massa pensante que possa influenciar o futuro em todos os sentidos, e principalmente para não criarmos outros NEYMAR, ADRIANO, BRUNO, etc.



Como nós na escola podemos fazer isso? Através da escolha de conteúdos mais adequados a essa realidade, na escolha de atividades que possam possibilitar aos alunos vivenciarem situações onde discutam sobre o tema, e quem sabe isso acabe virando ações sociais, que essas articulações extrapolam os muros da escola e a comunidade se envolva e seja influenciada de maneira positiva, com base nos procedimentos educacionais e estratégicos, que discutam os valores aparentes e reais e também os limites dessas situações e ações, com a participação de todos, alunos, pais, professores, de toda a comunidade, cada um a seu modo.

COMO A PSICOLOGIA DO ESPORTE ENCARA TUDO ISSO

Os componentes do universo esportivo, na atualidade, não estão resumidos apenas aos tradicionalmente aceitos: atletas e dirigentes. Hoje mais do que nunca, a interferência externa se faz presente desde o início do trabalho de iniciação até a saída do pódium.

Gouvêa (2009), diz que os torcedores são um elemento importante do espetáculo esportivo, porém a violência gerada por eles pode ser uma variável específica para o aumento da agressividade dentro e fora do campo de jogo, podendo gerar uma ansiedade por antecipação aos momentos esportivos.

Nesta linha de pensamento a criança, principalmente, é a mais vulnerável aos apelos da mídia eletrônica, por isso, a propaganda tenta atingi-la com maior intensidade. Os jornalistas podem ser capazes de influenciar as ações dos atletas e espectadores mediante o uso da linguagem (BETTI, 1998).

Roffé (2003), afirma que o jornal tem o poder de influenciar de maneira decisiva a formação da opinião pública, por isso eles uma pesquisa, pois acreditavam ser fundamental um estudo da linguagem utilizada pelos meios de comunicação expressa, especificamente o jornal, relacionando um fenômeno social que é o futebol, em uma disputa de Copa do Mundo.

Roffé (2003) coloca que cada profissional, ao escrever seu texto, está considerando seu conhecimento individual de valores, crenças, habilidades e atitudes,



fazendo com que esses profissionais percebam uma mesma realidade objetiva de maneira diferente, gerando textos distintos sobre o mesmo assunto ou fato.

Podemos afirmar que a sociedade pode ser influenciada em suas crenças e ações por causa da exposição constante ao conteúdo da comunicação de massa. Essa exposição pode limitar a sua capacidade de interpretar e entender o mundo social conforme a realidade que o cerca, já que as informações apresentadas são, na maioria das vezes, selecionadas.

Mais recentemente pudemos verificar a influência dos meios de comunicação sobre o público, na última Copa do Mundo realizada na África do Sul, em 2010, vimos o quanto é forte o poder das empresas patrocinadoras, da mídia que dá enfoque aquilo que lhe interessa, e dos meios políticos que se utilizam das vitórias e conquistas dos jogadores para se promoverem e principalmente disfarçar os problemas reais que o país vive.

Pessoas vivem momentos de ansiedade e descontrole em virtude do que é divulgado pela mídia e vão ao êxtase quando das vitórias e conquista do campeonato, parece que o poder disso tudo consegue fazer com que os indivíduos acreditem que tudo pode ser conquistado, que todas as barreiras serão transpostas, mas o que não condiz com a realidade.

São nesses momentos que aparecem situações como, a exaltação a própria etnia, a exaltação ao patriotismo nacional, a própria equipe nacional, que saiu do nosso país, antes da competição, sendo duramente criticada, também são colocados os valores negativos dos adversários, principalmente dos concorrentes diretos e famosos rivais, são discutidos e comentados os valores negativos da seleção nacional, mesmo com a vitória conquistada e por último a violência intrínseca que existe no espetáculo esportivo entre jogadores, os meios de comunicação e jogadores e os meios de comunicação e o treinador, através de críticas a atuação desses fazendo com que isso possa se tornar prejudicial, ainda mais, para os envolvidos ou criticados.

Assim para Machado & Dobranszky (2000), tudo aquilo que é citado e exaltado pela mídia, pode tornar-se uma cruel e inalcançável verdade. O poder da mídia em gerar comportamentos e padronizar as atitudes, não só em nível visual, mas também



psicologicamente é sintomático, ou seja, dependendo da informação que o espectador recebe e do tratamento dado a ela, será previsível o efeito conseguido. Será ainda maior e mais visível quando o receptor desta informação for uma pessoa conhecida, que exerce um papel social importante em seu meio (em nosso caso o atleta consagrado), podendo ser observado um maior grau de interferência devido à influência do espectador diante de seus companheiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável o papel de influenciador da mídia sobre as pessoas, e também não podemos achar que um dia essa mídia irá trabalhar somente com valores adequados, até porque muitos profissionais dessa mídia acabam trabalhando mais com as opiniões pessoais do que com o bom senso e imparcialidade, e é muito claro dizer que as empresas interessadas em aumentar seus lucros irão continuar a explorar todos os recursos tecnológicos e apelativos para que seu produto seja o mais consumido.

Com toda influência exercida pela mídia nos atletas, não há como negar que os consumidores dessa mídia acabam sendo também influenciados por esses acontecimentos o importante no trabalho do profissional da Educação Física é trabalhar a notícia veiculada pela mídia, com o impacto que ela merece, nem aumentar ou supervalorizar essa informação, mas sim pontuar adequadamente a mesma.

Por conta dessa influência exercida sobre os atletas, é claro que podem acontecer alterações de comportamento e desempenho nesses atletas, o que podemos fazer é discutir em grupo essas alterações, se estão corretas, se são adequadas, ou se determinado comportamento ou desempenho não está sendo correto perante a sociedade, se um comportamento errado ou inadequado que o atleta teve deve ser punido e se fosse outra pessoa comum como seria a reação dos outros e da mídia.

Por fim, o professor deve discutir freqüentemente com os alunos, através da utilização de vídeos, documentários, revistas, jornais e outras formas midiáticas que possibilitem o diálogo com os fundamentos teóricos de uma Educação Física que



trabalhe a cultura corporal do movimento, tratando de assuntos polêmicos e atuais que facilitem o desenvolvimento de conteúdos conceituais e atitudinais. No caso da televisão, a imagem proporciona um impacto aos alunos e a partir dessa primeira ligação pode-se trabalhar uma interpretação mais crítica e racional.

"Em síntese, a tarefa teórica e prática da Educação Física deve ser a do esclarecimento, visando desvelar pela crítica e pela razão o conjunto de objetivos e interesses que configuram a mensagem midiática sobre o esporte" (PIRES, 2003: 32).

Finalmente, não foi objetivo específico encontrar alguma conclusão, mas simplesmente discutir e levantar alguns elementos que possam contribuir para análise e estudo mais aprofundado dessa temática, considerando-a de extrema relevância para as práticas pedagógicas de uma Educação Física transformadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papirus, 1998.

_____. Imagem e ação: a televisão e a Educação Física escolar. In: BETTI, Mauro (org.). **Educação Física e Mídia: novos olhares outras práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003.

CÉSAR, T.E.A.S.; MACHADO, A. A.; RONCOLETTA, H.G.; FISCHER, F; FRANCO JUNIOR, J.E. . . . **Mídia Esportiva e o torcedor: análise de um contexto esportivo danoso**. In: I Congresso Brasileiro de Psicologia Aplicada ao Esporte e à Motricidade Humana, 2009, São José do Rio Preto. Revista Brasileira de Psicologia Aplicada ao Esporte e à Motricidade Humana. SJRP : Fotogravura, 2009. v. 1. p. 96-97.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. Traduzido por: Pérola de Carvalho 6^a ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ELIAS, N. **O processo civilizador. v.1: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.



GONÇALVES JUNIOR, L. **Cultura corporal**: alguns subsídios para sua compreensão na contemporaneidade. São Carlos: EDUFSCar, 2003.

GOUVÉA, F. C. **O Papel da Mídia no Esporte**. Rio Claro – SP, UNESP. I Simpósio de Psicologia do Esporte, v. 1, p. 65-76.

KOCIAN, R. F. e MACHADO, A. A. **Estados Emocionais e arbitragem esportiva: análise da interferência da mídia**. Coleção Pesquisa em Educação Física. V. 7, p. 245-252, 2008

MACHADO, A. A. . **Estados emocionais e interferências externas**. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, Jundiaí, v. 01, n. 01, p. 17-19, 2002.

MACHADO, A. A. ; GOUVEA, F. C. ; CALABRESI, C. A. M. **Rendimento esportivo em atletas jovens e fatores externos relevantes**. Psico-USF, Bragança Paulista, v. 4, n. 2, p. 67-82, 1999.

MACHADO, A. A. ; DOBRANSZKY, I. A. **Delineamentos em Psicologia do Esporte: evoluções e aplicações**. 01. ed. Campinas: Tecnocópias, 2000. v. 1000. 189 p.

PIRES, Giovani De Lorenzi. **Cultura esportiva e mídia**: abordagem crítico-emancipatória no ensino de graduação em educação física.In: BETTI, Mauro. Educação Física e Mídia: novos olhares outras práticas. São Paulo: Hucitec, 2003.

ROFFÉ, Marcelo. **Futbol de presion: psicología aplicada al deporte**. Buenos Aires: Lugar editorial, 2003.

14h00 as 15h30: **Mesa Redonda- Processos de avaliação na Psicologia do Esporte**

Prof. Dr. Daniel Presoto (ESEFJundiaí)

Prof. Dr. Daniel Bartholomeu (UNISAL/ USF))

Algumas considerações acerca do Conceito de Avaliação Humana e alguns de seus contextos.

Daniel Presoto

Escola Superior de Educação Física de Jundiaí (ESEF-J)

Pir45115@terra.com.br

Resumo

Esse trabalho visou levantar elementos e discorrer sobre o tema da avaliação humana em alguns contextos (Cotidiano, Psicologia Clínica e Psicologia do Esporte). Apontar a importância dela e considerar a testagem psicológica como estratégia para o



levantamento de informações nas situações elencadas. E, mostrar que existe a possibilidade de tomada de decisões a partir de dados pesquisados e fazer intervenções no sentido de conhecer melhor os fenômenos que se pretende analisar.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica, Psicodiagnóstico, Psicologia do Esporte.

Introdução

Num momento histórico em que o Planeta sofre grandes transformações influenciadas pelas condutas inadequadas dos próprios seres humanos, no cuidado e no manejo do ambiente, torna-se relevante discutir a necessidade de avaliação ou reavaliação dos comportamentos até então apresentados.

Avaliação deveria ser uma constante nos afazeres diários humanos. Tal ou qual ação contribui ou desfavorece o ambiente?. Ocorre, porém, que isso não acontece conscientemente e quando deixamos de avaliar nossos atos, fazemos ou praticamos ações que, com certeza, prejudicam a saúde do planeta e, consequentemente, das pessoas que nele convivem (poluição, uso de pesticidas, abusos na utilização da água, excesso de lixo urbano, não reciclagem de materiais, etc.).

Deste modo, discutir avaliação representa refletir sobre um conceito que deveria estar presente e permeando o pensar e o fazer de seres humanos ditos inteligentes. Este trabalho tem por meta tecer reflexões sobre o tema geral da Avaliação Humana, enfocando alguns aspectos sociais e culturais que a moldam. O caráter geral desse enfoque possibilita a aplicabilidade em algumas situações apontadas nesse trabalho, a título de exemplificação.

Significado de Avaliação

Do Dicionário, tem-se que a palavra Avaliação significa ato ou efeito de avaliar. Ainda, relaciona-se a fazer apreciação, análise (Larousse Cultural, 1992). Com efeito, ao realizar uma apreciação realizam-se tanto um julgamento quanto uma observação.

Nota-se da definição de avaliação que ela envolve sempre uma atividade cognitiva daquele que faz uso dela (o ato de avaliar) e algo é avaliado. Logo, dois elementos estão em jogo, isto é, quem avalia e a coisa (objetos ou pessoas) avaliada.



Dessa relação pressupõe-se que algo é desvelado, conhecido em algum de seus aspectos. Portanto, ao se fazer avaliação de alguma coisa, conhece-se uma faceta ou parte dessa coisa. Conhece-se de maneira sistemática para tomada de decisões posteriores.

Pode-se dizer que em Ciência, ao se deparar com os fenômenos, de alguma maneira, faz-se avaliação deles, na tentativa de conhecê-los. Buscar o conhecimento representa a tônica fundamental. Sendo assim, avaliar torna-se uma atividade intelectual e: “Qualquer atividade intelectual torna-se estimulante a partir do instante em que se transforma numa rota de descoberta.” (Berger, 1972, p. 30). Descobrir algo representa, então, considerar que as coisas não são o que aparecem ser, mas estão aí para serem desvendadas e conhecidas, quando se apresentam como objeto de estudo ou curiosidade, no caso uma curiosidade científica.

Restrições no Ato de avaliar

Ao se fazer uso de avaliação, o agora chamado de avaliador (ou quem está praticando o ato da avaliação), não se encontra isento de fatores que determinam esse ato. Ou seja, ele está inserido num contexto sócio-histórico-cultural que restringe, de alguma forma, seu olhar e sua conduta ao realizar uma avaliação.

Quem avalia algo se encontra no seio de uma sociedade na qual se constituiu e que moldou seu modo de ser. Na medida em que interiorizou o mundo como uma realidade social dotada de sentido e assumiu um mundo no qual vive com outros semelhantes, passa fazer parte como membro dessa sociedade e começa a realizar processos de subjetivação originais (Berger e Luckmann, 1985). No caso, uma avaliação está restringida por valores, crenças, normas, de fundo social.

Então, os modos como fazemos avaliações em nossos afazeres cotidianos e científicos, estão marcados por elementos profundos oriundos de uma sociedade vigente que, culturalmente moldaram nossa maneira de refletir sobre algo. Em ciência, costuma-se chamar isso de “espírito do tempo”, Isto é, as circunstâncias do momento histórico permitiram descobertas daquela forma em que elas aconteceram. Os pressupostos teóricos de tal ou qual momento histórico direcionam certas descobertas e garantem a confecção de certas teorias.



Portanto, avaliar implicaria em restrições sócio-culturais importantes, já que estamos inseridos num tecido social cujo trançado é complexo e, na maioria das vezes, de difícil acesso. Podemos considerar até aqui, que numa avaliação ou num processo avaliativo, necessita-se abarcar aspectos tanto do social quanto do cultural para não incorrermos no erro de acreditar que uma isenção absoluta é possível.

Avaliação em diferentes contextos

A avaliação representa um ato que permeia uma variedade de situações humanas e pode acontecer em diferentes contextos. A seguir exponho brevemente alguns dessas situações, na tentativa de elucidar o valor dessa atividade.

a) No contexto da Vida Cotidiana

De acordo com HELLER (1970): “A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico.” (p.17). É na vida cotidiana que o homem participa com todos os aspectos de sua individualidade e personalidade. Diz ainda: “Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias.” (p.17). Na sua cotidianidade o homem atua com todos esses aspectos, para resolver problemas práticos e buscar soluções para eles.

No entanto, a principal característica da vida cotidiana é a espontaneidade (Heller, 1970). Podendo esta, ir tanto para aspectos individuais (motivações particulares) quanto para os de caráter mais genérico (motivações humanas genéricas). Ocorre que, além de outras características, na vida cotidiana para HELLER (1970), o homem atua sobre base da probabilidade. Assim: “Jamais é possível, na vida cotidiana, calcular com segurança científica a consequência possível de uma ação.” (p.30). Isso tudo, dadas a múltipla riqueza das atividades cotidianas. Aí reside a diferença entre tomar decisões no cotidiano e tomar decisões em Ciência.

Na verdade, em se tratando de avaliações, elas são feitas a todo o momento (que roupa vestir, se está com o corpo em forma, devo ir ao teatro ou ao cinema, quanto



tenho para essa compra, etc.) na vida prática, só que são baseadas em experiências pessoais e dependem de circunstâncias sociais diversas. Ou seja, não são tidas como objetivando um humano genérico, mas sim, a resolver problemas práticos particulares. A cotidianidade exige decisões práticas e no aqui e no agora.

Enfim, a condução da vida cotidiana implica na apropriação de um modo pessoal, da realidade e impor a ela marcas de personalidade. Nesse ínterim, as avaliações, portanto, ocorrem baseadas nas vivências espontâneas de cada um. São importantes e se apresentam com um valor inestimável, já que, partem de experiências individuais oriundas de suas atividades e receptividade situacionais, que podem ou não ultrapassar os limites do cotidiano (elevação acima da cotidianidade, caso do fazer científico).

b) No contexto da Clínica Psicológica

No contexto da clínica de Psicologia quando se faz avaliação trabalha-se o conceito de Psicodiagnóstico. O termo diagnóstico tem origem do grego *diagnóstikós* e tem como significado: discernimento, faculdade de conhecer, de ver através de (Ancona-Lopez, 1984). Quando fazemos diagnósticos, discernimos neles aspectos, características e relações formadoras de um todo, isto é, a busca é a de conhecer um determinado fenômeno. As avaliações psicodiagnósticas (diagnósticos psicológicos) são sempre feitas a partir de conhecimentos específicos e científicos que, aliados ao fenômeno a ser estudado, propiciaram discernimento para tomada de decisões, com respeito ao o que fazer.

CUNHA (2000) comenta que o psicólogo utiliza estratégias de avaliação psicológica com objetivos delimitados no intuito de encontrar respostas a questões propostas, tendo como meta resolver problemas. A testagem psicológica para ela representa uma passo importante no processo e apresenta-se como apenas um recurso, dos muitos possíveis. A noção de estratégia é fundamental no contexto do uso ou não de testes psicológicos.

Ainda com respeito à avaliação, ANCONA-LOPEZ (1984) relatam que: “Quando nos dispomos a realizar um psicodiagnóstico, presumimos possuir



conhecimentos teóricos, dominar procedimentos e técnicas psicológicas.” (p.3). Aí se encontram pressupostos teóricos (paradigmas), que orientarão ou não na aplicação de Testes que podem possibilitar o levantamento de dados sobre um determinado fenômeno. Isso tudo, na tentativa de compreender o fenômeno, para poder auxiliar, de alguma forma, na sua resolução (caso seja algum problema, na maior parte das vezes uma queixa).

Logo, para atuar profissionalmente, em avaliação psicológica clínica, é importante explicitar sobre que fenômenos se pretendem atuar, quais referenciais teóricos, métodos e procedimentos serão utilizados.

SCHELINE (2007) afirma que “No Brasil, o aumento dos estudos envolvendo a Avaliação Psicológica tem gerado a diversificação de técnicas ou instrumentos de medida capazes de apoiar o psicólogo em sua meta de compreender indivíduos em seus contextos.” (p. 5). Daí, trabalhar com teorias tornar-se relevante no dia-a-dia do profissional que avalia reações e comportamentos humanos.

A título de exemplos da atuação do Psicólogo Clínico podemos citar: a orientação profissional, psicopedagógica, em problemas de ajustamento, direção de serviços de Psicologia e assessoria e perícias sobre assuntos em Psicologia (Ancona-Lopez, 1984). O psicodiagnóstico (avaliação e intervenção) representa um processo fundamental no levantamento de elementos para entender e atuar sobre um dado fenômeno em situação da clínica.

c) No contexto da Psicologia do Esporte

Dentro das chamadas Ciências do Esporte, a Psicologia do Esporte vem tomando vulto e constituindo um verdadeiro espaço para o Ensino, a Pesquisa e na Intervenção.

O contexto esportivo se apresenta como um campo fértil para vivências não só motoras, mas também de vivências psicológicas importantes tanto para aqueles que se aventuram nos Esportes quanto para os que praticam Atividades Físicas diversas. Tratamos assim, da área de estudo denominada de Psicologia do Esporte. Esta apresenta interface com a Educação Física e, dado a esse fato, precisam dialogar constantemente. Os conhecimentos oriundos da Educação Física quando aliados aos da



Psicologia do Esporte tendem a se complementar e a enriquecer ambas as áreas de estudo.

Para POLLÁN e MENDO (1996): “A Psicologia do Esporte (PD) se apresenta na atualidade como uma das disciplinas mais jovens no seio da Psicologia. Nesse contexto pode-se afirmar que um de seus objetivos é a busca de um marco teórico no qual possa se desenvolver programas de investigação aplicada e de intervenção.” (p.XVII). Nesse âmbito, tem-se a Avaliação Psicológica como aliada no que se refere a levantamentos de dados sobre esse campo tão rico que é a Psicologia Esportiva.

MENDO (1996) informa que as principais áreas de aplicação da Psicologia do Esporte são: Treinamento Desportivo, Processo Diagnóstico, Direção de Entidades Esportivas, Aprendizagem, Arbitragem, Competição, Ócio e tempo Livre, Espetáculo Esportivo, Processo de Desenvolvimento e Reabilitação Esportiva. Notamos que a Avaliação Psicológica é contemplada e valorizada como campo de aplicação dentro da Psicologia do Esporte.

A Avaliação Psicológica no Esporte ou Psicodiagnóstico Desportivo: “(...) visa a coleta e processamento de informações específicas de um atleta e/ou sua relação com a modalidade esportiva que pratica, com o objetivo de poder determinar sua aptidão e compatibilidade psico-física funcional, assim como, o prognóstico de seus resultados esportivos futuros” (Hurtado, 2008).

Num programa de intervenção psicológica no esporte, VIEIRA, VISSOCI e OLIVEIRA (2008) indicam a Avaliação Psicodiagnóstica como uma das quatro etapas do processo (ou seja, O processo todo envolve: 1. Contato Inicial, 2. Avaliação Psicodiagnóstica, 3. Programa de Intervenção e 4. Avaliação dos Resultados). Eles colocam o Psicodiagnóstico como constituinte do processo como um todo.

VIEIRA, VISSOCI e OLIVEIRA (2008) apontam ainda que os principais testes utilizados na Avaliação em Psicologia do Esporte (provenientes da Psicologia e da Psiquiatria) são os apresentados no quadro abaixo:

Psicologia/Psiquiatria	Psicologia do esporte
EPI Eysenck- Personalidade	SCAT (Martens, 1983) - Ansiedade



IFP - Personalidade	CSAI-2- (Martens, 1990) -Ansiedade
MMPI- Personalidade	IAAB - Agressividade no esporte (Bredemeier, 19 85)
EAT-26 Transtorno alimentar	Escala de Liderança no esporte (Chelladurai, 1996)
BSQ- Imagem corporal (Cooper et al, 1987)	QMDA- Motivação(Serpa et al., 2003)
Inventário Beck - Depressão	Coesão Grupal (Carron et. al. 1998)
Auto conceito – (Tamayo,1985)	POMS - Humor (Peluso, 2003)
Inventário Beck – Ansiedade	ACSI-28 – Estratégias de Coping (Serpa,2003)
Percepção de competência (Harter,1985) Sociometria	Motivos para prática do esporte (Gill et al. 1993) SMS – Motivação Esportiva (Serpa et al., 2004)

Quadro mostrando um levantamento dos principais testes psicológicos direcionados A Avaliação em Psicologia do Esporte (Vieira, Vissoci e Oliveira, 2008).

A testagem em Psicologia do Esporte representa, então, uma estratégia importante no que se refere ao levantamento de informações sobre os praticantes ou daqueles envolvidos com o Esporte (atleta, torcida, técnico, pais, etc.) para contribuir compreendendo o campo ou realizando intervenções. Logo, uma área tão rica de experiências humanas como a do Esporte, precisa ser pesquisada, analisada e valorizada como fonte de dados para o entendimento do que venha a ser o Homem em movimento. Um aspecto de sua corporeidade é expressa via o Esporte e, como tal, apresenta-se como relevante.

Considerações Finais

Considerar que a Avaliação Humana se apresenta em diversos contextos humanos significa dizer que ela é uma capacidade e que possui uma relevância a ser concretizada. Ela acontece desde esferas cotidianas até as que se elevam acima da cotidianidade. Mesmo assim é importante e faz parte do fazer, do viver humano.



Esse trabalho teve como meta apresentar a avaliação em seu sentido usual e como aparece em Ciência. Em especial, foram apontados alguns contextos específicos onde a avaliação pode dar contribuição e propiciar uma riqueza de informações. É importante salientar que quem avalia não é um mágico ou cartomante que lê coisas, mas aquele que levanta dados e deles tiram conclusões e toma decisões. Então, fazer avaliação psicológica implica num processo de busca de compreensão de fenômenos. Não foi objetivo fechar o tema, mas levantar alguns aspectos dele (que o autor entendeu como de importância, daí fez avaliações!).

Referências

- ANCONA-LOPEZ, M. Contexto geral do diagnóstico psicológico. In: TRINCA, W. (Org.). **Diagnóstico psicológico**: prática clínica. São Paulo: EPU, 1984. (Temas básicos de psicologia, v. 10).
- Berger, P. L. **Perspectivas sociológicas**: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 1972.
- Berger, P. L., LUCKMANN, T. **A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE**: Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.
- HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.
- HURTADO, J. G. G. M. **Avaliação Psicológica no Esporte**. Disponível em: HTTP://www.cesumar.br/curtas/psicologia2008/trabalhosavaliação_psicologica_no_esporte.13pdf. Acesso em: 05 de Outubro de 2010.
- CUNHA, J. A. **Psicodiagnóstico-V**. 5º Ed. Porto Alegre, 2000.
- MENDO, A. H. La Psicología Dell Deporte en España. Psicología Del Deporte: definición, áreas de intervención y objetivos. In: MENDO, A. H. e POLLÁN, R. R. **Introducción a la Informática Aplicada a La Psicología de Deporte**. Textos Universitarios. Barcelona: Ra-MA , 1996.
- POLLÁN, R. R. e MENDO, A. H. La informática en la Psicología Del Deporte. A modo de introducción. In: MENDO, A. H. e POLLÁN, R. R. **Introducción a la**



Informática Aplicada a La Psicología de Deporte. Textos Universitarios. Barcelona: Ra-MA , 1996.

Larousse Cultural. Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

VIEIRA, L. F., VISSOCI, J. R. N. e OLIVEIRA, L. P. De. **Avaliação Psicológica no Esporte.** Disponível em:

HTTP://www.cesumar.br/curtas/psicologia2008/trabalhosavaliação_psicologica_no_esporte.pdf

Acesso em: 05 de Outubro de 2010.

SCHELIN, P. W. (Org.). **Alguns domínios da Avaliação Psicológica.** Campinas: Alínea, 2007.

Perspectivas da Avaliação Psicológica no Esporte

**Bartholomeu, D.
Montiel, J. M.**

Laboratório de Psicodiagnóstico e Neurociências Cognitivas – Unisal
Anhanguera Educacional
LEPESPE

O efeito do esporte na vida das pessoas ou como essas se ajustam a ele são tópicos que não foram muito versados na comunidade psicológica por um longo período de tempo. A psicologia do esporte emergiu numa tentativa de compreender e optimizar o desempenho de atletas. Nesse contexto, o termo “psicologia do esporte” adquiriu dois significados um tanto diferentes, sendo que, um deles se refere a prática da psicologia por profissionais que se especializaram no trabalho com atletas em uma variedade de contextos desportivos; e o outro advém ao se tentar analisar o desenvolvimento da psicologia do esporte como disciplina acadêmica, comumente encontrada em universidades. Nessa última perspectiva enfatizam-se tanto os fatores que influenciam a participação no esporte e exercícios de forma geral como os efeitos psicológicos derivados dessa participação (Williams & Straub, 1986).

A prática cotidiana do psicólogo do esporte dentro de equipes desportivas apresenta algumas etapas bem delineadas que constituem, como um todo, o processo de preparação psicológica. Essa envolve basicamente atividades de psicodiagnóstico, planificação e intervenção psicológica, assim como reavaliação. Nesse contexto, as atividades de psicodiagnóstico esportivo ganham relevância, já que as características analisadas nesse primeiro momento envolverão rastreio de pontos fortes e fracos do



ponto de vista do desempenho esportivo e psicológico dos atletas que possibilitarão delinear os planos de intervenção tanto psicológica como física ou tática. Especificamente do aspecto psicológico, o psicólogo do esporte dispõe de inúmeros instrumentos de avaliação de características psicossociais relevantes ao diagnóstico psicológico dos atletas, como testes de ansiedade, depressão, personalidade, entre outros.

De fato, poucas áreas no âmbito da Psicologia do esporte tem produzido mais debates do que a avaliação psicológica e isso se deve ao fato de que muitos dos escores produzidos por testes psicológicos, por vezes não associam-se à performance esportiva. Algumas dessas limitações são evidenciadas em decorrência de problemas na construção e validação dos instrumentos desenvolvidos para a área. A maior parte dos métodos psicodiagnósticos estavam condicionados às particularidades e métodos da psicologia no geral. Assim, os primeiros instrumentos psicológicos empregados em contextos esportivos visavam uma avaliação clínica do mesmo, desconsiderando as peculiaridades que cada prática apresenta. Argumentava-se que a maior parte desses instrumentos explicavam uma parcela limitada da realidade e não teriam um poder preditivo sobre o comportamento atlético, principalmente em competição.

Uma das principais discussões no que concerne a aplicação de testes de personalidade em atletas tem sido a questão da validade das medidas obtidas no contexto esportivo. Rushall (1975) e Martens (1975) ressaltam que uma das objeções feitas consiste na seleção indiscriminada da população de atletas que não permite estabelecer evidências para um grupo específico, dada as diferenças entre os tipos de esportes. Além disso, destacam que a maior parte das pesquisas nessa área apresentam problemas quanto ao tratamento estatístico dos dados, bem como em suas interpretações (Cratty, 1984).

Uma das soluções para esse problema é sugerida por Morgan (1978) ao mencionar a necessidade de que outras provas sejam aplicadas juntamente com as de personalidade, com vistas a fornecer uma maior compreensão dos atletas em questão. Ao lado disso, devem ser examinadas também variáveis relativas aos aspectos



emocionais e sociais envolvidos em cada modalidade esportiva, possibilitando, assim, combinar dados de personalidade com as diversas “tensões esportivas específicas”.

Nesse contexto, há a necessidade do desenvolvimento de instrumentos específicos para esse âmbito que avaliassem os fenômenos psicológicos examinando o estado psíquico dos atletas nos momentos pré-competitivo, competitivo e pós-competitivo e em particular a predisposição psíquica para competições e treinamentos. Também no uso desses instrumentos no esporte pode-se distinguir dois momentos, a saber, uma ênfase nas investigações de caráter diagnóstico, visando o nível de desenvolvimento de funções e capacidades específicas dos atletas para prognosticar resultados esportivos; e o a investigação dos fenômenos psicológicos dos desportistas considerando o contexto social em que está inserido.

Também, o processo de avaliação não se restringe aos testes, mas passa por uma análise mais profunda das variáveis a serem mensuradas. Os avanços recentes na produção de medidas em psicologia permitiram um progresso na avaliação nesse contexto, embora haja ainda certa confusão quanto à definição dos constructos, já que certos trabalhos não diferenciam termos como excitação, stress e ansiedade.

A definição dos constructos sofreu uma série de refinamentos ao longo dos anos e esses foram refletidos na operacionalização de sua definição e nos instrumentos de medida desenvolvidos com base nelas. Nesse contexto algumas distinções são de particular importância para o profissional que atua com psicologia do esporte para que ele saiba o que está observando e classificando para que dê os encaminhamentos devidos. Há que se considerar o conhecimento de psicopatologia e de personalidade que esse profissional também deve ter, nesse sentido, além do conhecimento de psicometria. Por mais que se pense que é uma quantidade muito grande de conhecimentos para se obter (fora todo arcabouço teórico do esporte e das modalidades), esses conhecimentos farão o profissional se destacar e executar uma prática responsável e voltada para a saúde dos atletas, melhorando a vida dos mesmos, como é o objetivo de toda prática desportiva.

Ao mesmo tempo, nos últimos anos, os Conselhos Federal e Regionais de Psicologia tem enfatizado a necessidade do aprimoramento dos instrumentos de



avaliação psicológica no Brasil. O Conselho Federal de Psicologia nas resoluções 025/2001 e 002/2003 regulamentou o uso, de testes psicológicos no Brasil, ressaltando, dentre outras características, a necessidade da implementação dos instrumentos existentes e importância de se ter condições metrológicas adequadas.

A literatura de psicologia do esporte assinala que a maior parte dos instrumentos utilizados no Brasil na avaliação de atletas não apresenta estudos de validade com essa população específica, ressaltando a necessidade de tais aspectos. Com vistas a suprir essa demanda, os membros do LEPESPE têm se empenhado no desenvolvimento e adaptação de instrumentos de avaliação psicológica específicos para o contexto desportivo. Alguns exemplos desses trabalhos são estudos sobre a estrutura interna do *Competitive State Anxiety Inventory* (CSAI) em que foram realizadas análises fatoriais para testar a adequação a estrutura fatorial em uma amostra de atletas brasileiros. Noutro estudo, escalonou-se os níveis de dificuldade (*endorsement level*) dos itens desse instrumento, examinando-se ainda a adequação dos níveis de resposta (escala likert de 4 pontos) aos itens por meio de um modelo da Teoria de Resposta ao Ítem (TRI), mais especificamente o modelo de Rasch de um parâmetro (dificuldade dos itens). A análise das categorias de resposta dos itens revelaram a pertinência de quatro níveis para a avaliação.

O funcionamento diferencial dos itens revelou quatro indicadores favorecendo as mulheres e sete os homens. Os resultados sugerem que uma reformulação de uma das categorias de análise do CSAI deveria ser feita para possibilitar um melhor entendimento dos itens. Já a estrutura fatorial do teste foi mantida no geral em comparação aos estudos internacionais. Apesar disso, alguns itens não foram bem ajustados e devem ser excluídos da escala (Bartholomeu, Montiel, Bartholomeu & Machado, 2010; Bartholomeu, Montiel & Machado, 2010).

Além de estudos com o CSAI, ainda sobre ansiedade, outro teste foi estudado, o STAI (State Trait Anxiety Inventory) em que análises semelhantes foram feitas para se testar sua estrutura interna e novamente, estudos fatoriais e pelo modelo de Rasch foram desenvolvidos. Esse tipo de estudo feito com ambos os testes indica as possibilidades de uso desses instrumentos, sugerindo se todos os itens estão funcionando bem para atletas



brasileiros e enfatizando outras formas de interpretação dos resultados desses instrumentos, favorecendo um melhor diagnóstico dos atletas. Os dois fatores desse instrumento (ansiedade presente e ausente) foram identificados e bem ajustados fatorialmente e pelo modelo de Rasch. Também os índices de precisão forneceram bons resultados (Bartholomeu, Montiel & Machado, 2010).

Estudos de validade e precisão também foram levados a cabo para uma escala de Agressividade em Competição. Os resultados da análise de funcionamento diferencial de itens por sexo revelaram que somente seis desses demonstraram favorecer um ou outro desses grupos. A análise de componentes principais e rotação varimax sugeriu uma estrutura de três fatores que explicaram 44,31% de variância. Os fatores foram Condutas Intimidativas, Comportamento agressivo declarado, Agressividade encoberta. Os coeficientes alfa de Cronbach variaram de 0,74 a 0,90. Não foram encontradas diferenças significativas em nenhum dos fatores entre as modalidades esportivas estudadas (Bartholomeu & Machado, 2009).

Analizando a personalidade e ansiedade e depressão em jogadores de futebol, Bartholomeu e colaboradores (2008) identificaram uma correlação negativa entre o Neuroticismo e a ansiedade, que indica que o aumento desse traço denota uma diminuição correspondente na ansiedade, o que se contrapõe a definição do mesmo. A comparação das medidas de ansiedade e depressão nos grupos extremos formados com base nos traços de personalidade corroborou esses dados (Bartholomeu & cols, 2008).

Também estudos de estrutura de uma escala de motivação para a prática de atividades físicas em academias têm sido desenvolvidos, relacionados à auto-estima dos praticantes, além de sua estrutura interna, pelo modelo clássico e de teoria de resposta ao item. Essa outra perspectiva enfatiza também não só a avaliação para fins de desempenho atlético, mas é uma ferramenta que pode ser empregada por profissionais da educação física para compreender os fatores motivacionais de seus alunos em academias de diversos tipos, de forma a planejar as atividades nesse contexto. Assim, também no lazer ou em intervenções que auxiliem a melhora da auto-estima dos praticantes, o diagnóstico esportivo amparado por testes facilita e direciona o trabalho de profissionais que atuam nessas áreas.



As pesquisas realizadas demonstraram que pessoas com mais auto-estima tendem a se engajarem na prática de atividade física pela saúde, enquanto pessoas com níveis mais baixos tendem a freqüentar a academia para se socializarem. Também cinco fatores foram extraídos do teste de motivação em academias, quais sejam, o fator 1 com 11 itens foi denominado Motivação para Manutenção do Status, sendo considerada uma motivação extrínseca. O fator 2, com 6 itens foi denominado Motivação para Alívio de Tensão e Indicação Médica, sendo que a maior parte dos seus indicadores referem-se à motivação intrínseca. O fator 3, com 5 itens, recebeu a denominação Motivação pela Manutenção da Saúde, sendo que a maior parte dos seus indicadores referem-se à motivação intrínseca. O fator 4, com 6 itens, foi denominado Motivação pela Socialização, sendo que a maior parte dos seus indicadores referem-se à motivação extrínseca e o fator 5, com 6 fatores, foi denominado Motivação pela Aparência Física/Estética indicando uma motivação intrínseca (Cecato & Bartholomeu, 2009; Bartholomeu, Machado, Cecato, Bartholomeu & Piccoli 2009).

Ainda na perspectiva da prática de atividades físicas em academias, pesquisas têm sido desenvolvidas com a vigorexia, sendo que um instrumento para sua avaliação foi desenvolvido, aferindo sobre aspectos sintomatológicos do transtorno que podem auxiliar no seu diagnóstico. As relações dos sintomas desse transtorno com distorções de auto-imagem e de auto-estima também têm sido investigadas (Bartholomeu, Carvalho, Machado & Montiel, 2010).

À parte dos estudos com testes, um processo de avaliação não é composto somente de testes psicológicos, mas de outros procedimentos de coleta de informações sobre a pessoa. Assim, uma das preocupações atuais reside no diagnóstico esportivo em que essas várias formas de avaliação devem ser sempre arroladas. Nesse contexto, o educador físico adquire papel fundamental já que dispõe de informações específicas da modalidade e dos atletas em situação de jogo, o que favorece um melhor diagnóstico específico. Psicólogos e educadores físicos devem trabalhar em conjunto para estabelecer um bom diagnóstico esportivo, principalmente em situações de transtornos mentais associados ao esporte em sua presença e mesmo intervenção. Assim, o foco não mais recai sobre o desempenho atlético simplesmente, mas sobre a saúde mental dentro do contexto esportivo.

Referências

- Bartholomeu, D. Machado, A.A.; Cecato, J.F.; Bartholomeu, L.L.; & Piccoli, A.P.B. (2009). *Estudo para construção de uma escala de motivação para prática de atividade*

física. I Congresso de Psicologia aplicada ao esporte e motricidade humana. Unesp. Rio Claro.

Bartholomeu, D.; & Machado, A.A. (2008). Estudos iniciais de uma Escala de Agressividade em Competição. *Interação em Psicologia*, 12(2), p. 189-201.

Bartholomeu, D.; Carvalho, L.F.; Machado, A.A.; & Montiel, J.M. (2010). Inventário de Dismorfia Muscular (IDM). Laboratório de Estudo e Pesquisa em Psicologia do Esporte (LEPESPE). Unesp. Rio Claro.

Bartholomeu, D.; Machado, A.A.; Spigato, F.; Bartholomeu, L.L.; Cozza, H.P.; & Montiel, J.M. (2009). Traços de personalidade, ansiedade e depressão em jogadores de futebol. *Revista brasileira de psicologia do esporte*, 4(4).

Bartholomeu, D.; Montiel, J.M.; & Machado, A.A. (2010). Dimensionalidad de la STAI-T en atletas brasileños. *Revista Mexicana de Psicología*. Manuscrito encaminhado para publicação.

Bartholomeu, D.; Montiel, J.M.; & Machado, A.A. (2010). Otimização da escala dos itens do CSAI em atletas. *Paidéia*. Manuscrito encaminhado para publicação.

Bartholomeu, D.; Montiel, J.M.; Bartholomeu, L.L.; & Machado, A.A. (2010). Internal structure of the Competitive State Anxiety Inventory: Brazilian Validity Evidences. *International Journal of Sport Psychology*. Manuscrito encaminhado para publicação.

Cecato, J.F.; & Bartholomeu, L.L. (2009). Motivação para a prática de atividades físicas em academias e auto-estima: um estudo correlacional. *Anuário discente Anhanguera Educacional*.

ⁱ Conforme apresentados e amplamente discutidos em Zabala (1998).

ⁱⁱ É possível fazer esse exercício de problematizar e refletir elencando um dos elementos da cultura corporal de movimentos.

ⁱⁱⁱ Esta questão está posta num estudo em desenvolvimento sobre as contribuições das psicologias educacional e esportiva para as práticas de ensino em educação física.



Referências

BATISTA, S. H. S. S.; Azzi, R. G. Ensinando psicologia na licenciatura: Experiências, opções e aprendizagens. In: AZZI, R. G.; BATISTA, S.H.S.S.; SADALLA A. M. F. A. (Org.). **Formação de professores**: discutindo o ensino de Psicologia. Campinas: Alínea, 2000. p.149-161.

BETTI, M. Ensino de 1º. e 2º. graus: Educação Física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 13, n. 2, p. 282-7, 1992.

_____. Valores e finalidades na Educação Física escolar: uma concepção sistêmica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 16, n. 1, p. 14-21, 1994.

BETTI, M. **A janela de vidro**: esporte, televisão e Educação Física. Campinas: Papirus, 1998. (Coleção Fazer/lLazer).

DARIDO, S., IMPOLCETTO, F., BARROSO, A., RODRIGUES, H.. Livro didático na Educação Física escolar: considerações iniciais. **Motriz. Revista de Educação Física. UNESP**, Rio Claro, v.16 n.2 p.450-457, abr./jun. 2010. Disponível em:
<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/3602/3001>. Acesso em: 02 Out. 2010.

GUERRA, C.T. Conhecimento psicológico e formação de professores. In: AZZI, R.G., BATISTA, S.H.S.S., SADALLA, A.M.F.A. (Orgs.). **Formação de professores**: discutindo o ensino de Psicologia. Campinas: Alínea, 2000. 68-92.

IAOCHITE, R., LARGURA, W.N, AZZI, R.G, SADALLA, A.M.F.A. Contribuições da Psicologia para a formação em Educação Física. **Motriz. Revista de Educação Física. UNESP**, Rio Claro, v. 10, n. 3, p.153-158, set/dez. 2004. Disponível em:
<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/383/325>. Acesso em: 05 Out. 2010.

MEIRA, M.E.M. A construção de práticas transformadoras de psicologia escolar em instituições educacionais. In: FONSECA, D.C., CANÊO, L.C., CORRER, R. (Orgs.). **Práticas psicológicas e reflexões dialogadas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 73-84.

TUNES, E., TACCA, M.C.V.R., BARTHOLO JUNIOR, R.S. O professor e o ato de ensinar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.35, n.136 São Paulo, v. 35, n. 126, p.689-698, dec. 2005. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742005000300008&lng=en&nrm=iso. Acesso em 05 Out. 2010.

